DS
7
.G58
1842

COLLECÇÃO DE OBRAS
REIMPRESSAS
PELA
Sociedade Propagadora
DOS
CONHECIMENTOS UTEIS.

1.ª

UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARY

RELAÇÃO DO NOVO CAMINHO

QUE FEZ POR TERRA E MAR,

VINDO DA INDIA PARA PORTUGAL,

NO ANNO DE 1663,

O PADRE MANUEL GODINHO

DA COMPANHIA DE JESUS.

SEGUNDA EDIÇÃO.

PUBLICADA

PELA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

LISBOA.

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
Largo do Pelourinho, N.º 24.

1842.

3-393488

PREFAÇÃO DESTA 2.ª EDIÇÃO.

QUANDO os escriptores de viagens merecem confiança pela veracidade dos factos que referem, e pelo averiguado exame das cousas que viram, as suas relações são geralmente livros bem acceitos. — E' agradavel, no agasalho do lar domestico, a leitura de uma extensa e arriscada peregrinação, matizada de descripções, ora de populosas cidades, ora de pobres aldeas, ora de ermos agrestes; que comprehende os quadros de serras, de campinas, de florestas, de aguas, com a pintura de producções da natureza tão diversas quanto os climas; o desenho dos monumentos da polida arte, e o das obras de povos rusticos; a historia dos habitos singulares de nações remotas, e a dos instinctos maravilhosos de animaes estranhos; as recordações e vestigios d'antigos tempos junto das scenas e realidades d'epocha recente. — Tecem-se noticias tão variadas com as aventuras do viajante; e por isso tanto deleitam e instruem essas narrações, principalmente se as faz realçar a pureza e propriedade do estilo. Uma viagem bem escripta sempre é lida e consultada: — Chardin, apesar de tantas obras posteriores sobre a Persia, ainda tem reimpressões; e (por não accumu-

larmos exemplos) Fernão Mendes Pinto, havido por fabulador antes de melhor exploradas as cousas da China e da Sumatra, tem tido traducções e novas edições, logrando hoje a devida estimação.

E' comtudo verdade que a sorte de muitas obras litterarias assemelha-se á de muitas pessoas: se não tem patrono que as levante da obscuridade, em que as lançou o acaso, ficam servindo a poucos, desconhecidas do maior numero apesar do intrinseco merecimento. — Não obstante as honras da primeira edição e os louvores dos eruditos, coube semelhante fado a dois viajantes nossos, que fizeram identica jornada, postoque divergindo nos caminhos.

Fr. Gaspar de S. Bernardino, tendo naufragado na ilha de S. Lourenço em 1606, passou-se ao continente africano; e de Mombaça demandou o Mar-Roxo e o cabo de Rosalgate, e depois Ormuz; sahindo daqui peregrinou pela Persia e até a costa da Syria, onde embarcou para Chypre: desta ilha foi á visita da Terra Santa, na volta á Europa esteve em Candia (a antiga Creta) e nas principaes das ilhas Jonias; tendo visto algumas terras d'Hespanha entrou finalmente em Portugal: de seu *Itinerario* só a primeira parte foi impressa, que comprehende a excursão até a ilha de Chypre; o restante nunca sahiu á luz, ou porventura nunca foi escripto pelo A. em modo de poder estampar-se. Dessa primeira parte já no presente anno se fez nova edição.

O Padre Manuel Godinho (A. da Relação completa que reimprimimos agora) partindo da India para o Reino com encargos e papeis relativos áquelle Estado, que pelo governador lhe foram commettidos, sahiu de Baçaim em Dezembro de 1662; deste ponto começa a sua narração; descreve Damão e Surrate, e parte da costa d'Arabia; dá noticia de Ormuz, da jornada que fez

a Baçorá, da que ousadamente levou a cabo por meio da Arabia Deserta, do como seguiu até a Syria, e de Alexandreta veio á França, e por fim a Portugal, onde aportou a salvamento a dar conta de sua particular missão. E' um escriptor que refere o que viu com singeleza, mas com estilo engraçado; que manifesta juizo claro nas suas observações, que mostrando a sua erudição foge de fazer alarde de muitos conhecimentos, e só diz o que respeita á geographia antiga, á historia dos logares, que examinou, e isto mesmo concisamente. E' fiel pintor dos costumes; e tudo o que refere das ceremonias gentilicas, dos latrocinios e hospitalidade singular dos arabes, dos ritos e usos dos brácmenes, é exacto e justificado pelos viajantes modernos: conta os incidentes de seu caminho de um modo que captiva a attenção e o assenso do leitor. Os poucos logares, em que parece mais árido, são importantissimos para se confrontarem com as noticias modernas; exemplos, o cap. 16.° ácerca do Tigres e o Eufrates, e o 24.° em que faz menção dos roteiros que da India para a Europa se podem seguir sem dobrar o Cabo de Boa-Esperança: neste inculca, como o mais breve, o que a nação britannica hoje adoptou, de Suez ao Cairo, e d'ahi a Alexandria. No fim do mesmo cap. 24.° indica a possibilidade de um caminho da costa occidental d'Africa até a costa oriental do mesmo continente, da qual é facil proseguir para Gôa.

Para que os leitores, alem do que fica exposto, avaliem competentemente a presente obra, poremos aqui alguns testemunhos d'irrefragaveis auctoridades litterarias, que a acreditam.

Os compiladores do Diccionario da Academia das Sciencias, no catalogo dos classicos portuguezes acompanhado de um juizo critico, que antepozeram áquelle volume, exprimem-se ácerca da viagem do Padre Godi-

nho da seguinte maneira. = « Esta relação é curiosa, cheia de muitas advertencias geographicas, e instructiva em rasão das noticias que dá dos usos e costumes de varias nações orientaes. Está escripta em frase pura, se bem que em alguns logares um tanto artificiosa; mas isto particularmente se encontra naquellas occasiões em que o auctor descrevendo procura ostentar elegancia e polimento; pois que de ordinario a exposição dos factos é natural, singela e desaffectada. As circunstancias destes se acham judiciosamente ponderadas, e de modo tal que o leitor toma parte nellas, deleitando-se não menos com a novidade da materia que com a viveza, força e propriedade da sua narração. » =

O muito erudito Antonio Ribeiro dos Santos, no opusculo, *Da antiguidade da observação dos astros* &c., inserto na p. 1.ª do tom. 5.º das *Memorias da Academia das Sciencias*, escreveu, terminando o cap. 1.º, o seguinte. = « Tanto se serviam os asiaticos, indianos e arabes da observação dos astros, que até por ella se guiavam nas jornadas por terra, quando atravessavam grandes solidões e desertos, o que conta o mesmo Nicolau Veneto, e particularmente o nosso famoso viajante, *tão pouco lido e tão digno de o ser, o Padre Manuel Godinho, na sua Viagem da India*, onde assevera como testemunha ocular... » = segue uma citação do nosso A., extrahida do cap. 18.º, pag. 103 da primeira edição, que se acha a pag. 131 desta segunda.

O respeitavel decano dos actuaes litteratos portuguezes, o Em.mo Sr. D. Francisco de S. Luiz, no *Indice Chronologico das navegações, viagens, descobrimentos e conquistas dos portuguezes nos paizes ultramarinos desde o principio do seculo* 15.º — Lisboa, na imprensa Nacional. 1841. — diz *in fine* o seguinte. = « ... O Padre Ma-

nuel Godinho . . . tendo sido mandado ás missões da India, veio por terra a Portugal de mandado do vice-rei Antonio de Mello e Castro, e segundo parece com alguma secreta e importante commissão. Escreveu: *Relação do Novo Caminho* &c. . . . obra curiosa, que merece ser lida dos eruditos. » — Á pag. 262. do mesmo *Indice Chronologico* é chamada esta relação *importante* em uma nota, onde vem copiado o final do cap. 24.º

Na *Biographie Universelle* &c. Paris. 1816, no tom. 17.º ha um artigo sobre o Padre Manuel Godinho, e outros do mesmo nome, resumido da *Bibl. Lusit.* de Machado, por Mr. Boissonade: ahi se faz distincta menção da viagem, e vem os titulos de duas obras menos importantes.

Conhecida está a valia historica e litteraria do presente volume, e a necessidade da sua reimpressão (*): resta-nos dar particulares noticias do A. — Não faltaremos a este dever, porque sabemos quanto se interessa a humana curiosidade nas circunstancias da vida social e do caracter do homem que deixou algum monumento de artes ou letras, credor da attenção dos vindouros. Peza-nos porem não podermos satisfazer amplamente neste ponto os leitores: o indagador Barbosa Machado pouco poude colligir, e com esse pouco teremos de contentar-nos, acrescentando só uma reflexão, que o erudito biographo não poderia escrever em seu tempo, ácerca da mudança que fez Godinho trocando a roupeta da Companhia pelo habito de clerigo secular.

(*) Os exemplares da 1.ª edição estavam tão raros que os curiosos ou os desconheciam, ou não podiam have-los: eram impressos em mau papel com mau typo; alguns appareciam mutilados; e assim mesmo chegaram a vender-se por 7200 r.s — A presente edição faculta a mesma obra, muito melhor estampada, por 400 r.s

Nasceu Manuel Godinho na villa de Montalvão (*) no anno de 1630; foram seus progenitores Manuel Nunes d'Abreu e Joanna dos Reys. Contando apenas quinze annos de idade, entrou para a Companhia de Jesus, em o noviciado de Coimbra, aos 3 de Junho de 1645. De sua puericia e primeiros estudos não obtivemos mais informações. Quanto aproveitou nas aulas da ordem religiosa, que abraçára, prova-se pelos escriptos que deixou. Ignora-se quando passou ás missões da India; é certo que de muito credito e reputação de prudencia devia gozar para merecer a confiança do vice-rei, que então presidia áquelle Estado, Antonio de Mello e Castro, que não duvidou encarrega-lo de participações importantes, enviando-o á côrte nos fins do anno de 1662. Que o negocio que lhe incumbiram era de alta monta, de muito segredo, e tambem de urgencia, deprehende-se de varias passagens da Relação do proprio Godinho; como, no fim do cap. 3.º e principio do 5.º, em que relata os disfarces que adoptára para não ser conhecido nem dos outros europeus que na India mercadejavam, nem dos mouros e outros infieis; e bem assim no primeiro paragrapho do cap. 7.º No cap. 17.º (pag. 128 desta edição) diz o nosso A. = «... assim as esperas como as jornadas haviam de ser com tanto vagar... e eu era impaciente da detença, tambem rejeitei esta occasião, e levado do desejo e importancia do negocio, a que vinha a este reino, comecei a informar-me &c. » =

Barbosa diz simplesmente que o Padre Godinho fôra mandado pelo vice-rei, e não explica o motivo da jornada. Suspeita-se com fundamento que a commissão era politica, e que o Padre viera ao reino participar os damnos e usurpações que nas terras sujeitas á corôa portu-

(*) Situada em logar alto a' meia legua do Tejo: pertence ao districto administrativo de Portalegre.

gueza faziam algumas nações europeas, de mãos dadas com mouros e gentios, para derribarem a nossa preponderancia, maritima e commercial, nas regiões da Asia, aproveitando-se dos symptomas de decadencia do nosso dominio, manifestados desde o reinado do infeliz D. Sebastião. Assim o dá a entender o mesmo Padre no cap. 17.º (pag. 129 e 130), onde escreve: = «Quando nisto chega do Comorão *(a Bagorá)* um correio mandado pelos hollandezes com a primeira via das cartas, porque avisavam os Estados-Unidos da perda de Cochim, succedida em 10 de Janeiro de 1663... Acrescentaram-se então os motivos que eu tinha para apressar minha viagem, a fim de que tivesse S. M. a nova da perda de Cochim no mesmo tempo que Hollanda de seu ganho, havendo que poderia ser bem necessario este aviso antes de se effeituarem as pazes com Hollanda.» = Na dedicatoria da sua obra ao conde de Castello-melhor expressamente diz o A. que veio *da India para este reino em bem delle* (reino) *e serviço de S. Magestade*. Lea-se porem o prologo do A., que em seguida estampâmos, e ahi se verá que explicitamente declara ter vindo em serviço da Patria, cumprindo todavia que não revelasse os segredos de que fôra expresso mensageiro.

Fica evidenciado, pela causa de sua viagem, o conceito que merecia o Padre Godinho; chegou á côrte em Outubro de 1663; e provavel é que el-rei D. Affonso 6.º e seus ministros lhe fizessem condigno acolhimento. — Porem o mais notavel de sua vida é ter sahido da Companhia, passando do claustro para o clero secular, não sendo mui frequentes as secularisações dos jesuitas, que ainda mais que as outras ordens religiosas detestavam os seus egressos: é de crer que o favor do Papa ou dos ministros principaes contribuisse para em Roma obter o breve o Padre Godinho, sem embaraços ou opposição dos

seus confrades: alem disso o Padre teve a nomeação de Protonotario apostolico (como se prova da 1.ª censura da vida que elle compoz do Veneravel Padre Chagas) e outro cargo não menos importante, Commissario do Santo Officio; empregos ambos que o defenderiam de arguições e descommodos, se alguem quizesse inquieta-lo. Foi prior da parochia de S. Nicolau na villa de Santarem, beneficiado da do mesmo orago na cidade de Lisboa, e depois prior da freguezia de Santa Maria de Loures no termo desta côrte. Falleceu em 1712; o abbade Barbosa diz que da idade de 78 annos: mas este computo nos parece errado, porque se entrou Godinho na religião em Junho de 1645 tendo quinze annos, e se morreu no anno acima dito, segundo escreve o mesmo bibliographo, como se lhe podem contar só 78 annos? Ainda que falecesse no 1.º de Janeiro de 1712 não poderia ter menos de 81 annos. Notaremos simplesmente que o A. da *Bibliot. historic. portug.* assigna a data do nascimento de Godinho em 1633.

A obra principal do nosso A., a que lhe grangeou nome, e por ventura a unica merecedora de leitura até em rasão do estilo, é fóra de duvida a viagem: sahiu ella na unica edição, que teve antes desta nossa, com o seguinte frontispicio = *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal, no anno de* 1663, *o Padre Manuel Godinho, da Companhia de Jesu, enviado á Magestade d'Elrei N. S., D. Affonso* 6.º, *pelo seu viso-rei Antonio de Mello de Castro, e Estado da India. — A Luiz de Vasconcellos e Souza, conde de Castel-melhor, dos conselhos d'Estado e Guerra de S. M., seu Escrivão da Puridade &c. — Em Lisboa: com licença. Na officina de Henrique Valente de Oliveira, impressor d'Elrei N. S. Anno de* 1665. 4.º = Immediato ao rosto segue uma dedicatoria ao conde, valído e principal ministro de D. Affonso 6.º, precedida do escudo de

armas deste fidalgo, bem gravado em cobre por João Baptista em 1663: é datada de Lisboa e Collegio de Santo Antão aos 2 de Outubro de 1665. Não a reimprimimos por conter sómente elogios, e textos latinos, ao uso da epocha: igualmente deixámos por desnecessarias as licenças e censuras, e outro sim um indice de cousas notaveis assaz diminuto e por isso sem utilidade, ficando este bem supprido pelo indice dos capitulos, com seus argumentos, de que carecia a primeira edição.

A segunda obra de Godinho intitula-se = *Vida, virtudes e morte com opinião de santidade do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, Missionario apostolico neste reino, da ordem de S. Francisco, Fundador do Seminario de Missionarios apostolicos da mesma ordem, sito em Varatojo. — Escrevia o Padre Manoel Godinho &c. — Dedicam-na á Magestade d'Elrei N. S., D. Pedro 2.º, o guardião e mais religiosos do mesmo Seminario &c. — Lisboa: na officina de Miguel Deslandes, Anno de* 1687. 4.º 410 *paginas.* = E' uma narração em estilo muito mais affectado que o da Viagem, e por isso em nosso entender de muito menos merecimento; quasi toda é tecida com pedaços das Cartas do Padre Chagas, reproduzidos textualmente. Assim mesmo teve nova edição em 1728, por Miguel Rodrigues, e 3.ª em 1762, por Francisco Borges de Souza, ambas no formato da primeira.

As outras composições deste mesmo escriptor são: — 1.ª *Horario evangelico, demonstrador de 40 horas dadas pelos Evangelistas, com outras tantas meditações sacramentaes para ellas no Jubileo e Lausperenne, que a Santidade do Papa Innocencio* 11.º *concedeu á cidade de Lisboa.—Lisboa: officina de Miguel Deslandes.* 1683. 12.º — 2.ª *Noticias singulares de algumas cousas succedidas em Constantinopola, depois da rota do seu exercito sobre Vienna, enviadas de Constantinopola a um cavalleiro maltez.*

— Dito impressor. 1684. 4.º Publicou-se anonyma. — 3.ª *Sermão do glorioso Santo Antonio, prégado em a igreja de Santa Marinha de Lisboa.* — Sahiu nesta cidade em 1668, e na de Coimbra em 1692. — 4.ª Uma *Novena de N. Senhora da Piedade*, impressa em 1701 em 8.º — Barbosa menciona tres obras m.ˢ; perda que, visto os assumptos de que tratavam, não é para sentir.

Não poude a nossa diligencia achar mais noticias da pessoa e escriptos de Godinho; porem quando não tivessemos delle outro conhecimento senão o que ministra a Relação da viagem da India, bastaria este livro para lhe dar logar nas bibliothecas, e para ser estimado dos estudiosos da geographia e cousas da Asia: o mesmo livro bastou para o alistar entre os auctores classicos da nossa linguagem; do que fazem prova as numerosas citações que nos Diccionarios se encontram. — Não alterámos o texto em uma só frase ou expressão; deixámos porem de seguir a orthographia do A. (se é que é delle e não do impressor ou editor) e isto por tres rasões capitaes: 1.ª; por ser irregular, e sem systema, variando a cada passo nas mesmas palavras. — 2.ª; porque ha certos modos de escrever que são hoje ridiculos, por exemplo, — & — em vez da conjuncção; — *uer* — em logar de *ver* — &c. — 3.ª; porque a orthographia antiquada desgosta a maioria dos leitores, e afasta muitos da lição que lhes seria proveitosa: — nada perde com isso a viveza, a gala, a energia do discurso, que para assim dizer veste roupas limpas e novas, e por isso parece mais garboso, e agradavel á vista.

PROLOGO DO AUCTOR.

COSTUMAM os que escrevem Relações e Itinerarios de suas viagens e caminhos, dar conta logo no principio delles das causas que houve para os fazerem. Este costume, se não é já lei dos relatores, me obrigava a começar esta Relação publicando a causa de minha vinda a este reino: justos porem e superiores respeitos me escusam desta obrigação, cujo cumprimento damnaria sem duvida ao segredo, por muitas razões necessario e encommendado. Quiz tomar esta resalva, para que os leitores não julguem a cautella por defeito da historia. O mais que posso dizer é que vim a negocios muito do serviço de ambas as Magestades, divina e humana, e que não tiram a outro fim mais que á salvação de muitos milhares de almas, bem deste reino, e conservação do Estado da India. Darei principio a esta Relação pelo estado em que deixei o da India: logo escreverei o caminho que fiz por terra de Baçaim, donde parti, até Surrate, onde me embarquei: então minha viagem por mar, de Surrate á Persia: desta a Baçorá na Arabia entre Felix e Deserta: o caminho pelo Deserto, de Baçorá até Babylonia: de Ba-

bylonia pelo mesmo Deserto até Alepo na Syria: de Alepo a Alexandreta, ultimo termo do Mediterraneo, jornada por jornada: de Alexandreta outra vez a viagem e navegação por mar a Malta: de Malta a Marselha de França. Depois o caminho por França, que atravessei de levante a ponente, vindo de Marselha á Rochella. Finalmente contarei minha ultima viagem por mar da Rochella a Cascaes, de Cascaes a Lisboa, com as descripções das terras mais notaveis por que passei, assim na India como na Persia, Arabia, Chaldea e Syria. As de França, como são cursadas e sabidas, acho que é escusado descreve-las. Não escreverei cousa nenhuma de que não fosse testemunha de vista; por isso será esta relação mais breve do que fôra se, assim como me fiei dos olhos, désse tambem credito aos ouvidos. Muitas cousas deixo de contar, porque, se bem as ouvi, não as vi. E isto cuido que basta para credito desta Relação, que vim fazendo pelo caminho, levado de minha curiosidade, e agora tirada a limpo a offereço a todos, obrigado de alguns, a cujo gosto devia sacrificar maior trabalho: o que tive em toda minha viagem ficará gostoso, sendo esta Relação tão acceita como é desejada.

Vale.

RELAÇÃO
DA
VIAGEM DA INDIA,
QUE FEZ POR TERRA PARA PORTUGAL
O Padre Manuel Godinho.

CAPITULO I.

Estado em que deixei o da India quando me parti della.

O Estado, ou imperio lusitano indico, que em outro tempo dominava o Oriente todo, e constava de oito mil leguas de senhorio, de vinte e nove cidades cabeças de provincias, fóra outras muitas de menos conta, e que dava leis a trinta e tres reinos tributarios, pondo em admiração o mundo, com seus estendidos limites, estupendas victorias, grossos commercios e immensas riquezas; no presente, ou seja por culpas ou fatalidade de imperio grande, está reduzido a tão poucas terras e cidades, que se póde duvidar se foi aquelle Estado mais pequeno no principio, do que se vê no fim. Quem quizer formar cabal conceito do que foi e é agora o Estado da India, deve considera-lo nas quatro idades do homem, pueril, juvenil, varonil, e de velhice, consideração de que já se valeu Lucio Floro, para com propriedade escrever o principio, progressos e fim de seu imperio romano, cuja puericia quer fosse em todo o tempo que Roma teve reis,

por espaço de duzentos e cincoenta annos. A adolescencia ou segunda idade durou duzentos annos que Roma foi governada por consules. A terceira desde os Consules até Augusto Cesar, em que se contam duzentos e cincoenta annos. De Cesar Augusto até o imperio de Trajano vão perto de duzentos; e tantos teve de velho aquelle imperio.

Todas estas quatro idades acharemos com a mesma propriedade no Estado da India, ao qual, se não dermos tantos annos, daremos semelhantes feitos e progressos. Foi sua primeira idade no feliz reinado d'el-rei D. Manuel, porque no segundo anno de seu governo nasceu para nós a India, sendo descoberta por D. Vasco da Gama: desde seu nascimento até que morreu aquelle invictissimo rei se contam vinte e quatro annos que teve de menino o Estado da India. Ao primeiro abrir de olhos descobriu toda a costa da India, desde o Indo até o Ganges, toda a de Ethiopia, Arabia, e Persia com seus mares e ilhas, toda a da China, e Malaca. Foram suas meninices fundar cidades, conquistar reinos, e fazer a muitos reis tributarios: sómente brincar não soube, porque em todas as guerras que naquelles principios teve não pelejavam os portuguezes a brincar: seus jogos eram tirar reis, e pôr reis, depondo os inconfidentes, e coroando os fieis. Tudo foi o mesmo, começar a fallar e a mandar. As palavras que dizia eram leis que dava. Ensinou-se a andar, não sobre rodas, por casa, mas sobre poderosas naus, porque a fortuna tinha trocado suas rodas. Em toda a terra em que punha os pés era sua. Com estar naquelle tempo o Estado na primeira puericia, não deu uma só queda, fazendo-a elle dar a poderosos reis que lh'a armavam. Seu primeiro leite foi o sangue de milhares de mouros e gentios, que matou; seu primeiro sus-

tento muitas presas que tomou, muitos commercios que abriu, muita especiaria que mandou a Portugal. Finalmente aquelle Estado só no nome e na idade foi menino. E descendo ao particular; em tempo d'el-rei D. Manuel se tomou Goa e Malaca aos mouros, se fizeram as fortalezas de Ormuz, Cochim, Calecut, Maldiva, Socotorá, Angediva, Cananor, Coulão, Columbo, Chaul, Pacem, Ternate, Cangranor e Sofala; e tributarios a elrei de Portugal os reis de Ormus, de Tidore, de Ceylão, das Maldivas, de Coulão, de Melinde, de Zanzibar, de Quiloa, de Batecalá, de Pacem; e outros muitos pediram pazes e communicação comnosco. Houve famosissimas victorias contra principes, que nunca tinham duvidado de as alcançar, ainda dos mais poderosos reis do mundo. Não ficou nação em toda a India, que os portuguezes não levassem diante em seus triumphos. Do Egypto, da Arabia e Turquia concorreram prisioneiros em grossas e poderosas armadas, para que vencidos pelos portuguezes fizessem seus triumphos mais gloriosos. Tão varonil foi a puericia do Estado da India.

Os annos que reinou o piissimo rei D. João 3.º, que foram trinta e cinco, são os que teve de adolescencia o Estado da India, nos quaes cresceu e se dilatou por toda ella, fundando-se cidades, villas e logares nas terras que ou reis amigos nos largavam, ou as armas conquistavam. Na costa de Coromandel a cidade de S. Thomé ou Meliapor, a de Negapatão, a de Jafanapatão cabeça de seu reino, que possuiu muitos annos o Estado. Na ilha de Ceylão as cidades ou fortalezas de Gale, Negumbo, Baticaloa e Triquimalé. Na costa do norte as cidades de Baçaim e Damão; com muitas villas e aldeas por toda a costa do reino de Cambaya, que é ainda nossa. Fez-se a fortaleza de Diu, a de Chale no Malavar,

e a de Macau na China. As victorias foram tantas quantas as batalhas, e estas eram no anno tantas como os dias. Em terra e mar vencemos por vezes ao çamorim, ao rei de Bintão, a sultão Badur rei de Cambaya, a seu neto sultão Mamude, ao hidalcão, aos reis de Maluco, ao do Achem, ao de Pam, ao cunhale Marcar, ao rei de Mangalor, ao de Adel, ao de Porcá, ao de Repelim, de Mombaça, de Tidore e Bachão; fóra outros muitos que, por menos conhecidos, deixo de nomea-los. E para que a fraqueza dos vencidos não fosse de menos credito a nossas armas, castelhanos e turcos sentiram o rigor de nosso ferro, e o favor da fortuna que nos assistia naquelle tempo, sendo uns desbaratados na costa da India, outros rendidos em Maluco. Os reis que até então pozeram toda sua esperança em nos lançar fóra da India com crueis guerras, já se faziam tributarios, ou pediam pazes, como o hidalcão, o rei de Cambaya, o de Xael, o de Ujantana, o de Adem, o de Caxem, de Dofar, da Sunda, e o çamorim. Iguaes progressos se faziam na conversão das almas que nas armas: receberam o sagrado baptismo os reis de Butuano, de Casimino, de Pimilarano, de Ternate, de Travancor, de Tutucory, de Tanor, e de Bungo no Japão, com muitas provincias e reinos. Esta foi a segunda idade do Estado da India, e por isso lhe podemos chamar adolescencia.

Chegou a idade perfeita com o reinado do senhor rei D. Sebastião, e se conservou nella desde o anno de 1561 até o de 1600 por espaço de trinta e nove annos, em que Portugal conheceu tres reis, D. Sebastião, D. Henrique, e D. Philippe. Já neste tempo o Estado attendia mais a se conservar que a conquistar: comtudo, fez uma fortaleza em Mombaça para senhorear aquelle reino, tres no Canará, que foram Mangalor, Barcelor

e Onor, a de Sirião em Pegú, os fortes de Sena e Tete nos rios de Cuama; fundou-se a cidade do Golim em Bengala. Pelejou-se valorosamente e defendeu-se o Estado no sitio geral, que á todo o Estado pozeram seus inimigos com poderosissimos exercitos. O hidalcão desceu sobre Goa, o izamaluco sobre Chaul, o çamorim sobre Chále, o achem sobre Malaca, sem que a divisão do poder diminuisse os brios, ou enfraquecesse o valor de nossa gente. De tão grande invasão não tiraram nossos inimigos mais que desesperação de prevalecerem contra um Estado, que no mesmo tempo rebatia a quatro tão opulentos e bellicosos monarchas. Não contente o Estado com se defender, tratou de se vingar do cunhale, que, tomado ás mãos em sua propria fortaleza, foi degolado em Goa: nem escapou da morte o rei de Lamo, por culpas que tinha commettido contra o Estado: o de Ampaza foi castigado com assolação de sua côrte e reino: tomou-se ao Melique o morro de Chaul, uma das melhores fortalezas do mundo; e se fizeram pazes com quasi todos os reis da India, acceitando outros por vassallos desta corôa, como o de Pate, Pemba, Quiteve, Monomotapa. Este de mais de render vassalagem a el-rei de Portugal, promettendo de lhe guardar fidelidade, quiz tambem tomar sua fé e ser christão, como é já de pais e avós. Nesta idade do Estado da India acham os antigos que foi a sua flor dos annos; porque, opprimidos ou compostos nossos inimigos, gozava o Estado de todos os bens que traz comsigo a paz. Andavam os mares cobertos de navios, que a toda a parte navegavam, com grandissimos interesses, que nos não tiravam os mouros, como d'antes, porque já lhes tinhamos tomado os passos da sua navegação, assim com fortalezas em terra, como principalmente com armadas no mar das Maldivas, de

Meca e de Arabia. Pagavam os reis tributarios suas páreas, procuravam todos ser amigos do Estado: os portuguezes estavam ricos, e eram respeitados como homens exemplares do valor. Iam e vinham ricas frotas do Japão, carregadas de prata: da China traziam ouro, e sedas e almiscar; das Malucas o cravo; da Sunda a massa e noz; de Bengala toda a sorte de roupas preciosissimas; de Pegú os estimados rubins; de Ceylão a canella; de Mussulapatão os diamantes; de Manar as perolas e aljofares; do Achem o bejoim; das Maldivas o ambar; de Jafanapatão os elefantes; de Cochim os angelins, teccas, e couramas; de todo o Malavar a pimenta e gengibre; do Canará os mantimentos; de Solor o seu páu; de Bórneo a camphora; de Madurá o salitre; de Cambaya o anil, o laçar e roupas de contracto; as baetilhas de Chaul; o incenso de Caxem; os cavallos de Arabia; as alcatifas da Persia, com toda a sorte de sedas lavradas e por lavrar; o azebre de Socotorá; ouro de Sofala, marfim, ébano e ambar de Moçambique; de Ormuz, Diu, e Malaca grossas quantias de dinheiro, que rendiam os direitos das naus que por alli passavam. E emfim não havia cousa de estima por todo o Oriente, que, ou por tributo, ou commercio, não fosse do Estado. Os seus visoreis, desembaraçados já das guerras, procuravam assignalar-se no governo da paz, e propagação da fé de Christo, que a olhos vistos se ia dilatando.

Chegou o anno de 1600, e nelle a declinação do nosso Estado. De então para cá foi perdendo as forças, e enfraquecendo de maneira que, só pelas chronicas o dizerem, cremos que teve o valor que se admira, e só pelas ruinas conjecturamos a grandeza qué d'antes tinha. Padeceu nestes sessenta e quatro annos de sua velhice tão crueis accidentes que primeiro lhe faltou o corpo que

os achaques. De repente se viu sem vista das armadas, que d'antes senhoreavam os mares, do valor de seus soldados, da prudencia de seus capitães, da fortuna em suas empresas, do successo em suas armas; do zelo em seus ministros. Apoz o sentido da vista perdeu o de ouvir que suas armadas pelejavam, e os inimigos fugiam; que a conquista se continuava, e não se perdia um palmo de terra; que os principes nos temiam, e os naturaes nos amavam; que o commercio ia florente, e tudo bem. Nem os demais sentidos deixaram de o desamparar: muitos annos ha que não cheira a sua fragrante canella de Ceylão, nem o seu cravo de Maluco, nem o incenso de Arabia, nem o bejoim do Achem, nem o almiscar da China, nem a algália de Bengala; nem o ambar das Maldivas: que não gosta do que devêra gostar, sem ter uma nova de gosto, antes muitas de pezar. Seus capitães não acham goito na fama, seus soldados não gostam da guerra, e seus vassallos andam todos desgostados com os ruins successos. O ultimo sentido passou-se para os hollandezes, os quaes nestes annos proximos passados nos tem apalpado na India, e tomado o pulso, sem deixarem cousa de polpa áquelle Estado. Está finalmente o Estado da India tão velho, que só o temos por estado. E se não acabou de espirar foi porque não achou sepultura capaz de sua grandeza. Se foi arvore, é já tronco; se foi edificio, já é ruina; se foi homem, é já cepo; se foi gigante, é já pigmeu; se foi imperio, pereceu; se foi vasto, está limitado; se foi muito, não é já nada; se foi viso-reinado da India, já o não é mais que de Goa, Macau, Chaul, Baçaim, Damão, Diu, Moçambique e Mombaça, com outras fortalezas e terras de menos importancia; reliquias em fim, e essas poucas, do grande corpo daquelle Estado, deixadas por nossos inimigos, ou para memoria do

muito que possuimos na India, ou para magua, considerado o pouco que nella temos agora. Sirva-se Deus de que possamos dizer do presente governo de Sua Magestade o que dizia Floro do de seu Trajano, que remoçára o imperio romano, velho d'antes e acabado: *Sub Trajano principe præter spem omnium senectus imperii quasi reddita juventute revirescit.*

Bem cuido que se não hãode dar por satisfeitos os curiosos com eu lhes dar noticia das praças e terras que na India perdemos, se tambem lha não der dos que no-las tomaram e ganharam: pelo que, começando pelos hollandezes, principaes instrumentos que Deus tomou para castigo do Estado da India, direi dos mais. A primeira fortaleza que nos tomaram estes inimigos foi a de Amboíno: logo as de Ternate e Tidore nas ilhas Malucas: seguiu-se Malaca na costa oriental de Juntana: apoz Malaca, Gale, Triquimalé, Baticaloa, Negumbo, Calaturé, Columbo, e a fortaleza de Jafanapatão, com todo seu reino, na ilha de Ceylão: a ilha de Manar, celebre pela pescaria de aljofares que se fazia em seu mar: a capitania de Tutucory, nas praias do reino de Maduré: a cidade de Negapatão, na costa de Coromandel: a fortaleza de Coulão, a de Cranganor, a de Cananor, e a cidade de Cochim no Malavar. Mais nos teriam já tomado, se as pazes que com os hollandezes se fizeram os não desarmassem, e fizessem parar o curso de suas victorias.

A nação ingleza, se nos não está em restituição de tantas praças e terras como a hollandeza, foi a primeira que, passando de Europa, se atreveu a nos guerrear na India, e ajudando os persas na tomada de Ormuz, abriram caminho a todas as mais perdições que na de Ormuz começaram. Dos reis da India houve poucos que,

vendo a declinação do Estado, ou não deixassem de ser amigos, ou se não declarassem por contrarios, procurando cada qual lançar fóra os portuguezes de suas terras, tomando-lhes as fortalezas, mais á força de sêdes e de fomes que de armas. O rei de Arracão nos tomou a fortaleza de Sirião em Pegú: o grão mogol a cidade do Golim em Bengala: o persa a de Ormuz, com o forte do Comorão, ilhas de Queixome e Larache: o rei de Colocondá a cidade de Meliapor ou S. Thomé: o sivapa nayque as fortalezas de Mangalor, Barcelor, Onor e Cambolim, no Canará: o imamo da Arabia Felix a cidade de Mascate, com toda a costa daquelle mar, desde o cabo Rosalgate até o de Maçandão, em que se contam oitenta e sete leguas, e havia entre fortes e fortalezas seis presidiadas, a de Coriate, a de Datara, a de Soar, a de Corfação, a de Libidia e a de Doba. Outros reis nos obrigaram a desmantelar e voar as fortalezas, que em seus reinos tinhamos, como as de Chale e Calecut no Malavar. Algumas se derrubaram por escusadas e difficeis de sustentar, como a de Socotorá, a das Maldivas, a de Angediva, e as de Sibo, Borca, Quelba e Mada na Arabia, e a de Vairevene no Sinde, e a de Quiloa em Africa, a de Pacem na Samatra.

Não quero dar fim a este capitulo, sem tambem dar algumas esperanças de havermos de recuperar o perdido na India: fundam-se todas em que os hollandezes são mais temidos que amados naquellas partes, onde com seus maus termos tem já dado a conhecer aos naturaes que para senhores e visinhos são melhores portuguezes que hollandezes. A rasão porque a gente daquellas terras se não levanta toda contra elles é porque não tem costas; que se as tiverem em nossas armadas, não haverá rei nem senhor em toda a India, que nos não ajuda

a restaurar nóssas praças, e deixe de lhês fazer crua guerra. Dependem todas estas esperadas felicidades de termos poder com que nos oppôr aos hollandezes na India: este dará Deus quando fôr servido, como já deu para outras mais difficultosas restaurações a este reino.

CAPITULO II.

Que cidade seja a de Baçaim, donde parti para este reino.

A cidade e fortaleza de Baçaim, duas vezes destruida antes de ser nossa, uma vez por Heitor da Silveira, e outra por Nuno da Cunha, finalmente dada a troco de pazes por sultão Badur rei de Cambaya ao de Portugal, está posta na costa da India, na terra firme do reino do Decan em altura de dezenove graus e trinta minutos da banda do norte. E' toda cercada de grossos e altos muros, com onze baluartes postos em proporcionada distancia para se defenderem uns aos outros: terá a cidade em roda mil passos geometricos. De uma das faces lhe serve o rio de cava, pela do poente o mar, e pelas outras a enchente da maré, que saindo do rio cobre toda a planicie que fica fóra dos muros da cidade, fazendo-a ilha em occasião de aguas vivas. Confina esta cidade para a banda de leste e sueste com o rei Meliques, e para a do nordeste e norte com o Colle e Choutea, que ficam fronteiros a suas terras, para cuja segurança sustenta as fortalezas de Manorá e Asserim, e a tranqueira da Saybana, onde assiste o capitão mór do campo. O termo e jurisdicção de Baçaim começa do rio de Dantorá, e vem

correndo até Baçaim, que são oito leguas de distancia: de Baçaim se estende para o sul por espaço de outras tantas, que fazem até ás ilhas de Bombaim, e Caranjá: pela terra a dentro se alarga seis para sete leguas. Em todo este districto ha mais de duas mil aldeas de toda a sorte de gente. Mouros, christãos, e gentios, que vivem, ou da lavoura, ou da mercancia, ou de suas mechanicas: as quaes possuem os portuguezes casados em Baçaim por mercê de Sua Magestade, que as costuma dar por serviços, reservando para si o foro, que vem a ser o disimo de seu rendimento.

A cidade é nobre em edificios, e tambem pelos seus habitadores; porque apenas se achará neste reino casa illustre, de que em Baçaim não haja alguns descendentes; porque os melhores fidalgos da India casaram naquella cidade, pagos do sitio, e bons ares, que nella se gosám, e tambem por comerem grossas rendas de aldeas, que elrei lhes deu em galardão de seus serviços, as quaes, como cá os morgados, andam em suas casas, passando de filhos a netos. São em Baçaim tantos os dons, assim de homens, como de mulheres, que vieram a chamar á aquella cidade dom Baçaim. De portuguezes haverá nella tresentos fogos, de christãos naturaes quatrocentos, fóra muitos outros de gentios, e mouros, não fallando nas terras de seu districto, das quaes, e da cidade sahem cinco mil homens de armas. Quatro religiões ha em Baçaim: a de S. Agostinho, a de S. Francisco, a de S. Domingos, e a da Companhia de Jesus. Duas freguezias, a da sé, com um prior, e quatro beneficiados; a da Senhora da vida. Fóra dos muros tem outras, como a da Senhora dos Remedios, que tem á sua conta os Padres Dominicos, a de Nossa Senhora das Mercês, em que é vigario um religioso de S. Agostinho, a de S. João, em

que he parocho hum clerigo secular; as de N. Senhora da Graça, S. Thomé, e Pury, que pertencem aos padres da Companhia; as de Palle, e do Calvario, cujos vigarios são franciscanos. Muitas outras freguezias ha nas terras, e ilhas da jurisdicção de Baçaim, parte das quaes estão providas em clerigos, e as mais tem á sua conta os padres de S. Francisco, e da Companhia. Estes tem assim mesmo o seminario dos cathecumenos, desde o tempo do St.º Xavier, com grande gloria de Deus, e proveito das almas de infinidade de mouros, e gentios, que cada dia acodem a elle, para serem instruidos, e cathechisados nos mysterios de nossa santa fé. E' esta cidade governada no temporal por um capitão, o qual manda sobre outros doze, que assistem de presidio nos fortes, e tranqueiras, que defendem as terras, e ilhas do destricto de Baçaim. No espiritual é governada por um vigario da vara, o qual tem a jurisdicção mais limitada, e só chega á cidade e seus arrabaldes; porque as demais terras tem outros vigarios da vara. A justiça governa um ouvidor, com a mesma extensão que o capitão. A fazenda corre por conta de um feitor posto por el-rei. Todos estes officios, excepto o de vigario da vara, são triennaes.

Todos os arrabaldes, e quasi todo o termo de Baçaim, é fresquissimo, cheio de tanques de agua, e hortas, com todo o genero de frutas da India, em que esta cidade excede a todas as do norte; como tambem na muita copia de assucar, que recolhe cada anno do seu cassabé, e vende para fóra da terra a inglezes, turcos, guzarates, arabios, e baneanes. E' assim mesmo muito abundante de arroz, mantimento commum naquellas partes; de Baçaim se leva para todas as outras. Trigo não o dá seu terreno; porem acóde muitissimo de terra

de mouros, os quaes o trazem em boiadas de dez, e vinte mil cabeças, e carregando de sal se voltam para o sertão. Não é menos provída de toda a sorte de madeira, a qual lhe vem das terras do Colle pelos rios abaixo em jangadas; e por isso na ribeira de Baçaim se fazem todas as fustas das armadas de remo, que elrei traz nos mares da India; obram-se tambem galeões, galeotas, e patachos muito formosos, e fortes de páu téca, para o que não faltam officiaes, e trabalhadores gentios, e mouros, os quaes são alli os mestres das obras. He finalmente Baçaim terra muito sadia, por gosar de um ceu sereno, ares temperados, e clima salutifero. A agua que se bebe naquella cidade é de uma fonte, que fica da outra banda do rio, na ponta que faz ao mar a ilha de Salcete, junto ao forte da Agoada, e da aldea Dungry, a qual lhe vem em barcos a vender. A gente ordinaria bebe de poços e tanques.

CAPITULO III.

Parto de Baçaim para Damão, já em caminho para este reino: passo por Trapor, Maim, e Danú, povoações de portuguezes na costa do norte. Suas descripções.

A tão miseravel estado tinha chegado o da India por causa das guerras com hollandezes, que nem uma só embarcação se achava em nossos portos para a Persia: os arabios por outra parte, senhores do estreito, intimidaram os mercadores de sorte que nenhum se atrevia a mandar lá a sua náu, por terem experiencia que, se escapasse aos hollandezes no mar da India, havia de cahir

nas mãos dos arabios, ou no mar da Arabia, ou no estreito da Persia. Esta foi a rasão porque, querendo eu passar-me a ella, houve de buscar náu no porto de Surrate, que é de mogoles, como adiante veremos. E sahindo para este fim de Baçaim em quinze de Dezembro de 1662, me fui á igreja de Nossa Senhora dos Remedios, distante dois tiros de canhão da cidade. Diante daquella milagrosa imagem, que é venerada de christãos, gentios, e mouros, offereci a Deus todos quantos trabalhos em uma tão arriscada, como trabalhosa viagem, me esperavam; e tomada sua benção, com uma grande confiança em o patrocinio da tal Senhora, me puz a caminho. Pelo meio dia cheguei ao rio de Dantorá, cuja barra defende um forte dos malavares corsarios daquelles mares. Passado o rio, entrei nas terras da jurisdição de Damão, e caminhando por ellas fui dormir a Maim Quelme. Assim se chama esta povoação para distincção de outra, que fica na ilha de Bombaim, que tem o mesmo nome: a de que fallamos está sita junto de um rio capaz de galeotas sómente, e terá cento e cincoenta portuguezes casados, com outros tantos cazaes de pretos, gente esperta, e destra para as armas. No desembarcadouro do rio se vê um forte redondo com quatro falcões de bronze, que tiram pelouros de pedra, presidiado por seis soldados, e um capitão posto por elrei. O terreno de Maim é fresquissimo, e todo cuberto de hortas, em que se dá muito gengibre, betele, que é a mais presada e fragante erva do mundo, muito ananaz, bananas, jácas, e mil outras frutas; as aldeas de seus arredores dão muito arroz, que daqui se leva para Dio, e Cambaya.

No dia seguinte, caminhando pela praia, cheguei pelas duas horas a Trapor, villa de portuguezes, em que haverá cincoenta casados e duzentos christãos naturaes

da terra, fundada á borda de seu rio, cuja boca defende um baluarte de ponta de diamante; e a povoação uma cerca de páus a pique com entulho. O presidio é de um capitão, que o é da terra, posto por S. Magestade, com mais seis soldados, e um bombardeiro pagos. Em uma occasião poderá lançar Trapor quatrocentos homens de armas, os quaes todos são obrigados a acodir á fortaleza de Damão em tempo de guerras, e meter-se dentro della para a defenderem, sob pena de perderem as aldeas que comem. O terreno de Trapor dá muito arroz, mas não é tão delicioso como o de Maim. Nesta villa encontrei dois religiosos da Companhia, o padre Pedro Juzarte, reitor de Damão, e o padre Pedro de Mattos, que ia para o collegio de Agra, côrte do grão mogol. Todos tres em companhia continuámos a jornada daquelle dia, que foi até Danú.

E' esta povoação celebre, e sabida na India por duas rasões; a primeira pela Senhora das Angustias, que em si tem, muito milagrosa; a segunda, porque todas as náus, que da costa da India querem engolfar para a costa de Diu, ou para o estreito, sem risco de descahirem com as aguas para Cambaya, procuram avistar os picos a que chamam de Danú, por estarem no cume de uma serra, que lhe corresponde no sertão. E' a povoação de cincoenta visinhos naturaes, e quatro, ou cinco portuguezes casados, fóra o capitão, e quatro soldados pagos por elrei. O rio de Danú é de cincoenta passos na largura em preamar, e de trinta em baixamar. A altura é de dez até doze palmos de agua, e por isso capaz de navios de remo somente. Em entrando da barra para dentro doze passos da praia está um forte redondo, que deita para fóra um baluarte, em o qual jogam tres falcões pelouros de pedra, e uma peça de bronze de seis libras, par-

rá guarda, e vigia deste forte, de mais dos soldados portuguezes pagá Sua Magestade dois capitães ou Nayques da gente da terra, com dez peões. O effeito para que se fizeram este e os mais fortes, que por aquella costa temos, foi para impedir que os malavares não entrem com seus paráus por aquelles rios dentro a roubar e captivar gente das aldeas, que são d'el-rei de Portugal. A terra de Danú não dá mais que arroz e legumes; nella descançámos a segunda noite de minha viagem, e ao seguinte dia fomos jantar a Nargol, aldêa do collegio de Damão da Companhia de Jesus, distante seis leguas e meia de Danú, e cinco de Damão. Em Nargol mudei o trajo, vestindo-me de soldado, por convir entrar disfarçado em Damão, onde me não convinha ser conhecido: e partindo ao outro dia para Damão, chegámos aquella cidade pelas nove da manhaã.

CAPITULO IV.

Descreve-se a cidade e fortaleza de Damão.

A fortaleza de Damão, uma das que sultão Badúr rei de Cambaya tinha por de grande importancia, foi primeiro queimada por Antonio da Silveira, e arrasada por Martim Affonso de Sousa, do que fosse desta corôa. Depois de ser nossa padeceu dois sitios dos mogoles visinhos, que não serviram de mais que de saber o mundo que Damão era outra cousa defendida pelos portuguezes, do que fôra defendida por turcos e guzarates. O vice-rei D. Constantino de Bragança a tomou ultimamente aos mouros, e presidiou com numero compe-

tente de soldados: e de então para cá se foi sempre trabalhando em sua fortificação, sem interrupção alguma; o que tem feito aquella fortaleza mais defensavel que nenhuma outra das que temos na costa do norte. Está plantada na terra firme do reino do Guzarate em vinte gráus de altura para o norte, junto a um rio de agua salgada, que nascendo em terra de mouros se vem meter no mar, fazendo o porto de Damão, que é de fundo bastante para náus grossas; porem a barra tem um banco de areia, que não deixa entrar maiores embarcações que navios carregados em maré cheia: galeões sem carga tambem entram e sahem.

A cidade he toda murada com muros de trinta pés de alto e vinte de largo, em que se contam dez baluartes muito fortes e espaçosos, e mais de quarenta peças entre canhões, esperas, pedreiros, sagres, cameletes e colubrinas: por fóra dos muros fica uma profunda cava, que vai entestar no rio, a qual se passa por ponte levadiça. Da outra banda do rio á borda delle está o forte de S. Jeronymo, obra do viso-rei D. Jeronymo de Azevedo: é feito em forma triangular, com um baluarte cavalleiro para o campo e dois meios baluartes nos outros dois cantos, com suas casasmatas pelo raso do horisonte: na face que corre ao longo do rio tem os muros de comprido cincoenta e cinco braças, de dez palmos cada braça: os outros dois panos de muro tem cada um sessenta braças. O sitio deste forte é mais eminente que o de Damão, e lhe fica sendo padrasto: assiste nelle um capitão com sessenta soldados de presidio.

Os edificios da cidade são pela maior parte baixos, nem é licito a nenhum de seus moradores levanta-los mais que os muros, e isto por causa das batarias as não derrubarem em occasião de sitios, com grande damno dos

sitiados, como naquella cidade se experimentou em alguns cercos que teve, mas as ruas são muito largas, e direitas, e ordenadas com tal ordem, que de todas se descobrem os muros de uma e outra parte. Duas são as igrejas parochiaes, a Sé, e outra: quatro religiões, a de S. Domingos, a de S. Agostinho, a de Santo Antonio, e da Companhia, cujo reitor é administrador das obras da fortaleza. Os portuguezes que a habitam farão numero de cem casaes: mais eram; porem estes annos morreram muitos de certas doenças contagiosas, que se attribuiram aos vapores da cava, que abriram, os quaes parece que inficcionaram os ares, de antes salutiferos. A gente preta é muito mais em numero; e de toda a jurisdicção de Damão se ajuntam tres mil homens de armas, parte de cavallo e parte de pé. São os portuguezes de Damão grandes cavalleiros, por os mais delles terem aldeas com obrigação de cavallos arabios, o que os faz serem exercitados, e homens de cavallo. Governa o temporal daquella cidade e terras de seus districtos, um capitão posto por Sua Magestade: o espiritual um vigario da vara: a justiça um ouvidor: a fazenda um feitor, que juntamente serve de alcaide mór.

A agua que em Damão se bebe é de tanques, que enche a chuva no inverno. O clima não é tão temperado como o de Baçaim; porque tem muito grandes frios nos mezes de Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro, em que ventam os terrenhos, que são nortes: porem este frio só dura desde as doze da noite até ás nove do dia; porque em aquentando o sol, faz calma que abrasa. São nesta cidade mui ordinarias as colicas, a que chamam mordexins, tão mortaes, que em poucas horas concluem. O remedio mais provado é queimar os calcanhares com um ferro em braza. As fazendas constam de var-

teas de arroz, e muitos cajurís, que são como estas palmeiras de Portugal, mas mais baixas, de que se tira um licor para fazer vinho. Algumas hortas tem com mangueiras, e outras arvores de frutas da India. Nos matos ha infinita caça de lebres, corças, merus, veados, javalís, bacareos, gazelas, pavões, rolas, e toda a sorte de volataria, e montaria. O mar sómente é alli muito falto de peixe. Na ribeira de Damão se obram mui fortes galeões e navios.

A jurisdicção e termo desta cidade é grande; porque começa de um riacho, que está cinco leguas de Damão para o norte costa acima, chamado Parnel, onde se dividem as terras de Surrate pertencentes ao Mogol, e as de Damão, com quem confina por esta parte do norte, e vão continuando as nossas terras pelo sertão dentro espaço de duas leguas e meia; d'alli voltando para o leste ficam abarbadas com as do rei Vergi, mouro de nação e sujeito ao Mogol: deixando as terras de Vergi se estendem cinco leguas pela terra dentro até chegarem ás do Chouteá, regulo que poem em campo seiscentos de cavallo. Tem este regulo nas terras de Damão certa pensão, a que chamam chouto, a qual se lhe pagava ainda antes de serem nossas. Sobre esta paga ha ordinariamente brigas de nossa e sua parte. Para o sul confinam as terras de Damão com outro regulo chamado o Colle, que assim mesmo como o Chouteá vive entre asperas serras e fechados matos, e vão acabar no rio de Dantorá: deste rio até o sobredito de Parnel são vinte leguas de costa, e tantas tem o districto de Damão, no qual se contam tresentas aldêas; quatro capitanías, a de São Gens, de Danú, de Maim, de Trapor; quatro tranqueiras presidiadas, Solsumba, Calamuquel, Panselá, e Jorojim.

CAPITULO V.

Passo de Damão a Surrate em busca de náu, acompanhado de um mouro persiano, e de um bracmene gentio: praticas que tive com este. E com esta occasião se dá larga noticia dos bracmenes da India.

A minha detença em Damão foi só a que bastava para se me fazerem vestidos á mourisca; os quaes, considerado que eu queria ser desconhecido em Surrate e embarcar-me em náu de mouros para a Persia, eram mais a proposito, que os de soldado, porque com estes daria em que reparar ás nações da Europa, que temia em Surrate, e seria conhecido por portuguez dos arabios no mar, arriscando de um e outro modo a vida: trocando pois a espada pelo alfange, o chapéu pela touca, a roupeta pela cabaia, e a companhia dos dous padres, que comigo tinham vindo até Damão, pela de um persiano chamado MamudXá, e de um bracmene gentio por nome Ramogi Sinay, parti para Surrate, que disia de Damão doze leguas, em uma carretinha, que serve de carroça naquelles caminhos. Pouco os sentia eu recreado a cada passo com a vista de muitas e ricas aldêas de gentios e mouros, de infinita caça, que nos sahia á estrada, e tambem com a conversação do bracmene, o qual se presava de doutor na sua seita e sabedor de nossa santa lei. E como não sabia qual era a minha, por me vêr vestido de mouro, e por outra parte vêr que não fazia salás, como o outro nosso companheiro: para me ter por christão, fazia-o duvidar o pouco resguardo que o persiano tinha comigo no comer, contra o costume dos mahometanos da India: gentio bem via que o não era, porque

não o mostrava nas superstições, nem nas cores; fallava afoutamente quanto sentia da Lei de Deus e usos christãos.

A primeira cousa que não podia levar em paciencia, era que os christãos se enterrassem nas igrejas, e ainda, como elle dizia, fossem tão simples que comprassem as covas. Ha tal doudice, [dizia o bracmene] que não queiram os homens estar uma só hora presos na cadêa em quanto vivem, e que queiram depois de mortos ter suas almas encarceradas na cadêa de uma igreja, na enxovia de uma cova? Se as covas não tiveram campas e as igrejas portas, menos mal fôra; mas tendo campas as covas e tendo as igrejas portas, como hão de sahir as almas fóra, se quizerem sahir a passear? Nós [acrecentava o bracmene] queimamos os corpos de nossos defuntos, para que as almas, levantada a homenagem que lhes tinham dada, possam passar de uns a outros; e os christãos enterram os defuntos, fazendo com isso que as almas estejam para sempre prezas áquelles corpos, sem poderem mudar-se para outros, ou sejam de homens, ou de vaccas, o que é grande pena para as almas, que tem a sua gloria nestas mudanças.

Muitos érros continham estas ridicularias do bracmene, os quaes se acham na cega gentilidade do Oriente, tendo muitos daquelles idolatras para si que as almas são corporeas: outros, que a alma do homem não é natural e verdadeira fórma do corpo humano, senão que lhe assiste sómente, governando-o como o arraes a barca, ou ao cavallo o que vai em cima: e todos que ha transpassação, ou transmigração das almas de uns corpos para os outros, dos humanos para os dos brutos. Tanto, que um dos fundamentos porque os bracmenes tem tanto respeito ás vaccas, é por haverem que no corpo desta

alimaria fica uma alma melhor agasalhada que em nenhum outro, depois que sahe do humano: e assim poem sua maior bemaventurança em os tomar a morte com as mãos nas ancas de uma vacca, esperando se recolha logo a alma nella. As almas dos reis, dizem, se passam por sua morte para os corpos dos leões: as dos falladores para os dos cães: as dos luxuriosos para os dos porcos: as dos ladrões para os dos gatos e tigres: as dos avarentos para os das formigas: as dos crueis para os dos lobos: as dos fingidos e dissimulados para os das raposas: as dos fracos para os das gallinhas: as dos prudentes para os dos elefantes: as dos generosos para os dos cavallos: as dos bracmenes para os das vaccas. Os esmoleres só tem eleição de corpos, podendo passar suas almas para os animaes que mais lhes contentarem. As das mulheres sempre vão animar cobras, ou viboras. De peior partido as fazem os mouros; os quaes, crendo que todos hão de ir ao ceu, para as mulheres não creem que o haja.

A estes erros ajuntam os bracmenes outros taes, sendo o maior delles cuidarem que entre nossa lei e sua seita ha tão pouca differença como comer ou não comer vacca; porque [dizem elles] nos mysterios, e nos preceitos nos conformamos. Os christãos adoram um só Deus verdadeiro, nós assim mesmo. Elles crem que é um só na essencia, mas trino nas pessoas: nós não cremos outra cousa. Elles a estas tres divinas pessoas chamão Pai, Filho e Espirito Santo; nós Rama, Visnú e Crisná. Elles dizem, que Deus encarnou uma só vez; e nisto se enganam, porque encarnou tres. Elles veneram a Mãi de Deus, e nós lhe temos toda a veneração. Elles guardam uns preceitos, a que nos não faltamos; porque honramos a Deus, não juramos, não trabalhamos nos dias de nossas festas, honramos pai e mãi, não tiramos a vi-

da nem a uma formiga, não furtamos, nem quebrantamos os mais de seus mandamentos. Este erro é o principio em que se poem hoje os bracmenes mais vistos nas cousas de nossa Santa Fé, quando chegam a disputar sobre ella, com que difficultam totalmente sua conversão, divertindo a força dos argumentos e razões, que provam ser nossa Santa Religião sómente a verdadeira. Porque se lhes mostraes que vão errados em adorar muitos deuses, respondem que os christãos adoram tambem muitos; porque tem por deuses ao Pai, ao Filho e ao Espirito Santo: e se lhe dizeis que não são tres deuses, mas tres pessoas, e um só Deus, filosofam pela mesma maneira na sua fabulosa Trindade: que em toda a parte da cega gentilidade procurou o commum inimigo fazer-se bogio do verdadeiro Deus, arremedando os mysterios da Fé, a fim que prégando-se depois as verdades, as não tivessem os homens por differentes das mentiras em que se crearam: que quando a vista é curta, e as cousas tem alguma similhança, facilmente se toma, ou deixa de tomar uma por outra. E então, como o demonio soube tanto contrafazer nossas cousas, por encobrir as suas, arremedando nós bracmenes até a clausura, templos, habitos, choro, e mais officios monasticos, com esta similhança fazem os bracmenes não pequena guerra ao Evangelho: porque como o lume da razão natural, por mais claro que seja, não chegue por si a descobrir o particular e proprio dos mysterios de nossa Santa Fé, e no que delles de *fóra* alcança veja que lhes são similhantes aquellas sombras tão bem lançadas pelo inimigo; pouco basta para lhe persuadir que tudo é na substancia o mesmo, e que não ha para que façam mudança da antiga crença, adoração e vida. Para os bracmenes significarem e declararem como podem aquella sua Trindade, é co-

mo em fé de que a professam, traz cada um delles um tiracollo de tres fios atados e rematados em um só nó: e tem nos edificios dos pagodes algumas torres, que sendo tres, e differentes nos alicerces e maior parte das paredes, se vão ajuntar e acabar em uma só pyramide. Tambem vi em muitos de seus pagodes uma estatua com um so corpo e tres cabeças. Mas deixando os erros que os bracmenes tem em sua crença por muitos, digamos de seus costumes.

São os bracmenes como sacerdotes e religiosos dos gentios dedicados ao culto e serviços de seus idolos, e por isso muito respeitados de todos. Vivem entre palmares e bosques frescos, de que a India é abundante. Não comem carne, nem peixe, nem cousa que tenha côr de sangue; esta é a razão de não comerem bredos vermelhos, porque lançam de si agua vermelha. Sustentam-se com hervas, frutas, manteiga, leite, arroz, e legumes; sendo seu ordinario comer uma dieta, o que os faz muito sãos, e adoecer poucas vezes. Nunca se sangram, ainda que a doença o peça; mas tomam as sangrias na boca, fazendo langána, que quer dizer pura abstinencia, até que a febre se despeça. Pela manhaã, a horas de jantar, e cear hãode lavar todo o corpo; e sem preceder este lavatorio não metem bocado na boca: por esta razão se não embarcam no mar; e se algum navega, é de casta a que elles chamão Bangaçalim, de menos conta: mas ainda estes a suas horas tiram agua do mar, e se lavam, havendo que é grande peccado faltar nestes lavatorios. Trazem contas ao pescoço de certas frutas garabulhentas com seus extremos, mas sem cruz; e ao passar de cada conta não dizem mais que, Rama, Rama, que é o nome do seu mais presado pagode. Não usam de armas offensivas, nem defensivas; porque nem matam, nem

ferem, nem tiram sangue a cousa viva; antes são obrigados a da-la a qualquer animal que esteja em risco de a perder, ainda que lhe custe muito. Donde vem que alguns rapazes tomam um passaro e vão-se com elle ao bracmene e dizem-lhe: se me não dais tanto, mato este passaro; o bracmene, temendo que cáia sobre elle aquelle sangue, dá o que o rapaz lhe pede e deita o passaro a voar. Nunca em casa de bracmene se verá gato, por não matar rato. Ha na India alguns bracmenes medicos, e são chamados pandítos; estes, como curam os Portuguezes a nosso modo, dizem que comam frango, e gallinha, quando é necessario; mas acabado o anno vão expiar estes peccados aos seus templos mais affamados com grande somma de dinheiro que dão aos bracmenos daquelles templos; e se o não dão, ou não vão, são tidos e havidos por assassinos, homicidas, e talvez lançados fóra da casta, que é a maior pena. Baste por encarecimento nesta materia o que direi. Se um bracmene não puder escapar da morte senão matando a cobra, que o vai morder, ha se de deixar morrer pela não matar.

Na agudeza de seus entendimentos levam vantagem a toda a sorte de gente, que ha pelo Oriente: raro senhor e principe ha, tanto gentio, como mouro, que se não governe por bracmene, tendo tempre comsigo aquelle que occupa o logar de valido; elles são os mestres dos principes, elles os aios dos senhores e privados dos reis; em nenhuma parte da India são tão respeitados, nem assim poderosos, como no Malavar, por alli não ter chegado atégora o dominio dos mouros, e serem aquelles reinos todos de gentios, que adoram os bracmenes. Muitos delles são reis, como o rei de Porcá, o de Cochim, o de Marta, o de Mangate, e outros muitos pelo Malavar dentro nas serras a que chamam do Gate. O Sa-

morim é casta nayre; o passado, estando eu em Cochim, se quiz fazer bracmene; e para isso peitou a quantos tinha em seu reino: consultaram elles entre si o ponto e acharam que podia renascer bracmene o que tinha nascido nayre se desse uns tantos mil cruzados aos bracmenes, e fizesse uma vacca de ouro, em cujo bojo podesse estar um dia, e acabado este prazo sahiria a vacca com aquelle parto, ficando porém a pelle para o pagode. Em tudo veio o Samorim, como quem estimava em mais a honra de bracmene, que não tinha, do que todos os todos os thesouros que possuia; mas nem por isso os reis bracmenes do Malavar o tiveram por igual, rindo-se todos do seu segundo nascimento. Muito mais havia que dizer dos bracmenes da India, que deixo por não fazer esta relação mais comprida. E tornando ao nosso bracmene.

Quiz eu convence-lo em seu erro da transmigração das almas com varios argumentos que lhe puz; porem elle, deixada a fórma filosofica, me dava taes soluções, que era estalar com riso. Argumentava-lhe eu assim: se ha transpassação nas almas de uns corpos a outros corpos, alguma alma se hade lembrar de haver estado em outro corpo; porque a memoria, como as mais potencias da alma, são inseparaveis della: é certo que ninguem se lembra de ter sido outro: logo não ha tal transpassação; e se a ha, dize-me, quantos corpos tem já gastado tua alma? que animal foste antes de ser homem? que mouro primeiro que fosses gentio? Alguma alma de homem teu parente deves considerar nos corpos destes teus bois; por isso os picas tão pouco que não andamos nada. Que mal o entendeis [acudíu o bracmene]: haveis de saber que todas as almas em sahindo dos corpos passam por um braço do rio Ganges, cuja agua tem virtude para tirar

da memoria todas as especies memorativas, ficando totalmente esquecidas de tudo quanto d'antes se lembravam. E ás vezes permitte Deus que ache alguma alma aquelle rio secco, para que, entrando depois em algum corpo grosseiro sem este lavatorio, e com a memoria fresca e apprehensão viva do que já foi, padeça tormento nesta lembrança. Em confirmação destas patranhas trazia certa historia de um boi velho que tinha em casa, e sustentava com farelos, por já não ter dentes, o qual, nos mugidos que dava, mostrava bem que tinha em si a alma de algum grande rei, que se lembrava de quem fôra. Com tal conversação como esta chegámos a uma povoação de gentios, que logo se vieram a nós; e sabendo a materia sobre que fallavamos, se maravilharam muito de eu e o persiano nos mostrasmos novos nella, gabando todos o nosso bracmene de letrado e homem de muito credito. Enxotou-os porem o persiano, desafrontando-nos delles com dizer que havia de pedir a Deus, por grão favor, que por sua morte deixasse passar sua alma para o corpo de algum valente tigre, só a fim de lhe vir comer de noite quantas vacas havia naquella povoação. Com o que elles muito se escandalisaram e nos deixaram cear e dormir aquella noite. No dia seguinte chegámos a Surrate.

CAPITULO VI.

Descripção da cidade e porto de Surrate, emporio maior da India.

Foi Surrate em outro tempo cidade pobre e porto desconhecido: hoje, por beneficio dos hollandezes e in-

glezes, a mais rica cidade, o mais celebrado emporio de todo o Oriente: fica doze leguas de Damão para o norte, lançada á borda do rio Taptim, a tres leguas de sua foz e barra, que não é capaz de velas grandes, sómente entram descarregadas primeiro lá fóra; e ainda que o rio não é fundo, comtudo ha nelle uns poços a modo de pegos feitos de industria para as naus grandes terem alli cama na vaza em tempo de maré vasia. O primeiro dos nossos que o sondou foi Antonio da Silveira, mandado com uma armada por Nuno da Cunha a destruir esta cidade e a de Reiner, que fica pelo rio acima da outra banda, detraz de uma ponta que a terra faz. A agua deste rio é doce na vasante, e salobra na enchente da maré. Em um poço que faz o mar, distancia de uma legua deste rio para o norte, chamado Soalí, surgem as naus inglezas e hollandezás que vão a Surrate, tão perto de terra, que defendem o desembarcadouro de suas lanchas com a artilharia das naus. Alli tem estas duas nações alfandega particular, em que despacham suas fazendas. Neste poço de Soalí foram por vezes accommettidos de nossas armadas assim hollandezes como inglezes, mas nunca com successo da nossa parte. Delles teve o peior D. Jeronimo de Azevedo, viso-rei vigessimo do Estado da India, o qual indo sobre quatro naus hollandezas que estavam em Soalí, com uma armada de seis galeões, tres pataxos e sessenta navios de remo, se recolheu com menos os tres patachos, que deixou queimados.

A cidade é mais comprida que larga: na grandeza leva muita vantagem á nossa Evora, como tambem no numero de seus visinhos, que eu faço passarem de cem mil, mogoles brancos, mouros indostanes, gentios de toda a relé, christãos de varias nações, gente emfim do mundo todo, que ou vive em Surrate de assento, ou

vem áquelle porto por negoceação. Em Surrate se acham hespanhoes, francezes, alemães, inglezes, hollandezes, flamengos, dunquerquezes, italianos, hungaros, polacos, suecos, turcos, arabios, persas, tartaros, gorgís, scytas, chinas, malavares, bengalas, chingalás, armenios, com outra infinidade de gentes barbaras e desconhecidas. Os edificios são pela maior parte humildes, e cobertos de ollas [assim chamam ás folhas de palma tecidas umas com outras]. Esta é a causa porque, se por algum desastre se atea o fogo em uma casa, leva muitas ruas inteiras. Não deixa comtudo de haver algumas casas nobres e grandiosas dos senhores principaes, as quaes não são nada vistosas por fóra, em rasão de que assim estes como os mais mouros se esmeram em aformosearem as obras interiores de suas casas, deixando de proposito toscas as exteriores, como quem edifica recolhimentos para mulheres, e não habitações de homens. Se olhais da rua para umas destas suas melhores casas, parecem-vos infernos; se entraes dentro, parecem-vos o paraiso; porque todas são cozidas em ouro, com riquissimas pinturas nos forros, exquisitas armações pelas paredes, finissimas alcatifas sobre a argamassa, e em logar de cadeiras coxins da melhor seda para o recosto, claustros, jardins, fontes, e tudo o que póde ser de recreação a quem nellas vive. Pelo contrario os baneanes gentios de Surrate edificam suas casas mais ao curioso por fóra que ao accommodado por dentro: fazem-nas de pedra e cal até o primeiro sobrado: dalli para cima não se vê outra obra mais que de marcenaria e relevo sobre tecca, com esmaltes e tintas de varias côres.

Ha na cidade muitas mesquitas de sua adoração, e cada nação das mahometanas tem a sua parte onde acode á sexta feira: a principal de todas está fóra das por-

tes da cidade, que ficam ao nascente, obra magestosa e levantada, com umas casas nobres pegadas a seu alcorão, em que mora um xarife [assim chamam os mouros aos parentes do seu Mafoma] o qual é respeitado e venerado de todos, desde o maior até o menor, havendo que ganham indulgencia em lhe beijarem a mão ou a cabaya que trazem vestida. Nada menos sumptuosos edificios são os dous caravançarás [quer dizer estalagens publicas] que tem Surrate, feitos a modo de claustros, com muitas casas de alojamento por banda, e uma só porta, que se fecha logo á noite, e se abre com dia claro, para maior segurança das fazendas dos mercadores que se recolhem naquelles caravançarás. Tambem é digna de menção uma espaçosa casa terrea com muitas ordens de banhos para os mouros, na qual ha muitos servidores, que paga a mesma cidade, para assistirem a quantos vão tomar os banhos, e lhe darem e aquentarem agua, sem que por isso peçam aos particulares cousa alguma.

Não é esta cidade murada á roda, mas sómente fechada com uns valados não muito altos, e nelles abertas quatro portas: em cada uma dellas muitos guardas, os quaes, em entrando pela porta qualquer pessoa com fato, a levam comsigo á alfandega, para que se não desencaminhem os direitos do que traz: ao sahir fazem outra diligencia, que é perguntar por escripto do juiz da alfandega; e se o não mostram, não deixam passar a ninguem. Duas alfandegas tem Surrate perto do rio, uma defronte da outra: na maior se despacham as fazendas que entram por mar, na menor as que alli vem da terra dentro. Para as que saem para fóra ha ainda outras alfandegas, ou para dizer melhor, outros logares de despacho na mesma ribeira. Os direitos que se pagam nas alfandegas são de cinco por cento. Aos hollandezes aba-

tem este mogol que agora governa um dos cinco em cada cento, por um formoso presente de ricas e curiosas peças que lhe mandou Mansucar, governador de Jacatará, em nome da Companhia no anno de 1661.

Toda a defensa de Surrate está posta em uma cidadela á borda da agua de seu rio, na qual ha tres baluartes, e no meio um cavalleiro com vinte peças de artilheria, parte de bronze e parte de ferro, mas quasi todas desapparelhadas, porque ou não tem carretas, ou estão arrebentadas: a cava desta cidadella é mui profunda, mas pouco larga: o presidio consta de duzentos soldados lascarís dos da terra, e um capitão mogol, o qual é independente do nababo ou governador da terra, e em dando homenagem daquella fortaleza, não póde pôr pé fóra della sem expressa licença de seu rei. De mais de capitão é juntamente thesoureiro de muitos milhões, porque na fortaleza de Çurrate se depositam e enthesouram todas as rendas de sua comarca, todos os direitos de suas alfandegas, e grande parte da moeda, que continuamente se está batendo naquella cidade, a mais fina de toda a India, porque purificam as patacas de Hespanha, e dellas e dos larís da Persia, que são de prata mui fina, fazem os seus rupias, que correspondem aos nossos cruzados. Ao nascer e pôr do sol se tocam todos os dias na fortaleza os adamanes, que são uma casta de atabales, os quaes na guerra servem de tambores aos mouros. Ao redor da dita fortaleza não ha casas, por não cegarem a artilharia, mas um formoso rocio, em que se faz feira de tudo quanto se póde pedir pela bocca, todos os dias á tarde.

E' Surrate o maior emporio da India, e posso dizer que o mais rico do mundo todo; porque de todo elle acodem alli as melhores fazendas, tanto por terra co-

mo por mar: de Europa as levam inglezes e hollandezes: de Africa as naus do mar roxo: da Asia maior e menor as gentes que as habitam. Quanto mais que as melhores drogas da India vem a Surrate por terra em cáfilas de bois e camelos, que cada hora lhe estão entrando. Os mercadores e homens de negocio que vivem naquella cidade são grossissimos: ha alguns que tem passante de cinco e seis milhões: de naus terão cincoenta que navegam a toda a parte: as estrangeiras, que frequentam aquelle porto, não tem conto. A todo o tempo do anno se acham em Surrate naus para a China, Malaca, Achem, Macassar, Malucas, Jacatará, Maldivas, Bengala, Tenacery, Ceylão, Cochim, Cananor, Calecut, Meca, Adem, Sués, Magadaxó, Caxem, Mascate, Magadascar, Ormuz, Baçorá, Sinde, Inglaterra, e finalmente para qualquer parte que se buscarem.

O paiz de Surrate é abundante de trigo, legumes e arroz; mas não de frutas e palmares: sómente cajurís, de que fazem vinho certos homens de côres brancas, a que chamam parsios, por trazerem sua origem da Persia, donde fugiram no tempo que ella tomou a lei de Mafoma: estes são gentios que adoram o sol, lua e fogo, o qual tem sempre acceso, como se conta das virgens Vestaes de Roma; e se acaso se pega em alguma de suas casas, as deixam abrasar todas, sem o apagarem, havendo que matarão a Deus, que no fogo adoram. Fóra da cidade para o nascente se veem dous estendidos campos, e nelles infinidade de sepulturas de mouros, discriminadas umas das outras com certas pedras que tem nas cabeceiras. Mais adiante ficam duas cercas, em uma das quaes se enterram os hollandezes, em outra os inglezes. Tem muito que vêr os mausoleus de alguns comendores hollandezes e presidentes inglezes que morreram em Sur-

rate, assim na maquina, como no polido da obra. Declaram os epitaphios latinos, inglezes e flamengos que pessoas foram, e que postos tiveram os que alli jazem. Para os christãos ha tambem logar para se enterrarem á parte, bem conhecido pelas cruzes que lhe põem sobre as covas.

O vestir, comer e mais costumes da gente de Surrate direi quando fallar dos mogoles: a agua que se bebe é de dois abundantissimos poços que estão fóra das portas da cidade, se bem os gentios a tomam sempre do rio, não por melhor, senão porque em um daquelles poços se achou uma vez lançada uma vaca morta, do que tomaram tanto asco, horror e nojo, que nunca mais beberam agua delles. Os mouros e gentios graves de Surrate passeiam em formosos cavallos arabios; porem sem chapéu de sol, por ser, no imperio do mogol, insignia de pessoa real. Alguns passeiam tambem em carretinhas a modo de coches; elles lhe chamam arcolins, tirados por grandes e ligeiros bois de boas cores, cujas pontas arreiam com argolas de bronze sobredourado, por galanteria: os toldos lhes forram e cobrem de seda ou escarlata, e por assentos ricos coxins sobre finas alcatifas. Não se sabe alli que cousa são liteiras, para que não ha machos; nem coches com haver muitos cavallos.

Os inglezes e hollandezes, desde que passaram á India [aquelles em tempo do viso-rei Mathias de Albuquerque, e estes no viso-reinado de Ayres de Saldanha] assistem no porto de Surrate, onde tem seus presidentes os inglezes, e comendores os hollandezes, e vão fazer escala suas naus, ainda que as dos hollandezes não são tão frequentes, por terem outros portos melhores nas suas cidades do sul. Os inglezes, como não tem porto algum na India capaz de suas naus, e só a fortaleza de Ma-

drastapatão na costa de Coromandel posta ao longo da praia brava e rolo do mar, aproveitam-se do acolhimento que sempre acharam naquelle porto, que vão demandar as naus de Inglaterra: nelle descarregam suas fazendas, e se concertam para voltar na monção com a carga que o presidente lhe mette, de roupas, pimenta, anil, sedas e outras drogas, que para este effeito tem comprado d'antes, ou mandado buscar a outros portos por suas naus, que de Surrate sahem a commercear por toda a parte. Assim o comendor hollandez como o presidente inglez teem as bandeiras de suas nações arvoradas sobre mastros que ficam superiores, não só a quantos telhados, mas ainda a quantas torres tem a cidade.

O governo politico de toda a comarca e cidade de Surrate, está em uma só cabeça, a que chamam nabábo, o qual é sempre algum dos umbráos, que sobem a ser senhores titulares daquelle imperio mogolitano. Este se trata com um grande fausto: nunca sahe fóra de casa sem um luzido acompanhamento dos nobres a cavallo, e dos soldados a pé: na dianteira leva elefantes e camellos armados, com muitos cavallos á dextra. No tempo que por alli passei era nabábo um persiano veneravel e mui dado á caça de onças, gosto que lhe tirou o governo, porque informado seu rei de que elle por caçar andava sempre por fóra, sem acudir a suas obrigações e assistir na cidade como convinha, lhe mandou successor. Todas as vezes que lhe vinha carta de seu rei, sahia para fóra da cidade a espera-la, e tomando-a da mão do mensageiro a punha sobre a cabeça, e logo, sem a abrir, voltava para a ler em seus paços. Tem o grão mogol em Surrate um mouro que tem por officio ser malsim declarado dos nabábos e mais ministros, assim politicos como dos outros; o qual o avisa todas as semanas de seus pro-

cedimentos, e ás vezes de cousas tão miudas, que nos mesmos christãos seriam argueiros, quanto mais nos mouros.

Houve antigamente em Surrate uma residencia de padres da Companhia, que tinham assaz que trabalhar naquella missão e cidade; porque alem de muitos portuguezes e seus escravos, que nella vivem fugidos ou desterrados de nossas terras, ha tanta multidão de christãos do poente e oriente, que, se em Surrate houvera cem religiosos, todos teriam em que se occupar com elles, ou sacramentando os catholicos, ou reduzindo os hereges, e desenganando os scismaticos. Deixou a Companhia aquella missão, porque todas as vezes que os mogoles queriam alguma satisfação dos portuguezes, lançavam mão dos padres, obrigando com isso aos viso-reis a lhes fazerem a vontade, por não perigar a vida e liberdade dos presos: em seu logar entraram e assistem em Surrate dois padres capuchos barbados, de nação francezes, enviados á India pela sagrada congregação de Propaganda Fide, os quaes fazem alli muitos serviços a Deus, e tem sua igrejinha dentro de casa, em que os catholicos ouvem missa aos domingos e dias santos.

De gentios baneanes vi em Surrate um arremedo das nossas religiões; que até estas soube contrafazer o demonio para levar mais almas apoz si. Fallo dos calenderes ou deruís, que vivem em fórma de communidade tão pobremente, que não ha regra de S. Francisco que se lhe iguale. Dormem no chão, sem outra cama mais que a nua terra: seu comer é arroz com manteiga, sem tocarem carne nem peixe toda a vida: vestem um panno açafroado grosseiro, que lhe cobre parte do corpo sómente: os pés descalços, cabeça descoberta, bordão na mão, e sempre de dous em dous, como frades. Guardam castidade, vivem de esmolas, acompanham os defuntos, e

tomam aquelle modo de vida de muitos annos: duas vezes no dia saem ao rio em communidade, cada um com uma panella cheia de agua, a que elles chamam benta: o mais tempo gastam em orar a seu modo e contar suas patranhas a quem os quer ouvir: governam-se por provinciaes e outros superiores locaes.

Mas não são estes os seus religiosos mais apertados, senão os jogues, a que chamaram os antigos gymnosophistas; e eu com mais propriedade lhe chamára martyres do demonio ou demonios vivos. Andam sempre de terra em terra, como siganos: alguns muito rotos e remendados, outros de todo sem vestidos, outros ainda com um pedaço de panno naquellas partes em que a natureza poz maior pejo, e todo o mais corpo assim mesmo. E posto que pareça que estes cobrem alguma parte do seu corpo por vergonha, teem elles no mais mui pouca; porque em todas as cousas naturaes ao homem, onde quer que lhe dá a vontade, obedecem á natureza, sem terem pejo de serem vistos, dizendo com os philosophos cynicos, que a natureza não faz cousa torpe. Andam todos cobertos de cinza desde os pés até a cabeça, olhos e bocca, e de cinza feita de bosta de vacca: esta lhe dá tambem agua, com que de quando em quando se lavam: não tem casa nem cama; dormem ao ar sobre a terra. Não só desprezam todo o mimo e delicias no comer e vestir, mas tambem fazem vida mui penitente, e tal que faz espanto e move a compaixão, porque andam alguns nús com grossas cadeias de ferro ao pescoço e ao redor de si, á maneira de cilicios: outros se enterram vivos junto dos caminhos, deixando só um respiradouro, por onde caiba um canudo, por que se lhe bota na bocca alguma canja, que é a agua do arroz. Outros se fazem estelitas, subindo-se em columnas ou madeiros, donde não descem senão mortos.

Outros nos dias de maiores festas de seus pagodes se penduram de polés por uns ganchos de aço mui agudos, que mettem pelas costas nuas, e estão no ar cantando com alegria versos aos idolos. Alguns destes jogues vi em Surrate, dos quaes um havia dez annos que não abaixava os braços, tendo-os sempre elevados no ar, com os nervos e juntas já tão irtas, que lhe não era possivel abate-los, ainda que quizesse: as mãos tinha fechadas em punho, como quem dá uma figa, e tão crescidas as unhas, que dando volta pelas costas das mãos serviam de cordeis que lhas atavam: o cabello da cabeça lhe cobria parte da cara, e tudo o mais á mostra. Outro vi que tinha só um braço em alto. Outro não se sentava por nenhum acontecimento, quer de noite quer de dia: o maior descanço que tomava era, pondo os braços sobre uma corda lançada de janella a janella, embalançar-se de uma parte para a outra. Outros andavam carregados de buzios e grandes ramaes de bugalhos ao pescoço. Deu-me na curiosidade ir ver como estes jogues dos braços levantados comiam e dormiam, e vi que certos rapazes de sua companhia lhe mettiam o comer na bocca: e chegando-se a noite lhes trouxeram os baneanes muitos sacos de bosta de vacca, com que fizeram fogo, e sentando-se á roda delle passaram a noite.

O credito destes jogues é grande para com os gentios: parece-lhes a estes que são os maiores santos do mundo, que andam fazendo penitencia pelos peccados de todo elle, e tem mão na ira de Deus com aquellas suas mãos levantadas para o ceu. Por mais maldades que lhe vejam fazer, tudo botam a boa parte, havendo que quem lhe fizer mal fica excomungado, e perdido em alma e corpo. Cada um delles traz sua corneta, a qual tange em chegando ao povoado, para que se saiba que está ali o

jogue, e lhe tragam de comer. Se por impossivel o jogue se escandalisar de alguma povoação lhe não acodir com o que ha mister, e rogar pragas sobre ella, em procissão irão logo todos os seus moradores com quanto tiverem em casa pedir ao jogue que lhes perdôe, e revogue sua sentença, que já cuidam se executa nelles. De mais de respeitados, são os jogues muito temidos; porque se ajuntam logo dois e tres mil para tomarem satisfação dos aggravos que se fizeram a particulares, acudindo todos pela honra do habito. Quando assim andam juntos, elegem um a que obedecem, á maneira que os siganos fazem o seu conde, o qual é sempre dos mais nobres por sangue, que lhe não faltam; porque raro é o reino de gentios em que não haja infante jogue: o que lhes serve a muitos para viverem seguros de seus irmãos, e ainda para lhes tomarem os reinos com ajuda dos companheiros. Callando outros exemplos: Badur Chan filho terceiro de Modofar rei de Cambaia, foi primeiro calander que usurpasse o reino a seus irmãos Mahamud e Latifâ Chan. Este grão mogol, que hoje impera mais reinos que nenhum outro monarcha do mundo, de faquir, ou jogue [que os mouros aos seus jogues chamam faquir] subiu ao throno, que franqueou com às mortes de um pai e tres irmãos maiores.

Todos estes jogues são grandíssimos feiticeiros, e se prezam de saberem medicina, ainda que na verdade só são herbolarios. Elles fazem as pedras a que chamamos de cobra, que é o melhor contra-veneno para mordeduras de qualquer bicho peçonhento: milagres obram cada dia na India, onde as cobras são peçonhentissimas e matam em breves horas; mas quem tem uma pedra daquellas escapa: pondo-a sobre a mordedura, péga logo a pedra e não cahe sem primeiro chupar toda a peço-

nha, da qual se limpa a pedra lançando-a em leite. Outras pedras verdes trazem os jogues, que dizem ter o mesmo effeito que as outras, metidas na boca; mas não sei que as acredite a experiencia. Aquellas sciencias, que tanto encareciam nestes jogues os antigos escriptores, chamando-lhes por isso gymnosophistas, que val tanto como philosofos nús, se acham sómente naquelles que aprendendo-as, e professando-as nas universidades da Europa, passam aos reinos de Maduré, e Messur no interior da India, onde vestidos como honestos jogues, para terem maior entrada e opinião com os naturaes, mostram seu saber em os converter á fé de Christo Senhor nosso, feitos gymnosophistas das almas. Muitos destes philosophos conta a Companhia naquelles reinos.

CAPITULO VII.

Como entrei em Surrate, e tive por companheiro de casa um bispo francez, que hia para a China, todo o tempo que me detive naquella cidade. O que passei com elle; e outras cousas dignas de se saberem.

Chegando eu ás portas da cidade, a que chamam de Damão, por ficarem para lá, me sahiram logo ao encontro alguns vigias ou guardas da alfandega, que, como já disse, estão sempre de sentinella naquellas portas; e vendo que levava fato me guiaram até a alfandega, appresentando-me ao juiz della, o qual me fez muita graça, só porque lhe dei um rolo de cera branca de Goa,

que elle pedíra para vêr, a tempo que se fazia vistoria de quanto eu levava. Estimam estes mouros muito a cera branca, por a não saberem curar, nem fazer. Desembaraçado da alfandega, fui-me ser hospede dos padres capuchos barbados; os quaes, pelas continuas passagens de religiosos da Companhia por Surrate, nas idas e vindas do collegio de Agra, são muito conhecidos e amigos nossos. Receberam-me com todo o amor, depois que pelas cartas que eu lhes levava souberam que eu não era mouro, como parecia, mas religioso da Companhia que passava á Persia, para onde me disseram logo que tinham partido as náus da primeira monção, que é em Dezembro, e Janeiro: nova que muito me desgostou, e fez deter em Surrate mais do que nunca imaginára, com algum risco de minha pessoa, que eu procurava evitar, não me dando a conhecer a ninguem, e fugindo de me encontrar com quem pudesse reparar em mim, até que acabasse de carregar uma náu mourisca, que tomava carga para a Persia.

A poucos dias de minha estada chegou aquelle porto uma náu vinda de Ormuz, e nella Monsieur Francisco Pallú bispo Heliopolitano, com sete companheiros francezes como elle; o qual era o terceiro dos bispos, que estes annos proximos passados mandou por terra á India a Congregação de Propaganda, para passarem á China, Tunkim e Tartaria oriental, por julgarem serem lá necessarios. Delles foi o primeiro no caminho Monsieur Pedro Lambert, que levou comsigo estes dois companheiros, Monsieur de Burgo, e Monsieur de Dier. O segundo Monsieur Ignacio Cottolendi, com tres companheiros sacerdotes, Monsieur Xavrel, Monsieur Higen, e Monsieur Clabs. O outro era o de que fallamos, que chegou a Surrate com sete companheiros, havendo deixado ou-

tros mortos no mar da Arabia. Os nomes dos vivos eram os seguintes: Pedro de Sasseval, João Chereau, Francisco Perigault, Renato Brunel, Francisco Brindeau, Philippe de Chameçon, e Luiz Lanau. O primeiro bispo com titulo de Barut hia destinado de Roma para a Cochinchina: o segundo era bispo de Metiolopolis, e era mandado a algumas provincias da China e Tartaria: ao Heliopolitano couberam nesta repartição de Provincias os reinos de Pegú e de Tunkim.

Tanto que este bispo desembarcou, foi-se para casa dos padres capuchos seus naturaes, onde eu estava agasalhado, e dando-nos conta a todos de sua larga e trabalhosa viagem, passou a contar-nos o fervor e zelo da salvação das almas, que o trazia a elle e seus companheiros de França á India, e o desejo com que vinham de chegar ás missões e provincias de sua demarcação, para pôrem em execução seus santos intentos, e colherem o frueto que lhes prometia seu espirito. Logo nos pediu novas de todos os bispos seus companheiros, que o anno d'antes tinham passado por Surrate, e tambem do estado das cousas da China: dei-lhas eu com um breve discurso que fiz sobre sua vinda, e dos mais bispos seus companheiros; o qual me pareceu escrever aqui, para dar inteira noticia aos curiosos, assim do successo que teve a viagem destes prelados, como do que se póde esperar de suas missões e trabalhos.

As novas, senhor [dizia eu] que temos dos senhores bispos, que o anno passado partiram desta cidade para Mussulapatão em demanda da China, são estas que direi a V. S.: Monsieur de Barut se embarcou para Tenacerim ha já anno, e até agora não sabemos se chegou.

Monsieur de Meteolopolis é morto em Mussulapatão de uma doença, que lhe causou o caminho de terra, e o sol da India. Na China tambem morreu o rei tartaro de idade de vinte e cinco annos: foi sua morte em Agosto de 1662; deixou um filho pequeno, e por tutores seus e governadores do imperio, a quatro tartaros dos principaes senhores, os quaes, logo que tomaram posse do governo, mandaram renovar e restituir a seu vigor todas as leis civicas, ordenando que se cumprissem e guardassem, assim e da maneira que se guardavam em tempo dos reis naturaes, sob as mesmas penas. E como uma daquellas leis vedava com pena de morte a entrada da China a toda a sorte de estrangeiros, é notavel a vigia que agora tem para que não entrem em seus portos estrangeiros, prendendo e matando a quantos se atrevem a ir contra estas suas leis e pragmaticas; como se deixa bem ver do que succedeu a dous padres da Companhia, Adriano Grelon francez, e Francisco Valles italiano, os quaes, como neste meio tempo da renovação das leis, sem saberem della, fossem de Macáo a Cantão, estiveram muito arriscados a serem os primeiros em quem se executasse a pena da lei, e já demais de presos, estavam sentenciados á morte, quando por alli passaram dous padres alemães que hiam á corte de Pekim, chamados pelo rei: estes, sabendo a desgraça de seus irmãos, se foram ter com o mandarim da terra, e lhe disseram que os dous religiosos, que tinha presos, eram de sua companhia, e elles os tinham mandado diante com algum do seu fato, e parte do presente que levavam para o rei. Creu o mandarim que assim seria e largou os presos. Estas as novas mais frescas da China. De Tunkim e Cochinchina temos por noticia que foram lançados fóra os padres missionarios, ficando somente escondidos alguns.

Estas as novas que Vossa Senhoria pergunta : este o estado das christandades, a que são mandados tres Bispos com tanta segurança de que serão recebidos com palleo, e cruz alçada, como se os christãos fossem hespanhoes, e os reis catholicos, ou christianissimos. Quem fez a VV. SS. aballar de França, e vir á India, ou teve pouca compaixão de seus trabalhos, ou duvidou de VV. SS. haverem de chegar a provincias tão remotas, donde podessem convencer suas mentiras ; ou finalmente para fazer crer o muito que de si contava, assegurou o successo, que VV. SS. e a sacra Congregação de Propaganda esperam desta sua empreza. Disseram a VV. SS. que os christãos da China, e Tunkim suspiravam por bispos: e que os reis eram amigos : faceis as entradas em seus reinos : fructo copioso. Nestas noticias, que VV. SS. tiveram por maximas, se fundou esta empreza, que VV. SS. tomaram a sua conta, buscando dinheiro e fazendo gente em França para passarem á India por via de Portugal primeiro; mas não vindo nisso a rainha Nossa Senhora como V. S. conta, procuraram por via de Hollanda: intentos que mallogrou uma tormenta, a qual deu com a nau de VV. SS. á costa : resolveram-se então a vir por terra com os gastos que V. S. chora, e com o successo que nós vemos da perda de tantos e tão bons companheiros. Fazia-lhes crer a VV. SS. a pessoa que os moveu, a causa de sua vinda, a recommendação por carta do Summo Pontifice para os reis da China, Tunkim, e Tartaria, que toda a difficuldade estava em chegar lá com vida : que de haverem de ser recebidos em seus reinos não havia duvida, como nem em quanto se lhes tinha dito, assim em Roma, como em França. Esta confiança os fazia trazerem já nomeados Vigarios geraes, e mais ministros de suas igrejas, e virem ameaçan-

do pelo caminho os missionarios que se lhe não sugeitassem. Meu senhor, as especulações nem sempre se reduzem a pratica, e o desejo muitas vezes engana. Não duvido que Deus haja de pagar a VV. SS. estas viagens e trabalhos, a que se sacrificaram por sua causa ; porém em que moeda haja de ser esta paga, ahi está a minha dúvida. S. Francisco Xavier grandissimos desejos teve de entrar na China, por salvar aquellas almas, e lançar a primeira pedra da igreja nova, que hoje vemos nella ; porém sabemos que lhe pagou Deus estes bons desejos com uma boa morte em Sanchão. Na mesma fórma galardoou Deus os bons intentos do senhor bispo meteolopolitano, levando-o para si em Mussulapatão. E quem sabe se a monsieur de Barut tem Deus dado o mesmo pago, pois não sabemos delle? Poderoso é Deus, nada lhe é impossivel: porém vai muito do possivel ao futuro. Se havemos de crer que Deus hade fazer quanto póde, hoje creio se acaba a casa ottomana e que ámanhaã todo o mundo está baptizado; nesta mesma hora chega V. S. á China, e a converte toda.

As cartas de S. Santidade para aquelles reis serão de prestimo a VV. SS. se em logar do sello de cêra levarem outro de pedraria : e só lhes servirão de algum pretexto para elles lhes darem audiencia ; que quanto haverem de favorecer a VV. SS. por respeito do Papa, é cousa de riso. E se VV. SS. disserem diante do rei da China que o Summo Pontifice é sobre todos os reis, logo os mandará matar. A valia naquellas partes, só a tem o valor das armas e das peitas. Os christãos, como são pela maior parte pobres, e não principes, nem poderão ajudar a VV. SS. com dinheiro, nem ainda recebellos com demonstrações de sua christandade publicamente, por não incorrerem em odio de seus naturaes, e se-

nhores. Dado porém que fizessem neste particular todo o excesso, seria em grande prejuizo de VV. SS. porque ficariam conhecidos por pessoas de maior conta entre os christãos. E que mais queriam os reis gentios que isto, para não deixarem a VV. SS. com o minimo bazaruco? Em tanto que VV. SS. lhes enchessem as mãos, os consentiriam em suas terras, como principes que não tem outro fim nas licenças, que dão para se prégar a Fé de Christo em seus senhorios, que o proveito que esperam dos missionarios. E VV. SS. se bem sahiram de França endinheirados, tem feito grandissimos gastos com suas pessoas e fato, e ainda os hãode fazer maiores no restos do caminho. Dizer V. S. que deixaram renda effectiva em França para lhe vir cada anno, é cousa que não leva caminho. E senão, diga-me V. S. quem lhe hade trazer este dinheiro com segurança de França á India? Quem lho hade levar logo da India á China, ou outras provincias, onde VV. SS. estiverem? Assim como temo a falta de gastos, temo a de companheiros: já são mortos alguns, hãode morrer outros antes que cheguem ao termo deste caminho: os que V. S. traz são velhos, e doentes: V. S. mesmo não está são; pois donde lhe hade vir outro provimento de sugeitos, mortos estes? Atégora ainda caminhavam por terras em que achavam pão, vinho e fructas de Europa: avante daqui, nada disto se acha; e mal me persuadirei eu, que gente mimosa haja de aturar caminhos tão trabalhosos, por terras e climas diversissimos dos seus, sem morte de muitos. Sobre tudo, atéqui acháram VV. SS. sempre gente que os entendesse, ou na lingua Franceza, ou na Latina, ou na Italiana; mas em passando de Surrate, em aportando a Tenacerim, em que lingoa se hão VV. SS. de explicar? Na Portugueza, que é mais universal, não; porque a não sabem,

nem aprendem. A Latina, e Franceza totalmente se ignora pelos naturaes. A da terra, nem VV. SS. a fallam, nem é sempre a mesma, senão tão diversa como as nações porque VV. SS. hãode passar. Pois em que lingua prégarão a suas ovelhas? Em que idioma se farão entender dos Chinas, e Tunkins? Dirão que como lá forem aprenderão a lingua daquellas partes. Está bem; mas quem lha hade ensinar? Os naturaes não, por falta de outra commum, em que se expliquem. Pois quem? os Padres da Companhia que VV. SS. encontrarem? tem lá tanto em que se occupar, que não sei se poderão; e mais não havendo VV. SS. de ir a Macao, como dizem. Eu lhes não sinto outro remedio mais que appellar para Deus, que tem dado a muitos santos dom de linguas.

Passemos ávante. Que necessidade tem aquellas christandades de bispos? Dado que VV. SS. entrem na China [a que me não persuado] de que proveito será sua estada nella? Primeiramente, os dois Sacramentos que os bispos sómente podem dar, a saber, Ordem, e Confirmação, mal se podem dar na China sem gravissimos inconvenientes e perigos: o da Confirmação, por ser pena de morte tocar em mulher alguma de qualquer idade que seja: o da Ordem, porque os Chinas são inconstantissimos em suas cousas, e por conseguinte na Fé, e como taes incapazes deste Sacramento: pois os de mais Sacramentos são administrados pelos padres missionarios. Para dar a Confirmação a homens e meninos, era cousa mais facil a Sua Santidade conceder este poder aos religiosos que lá andam do que mandar a isso tres bispos. Nem seria novidade conceder o Summo Pontifice esta graça a outros que não fossem bispos: por quanto Innocencio VI a concedeu já aos padres prégadores: João

XXII e Leão decimo aos menores; Gregorio XIII e outros Pontifices aos padres da Companhia no Japão e como escreve Fr. Thomás de Jesus no livro que intitulou, Estimulo das Missões part. 5. O certo é, senhor, que VV. SS. hãode cahir no erro mais tarde do que convinha para voltarem a França, e que similhantes emprezas requerem mais verdadeiras noticias e muita consideração para se tomarem. Não hade bastar a auctoridade fallivel de um homem que falla ao longe, para abalar de França tres bispos de tanto porte, e tantos sacerdotes de bem, e faze-los caminhar milhares de leguas em busca, não do que é, mas do que se conta. Se é verdade o que se diz, e eu creio, que VV. SS. faziam grandes serviços a Deus estando nas suas terras: quiz o diabo com apparencias de maior bem impedir aquelles serviços a Deus certos, tomando por instrumentos a quem persuadiu a VV. SS. que viessem buscar os duvidosos.

Pasmado ficou o bispo com o meu arrazoado, que logo confirmaram muitas cartas vindas da China e Macassá aos padres capuchos, em cuja casa estavamos todos; as quaes resavam em mui diversa fórma do que o bispo nunca imaginára: e não tendo que responder, disse sómente que já não era tempo de tornar atrás; que Deus lhe acceitaria seus intentos, e que elle se contentava com morrer ao pé de uma arvore; affirmando, que invejava a morte do bispo metrolopolitano seu companheiro. Dalli a poucos dias adoeceu, e com elle alguns dos seus, com grande sentimento seu e meu, por venerar naquelle prelado grandissimas partes, esmaltadas com uma rara virtude, junta com notavel prudencia e amavel brandura de condição.

Poucos dias depois da chegada deste bispo nas náus da Persia, entraram em Surrate duas vindas de Meca, carregadas de muitas moedas de ouro e patacaria, que são as drogas mais communs que de Meca se trazem para a India, em retorno das fazendas que della lhe vão. Por estas náus escreveu o mofti [cabeça, e como summo pontifice dos mahometanos] aos cacizes de todas as mesquitas principaes do Oriente, que na primeira sexta feira depois de receberem sua carta, chamassem o povo todo ás mesquitas, e solemnemente dessem a Deus as graças pelas insignes victorias que tinham alcançado os principes e senhores mahometanos contra seus inimigos, christãos, gentios, e mouros. Na mesma occasião escreveu ao nabábo de Surrate grandes queixas de uma náu desconhecida, que na monção do anno de 1661 tinha impedido a romagem da casa de Meca, com não deixar entrar naquelle porto embarcação alguma que viesse de fóra, encommendando-lhe muito fizesse por saber de que nação era. Ao grão mogol escreveu tambem, dando-lhe os parabens das victorias que houvera contra seus irmãos mais velhos Sasujâ, e Zanguir, e estranhando-lhe ter posto na moeda, que de novo batêra, o nome de Deus, que dizia não convir que andasse pelas mãos de todos. Tomou o Mogol tanto a bem este conselho que logo mandou recolher toda aquella moeda, em que andava o nome de Deus escripto e fazer outra em seu logar. Tão obediente é aquelle rei infiel ao seu falso pontifice de Meca, como este respeitado de todos os principes de sua seita.

CAPITULO VIII.

Que rei seja o grão mogol senhor de Surrate: origem e costumes de sua gente: com uma breve noticia de seu vasto imperio e muitas riquezas.

Tenho nesta relação fallado tantas vezes em mogoles, e é seu rei tão poderoso e conhecido no mundo por fama, que não satisfaria ás leis de escriptor, nem aos desejos dos curiosos, se passasse de Surrate sem dar alguma noticia dos mogoles e seu imperio, não obstante terem já alguns chronistas da India escripto delles, como João de Barros na Decad. 4. l. 6. c. 1., e Diogo do Couto l. 10. c. 1, e 2., assim porque muitas vezes se não tem estes livros, como porque toda a remissão é enfadonha. E começando pelo nome que lhe damos de mogoles, elles se não presam, antes injuriam, de lho chamarem, principalmente os nobres, que se nomeam Chacatais, de uma linhagem e familia mui illustre dos tartaros assim chamada, de que elles se gloríam muito. A região que estes chacatais habitam é a de Chacatá, a que visinha com a provincia turquestan, mãi natural de que procederam os verdadeiros turcos. A esta provincia Chacatá deu nome Chacatai, filho de Gengis-Kan, senhor das provincias sogdiana, bactriana, aracosia, aria, parthia, persia e armenia. Se havemos de estar pelas chronicas persianas, descendem os mogoles de Magog, neto de Noé, patriarcha das gentes, filho de Japhet. E assim dizem que Magog foi um rei poderoso naquellas partes da Tartaria, de que procederam muitas e diversas familias e linhagens. Em vida deste Magog, e depois por todo

o tempo que reinou seu filho Tarahan, as gentes que estavam debaixo de seu imperio, guardavam a religião, costumes e adoração de um só Deus, segundo tinham recebido de Noé seu primogenitor: mas fallecidos estes dois reis succederam outros, que, seguindo suas proprias inclinações, deram occasião a que os povos se dessem a varias seitas e opiniões contrarias aos preceitos de seus antigos e maiores. Daqui se causou derramarem-se por diversas partes, e habitarem novas provincias, como gente vagamunda. A em que mais se conservou a geração dos mogoles foi na que agora se chama Mogalia ou Mogostão do nome delles. Diogo do Couto, seguindo as historias tartaras, vai por outro caminho, deduzindo a descendencia dos mogoles de um Turc, neto de Noé, filho assim mesmo, como Magog, de Japhet; e escreve, que quando no anno centessimo da nossa Redempção baixaram do norte os mogoles com outras gentes, ficaram elles povoando o reino de Mandou, e que naquella cidade se veem ainda hoje tres sepulturas de reis mogoles, como consta dos letreiros que nellas se leem: e é presumpção bem fundada que foram estes povos em outro tempo senhores de toda a India, onde no marítimo della fundaram as duas cidades de Mangalor, uma na costa de Diu, e outra na do Canará; e nesta ha sepulturas de muita antiguidade, por cujos epitaphios se conhece que jazem nellas reis mogoles. Mas tornando a nosso proposito.

Saíram os mogoles da sua Mogalia por não caberem em tão pouca terra, e foram conquistando as provincias a ella visinhas; e tomando brios com algumas victorias que houveram dos que lhes resistiam, lembrados tambem de que outras gentes do norte, como elles eram, se tinham feito famosas por armas, e senhoreado de ricas provincias, quizeram provar a ventura, e, se podessem,

occupar os vastos reinos da India. Com estes intentos chegaram victoriosos até os confins dos patanes, gente bellicosa, e que, como os mogoles, reinava sobre a conquista da India. Estes patanes foram por muitos annos as columnas de Hercules para os mogoles: porem como a fortuna, quando quer favorecer a seus mimosos, lhes busca todos os caminhos, e depara as occasiões, não faltou uma muito boa aos mogoles para, vencidos os patanes, entrarem e serem senhores da India. Foi o caso, que sultão Abrahemo, rei dos patanes, chamado por Babul, rei do Delhi, para o ajudar contra outro seu visinho, passou áquelle reino com poderoso exercito, e em logar de soccorrer a Babul lhe tomou seus estados. E para melhor se segurar nelles mandou vir de seu reino a mais gente que ser pôde, deixando-o sem a que era necessaria para sua defensa. Os mogoles, que estavam álerta, não quizeram mais; e entrando pelas terras dos patanes com um numeroso exercito, se apoderaram brevemente da maior parte dellas, e usando de suas victorias passaram ao Delhi contra sultão Abrahemo, ao qual despojáram do reino e da vida, vencido em uma sanguinolenta batalha. Havido por esta maneira o reino do Delhi, que é um dos maiores e melhores da India, não quizeram os mogoles restitui-lo a quem pertencia, que era Laudim, tio de sultão Abrahemo, antes o escolheram para viverem de assento nelle, e o fazerem coração de seus estados adquiridos e por adquirir. Mas porque até os barbaros procuram que se tenham por justas suas armas e conquistas, esta do Delhi justificava Babor Patxiah, rei dos mogoles, com dizer que a elle vinha por direito aquelle reino, como filho que era de Atumeir, e neto de um filho de Pir Mahamed Janguir, a quem casára seu pai com uma filha do rei do Delhi, com a qual se lhe pro-

mettera aquelle reino em dote. Fosse o que fosse; o certo é que o reino ficou dos mogoles, e que de então para cá se conservam na posse delle, acrescentando cada dia novos estados e senhorios a sua corôa, sendo de terror a todos os reis da India.

Sessenta e cinco reinos se contam hoje no imperio mogolitano, o qual confina pela parte septentrional com persas e tartaros; com os persas mais para as fraldas do mar, e com os tartaros mais para o norte. Pelo meio-dia com o oceano indico e o reino de Melique, que é já quasi todo seu, e o do hidalcão que cedo o virá a ser. Pela austral com os reinos de Arracão e Pegú; e pela de leste com uns reinos de gentios, chamados *sanalaca probata*, que quer dizer cento e vinte mil serras: os gentios são os Utiadis, alvos, grandes e bem proporcionados, gente mui simples e de tanta verdade que não dirão uma mentira, antes que nisso lhe vá toda sua fazenda. E' este imperio tão amplo e dilatado, que apenas o poderá rodear uma cáfila em dois annos. Desde a costa de Cambaya para o norte occupa de largo quatrocentas leguas; e do oriente para o occidente, que é desde Bengala até o Sinde, seiscentas.

A cidade de Fettiporé foi em outro tempo a côrte dos reis mogoles; agora o é a cidade de Agra, que está em vinte e oito graus e quarenta e cinco escrupulos da linha para a parte septentrional. Antes do rei Achabary se diz que não era mais que uma aldea, e agora é uma populosissima côrte. Sua fórma é de meia lua nas ribeiras do rio Gemini, que por outro nome se chama Semana. São muitos e formosissimos os paços que aqui teem todos os grandes e senhores do imperio mogol, com uma fortaleza e castello, onde o principe tem seus palacios, a maior cousa de todo o Oriente; porque além de suas

perfeições, curiosidades e grandezas, occupa quasi quatro milhas, cercadas por todas as partes de muro de cantaria, e da banda de dentro com dous altissimos fossos. A propria cidade não tem muro, mas uma profunda cava, que a cérca em roda. O rei Achabary se diz que foi o primeiro que a veio habitar no anno de 1566, concorrendo logo toda a nobreza do imperio, com que em breve fez o que hoje é. Occupa mais de comprido que de largo, porque buscando todos a commodidade do rio foram levantando suas casas á borda delle. Os visinhos de Agra passam de cento e cincoenta mil de toda a sorte e casta de gente que alli vive e concorre do mundo todo; uns por naturaes, por obrigação outros, muitos por o trato ser grandissimo, e os europeus por rasão das grandes pagas e soldos que o mogol dá aos estrangeiros que o vão servir. Ouvi porem dizer a alguns destes que no mogol eram os gastos maiores que os soldos, com estes serem grandes; porque nenhum homem branco hade estar sem um ou dois cavallos, dois camellos e quatro moços, sob pena de ser tido e havido dos mogoles por um ninguem; e as pagas não dão para tanto, não fallando ainda nas despezas de comer e vestir. Os que mais aproveitados saem do serviço do mogol são os estrangeiros que tem licença para fazerem e venderem vinho; porque, custando-lhe muito pouco, o vendem por preço tão subido aos mouros que em pouco tempo ficam ricos.

Ha em Agra collegio de padres da Companhia, fundado por um armenio, chamado Mirizá, homem rico e acceito ao mogol: nelle residem ordinariamente quatro e cinco da Companhia. O edificio é muito perfeito, e a igreja magestosa, senão que lhe falta já a graça que lha davam duas altas torres de sinos, as quaes mandou derrubar Sajan, grão mogol, induzido por um molá [quer

dizer o mesmo que cacis] o qual não podia sofrer que as torres da nossa igreja fossem mais altas que os alcorões de suas mesquitas, e que soassem os sinos dos christãos por toda uma côrte, que o era de tão grande principe mahometano. Occupam-se aqui os padres em conservar na fé os catholicos, assim portuguezes dos captivos em Golim de Bengala, como dos que para lá fogem cada dia; em reduzirem a muitos hereges e scismaticos, e baptizarem alguns gentios que se convertem, e os filhos e escravos dos catholicos; que mouros nem se convertem, nem se podem alli baptisar, sem evidente perigo das vidas de quantos padres vivem naquelle collegio; mas com elle se tem já baptisado alguns: outros remettem ás terras dos portuguezes, depois de bem instruidos nas cousas de nossa santa fé.

O poder do Mogol é igual á vastidão de seus estados e senhorios. Facilmente o alcançará quem, lendo as chronicas da India, reparar na muita gente que punham em campo tres principaes reis della, que eram o de Cambaya, o de Chitor, o de Mandou: cada um dos quaes ajuntava nas occasiões cem mil homens de cavallo e innumeraveis de pé. Estes tres reinos são ao presente do Mogol, e demais delles tantos outros como já disse, nada inferiores a estes; pois só o reino de Bengala tem cento e vinte leguas de comprido ao longo da costa maritima, e pouco menos de largo pela terra dentro. Não ha oito annos que no imperio do mogol se viram tres exercitos de tres irmãos que contendiam sobre o imperio, cada um dos quaes exercitos constava de cento e cincoenta mil e ainda mais cavallos, sem que nas fraldas do mar se fizessem levas de gente, nem se sentisse falta de cavallaria: a gente de pé não se conta. Dizem os que o viram, que a cada homem de cavallo acompanham seis

e sete de pé, que brigam com arcos e flechas, espadas, lanças e espingardas; com estas porem não tomam ponto, senão que tiram a monte, sem as levarem ao rosto. Na côrte de Agra tem o mogol sempre effectivos dez mil elefantes, vinte mil camellos, cento e dezeseis mil cavallos em suas estrebarias, quatorze mil creados e escravos, vinte mil de cavallo, que toda a noite vigiam sobre seus paços, quinze mil correios, por quem sabe mui em breve o que passa em suas terras. Vinte umbráos ha no mogol, que tem a doze mil cavallos cada um.

A riqueza deste monarcha é immensa; porque, deixando os thesouros que tomou aos reis da India quando conquistou seus reinos, os quaes consumiram e esperdiçaram estes annos os tres irmãos de que já fallei, deixando só aquillo que não poderam levar comsigo quando sahiram de Agra; as rendas de seus estados, os direitos de suas alfandegas, os estanques e tributos são tantos que só o rei da China se lhe póde comparar na riqueza; ao que se acrescenta ser o mogol herdeiro forçado de todos aquelles vassallos que tiveram algum posto ou officio em seu serviço, por todos os reinos de seu imperio. As terras são fertilissimas e abundantes de tudo quanto se póde desejar. Não lhes faltam minas de ouro e de ferro, muito salitre, muita seda, pimenta longa, laçar de formiga, azougue, metal; e de pedras preciosas, cristaes, alabastros, porfidos, jaspes, agathas, diamantes e olhos de gato. De drogas medicinaes todas as que da India se trazem para as boticas de Europa, miramulanos, assafetida, spicanardi, opio e outras. Mas sobre tudo que não tivessem as terras do mogol mais que as suas tres hervas que dão, o anfião, o anil e o algodão, bastára para as darmos por ricas; porque, como são novidades que a terra sempre está produzindo, vem a ser melhores que

minas de ouro e prata. O algodão se lavra e obra nas provincias do mogol em tanta qantidade, que dellas se provêm de roupa quantas nações ha no Oriente, começando da Turquia e acabando na China. E ainda para as demais partes do mundo se trazem as finas baetilhas, rengos, bofetás, enrolados, cachas, beirames, guingões, canequís e muitas outras sortes de pannos.

A seita dos mogoles é mahometana, na qual se confórmam mais com os turcos e arabios que com os persas e colocondás seus visinhos. A lingua que se falla na côrte é a parsia, e nella escrevem os reis e nobres mogoles. A de mais gente falla na lingua materna, que é indostane. Geralmente são homens bem dispostos, alvos e de olhos algum tanto pequenos como os chinas; tratam-se todos muito bem, vestindo-se os nobres de sedas, brocadilhos e laãs finas; o povo, de algodão, e no inverno de acolchoados e de feltros contra a chuva. A maneira de seus vestidos é como a dos persas; cabayas compridas e abertas por diante, de pouca fralda, cingidos por cima com uma meia touca, cujas pontas são mui bem lavradas, e lhe cahem para diante. As barbas trazem compridas, as cabeças rapadas e nellas não barretes de altos de feltro como os turcos, senão ricas toucas de algodão e ouro, enlaçadas sobre a cabeça com muitas voltas. Os nobres se tratam com muita policia: servem-se de baixelas de prata, alumiam-se com vellas de cera, mas amarella, por não saberem cura-la. Quando caminham, levam o fato que tem em arcas encouradas, malas e almofrexes cobertos com reposteiros ou alcatifas sobre camellos, e levam tambem mui boas tendas para se agasalharem no campo. Fóra da guerra, em suas terras são gente pacifica e branda, que agasalha bem os estrangeiros, e verdadeira em seus negocios.

As armas de que usam, assim offensivas como defensivas, costumam trazer mui ricas, principalmente os nobres, os quaes usam de pelotes forrados de laminas douradas que lhe dão por baixo do joelho um palmo, com cravações douradas e muito bem guarnecidas: nas cabeças trazem capacetes guarnecidos de ouro com suas plumagens. As offensivas são lanças, terçados, maças de ferro, machadinhas, que levam penduradas nos arções das sellas, arcos e flechas, que é a sua natural arma para peleijar. Toda a sua guerra fazem a cavallo; porque o estilo e curso delles não se sofre ajudarem-se de gente de pé, em rasão de que andam tanto que, anoitecendo aqui, ao outro dia amanhecem dahi a dez e doze leguas. Os cavallos são pela maior parte daquelles a que chamam turquís: correm pouco, mas andam muito; e pelejam com elles acubertados. Tem tambem muitos mil cavallos arabios, que ou mandam vir, ou lhes trazem a vender em seus portos cada anno: assim mesmo os hão por compra do reino de Caxem, e uns e outros são fortissimos e muito ligeiros na carreira. Da Persia não consente o seu rei que lhe venham, por ter muitas vezes guerra com os mogoles, querendo cada um destes dois reis ser á porfia senhor do reino de Candahar, que media entre as terras de ambos. A maior guerra que fazem é com suas hostilidades, talando os fructos e novidades dos campos, roubando povoações; e com aquelle furor do primeiro impeto tudo acommettem; no que são tão prestes que não dão logar a nenhum apercebimento. Fazem mais conta de serem senhores do campo que das povoações, e esta sómente é a sua maneira de cerco; porque sabem que quem se fizer senhor do campo senhoreará o mais. E' bem verdade que já os vimos na India porem-se sobre a cidade de Damão, e combaterem-na com

artilheria; mas são tão pouco dostros nella, que só para fazerem estrondo e pôrem medo aos cercados, a trazem. Os condestaveis e bombardeiros de suas fortalezas são quasi todos estrangeiros; e basta ser portuguez, hollandez, ou outro qualquer homem branco destas partes, para assentar praça de bombardeiro, ainda que nunca pozesse fogo a uma peça; donde vem arrebentarem-lh'as a cada passo. Dada assim esta noticia dos mogoles, tornemos a continuar meu caminho e itinerario.

CAPITULO IX.

Embarco-me para a Persia em uma nau de mouros. Successo da viagem até avistar a Arabia Felix.

Era já findo o mez de Janeiro de 1663, e a nau porque eu esperava, não acabava de partir, por dividas que cada hora sahiam ao necodá [val o mesmo que capitão] das quaes se queriam pagar os acredores, antes de elle se ir da terra. No dia que se quiz embarcar, vi eu que lhe sahiram certos baneanes ao encontro, e notificando-o da parte d'elrei que se não bulisse d'onde estava, sem primeiro lhes pagar o que devia, obrigaram ao pobre a despejar a bolça antes de dar outro passo avante. E' este o mais galante modo de arrecadar dividas que eu jámais vi. Vai-se o acredor ter com o devedor, e requere-lhe da parte do grão mogol que se não bula donde o requerimento o toma, sem lhe dar satisfação da sua divida; fica com isto o devedor como atado de pés e mãos, e sem outro remedio mais que compôr-se com o reque-

rente; porque, se der uma só passada não sendo paga a divida, nem consentimento do acredor, pelo mesmo caso lhe confiscarão toda a fazenda. Desembaraçado o necodá destes empecilhos, me mandou avisar, que me metesse na falua, e fosse com a maré para a náu, que estava já fora da barra. Despedi-me então do bispo, que ficava ainda em Surrate esperando a convalescencia dos companheiros, para continuar sua derrota, e tambem dos religiosos capuchos, em cuja casa pousára todo o tempo que naquella cidade me detive; mas como elles me quizessem acompanhar até me eu embarcar na falua, fomos todos ao cáes, e alli nos demos os ultimos abraços. Os companheiros que tomei para o mar, era um clerigo francez monsieur Blasi expulso dos padres theatinos de Goa, o qual se me agregou em Surrate, com dispendio, mas tambem com gosto meu, por trazer comigo um confessor. O segundo companheiro era Mamudxá, o persiano que comigo viera de Baçaim, onde deixava um irmão, como por segurança de minha pessoa; e com elle dous mouros para nos servirem na viagem.

Navegando pelo rio Taptim abaixo, chegámos brevissimamente á nau sem mais vélas, nem remos, que a corrente das aguas naquella enseada, que é a mesma de Cambaya, precipitadissima. A nau fora feita em Cochim, e vendida depois a um mercador de Surrate. Jogava quatorze peças, mas só duas tinha abocadas nas bombardeiras da poppa, por estar atulhada da fazenda toda a coberta da artilharia, e a nau carregada até meio mastro: o que não foi bastante para o necodá, interessado nos fretes, deixar de tomar ainda tres barcadas de fardos, que com elle tinham vindo a bordo, contra parecer e protestos, assim dos officiaes, como dos mercadores interessados e passageiros. Tres dias gastaram os marinhei-

pos na arrumação da carga; porém como esta era conhecidamente sobre a com que a nau podia, por mais que trabalhávam, sempre ficava avolumada. Deliberou-se então o necodá em deixar alguma fazenda em terra, e carregando a sua propria falúa della, a despediu para Surrate com ordem que não voltasse.

Cinco eram de fevereiro, quando levámos ancora, e démos á véla com um ventinho norte, que nos era em poppa. Eis que em se largando a véla grande, começa a nau a inclinar-se toda para uma banda, bebendo soffregamente a agua, que nos sossobrava pelo bordo que metia no mar. Houve neste passo grande clamor na nau, levantado por muitos mouros e gentios, que nella iam; mas entre tanta confusão de vózes, estas sós palavras percebi: Alá Kerinb: Codá Kerinb: Deus grande, Deus grande, valei-nos. Foi elle servido que tomada depressa a véla grande, e ferradas as mais, ficasse a nau mais direita, e sem fazer tanta agua. Foram os passageiros tomando côr nos rostos, mas pondo-se em requerimentos com o necodá que os lançasse em terra. Aquietou o necodá a alguns com lhes prometter que aliviaria a nau de alguma carga; outros porém só se deram por seguros depois que puzeram o pé em terra; o que não alcançaram senão dahi a dois dias, por não termos a bordo nem falúa, nem barca alguma. Capeavamos a quantas passavam por junto de nós, mas nenhuma queria chegar, até que compadecido de nossa fadiga o mestre de uma das naus delrei, que ao mar estavam tomando carga para Meca, mandou saber pelo seu batel o de que necessitavamos; sabido, nos proveu de barcas, nas quaes se descarregaram vinte fardos de roupas e algodão, fóra o fato, e matalotagens dos mercadores que se iam para terra. Isto feito, desferimos segunda vez as vélas, e se pos

a nau a caminho pára Damão; como a nau se mediu com aquella fortaleza, pondo-lhe a poppa, engolfámos para Diu da outra parte da enseada Cambaya. Avistada a ponta de Diu, nos emmarámos oito, ou dez legoas de terra, por aquella costa ser pouco limpa, e navegando com bom vento norte para a boca do estreito por espaço de dezeseis dias, estes passados, ficamos em calmaria.

Não se persuadiram os mouros, que aquella cessão de ventos era acaso em tal tempo, mas que era castigo de Deus, e de seu falso propheta, por estar na nau alguma pessoa pollúta. Levado o necodá desta sua imaginação, mandou que todos lavassem o corpo no mar, que estava leite, quer fossem mouros, quer gentios, quer christãos, grandes e pequenos, homens e mulheres, sendo elle o primeiro, que saltando ao mar, convidava aos mais com seu exemplo; o qual seguiram logo todos por força, ou por vontade. Recolhido já o necodá á nau, apertou comigo e com o francez meu companheiro, que nos purificassemos tambem, e não dessemos escandalo á mais gente, para que Deus nos desse vento; e por mais desculpas e escusas que davamos, não havia remedio para nos deixar o superticioso necodá. Quando de repente apparece no mar uma tintureira, que arremeçando-se côm os dentes a um criado do necodá, que ainda andava nadando, faltou pouco que lhe não levasse um braço: posto o moço em salvo, e discorrendo a tintureira de uma parte para a outra, a modo de touro, que passéia o corso, não apertou mais o necodá comnosco, e nos puzemos com os mais a ver o touro de palanque.

Frustrado o primeiro remedio para haver vento, excogitaram outro, que nos houvera de perder a todos: o o remedio foi, pendurarem por poppa um cavallinho feito de páu com uma cauda muito comprida, a som de

frautas e atabalinhos: cousa notavel! o mesmo foi pen-
durarem o cavallinho, que desfechar um vento norte,
para onde tinha a cabeça, tão forte e rijo, que nos le-
vou pelos ares em dia e meio á costa de Arabia Felix
entre Curia e Muria, e o cabo de Rozalgate. Em avis-
tando terra, surgimos com tres anchoras, por não poder-
mos correr com o norte para oeste, em razão da ter-
ra que estava diante; e se quizessemos voltar para ó mar,
dariamos á costa primeiro que dessemos á vela, tão per-
to estavamos de terra. Parecêra ao piloto até aquelle tem-
po que havia de embocar de frecha o estreito; mas, ou
porque o enganou a estimativa, ou porque as aguas cor-
riam muito para o Sul, elle se achou muito áquem do
que imaginava. Durou a tempestade seis dias continuos,
sem nunca afrouxar hora, nem ponto: não se via o ceu
com a poeira, que daquella esteril costa se levantava: e
a mesma terra se não via, com estarmos dois tiros de
canhão distantes della. Não parece senão que ceu e ter-
ra, mar e ar, se tinham cuberto de uma espessa nevoa,
por não verem os feitiços daquelles tristes mouros. O mar
se embravecia cada vez mais; as enxarceas assobiavam;
quebravam-se as amarras; escasseavam as anchoras; e a
nau hia a olhos vistos rodando para a terra a se fazer em
pedaços. Bem se deixava vêr que o diabo dera aquelle
vento, para se vêr mais depressa no inferno com aquel-
les que lho pediram. E posto que elles lho não tivessem
pedido tão forte, nunca o diabo soube tomar as medidas
no que se lhe pede. Mandou o necodá recolher o caval-
linho, mas elle tinha já feito a sua; e mostrou que se
tinha pacto para levantar tormenta, não o tinha para
trazer bonança. Fez-se conselho se seria bom arrazar em
poppa para o mar Roxo, que nos ficava ao sul daquel-
la costa; mas protestou nelle o piloto, que a nau se per-

dia infallivelmente, se tal cousa se intentava, assim porque não podia dobrar uma ponta que fazia a terra para aquella parte, como porque em se levando anchora, ondas e vento bateriam com a nau na praia.

Estavam todos bem desconsolados, e eu sobre todos, por não ter esperança nenhuma de salvar a vida em terra, ainda que escapasse do naufragio, que se temia; por ser toda ella do rei Imamo cruel inimigo dos portuguezes: quando os gentios que hiam na náu, casta bracmenes bangáçalis, vem ter comigo, dizendo, que tivesse esperança de sahir daquelle perigo, que não desmaiasse, porque elles com uma ceremonia, que fariam ao seu Rama, alcançariam logo a bonança desejada. E dito isto, tirou um delles da sua canastra por um idolo de metal, figura de Rama, uma campainha e duas soalhas do mesmo metal, e foi-se com tudo isto á prôa do navio, d'onde se lhe ajuntaram todos os outros gentios vestidos de roupa lavada, e depois de cantarem, tangerem e bailarem ante o idolo, se empolvarisaram de certo pó vermelho e cheiroso, chamado sendùr: logo sahiram em procissão á roda da nau entoando cantigas ao compasso das soalhas, e repartindo por todos os circumstantes unguentos aromaticos, biscoutos, doces, cocos e assucar: acabada a procissão, lançaram um coco ao mar contra o vento, e continuaram até a noite com seus cantos e bailes. Porem destas suas rogações e procissão eu não vi que tirassem outro fructo mais que passarem alegremente o dia; porque a tormenta não amainou, e os mouros se começaram a rir dos gentios; que jámais idolo encontrou as obras do demonio, nem este levantou tormenta que desfizesse idolo.

Estes negros gentios foram os que nesta viagem me deram mais pena que todos os incommodos della: por

que como estivessem arranchados junto ao logar em que eu dormia e passava todo o dia no castello de poppa, por a nau não ter camarotes, nem cubertas de vago; e élles por lei do seu Rama não possam matar cousa alguma viva; quantas sevandijas tiravam de si botavam na minha cama, havendo que lança-las no mar era afoga-las, e ficarem irregulares; com o que me vi inçado destas sevandijas, e tão desesperado que não podia dormir de dia, nem de noite. Quando as não lançavam em mim immediatamente, punham-nas muito ao de leve no chão, para que não quebrassem alguma perna, e do chão me subiam á cama, que nelle estava. Dava-lhe eu garrote diante dos idolatras, para vêr se por evitarem aquellas mortes hiam mais longe espiolhar-se: porém elles se desculpavam com dizerem que aquelle sangue viesse sobre mim; que elles não intentavam a morte, mas a vida dos que em mim botavam: e assim fiquei padecendo sem remedio. Era cousa muito para vêr estar-se um destes catando e botando os viventes que achava no vizinho mais chegado, sem o outro lhe fugir com o corpo, nem se enfadar disso. Dizia o persiano, meu companheiro, que não vira sevandijas mais bem afortunadas que as dos gentios: e eu dizia que nellas se via o que elles cuidavam de suas almas, que sahindo de uns corpos se metiam em outros.

Outra cousa mais salgada heide contar ainda destes gentios meus compassageiros, e é que como o necodá levasse na nau uma vacca viva para matar na viagem, e lhe chegasse a sua hora, mandou mata-la. Acodiram logo os gentios á camara do necodá a pedir a vida da vacca, prometendo por ella o preço de doze carneiros, que logo contavam. Não veio o necodá no que os gentios queriam, sem lhe darem cincoenta patacas: fin-

taram-se elles, e deram-nas. Mandou então o necodá sobreestar na execução: e elles sairam muito alegres da camara por lhes terem recebidos os embargos á morte, ou sentença da vacca, que já davam por provados com as patacas. Foram-se á vacca, deram-lhe de comer, e como se fosse um homem que tivessem livrado da forca, lhe davam os parabens e proes da vida: mas não lhes durou muito a alegria, porque no dia seguinte amanheceu a vacca morta. Incrivel foi então o pranto que fizeram, chorando todos a morte da bezerra; e deixando cada qual o seu posto se foi esconder por tres dias entre os fardos, sem nelles comer, nem beber. Acabado este praso, que lhe signala sua lei, sairam todos dos seus escondrijos muito cabisbaxos e macilentos, como attonitos de tal caso; e depois de acudirem a sua fome começaram a dizer leis do necodá, chamando-lhe de falsario, fementido, cruel e perjuro: rogavam-lhe pragas, e ameaçavam-no com rigorosos castigos do ceu, dizendo todos mal da hora em que se embarcaram com tal homem como aquelle. Eu acudindo pelo necodá os reprehendia de fazerem tantos excessos pela morte de um animal, que Deus criára para serviço e sustento do homem, e por isso puzera tanto gosto nas suas sopas, quanto elles podiam ver se as quizessem comer. E para mais me vingar da má visinhança que me faziam, como já contei, acrescentava que para a viagem no mar ser boa se havia de matar cada dia uma vacca. A rasão porque estes idolatras tanto amam, e ainda adoram más vaccas é [de mais da que já dei fallando dos bracmenes] por crerem, que já alguma hora foram aposentos das suas divindades; porque como o demonio fez crer antigamente ao povo de Grecia aquellas fabulosas transformações do seu Jupiter, ora em touro, já em cisne, já em aguia; assim fingiu na India, e

persuadiu ao cego gentio mil outras metamorphoses dos seus deuses em toda á sorte de brutos e principalmente de vaccas. E com isto deixemos os gentios, por acudir á tormenta, que foi mais sentida que a morte da vacca. Seis dias inteiros tinha durado, quando de repente parou, dando logar ao mar que se compuzesse e a nós para sahirmos do perigo. Com um vento de terra largo fomos correndo a costa da Arabia; e embocando o mar da Persia em breves dias chegámos á barra de Mascate.

CAPITULO X.

Da-se noticia das Arabias, Felix e Petrea: e se descreve Mascate, cidade que foi de portuguezes.

Entre alguns auctores é controversa a derivação do nome Arabia: uns querem que se derive de Arabo filho de Apollo e de Babylonia: outros, que de Araba, certa região perto de Medina, assim chamada, onde habitou Ismael, filho de Abrahão e Agar [porque os arabes se chamam agarenos e ismaelitas: como tambem por Sara mulher legitima de Abrahão sarracenos] e por Nabaoth primogenito de Ismael Nabathea; e por Sabo filho de Chus e neto de Cham, e bisneto de Noé, se chamou Sabéa. O inventor da lingua arabiga dizem que foi Jarob, filho de Cahtan, filho de Heber, filho de Saleh, filho de Sem, filho de Noé. Mas tomada assim genericamente, a Arabia occupa aquelle grande espaço de terras que se inclue á maneira de peninsula entre o mar Vermelho ou Erithreu, para a parte occidental, e o persico da banda do oriente. Pelo meio-dia

tem o occeano, e pelo septentrião Syria e o rio Eufrates. Divide-se em tres Arabias, Felix, Petrea e Deserta. Desta ultima trataremos em seu logar. A Petrea toca a Syria pelo occidente e septentrião; pelo oriente a Deserta, e pelo meio-dia a Felix. Plinio e Ptolomeu chamam a esta Nabathéa e outros Inferior. Os arabes Barrâ ou Bendacal. Estão nella os dous montes Sinay e Horeb, celebres nas divinas escripturas. A metropole desta Arabia é a cidade de Petra, de que faz menção a escriptura sagrada com nome de Pedra do deserto. Os antigos julgaram esta região por totalmente esteril; e na verdade quasi toda ella é deserta; e falta do necessario á vida humana, como bem experimentou o povo de Israel em quarenta annos que por ella caminhou. Seus moradores se sustentam de dátiles de palmas, que alli são muito excellentes. Cahe nesta provincia maná, e nas praias se acha coral formoso, mas vão e oco por dentro. Tambem em algumas partes se acham amethistos, que é uma pedra preciosa.

A Arabia Felix se ajunta com a Deserta e Petrea, e se estende entre os dous mares Roxo e Persico. A toda a terra, que fica entre estes dous mares chamam os arabios Hyaman, e nós Arabia Felix, a mais fertil e povoada de toda a Arabia, e mais rica de portos, e commercios. Ha nella grande abundancia de carnes e grandes criações de cavallos de gentil raça, ligeiros, fortes, bem talhados, e que melhor sustentam a fome e sede que todos os outros. Vendem-nos os Arabios para todo o oriente em tão grande numero que, ha anno em que sahem de seus portos para a India quinze e vinte mil cavallos. Os mais presados são os da cidade e comarca de Lasah, vinte leguas pelo sertão dentro contra a ilha de Baharem no golfão de Baçorá. Vendem os arabios um

destes cavallos de Lasah por duas mil patacas, se é daquelles a que chamam de rei, por estes somente os comprarem. A maior renda que em outro tempo tinha a nossa alfandega de Goa era dos direitos que nella pagavam os mercadores, que traziam cavallos por mercancia á India. Quem na Arabia tem mais cavallos e camelos, é maior senhor que os outros. Os fructos que a terra produz são, tamaras de toda a sorte, uvas de muitas castas, melões e marmelos, romãs e ameixas, e figos todo o anno: assucar em pó e em pedra, muito alvo, e em quantidade: o melhor incenso: algum azeite, posto que não tão bom como o Socotorá: a semente do caoé, que dizem ser a mesma que a do chocolate, a qual se bebe por toda a Turquia, e Mourama depois de torrada, moida e cozida em agua, e serve de vinho aos mahometanos, os quaes a acreditam de confortadora dos estomagos. Algodão, ainda que pouco, e não tanto quanto era necessario para se vestirem os naturaes; e por isso lhe vem da India: mas o povo se veste ordinariamente de cambolim, que é certo pano feito de pellos de camelo. De mantimentos colhem os arabios trigo, cevada e arroz, não tanto que lhes não seja necessario vir de fóra. O seu ordinario sustento é tamara, peixe, alguns legumes, queijo e leite azedo, carne de cabra e carneiros de cinco quartos, que alli ha façanhosos. No vestir são tão moderados que, ou sejam ricos ou pobres, não usam mais que de uma cabaia ou tunica, que os cobre da garganta até o bico do pé, com mangas tão largas como as dos padres agostinhos, e na cabeça um barrete vermelho tecido, ou de pano, do qual só apparece a parte mais alta, por esconderem o demais com a touca, que lhe cingem á roda, cujas pontas por divisa lhes cahem sobre os hombros. Usam de espadas curtas e largas, brechís por lanças, e

são grandes tiradores de espingardas; a qual carregam com um só pelouro, mas metido tanto á força, que ao sahir é palanqueta. Quando hão de tirar, encostam a espingarda, e se não acham em que sentam-se, e dos dedos dos pés fazem forquilha. Tem-se por ruim tirador entre elles o que fazendo ponto ao olho deu na sobrancelha. São gentis cavalleiros com estribos, e sem elles. São innumeraveis, valentes, bellicosos e vagamundos. Nem todos assistem nas cidades, senão em cabildas nos campos e despovoados: e ainda ha nesta Arabia certa cabilda de alarves, a que chamam Bengébra, a qual é das mais poderosas de toda ella, porque conquista perto de tresentas leguas em redondo; os quaes alarves, no tempo da novidade das tamaras e outros mantimentos da terra, vem inquietar e roubar os arabios desta Felix, que de opprimidos se sugeitaram a pagar certo tributo a este Bengébra cada anno; mas nem com tudo isso os deixa, como nem as cáfilas que por suas terras passam a Meca, as quaes rouba muitas vezes, com levarem guarda, e comboi. As principaes cidades desta provincia são, Medina Talnabi, quer dizer cidade do profeta, por nella ter seu sepulchro: Meca, onde nasceu Mafoma, celebre no mundo por esta causa, e tambem pela feira universal que alli se faz em todos os annos nos mezes de agosto e setembro, concorrendo a ella por mar e terra todo o bom do mundo todo. Nesta cidade se colhe o balsamo mais presado de umas plantas que se trouxeram do Cairo. Não póde nella entrar christão nenhum: e quando se diz que vão os portuguezes e outras nações da Europa a Meca, entende-se ao porto de Moca, que é o mais proximo; que Meca fica pela terra a dentro. O dominio desta cidade, e de toda a terra de Medina, possue como por direito hereditario um xarife descendente

de Hassen bisavô de Mafamede: e supposto que antigamente estava sujeito ao sultão de Egypto, e agora o grão turco tem a protecção destas duas cidades; comtudo nunca foi privado de seu dominio e auctoridade, antes o grão turco, por lhe não prejudicar a ella, se não intitula senhor mas humilde servo de Meca e Medina.

Não deixarei de advertir aqui que é engano que anda pelo mundo cuidar-se que o corpo do maldito Mafoma está suspenso no ar, em virtude das pedras de cevar, de que dizem ser as paredes de seu templo. Quando eu fallava nisto aos arabios que tinham estado em Medina, riam-se muito de quem tal cuidava; e me contavam o que viam quando visitavam aquelle sepulchro: e era um tumulo de quatro palmos de alto, coberto com um panno de ouro e seda azul, o qual, na côr, lua e estrellas que em si tinha bordadas, representava o ceu em que estava o corpo de Mahomed seu propheta, e que diante deste sepulchro ardiam tres mil alampadas de prata e ouro, dons dos maiores principes do mundo. Os que visitam esta sua santa cidade e casa de Meca antepõem em seus nomes este de Agí, e por elle são conhecidos e invejados; como agora, se um se chamava d'antes Mamudxá, depois se nomeia Agí Mamudxá. Na mesma cidade assistem muitos xarifes parentes de Mafoma e outros muitos letrados em seu alcorão, o qual anda escripto em arabigo muito antigo e cerrado, que para elles é o seu latim que aprendem. Prezam-se estes arabios da Felix de serem os mais observantes da lei de Mafoma seu natural; e nella se conformam mais com turcos que com persas, tendo a estes por hereges, como adiante veremos.

O mais poderoso senhor que ao presente ha na Arabia se chama imamo, o qual se intitula zelador da lei de Mafoma, e Hercules contra os inimigos de sua seita.

Os principios de sua boa fortuna conta João de Barros, e foram desta maneira. Ha nesta Arabia tres cidades mui populosas, cujos nomes são Maná, Nazuá, Bailá, todas cercadas de muro de taipa muito forte, e os termos dellas tão povoados que em umas se ouvem as outras aldeas. Cada uma destas tres cidades teve já seu rei por si, e por causa das tirannias que usavam se levantaram os povos, e formando republicas se governaram por consules alguns annos: mas como fossem muito vexadas dos alarves bengébras, de que já fallei, resolvêram de se unirem todas em um corpo, e eleger cabeça para lhes resistir. E porque na cidade de Bailá estava um dos principaes religiosos de sua seita, a que elles chamam imamo, a quem todos elles acodiam em suas duvidas e demandas, estando pelas sentenças que dava; tomaram-no por sua cabeça, que os governasse na pas e na guerra, offerecendo-lhe graciosamente o dizimo de quanto Deus lhe desse, até das joias que os maridos dessem a suas mulheres. Acceitou o imamo o governo e eleição que nelle fasiam aquellas cidades, e como era de altos espiritos e muita prudencia, acabou por dinheiro com os bengébras que não fizessem hostilidades em suas terras: conseguida esta pas, deu-se a fazer guerra aos xeques daquella Arabia que com os seus viviam em liberdade, e reduzindo a uns por armas e a outros com manhas que tomassem o conselho daquellas tres cidades, assim o fizeram muitos delles, e ultimamente os visinhos da fortaleza de Mascate, com grave prejuiso della, como logo se verá.

A fortaleza de Mascate sita na costa septentrional da Arabia Felix, no mar persico, em altura de vinte e tres graus e quatro minutos da banda do norte, foi fundada por Belchior Calaça no anno de 1588 por ordem do go-

vernador Manoel de Sousa Coutinho. Fica dentro de uma bahia que jaz entre duas altas e grandes serras, as quaes a amparam de todos os ventos. Esta bahia de Mascate é capaz de estarem nella surtos doze galeões e vinte e seis galeotas. Na entrada que demora ao sueste é larga quanto chega um tiro de espingarda; mais para dentro se vai alargando. A altura na boca é de vinte para vinte e cinco braças, e dentro doze e treze, até ficar em seis junto da praia. Quando entrâmos por esta bahia, á mão direita fica o baluarte Santo Antonio levantado cousa de braça e meia sobre uns penedos, entulhado da banda de dentro com sua plataforma. Mais acima deste baluarte, em outro penedo que fica sobranceiro, está uma como plataforma com parapeitos á roda, e nella e no baluarte referido ha seis peças de artilheria, duas grossas e quatro miudas, que deffendem o surgidouro das naus. A estas forças se segue a couraça, que joga outras seis peças contra a bahia. Da couraça se sobe por nove degraus a um orelhão, em que ha cinco peças abocadas para a grande serra da Macallá, em que tambem ha varias fortificações, por se descortinar della toda a cidade. Deixando o sobredito se dá com um reducto em que jogam oito peças, o qual cahe sobre o campo da povoação. E descendo deste reducto por outros nove degraus se vai ao revelim, onde fica a porta da fortaleza defendida com tres falcões. A' mão direita fica o armazem das munições e a cadeia aberta na mesma rocha. Do revelim se desce ainda por dez ou doze degraus para tornar ao andar da praia, ao longo da qual está a povoação estendida, e mais para dentro á mão direita o convento que foi dos padres agostinhos. Tem a bahia oitocentos passos de ponta a ponta, e toda era povoada em tempo de portuguezes assim dos mesmos como de mouros, gentios, indios

e christãos naturaes. De largura se contavam naquella povoação cem passos. Assim pela parte de terra como da bahia é murada em roda, com muros altos e grossos, e nelles seis baluartes fornidos de muita e boa artilheria. A' mão esquerda da bahia se mostra o forte do padrasto, por ser o sitio, em que está fundado, a fortaleza. Tem oito peças; e delle para cima pelos passos e cumes das searas, que em roda cercam aquella fortaleza, tudo são fortes reductos, revelins, baluartes e guritas contra os arabios da terra. Nestas obras exteriores e na fortaleza tinham os portuguezes cento e vinte sete peças entre grossas e miudas, de ferro e de bronze, e mil soldados de presidio, parte lascarins e parte portuguezes.

Era esta fortaleza cabeça dos senhorios que elrei de Portugal possuía na Arabia, deixados ao mesmo senhor pelo ultimo rei de Ormuz, os quaes constavam de oitenta e sete leguas de costa, começando do cabo Rozalgate e acabando no de Maçandão. Era governada por um capitão ou general posto por Sua Magestade, cuja jurisdicção se estendia por toda aquella costa, tendo a mesma jurisdicção sobre dez capitães de fortalezas que nella havia, a saber: a fortaleza de Curiate, a de Matara, a de Sibo, de Borca, de Soar, de Quelba, de Corfacão, de Libidia, de Mada, e Doba. O mar de Mascate tinha tambem seu general e uma armada de vinte navios de remo. Mas nem bastaram tantos generaes, nem tantas peças, nem tantas forças, nem tantos soldados quantos em Mascate havia, para a defender do imamo, o qual a tomou, apoderando-se primeiro dos fortes que defendiam as serras, e das fortalezas já nomeadas, com tão grande descredito da nação portugueza, quão grande fôra a honra que o grande capitão Rui Freire naquella mesma fortaleza e costa lhe grangeára. E não contente o imamo

com nos lançar fóra de suas terras, se atreveu a nos ir buscar ás nossas, sitiando Mombaça, assolando Bombaim, e tomando quantos navios de portuguezes encontrava no mar a sua armada; permittindo-o Deus assim, ou em castigo dos peccados, sem-razões, roubos e injustiças que os capitães de Mascate faziam, ou para corôa de tantos portuguezes que o imamo têm feito martyres gloriosos nestes annos. No tempo que passei pela Persia, achei noticias de ter ido a Goa um xeque dos desta Arabia pedir ao viso-rei em nome dos mais quizesse dar-lhes ajuda por mar contra o imamo, promettendo por paga desta ajuda a fortaleza de Mascate. Nem para esta empresa se póde buscar melhor occasião, nem esperar tempo mais a proposito que este em que temos pazes com os hollandezes.

CAPITULO XI.

Pertende o necodá entrar na bahia de Mascate: opponho-me eu a isso. E passando avante desembarco no Comorão; sua descripção.

Chegados pois á bahia de Mascate com vento que servia para entrar dentro, vi eu que alguns arabios, lusbeques e gentios da nau se preparavam para desembarcarem em terra, e que a mesma nau ia arribando para ella, contra o que o necodá me tinha promettido em Surrate, e ainda concertado com o persiano meu companheiro. Sem sangue fiquei com tal mudança do necodá, e todo assustado fui-ter com elle, levando comigo Mamudxá. Estranhei-lhe a falta da palavra que nos tinha

dado de não tomar aquelle porto á ida: encareci-lhe o evidente risco da vida a que me expunha, por os arabios não darem quartel a nenhum portuguez; ameaçando-o juntamente com a vingança que tomariam os portuguezes de uma tão grande aleivosia como me fazia. Desculpava-se o necodá com dizer que elle não entrava em Mascate por sua vontade, senão forçado de protestos que todos os dias lhe faziam os mercadores, os quaes como levavam fazendas para aquella terra, se as não desembarcassem á ida, pagariam dois direitos, na Persia primeiro, e depois alli. Quanto mais que estes mercadores queriam sahir em terra para deixarem cavallos encommendados para a torna-viagem, e perdiam muito se não desembarcavam. Que elle ficára com o castellão de Surrate de lhe botar alli sua roupa e feitores, e que faltar ao castellão era faltar a quem devia dinheiro e honra. Por outra parte via que me não arriscava com chegar a terra; porque elle me esconderia dos arabios: e dado caso que os da nau me malsinassem, elle se obrigava a que, tomando eu sua lei, não padecesse a minima molestia, antes me fizessem todos muita honra.

Não lhe quiz eu ouvir mais por não ser obrigado a lhe responder como merecia; e dando de olho ao meu persiano nos sahimos da camara. Consultámos ambos sobre o remedio que podiamos dar a tal caso, e resolvemos que dobrassemos o necodá com dinheiro. Dei logo ao persiano uma boa somma, e elle se foi fallar com o necodá. Entretanto me fiquei eu apparelhando para me confessar de toda minha vida com o clerigo francez, de que já fiz menção, e tambem para padecer o martyrio, que era certo, se tocavamos aquelle porto. Mas não se tinha passado muito tempo quando eu vejo marear as velas, fazer-se a nau n'outra volta, e mandar o piloto cerrar o le-

me todo á banda. Attonito fiquei com a novidade, e quasi que não cria o que via. Nisto chega-se a mim o persiano, e diz que está feito o negocio par quinhentos rupias, que são cruzados do mogol. Passou-se então a afflicção em que me víra para os passageiros e mercadores que desejavam sahir em terra. Comiam-se de raiva; queixavam-se de mim; diziam leis do persiano e necodá, por anteporem a segurança de dois cafres [quer dizer gente perdida] á conveniencia de tantos mussulmanos [quer dizer gente de consciencia]. Com este nome se honram os mouros a si, e aquelle dão aos christãos. Porem o necodá contente com a peita ria-se delles, e dizia-lhes que lhe dessem outro tanto quanto eu lhe dava, e que elle tomaria terra. Já se lhe não dava de faltar ao castellão de Surrate, nem dos protestos dos mercadores. Tanto póde o dinheiro com mouros. Não ha nelles fé, nem palavra, nem honra, nem verdade, nem outro Deus mais que o do seu interesse.

Deixado já por ré Mascate, fomos com bom vento costeando a Arabia e suas altissimas serras por espaço de dois dias, que puzemos de Mascate ao cabo de Maçandão, o qual em tormentas é outro cabo de Boa-Esperança, e fica em vinte e seis graus para o norte. Ptolomeu lhe chama Asaboro. A este cabo de Maçandão posto na Arabia corresponde o de Jasque na Persia, situado em vinte e quatro graus largos, e chamado por Ptolomeu Carpella promontorio. Estes dois cabos fazem a garganta do estreito ou sino persico, chegando-se tanto nelle as terras da Persia ás da Arabia que parece se dão alli as mãos umas serras ás outras. Não errou quem, usando de comparação grosseira, apodou aquelle mar a uma borracha, a qual tem o bocal um pouco largo, logo se estreita no gorgomilo, e depois se dilata no bojo. Assim o

mar da Persia tem a entrada larga: logo se vai estreitando e apanhando até os dois cabos já nomeados: entre elles é o passo tão apertado que se está vendo o gado de uma e outra banda. Vencidos elles, tornam as serras da Arabia e Persia a se ir compassadamente afastando umas das outras, até que se perdem de vista, dando logar ao mar se alargar.

Eram seis da tarde, horas de sol posto, quando á vista de Maçandão nos acalmou o vento para tomar dahi a pouco tormentoso. Cerrou-se a noite, e o ceu se abria fuzilando sobre a terra de uma parte e d'outra. Cuidavamos que os fuzís denotavam chuva, mas elles faziam signal á tempestade, que nos tomou de repente e levou de improviso as velas, deixando a nau arvore secca. Não houve quem se não désse por perdido. Os mais expertos naquelle mar confiavam menos de suas vidas, porque tinham experiencia de que as não salvaram nenhuns dos que alli se perderam; assim porque não ha praias, senão rochas altissimas, que immediatamente por si quebram as ondas, como porque em dando nellas as naus se desfazem com a primeira pancada, sem darem tempo a ninguem para se salvar. Com esta certeza procuravam os marinheiros e officiaes da nau po-la a caminho, e vêr se com um bolço no traquete obedecia ao leme; mas foi a diligencia debalde, por não dar o vento logar ao bolço se pôr; e atravessando a nau foi batida de tão grandes ondas, que a lhes fazer qualquer resistencia ia a pique sem duvida nenhuma: mas a nau andava como boia por cima e por debaixo da agua, deixando-se levar do vento e ondas que a levavam ás rochas da Persia. Qual fosse nesta occasião o alarido das mulheres, o chôro dos meninos, a grita dos marinheiros, a confusão dos officiaes, a furia dos ventos, a bravura das ondas, o fuzilar dos raios,

a cerração da noite, o estrondo dos trovões, a repetição dos relampagos, o quebrar dos mares, o assoviar das enxarcias, qual finalmente o medo da morte em todos, sabe qualquer que se achou em tragos semelhantes. Os que não tem experiencia de tormentas leem suas descripções sem fazerem conceito do perigo; antes o nosso perigo escripto vem a ser sua recreação na leitura: e eu por lha não dar tanto á minha custa deixo o mais que afeava esta tormenta.

Desde que ella começára estive eu com o *Sub tuum præsidium* na boca; e vendo que continuava veio ter comigo o clerigo francez mais morto que vivo: ambos postos de joelhos fizemos varios votos a toda a côrte do ceu, que a um só santo parecia menos segurança naquelle aperto; e logo fallando com Deus lhe lembravamos a honra de seu santo nome, do qual blasfemavam aquelles infieis, dizendo os mouros que era castigo de Deus e do seu falso propheta, por o necodá me ter feito o gosto em não ir a Mascate, cortando pelo dos seus. Os gentios davam por causa desta tormenta a morte da sua vacca, mas tambem ajudavam os mouros no que blasphemavam contra os christãos. Caso raro! Apenas acabáramos de fazer a Deus as lembranças que disse, quando de repente se muda o vento de sul a norte, e de tempestuoso fica brando. Tornam então as ondas a trazer para estoutra banda da Arabia o cançado navio, que com grande pressa fazia sesgate de agua por muita roupa que ao mar se alijava. Tão amigo é Deus do credito de seu santo nome: nem esta foi a primeira vez que pelo não desacreditar com infieis deixou de castigar peccadores.

Passada a tormenta por favor particular do Altissimo, se poz o navio a caminho com pouco panno até amanhecer. Como esclareceu o dia se largaram as velas ao

vento, que as enchia todas com igualdade: todo o seguinte dia se gastou em vencer o cabo de Maçandão, o qual é composto de muitas e altas serras, não postas ao comprido, senão como canos de orgão. Em vencendo uma serra, já se mostra outra que lhe ficava atraz; em esta ficando por poppa, já se vê outra por prôa, o que faz desesperar a quem por alli navega, e tambem entender que se aquelle cabo tem dente de coelho ao passar, tem muitos dentes que salvar. Lá pelo meio daquelle dia appareceu no convéz uma naveta de sete palmos de comprido e dois de largo: o feitio era da nossa nau, á qual arremedava no casco, nas velas, na cordoalha, nas bandeiras e em tudo o mais: logo tangendo um marinheiro os atabales, e o mestre da nau seu apito, acodiram todos, assim gentios como mouros, cada um com as amostras da fazenda que carregára por sua conta na nau, e pondo-as na naveta a lançaram ao mar com grande festa, assomando-se todos a bordo da nau, para verem como a naveta levada do vento que lhe dava nas velinhas se ia perder de corrida naquelle cabo. Perguntei que ceremonia era aquella, e responderam-me que era um tributo que toda a nau pagava áquelle cabo de Maçandão, o qual era tão mau que se lhe faltassem com elle á vinda da India, por sem duvida tinham haverem-se de perder nelle de volta para ella; mas que com aquelle presente seguravam sua boa passagem. Se o cabo de Boa-Esperança fôra tão bom de contentar, bem se lhe podia pagar semelhante tributo cada anno; mas não cuido que é de tão boa avença como o de Maçandão. Os portuguezes, inglezes e hollandezes, quando por alli passam em suas naus que sempre levam gentios e mouros, fazem a mesma ceremonia; mas a carga da naveta é de tripas de vaca e do outro animal que os mouros não co-

mem, por escarnecerem de suas superstições, do que elles muito se enfadam.

No dia seguinte, 1.º de março, havendo navegado toda a noite com uma só vela, nos achámos entre as ilhas de Larec e Ormuz. Quando puz os olhos nellas confesso que não pude reter as lagrimas. Conferiram os olhos com os ouvidos sobre o que tinham ouvido de Ormuz; e vendo elles per si, que já não era nada do que foi, por não se porem em maguas, fechavam-nos as lagrimas. Se tirava os olhos destas duas ilhas, ou coroas daquelle mar, de força dava com elles em outras, que lhes ficam visinhas, Queixome, e Angen, as quaes, se não eram tão ricas como Ormuz, eram, e são mais deliciosas, e tambem foram desta coroa. Finalmente não podia olhar para parte, onde não se me offerecesse á vista causa de lastima: porque na terra firme da Persia apparecia o Comorão, em cujo bandel tivemos já um forte, que no anno de 1602 se defendeu de quinze mil persianos, e hoje está presidiado por elles. Conheceram os mouros da náu a dor que me causava a vista daquellas ilhas e terra; e ou fosse para me allíviarem, ou por assim o sentirem, chegando-se a mim, me diziam: que Ormuz suspirava pelos portuguezes, nem Deus podia deixar de tornar aquella ilha a quem só a soubera estimar. Que havia entres elles profecia de Ormuz haver de vir a ser maior emporio do que dantes fora, depois que a perdesse elrei da Persia. Com estas esperanças enxugava eu as lagrimas, quando pelas duas da tarde lançámos ferro na resaca do Comorão.

E' este porto o mais frequentado de naus da India de quantos ha naquelle mar da Persia, por succeder a Ormuz no trato e negocio: fica em vinte e sete gráus de altura; e é pouco mais que um reconcavo que alli faz a

terra, mettendo-se um pouco para dentro. Estão as naus muito seguras nelle; porque da banda de terra o amparam altissimas serras, e da banda do mar as ilhas de Ormuz e Queixome tres leguas distantes. O mar é alli como morto, e ha mezes em que parece apodrecem as aguas por se não moverem, com as continuas calmarias. O logar será de duzentos visinhos arabios, persas e ormuzianos, e baneanes de Cambaya; casas de barro, pela maior parte cobertas de terrados: muitas são de pedra e cal. Todas tem sobre os tectos ou terrados umas como rodas de freiras, abertas pelas ilhargas, que lhes servem de tomar o vento de qualquer parte que venha, e coando-o pelos buracos que tem a roda nos quatro cantos, refrescam as salas inferiores. Estes cataventos, lhe chamemos, ao longe parecem torres, e fazem uma perspectiva muito engraçada a este Comorão. As mais formosas casas que nelle ha são as dos hollandezes e inglezes, feitas á maneira de conventos com seus claustros, e armazens á roda para metterem suas fazendas, assim as que compram como as que vendem. De hollandezes ha alli sempre vinte o menos, e de inglezes outros tantos; mas é necessario estarem-lhe sempre mandando novos provimentos, porque morrem como bichos, assim em rasão do clima ser o mais pestilencial de quantos se tem noticia, como porque á quentura insoffrivel da terra acrescentam outra. Tem estas nações suas bandeiras arvoradas em alto, donde sejam vistas de todos. Os inglezes arrecadam metade dos direitos da alfandega: demais disto não paga nenhum a fazenda que leva a marca de sua companhia, em virtude do contracto que fizeram com o Xá quando o ajudaram com suas naus e gente a nos tomar Ormuz. São por isso obrigados os inglezes a darem a mesma ajuda

contra nós, tôdas as vezes que intentarmos restaurar aquella ilha e fortaleza.

O logar é murado de taipa por parte da terra, e pela do mar aberto; sómente tem na praia dois baluartes rasteiros, e nelles dez peças das que tomaram em Ormus. Advertí que duas dellas tinham as armas de Castella, e eram grossas e de bronze, mas sem reparos. Os ares são malissimos, e o ar faz a terra tão doentia que em todo o anno ha nella febres malignas que matam na primeira sezão. Se o doente chegou á segunda, já não tem perigo. Nos quatro mezes de junho, julho, agosto e setembro fogem todos os moradores para as serras visinhas, por no Comorão faltar a respiração, e sobejarem as doenças, causadas assim dos ares infeccionados, como do ruim cheiro que de si bota o mar naquelles mezes, o que attribuem á corrupção das aguas por falta de ventos. Não ha muitos annos que por terra foi alli ter um medico francez dos muitos que passam áquellas partes, o qual por toda a Persia lançára fama que levava preservativos admiraveis contra as febres do Comorão; chegou a elle, e o mesmo foi chegar que morrer, sem fazer experiencia de suas quintas substancias, nem poder usar dos preservativos. A não ser tanto e tão grosso o trato naquella terra, fôra totalmente despovoada. A ella vem as cáfilas de Hispahão, de Xirás, de Lara e de toda a Persia, carregadas de muita quantidade de sedas por lavrar, e lavrada de toda a sorte; alcatifas de Odiás, lan tão fina que vale mais que a seda, ruibarbo, manná, aguas rosadas, passas de uva branca sem bagulho, amendoas, ameixas, vinhos, e de mil outras drogas e cousas que se levam para a India. O principal negocio fazem os hollandezes e inglezes, os quaes tomam a seda toda por jun-

to a elrei, e elle a elles suas fasendas por commutação, e depois as vende a seus vassallos: no que interessa muito. Este rei já não quer esta troca de fazendas, senão que lhe comprem a seda por dinheiro, por ter nestes annos atras muita quebra nas roupas que lhe levaram os estrangeiros. E isto basta por ora do Comorão ou Bandel Abbassi, como lhe chamam os naturaes. Detive-me naquelle porto dois dias e meio, no qual alcancei por grande favor do xábandar da terra que me deixasse ir ver a ilha e fortaleza de Ormuz, que defronte estava. Poz o xábandar muitas difficuldades a isso, escusando-se de dar a licença com as ordens tão apertadas, como tem de seu rei, que nenhum estrangeiro ponha pé naquella ilha, nem se consinta que nau alguma vá surgir no seu porto: valeu porem com o xábandar a intercessão do consul hollandez para consentir que eu de um tarranquim pescatejo fosse dar uma vista á fortaleza que fica baixa. O estado em que a vi direi no seguinte capitulo.

CAPITULO XII.

Dá-se uma breve noticia da ilha de Ormuz no tempo passado e no presente: assim mais de outras ilhas do mar persico.

Costumam alguns mareantes peritos na navegação dividir aquelle mar em duas partes, que são o golphão de Ormuz, cujo principio põem entre Guadel na Persia e o promontorio de Rosalgate na Arabia; e o golphão de Baçorá, que se estende desde Ormuz até a foz dos

celebres rios Tigres e Eufrates. No meio desta distancia, supposto que em desigual intervallo, porque uma parte tem cem leguas de comprido, e a outra passa de duzentas, está posta a ilha de Ormuz, chamada por outros Gerúm, e pelos naturaes Pedra do anel do mundo, em altura de vinte e sete graus do norte, em distancia de tres leguas da costa da Persia, e nove da Arabia. A ilha em si tinha uma pequena legua de comprimento e um quarto de largo; de circuito quatro. Além de pequena é uma pura mineira de sal e enxofre, sem creação de animal vivo, por não dar de si herva verde para os gados, nem sementes para as aves, nem fonte ou ribeira alguma doce de que bebam. E sobre uma tão geral esterilidade de tudo quanto ha mister a vida, as insupportaveis calmas, que forçam os homens a passar as noites inteiras em banhos de agua fria nos eirados das casas, que todos tem para este serviço, e a grande sujeição da terra a espantosos tremores, bastavam a fazer aquella ilha inhabitavel, se a cobiça não tivera o mesmo imperio em assolar umas que em povoar outras. Esta tão engenhosa como poderosa paixão, sendo a ilha de Ormuz por natureza a que já disse, a fez por artificio uma das mais fructuosas e deliciosas do mundo, edificando nella a cidade de Ormuz, que é a chave de todo aquelle estreito do mar persico, por ficar em uma ponta da mesma ilha, aonde se vem a fazer dois portos a modo de bahias; um da banda de levante, e outro da de poente, os melhores e mais seguros que podem ser, e com que a terra ficou escala de todas as mercadorias, assim orientaes e occidentaes, como das da Persia, Armenia e Tartaria, que tem ao norte. E pelo mesmo respeito foi juntamente aquella cidade uma praça e feira universal, onde concorriam to-

das as nações e castas de gente que ha por todo o descoberto, mouros e gentios, christãos e judeus, catholicos e hereges, da igreja latina e da grega.

Todos os mantimentos havia Ormuz da terra firme da Persia, donde continuamente lhe estavam a entrar em grande abundancia; e assim mesmo todas as frutas verdes e doces deste nosso Portugal, sendo a Persia para Ormuz o que Sicilia para Malta. Da ilha de Queixome lhe vinha a agua de beber, e esta sómente se vendia a olho; tudo o mais, até palha e lenha, por medida: a maior parte da lenha que naquella ilha se gastava e ainda hoje se gasta é d'um pau chamado horrá, o qual nasce debaixo da agua, e deitando-o nella se vai ao fundo como pedra: pondo-o no fogo arde logo como se fosse de oliveira. E por este pau e o sal de Ormuz dizem os persas por advinhação: qual é a terra onde se vai buscar a lenha ao mar e o sal ao mato! Pelo contrario, as casas de Ormuz eram todas feitas de uma pedra, que lançada na agua não se vai ao fundo, senão que anda sobre ella como cortiça: parece trocaram as qualidades em Ormuz, a pedra com o pau, e o pau com a pedra. Raramente chove naquella ilha, sómente de noite orvalha; o que não basta para crear plantas nem hervas. Comtudo isso o rei de Ormuz tinha uma formosa horta em que havia muitas arvores de fructo, e algumas palmeiras regadas com a agua de tres poços que se abriram em aquella ponta da ilha, que chamavam Turumbaque, salobra e insulsa.

Varia foi sempre a fortuna desta ilha. O primeiro senhor que lhe sabemos foi Maleccaéz, o qual, tendo seu assento na ilha Caéz do mesmo estreito, dominava quantas ilhas elle tem. Este Maleccaéz, como não sabia do preço d'aquella ilha, a vendeu bem barata a Grodu-

xá, que tambem era senhor do Magostan, e tudo aquillo que jaz no serrão de Ormuz até o cabo de Jasques. Tanto que Groduxá a houve, mandou-a logo povoar, e formar armadas, com que em breve tempo não tão sómente avocou a Ormuz todas as naus que iam ao estreito, mas ainda se fez tão poderoso com o commercio e direitos que cobrava de todas as fazendas, que foi tomar a ilha de Caéz e todas as mais de Maleccaéz. Isto feito, passou sua côrte do Megostan para a ilha de Ormuz, que ennobreceu com uma formosa cidade, e nella duas mesquitas e um alcorão tão soberbo que podia competir com as pyramides de Egypto. A Groduxá succederam seus filhos e netos, engrossando-se cada vez mais o tracto, e frequentando-se o porto de naus. Ceifadim era o que tinha o reino de Ormuz quando Affonso de Albuquerque, sendo governador da India pelos annos de 1514, chegou áquella ilha com uma poderosa armada e a fez tributaria a elrei de Portugal, obrigando outrosim a Ceifádim que lhe désse logar na ilha, em que podesse fazer uma boa fortaleza, o qual logar se lhe deu no mesmo sitio em que Affonso de Albuquerque da primeira vez que foi a Ormuz, sendo capitão mór do estreito pelos annos de 1507, tinha já lançado os alicerces da fortaleza; se bem com titulo de casa de recolhimento para os portuguezes, que determinava deixar alli por feitores d'elrei de Portugal seu senhor, obra que não tivera effeito pelas rasões que escreve João de Barros na 1.ª Decad. 2. da Asia, l. 2. c. 4. Demais da vassalagem e logar para a fortaleza deram os reis de Ormuz ao de Portugal todo o rendimento de sua alfandega no anno de 1543 em satisfação de muitos mil xerafins que lhe devia das pareas que deixára de lhe pagar alguns annos; as quaes em virtude desta doação lhe ficaram perdoadas.

Rendia esta alfandega em cada um anno trezentos mil cruzados pouco mais ou menos.

Postos assim os reis como o reino de Ormuz em poder dos portuguezes, não se descuidaram estes de seu acrescentamento; antes libertando em primeiro logar aquelles reis dos tirannos que os tinham como captivos, trataram logo de restaurar as ilhas de Baharem e Catifa, que havia annos se tinham rebellado contra aquella corôa, sendo as melhores e mais rendosas de toda ella: com o que e com as continuas armadas que traziamos no estreito, para defensa das praças maritimas que Ormuz tinha por toda a costa da Arabia e Persia, e tambem para obrigarmos as naus mercantis da India a irem pagar direitos á nossa alfandega, de tal sorte florecia aquelle reino que se não arrependeram jámais seus successores de o ter posto em mãos d'elrei de Portugal, o qual foi senhor de Ormuz desde o anno de 1514 em que se lhe deu até o de 1622, em que Xá Abas, rei da Persia, com ajuda de inglezes tomou aquella ilha com todos os guasilados que possuia na Persia e ilhas de seu mar. Destruiu a nossa cidade que era mui nobre de casarias, com cinco igrejas e um convento de Santo Agostinho: abriu cava á fortaleza, que para perdição nossa não tinhamos aberta de todo: fez-lhe baluarte para sua defensa, e uma ponte levadiça, e deixando-lhe só oitocentos persas de presidio, mandou que toda a mais gente se saísse da ilha. De sessenta peças grossas que tinhamos na fortaleza deixou só quarenta, levando as vinte e outras mais que achou na fortaleza, tiradas dos galeões e fustas para a sua côrte de Hispahão e villa do Comorão. Presidiou mais as ilhas de Baharem, Queixome e Larequa; mas não tanto que, tendo nós poder, as não possamos com facilidade restaurar. E na verdade esta empresa e a de Mascate na

Arabia é a mais facil e a mais proveitosa, que neste tempo da paz com Hollanda deve intentar o Estado da India.

CAPITULO XIII.

Do imperio e monarchia da Persia: rendas e poder de seus reis: ritos e seitas que nella se guardam.

Já que estamos na Persia, e tenho dito que o seu rei tomou Ormuz aos portuguezes, não será fóra das leis da historia divertirmo-nos do caminho que vou fazendo, para dar alguma noticia daquelle reino, mais nomeado que sabido neste nosso. E' pois de saber que, desbaratados e perdidos nos campos de Babylonia, com a confusão das linguas, os altivos pensamentos do soberbo Nembroth, que então se tinha por monarcha do mundo no temporal, deu a seus sequazes licença para que povoassem as terras a que sua ventura os levasse. E a Medo, filho de Japhet, a quem o sagrado texto chama Maday, mandou habitar na Persia junto ao mar Caspio, que de seu nome se chamou Media, cuja metropole é a cidade de Tauris, antigamente Taurisio, ou como querem outros Ecbatana. A derivação deste nome Persia não pude achar nos escriptores. Seu imperio, se attentamos para os tempos antigos, foi mais dilatado do que é nestes nossos; porque esteve unido em um corpo com o médo e babylonico. Mas não fallando daquelles seus primeiros annos, senão de Dario para cá, nunca aquella monarchia se viu tão dilatada como agora. Estende-se desde o rio Indo até o Eufrates: outros querem que desde Babylonia até os con-

fins da India. Da parte do norte se avisinha com o mar Caspio e o rio Oxo e Zagataio, terras do grão chan da Tartaria. Da banda do sul confina com á Arabia Felix, mediante o seu sino persico. Fazem-lhe quatrocentas leguas de comprido, e de largo duzentas e sessenta; no qual espaço de terra se comprehendem largos e potentissimos reinos, muitas e nobres cidades, infinitos povos e innumeraveis gentes. Os nomes das principaes provincias são estes: Hierach, Parc, Aderbajon, Gueylon, que antigamente se chamou Hyrcania, Mazandaron, Strabat, Bostan, Sazabah, Nixabur, Charason, Chermon, Sagistan, Tabaristan, Chablestan, Nimerúz, Stahar, Sistan, Curdestan, Lorestan e Candahar.

A côrte da Persia pozeram de primeiro os sophís della na cidade de Taurisio: depois a mudaram para Casbin, onde ainda hoje se veem uns magnificos palacios, que occupam um quarto de legua. Nesta cidade estão sepultados Mardocheu e Esther, por cuja devoção vivem nella passante de cincoenta mil hebreus. Ultimamente se passou a côrte para Hispahão, cidade amplissima na provincia de Hierach, sita em setenta e e seis graus de longitude e trinta e quatro de latitude. Contavam-se nella antigamente quinhentos mil visinhos; porem agora são muito menos, por causa de uma grande crueldade que certo rei da Persia usou com seus moradores, por se lhe terem rebellado no anno de 1570. Não são com tudo tão poucos que não passem de duzentos e cincoenta mil, parte dos quaes trouxe o rei Xá Abas da Armenia, Gorgistan, Gaurestan, Yesd e outras provincias que conquistou. E' Hispahão a côrte de mais sumptuosos edificios que tem o mundo: são as casas todas de pedraria por fóra, e por dentro douradas e pintadas ás mil maravilhas: as paredes costumam cobrir de vidros de Veneza embuti-

THE LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

dos com pouca distancia de uns a outros, desprezando todo o genero de armações de seda, por na Persia ser muito barata. A delicia da terra, a frescura, as quintas, os jardins, os tanques e pomares, a abundancia de todo o necessario para a vida humana, o regalo das frutas, assim de Europa como da India, que em todo o anno se vendem frescas na praça, a bondade dos ares, a grandeza com que se tratam os senhores, a riqueza dos vestidos, a frequencia dos estrangeiros, a multidão do povo, é a maior cousa que imaginar-se póde. Ornam a cidade passante de cem torres mui altas e de obra prima, entre as quaes se avantaja a que está na cavallariça real, cujo fastigio é composto de pontas de veados, dos quaes o rei Thamáz matou em um dia trinta mil andando á caça. O castello está posto a uma parte da cidade com dois muros e fosso fechado, quarenta torres e muita artilharia: nelle habita o visir mór, ou Tamad Daulech, como elles lhe chamam, que tem cuidado do thesouro real e da fortaleza.

O paço real fica em uma espaçosa e grande praça, onde ordinariamente ha feira geral, em que se vende quanto se póde pedir por boca: é fabricado com summa magestade e grandeza: tem as paredes por dentro e por fóra douradas, com mil pinturas e galanterias: a praça ou terreiro tem setecentos passos de comprido, e de largo duzentos e cincoenta. Diante do paço estão deitadas no chão trinta peças grossas de bronze que levaram de Ormuz. A' roda do terreiro convidam a todos com sua sombra grandes e frescas arvores, encostadas a muitas casas feitas de ladrilho, com seus cobertos e abóbadas, em que moram ourives de prata e ouro, lapidarios, boticarios, pastelleiros, e outra gente que vende comer feito e guisado. A uma ilharga se levanta uma sumptuosissima

mesquita de pedra de cantaria, para a qual se sobe por treze degraus abertos em uma só pedra. Da outra parte fica a casa da moeda. Tem elrei perto da cidade uma casa de prazer com um jardim formosissimo cercado de altos e frescos arvoredos, por nome Chaerbag, entre o qual e a cidade passa o rio Zinderoend, que tem uma ponte de pedra. Tres dias de jornada de Hispahão fica um alto monte chamado Abeeoura todo de asperas e durissimas penhas, que os reis da Persia ha muito tempo intentam romper, para trazerem á côrte certo rio, que corre da outra parte daquelle monte. No anno de mil seiscentos e vinte e quatro se averiguou que andavão trabalhando nesta obra duzentos mil gastadores, contendendo entre si os grandes do reino sobre quem mais concorreria com dinheiro para as despesas. Não falta já mais por romper, que cem passos de comprido, e cento e cincoenta covados de alto. . . . .

Fóra da cidade ha seis arrabaldes, a saber o de Golfa, habitado de sete mil familias de armenios, que [como já disse] trouxe Xá Abas da Armenia para alli. São todos mercadores ricos, e os mais delles scismaticos. Gauerabad, em que moram os grauisios, persas antigos e gentios, trazidos de Gravestan, grandes lavradores: haverá dellesquinhentas casas. Abassabad occupam seis mil familias de persas, vindas de Taurisio, quando pela não tornar a tomar o turco lhe arrasaram os muros os mesmos persianos pelos annos de mil e seiscentos e tres. Cansabad é tambem habitado de poucos armenios. Assenabad é todo de georgianos christãos, assim mesmo como os armenios scismaticos. Cheigh Sabanna terá cento e cincoenta familias de armenios. Tres conventos de religiosos romanos ha nesta côrte; o maior e principal é o dos padres agostinhos portuguezes, sugeitos á sua pro-

vincia da India; outro de padres da Companhia, e outro de capuchos francezes: os quaes todos se occupam na reducção dos armenios scismaticos, dos gorgís e outras nações orientaes, que por causa do commercio e trato vão áquella corte; como tambem muitos hollandezes, inglezes, e hereges de toda a sorte; dos quaes elrei se costuma servir em muitas cousas.

São os reis da Persia muito humanos e faceis em dar entrada aos estrangeiros, com os quaes fallam e comem com toda a familiaridade. Quando sahem fóra, que é ordinariamente á caça, ou mesquita, é com grande pompa e acompanhamento de cavallaria: de coches, nem liteiras não usam, como os imperadores ottomanos; o seu andar é a cavallo. Os persas querem tanto a seus reis, que não ha para elles outro Deus: não so são principes das cousas civís, mas tambem summos sacerdotes das sagradas, como Mafamede e Ali o foram. E' bem verdade que os reis, para não terem as pensões e encargos da dignidade, comettem a outros o cuidado de decidirem as controversias, e duvidas que há acerca de sua lei. Assim mesmo puzeram o governo ecclesiastico em um só sacerdote, a quem chamam mastedim, que tira e poem como lhe parece os sacerdotes de suas mesquitas, chamados por elle molás. Este masterdim é o que coroa os reis; a qual ceremonia dantes se fazia em Ba Aly, junto a Babilonia, que é a cidade em que Ali jaz sepultado; agora se faz, ou em Casbimy, ou na corte de Hispahão. Não ha rei no mundo, que se sirva com mais rica baixella que o da Persia, mandou-a lavrar de fino ouro o rei Abaz, que foi o mais avarento e ambicioso de todos os daquella monarchia. Seus successores a foram sempre acrescentando em tanta quantidade de peças que se diz ter muitos milhões de ouro. Tem o persiano de

renda cada anno quatorze milhões duzentos e quatorze mil escudos: e não contente com tanta renda, atravessa toda a seda e algodão de seus reinos, comprando-a a seus vassallos por baixo preço, para depois a vender pélo que quer. Costuma tambem abarcar as fazendas que a seus reinos levam innumeraveis cáfilas, assim da India, e Tartaria, como de outras regiões mais remotas, e pagando-as logo aos mercadores, as manda vender por sua conta em todas suas terras; interessando nestas compras e vendas grandes quantiás, sem queixa nem dos mercadores, que lhe vendem as fazendas, nem dos vassallos que lhas compram; porque uns gostam de as venderem em chegando por junto, e os outros por este modo são providos de tudo o que hão mister a bom preço.

O poder do persiano está mais na cavallaria, que na infanteria, usando desta só para presidios, e guarnições de praças. O governador de Xirás tem obrigação de dar vinte e cinco mil cavallos todas as vezes que forem necessarios a elrei; para o que tem rendas bastantes no Gorgestan, e Xirás: o governador de Daud doze mil: o de Isghan vinte e quatro mil: o das provincias circumvisinhas a Bagdad quinze mil: Acmet Chan quinze mil: o de Arabestan dez mil: o de Schirvan doze mil: o de Gengia oito mil: o de Gorsistan dez mil: o de Irvan vinte mil: o de Ery dez mil: o de Farabat em Media quinze mil: o de Darab sete mil: o de Ormuz dezeseis mil: o de Candahar quatro mil: Baba Udur seis mil: o grão visir dezesete mil: o presidente dos cadís doze mil: o duque mor dezoito mil: o duque Hussen dezenove mil: o governador de Taurisio doze mil: os quaes todos fazem numero de trezentos e nove mil soldados de cavallo. A fóra estes ha sessenta mil, que servem para merecer, á sua custa. De gente de pé tem sempre alistados

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

quarenta mil, não entrando neste numero os auxiliares.

No que toca aos costumes dos persianos, são brandos de condição, a lingua suavissima, affabilissimos e amigos de estrangeiros, inimigos de roubos, e de ladrões; o que faz todo o reino seguro aos que por elle caminham. Todas as causas, quer sejam civeis, quer criminaes, julgam verbalmente. Zelosos de sua seita, mas não tão brutalmente como os arabios e turcos; porque o seu gosto é disputar com os religiosos christãos, folgando até o mesmo rei de os ouvir fallar nestas materias, e disputar com os seus letrados. Gostam muito de vinho, e o deixam fazer aos christãos de Hispahão e Xirás, donde se leva para a India; mas não é de dura, por não ferver, segundo dizem. São sobre maneira luxuriosos, não se contentando nem com muitas mulheres: grandes soldados e homens de sua pessoa; ardilosos na guerra, mas não a fazem senão muito provocados de seus inimigos, e mais para conservarem o seu que para conquistarem o alheio. As armas de que usam, são principalmente arco e frecha, em que se prezam de serem tão destros como os antigos Parthos, de que procedem; alfanges, maças, e algumas espingardas, tão compridas que vi eu a um persiano uma de quinze palmos. Não ha gente no mundo que se ponha a cavallo com tanta bizarria como elles; todos cavalgam á gineta e se meneam mui airosamente, ao que não ajudam pouco as ricas sedas de que se vestem: a mais commum é setim carmesim acolchoado, e panos de graã com muitos alamares de ouro e seda. As camisas são sem manteu: e os gibões inteiriços sem abas. Os calções até o joelho não mais, contra o que usam os mogoles. As roupetas são a modo de marlotas, que dão por meia perna, no corpo mui apertadas, e mangas com-

pridas; o que não tem os turcós, porque todas as suas não chegam mais que ao cotovelo. Usam de roupões com mangas compridas forradas de arminhos, martas, e gibelinas, que lhes vem de Moscovia e Tartaria. Outros de menos posses trazem uns roupões com forros de pelles de raposas, e cordeiros da terra, que tem uma laã tão fina, que parece felpa de seda: como bem se viu de uma que eu trouxe a este reino. Trazem os persianos na cabeça touca branca e um carapução grande e alto com doze verdugos a modo de dobras de gorra; a qual parece sempre por cima da touca ou turbante; e os taes se chamam Queselbás. Esta foi a divisa que Ismael Sophi primeiro deste nome lhes deu. As cabeças rapam á navalha, deixando no mais alto della uma guedelha pequena, em que dizem está seu vigor e força como em Sansão estava. As meias são sempre de cochonilha ou graã, atadas por cima do joelho. Os sapatos vem a ser chinellas nossas com seus saltos atraz, e as pontas rebitadas para cima.

São, de mais do que tenho dito, os persianos mui dados á caça, que é infinita na Persia, tanto de montaria, como de volateria; mas a de que mais gostam é da de falcões, que para isso criam, e tem muito bons. Como são deliciosíssimos, não se atrevem a meter no mar: donde procede não ter elrei da Persia nem uma só fusta no estreito para guarda de suas ilhas e costa. O comer delles é todo genero de frutas verdes e secas; e carnes só não comem a que a sua lei lhes prohibe, que vem a ser a criada com lande. Peixe comem raramente, e nunca sepas: o seu comer é carneiro assado, bringes de galinha, perdizes, vacca e cabrito cosido com arroz e manteiga. Tambem gostam muito de carne frita em manteiga; arroz afogado em manteiga com canella, cravo, e noz:

a meza poem no chão sobre alcatifas. O pão não é como o nosso, senão feito á maneira de bollos cosidos com erva doce. Os mais particulares no vestir e comer se podem ver em Antonio Tenreiro e Vicente Rocca, que diffusamente as tratam.

As mulheres persianas trazem o cabello da cabeça sempre solto e negro, sem curarem delle; e as louras buscam modo para o fazerem preto. Por coifa usam de um barrete, a que chamam araxim, que muitas vezes é de tela de ouro, segundo a posse de cada uma, e sobre elle um modo de funil de prata, que se vai estreitando para cima, e sobre este funil poem a toalha. Tingem as sobrancelhas, fazendo que o meio que fica entre ambos os olhos pareça tambem sobrancelha; o que lhe dá bem pouca graça. São muito recolhidas, e quasi todas alvissimas; mui lascivas e interesseiras. No nariz costumam trazer um brinco de oiro muito lavrado, do comprimento do mesmo nariz; e para que lhe não cáia furam a venta, e por um ganchinho a modo de alfinete torcido o trazem pegado. Bem junto dos olhos se remata este brinco com uma perola. As camisas cortam de tafetá de cores, lavradas no cabeção e mangas. Trazem corpinho e gibão, e por cima suas sotainas abertas todas por diante, e lhes chegam até os joelhos. As mãos trazem continuamente metidas na algibeira, e muitas dellas as tem pintadas, com as unhas vermelhas. O rosto não descobrem nunca fora de casa, trazendo-o cuberto com um sendal, ou guarda cara de sedas de cavallo, a que chamam bauta. Por manto usam um como lençol branco de canequim, com que se cobrem de modo, que nem os maridos as conhecem pelas ruas quando se encontram. Vestem calções de homem, meias, e sapatos. Não andam acompanhadas mais que com outras mulheres. Seu

caminho é apressado e sempre fallando. São grossas, altas e mais amigas de rebique do que toda outra nação. A condição tem aspera e são de ruim bofe, amigas de vaguear, tanger e bailar. Comtudo tem ricas mãos de coser e lavrar, e particular graça para tecer damascos, broslar e urdir teares de téla de prata e ouro com menos fabrica que os nossos. Só fiar cuido que não sabem. Quando fazem jornadas compridas, é a cavallo como homens, e correm tambem como elles. De maravilha comem com seus maridos á meza.

A religião, que geralmente se professa por toda a Persia, é a mahometana: ainda que na cidade de Yasd e em outras muitas partes daquelle imperio ha ainda grande numero de persianos, que se conservam em sua antiga crença, adorando o fogo como o maior de seus deuses, lançando nelle madeiras odoriferas, azeite e oleos. A estes chamam os naturaes Gaor Yasdyr; quer dizer: gentios yasdyenses. Mas ainda que os persas sejam mahometanos, communicam com poucos outros de sua seita, em rasão deque vão por mui diversa vereda, seguindo opiniões, que os arabios e turcos tem por erroneas e hereticas. Não sei que reino algum dos mahometanos se conforme com elles, mais que o de Colocondá na India: todos os mais estão com os arabios, como mais letrados e bem encaminhados. Esta differença que ha entre persas e turcos ácerca da religião, tem sido muitas vezes causas de tantas e tão crueis guerras, como houve por muitos annos entre aquellas duas nações, cada uma das quaes procura fazer certas suas opiniões e sustentar seus erros contra os que se lhe oppõe. Os arabios e turcos chamam aos persas rafasis e cáfares; que val tanto como homens errados e sem lei. Pelo contrario os persas, dizem que só elles são verdadeiramente sonijs, que quer dizer,

sustentadores e seguidores da verdade. E ainda que nem uns nem outros a conhecem, não ha duvida que os persas tem mais rasão por si que os turcos e arabios. Para que se veja será necessario tocar brevemente o principio e fundamento de todas estas discordias e desavenças.

Morto Mafamede, se achou nomeado em seu testamento por successor e cabeça de sua doutrina Ali, filho de Sabutabel, primo co-irmão e genro do mesmo Mafamede, por ser casado com Fatima sua filha. Com a successão lhe deixou encommendado que tomasse a dignidade de Califa, que é como dizer summo pontifice entre nós. Isto tomou mal Abubar, sogro de Mafamede, em cuja casa elle morreu, havendo que lhe pertencia a elle mais aquella dignidade, assim por sogro de Mafamede, como por sua idade, auctoridade e posses. E ajunctando-se com dois parentes seus, Omar e Ottomão, ambos homens poderosos, perseguiram a Ali de feição que o desterraram, e por consentimento de todos foi logo levantado Abubar por califa. A Abubar succedeu Omar no califado, que houve mais por força que consentimento do povo. Succedeu-lhe Ottomão; mas sendo em breve morto no Cairo, se ajuntaram os grandes da seita a conselho, e por parecer de todos foi chamado Ali, cujo era de direito o califado. Estas differenças que no principio houve entre Ali, Abubar, Omar e Ottomão, occasionaram todas as contendas que os mahometanos entre si tem, procurando os arabios e seus sequazes sustentar por letras e armas que os tres successores primeiros de Mafamede foram legitimamente eleitos por califas. Pelo contrario os persianos defendem que só Ali foi verdadeiro califa, os outros tyrannos, ambiciosos e perversos. Mas não param aqui suas discordias ácerca da religião, senão que os persianos tem dezesete conclusões que

não recebem os arabios. Dizem os persianos que Deus é auctor de todo o bem, e que o mal vem do diabo. Respondem os arabios que por esta maneira haveria dois deuses, um do mal, outro do bem. Dizem os persianos que Deus é eterno, e a lei com a creação dos homens teve principio. Dizem os arabios que as palavras da lei são louvores de Deus e seus effeitos, e que todas suas cousas são eternas como elle. Dizem os parsios que as almas dos bemaventurados no outro mundo não poderão ver a essencia de Deus, porque é espirito de divindade; sómente verão sua grandeza, misericordia, piedade e todos os outros bens que obra ácerca das creaturas. Respondem os arabios que com seus proprios olhos o hão de vêr assim como é. Dizem os persianos que Mafamede, quando recebeu a lei de Deus para a denunciar ao povo, foi levado seu espirito diante de Deus pelo anjo S. Gabriel. Respondem os arabios que não sómente seu espirito, mas tambem seu corpo. Dizem os persianos que Hacem e Hocem, filhos de Ali e Fatima, e seus doze netos, tem preeminencia sobre todos os prophetas, excepto seu visavô Mafamede. Respondem os arabios que a tem sobre todos os homens, mas não sobre os prophetas. Dizem os persianos que tres vezes basta fazer oração a Deus: pela manhã em nascendo o sol, chamada Sob; a segunda Dor, ao meio dia; e a terceira Magareb ao pôr do sol; porque estas contêm em si todas as partes do dia. Respondem os arabios que segundo os preceitos da lei devem ser cinco vezes, estas tres e mais duas, a primeira chamada Haoer, que é antes do sol posto, e a outra antes de se deitarem, a que chamam Axá. Estes e outros pontos debatem entre si estas duas nações com tão grande pertinacia, que se tem odio figadal uns aos outros; nem fallam nestas materias sem risco de se matarem. Tem pa-

ra si os parsios que Mahamed Mahadim, um dos netos de Ali não é ainda morto, e esperam por elle, dizendo que hade vir mostrar-se á gente, para acabar de declarar a verdade de todas as opiniões que entre elles e os arabios ha, e que hade converter o mundo todo á sua doutrina. Que não ha nação que não viva de esperanças de algum encoberto: mas este que esperam os persianos deve ser o antechristo; e já houve quem dissesse o fôra seu bisavô Mafamede.

Ha nas cidades da Persia altas e soberbas mesquitas com alcorões, que correspondem ás nossas torres dos sinos, tão levantados que se vão ás nuvens. A estes alcorões sobe quatro vezes no dia o telismano ou muezim, que é o thesoureiro da mesquita, e virado para o oriente, pondo as mãos nas orelhas, começa a gritar com uma voz alta, sentida e vagarosa, pronunciando estas palavras, que a todos os mouros são communs: *Alá hec Bar Axabel Alá. helé e helá Mahameth Rasul Alá:* as quaes tornadas do arabigo em portuguez querem dizer: Deus grande, não ha outro Deus; Mafamede é embaixador de Deus. Depois destas dizem outras muitas, em que pedem ao povo venha á mesquita, ou faça oração em casa, rogando a Deus pelo seu rei, acrescentamento de sua lei, e extirpação da Christaã. Quatro vezes repetem as sobreditas palavras, virando-se para o oriente, poente, norte e sul. As horas de as entoarem são duas horas ante manhaã, ao meio dia, ao pôr do sol, antes da meia noite. Nas cidades em que ha duzentas e mais mesquitas é uma confusão medonha ouvir gritar juntamente tantos telismanos dos alcorões. Não deixam entrar christão algum nas suas mesquitas, nem elles entram senão descalços, e precedendo lavatorio de rosto, mãos e pés, e outras partes, por terem para si que basta uma gota de ouri-

na para ficarem immundos diante de Deus. Nas mesquitas não ha imagem, nem figura alguma, mais que uma cadeira pequena, e nella o mossafo, que é o livro de sua lei, como se dissessemos biblia. O mais ácerca de suas ceremonias e superstições diremos quando fallarmos dos turcos, por serem as mesmas.

E para que acabemos com a Persia, digo que é toda montuosa e cheia de serras altissimas, escalvadas e seccas: mas os valles que ficam entre ellas são amenissimos: os plainos ferteis de tudo quanto se semea. Não lhe faltam rios formosos e caudalosos, como o Brindimiro, Osirto, Iesdro, Drut, Tiritiro, Diala, Bemdamir, Cozan e outros muitos. No verão é mui quente, e secca, ventosa e esteril, naquellas provincias que ficam ao sul; que as do norte são frias, frescas e deliciosas, por isso dão toda a casta de frutas da Europa. E' terra muito creadora de cavallos bons e ligeiros, de sedas, algodões, ruibarbo, tutía, manná, trigo, vinho, datiles, tamaras, e todo genero de flores e legumes. Os gados são infinitos, e as laãs finissimas; mas não sabem obra-las: só fazem uma casta de chapeus dellas para os camponezes, os quaes são muito molles e brandos. Tem cidades populosissimas, quaes são Hispahão, Casbin, Xirás, Lara, Taurisio, Mazandaron, Estrabat, Chabul, Candahar e outras muitas. Na provincia de Parc ha minas de prata, e na de Nixabur se acham as pedras chamadas turquezas. Portos de mar tem poucos que sejám para nómear, excepto o de Ormuz e Comorão no estreito. Na provincia de Aderbajon tem alguns para o mar Caspio, aonde vem os moscovitas, polacos, circassios, georgianos e outras nações com suas naus trazer as mercadorias que se dão em suas terras.

CAPITULO XIV.

Parto do Comorão para o Congo da Persia por terra. Que terra seja aquella, e porque elrei de Portugal tem nella meia alfandega. Detença que alli fiz.

No breve tempo que me detive no Comorão tratei de buscar cavallos em que fazer a jornada do Congo, aonde me levavam duas conveniencias; a primeira de achar portuguezes com quem praticar sobre minha viagem, e a outra descançar alguns dias dos trabalhos do mar em casa do persiano meu companheiro, que tambem me havia de pagar certa quantia de dinheiro que lhe emprestára em Surrate: mas como não achasse cavallos de aluguel fui obrigado a tomar camellos, que neste caminho me molestaram quanto bastava para eu me resolver a nunca mais caminhar nelles; porque moem os corpos, e andam muito devagar, nem reparam em se deitarem nos rios com os que levam em cima. Uma só commodidade tem quem anda em camellos, e é não temer sol nem chuva; porque lhe armam em cima da albarda uma como charola ou caixa de liteira, coberta por todas as partes de panno, na qual póde um homem só ir deitado muito á sua vontade, e dois assentados largamente. Tres dias e meio puzemos no caminho, que fomos fazendo sempre por junto da praia, que habitam arabios pescadores em suas cabanas. A cada quarto de legua achavamos cisternas de pedra e cal cheias de agua do inverno, a qual lhe vai por regos que abrem na terra, mas descobertos; o que é causa de terem a agua sempre turva e pouco limpa. Cada dia topavamos serras altissimas, não de pedra ou barro, mas de sal alvissimo,

todas escalvadas e sem uma herva. Vi estarem muitos homens ao pé dellas, cortando com alviões e machados as pedras de sal, com que carregavam os camellos: e vi camello carregado com uma só pedra de sal, sendo a sua justa carga trinta arrobas: mas que muito, se toda uma serra é uma só pedra? O padre francez meu companheiro desejava muito ter em França uma daquellas serras, mas não sabia como a poder guardar: eu a desejava neste reino com todo o risco. Nas fraldas de uma daquellas serras havia uma cisterna, em que tomámos um bocado, e bebendo da sua agua, o persiano se sentiu logo tão doente de uma febre tão rija que cuidei que lhe tinha chegado a sua hora: adiantou-se logo assim como pôde, deitado sobre um camello, e chegando a sua casa quiz Deus dar-lhe saude. Eu e o francez fomos mais devagar, e entrámos pouco depois do persiano na villa do Congo.

Está o Congo hoje muito outro do que dantes era; porque sendo dantes uma pobre aldea de pescadores, Ruy Freire de Andrade sendo capitão mór do estreito e geral de Mascate, lhe abriu o porto, e fez com que o Congo fosse povoado de mercadores ricos, que por causa do trato e naus, que alli vem da India, vieram de outras partes chamados do interesse. E' villa aberta, posta em uma praia esteril: terá tresentos visinhos entre parsios e arabios, alguns baneanes e portuguezes. Fora do povoado, vivem pela praia abaixo, e para cima infinitos arabios em suas tendas de campo a seu modo. As casas são de pedra e cal, mas terradas, com seus cataventos, como no Comerão. Não ha no Congo agua doce mais que para beber em algumas cisternas. Para lavar a roupa se servem do mar. Não tem hortas, nem quintas; mas nem por isso deixa de ter frutas, que lhe vem da terra dentro: tamara não lhe falta, assim da que ha em seus ar-

redores, como da que lhe vem de Baçorá: dos mais mantimentos é bem provida. Frequentam seu porto muitas galeotas do Sinde. Damão, Diu, Surrate e outros portos da India, fóra terradas, que são as embarcações daquelle estreito, a modo de muletas do Tejo, das quaes está o porto sempre cheio. Todo o aljofar que se pesca na ilha de Baharem se vai vender ao Congo: o que faz ser aquella terra rica, e de trato grosso. Seus governadores são fidalgos dos principaes da Persia. No tempo que por alli passei era governador do Congo um filho do Kan de Lara, que corresponde no titulo a duque em Hespanha. Para defender o porto e naus que nelle estão, de quaesquer piratas, fizeram agora um baluarte no rolo do mar, com duas peças sómente. Correm aqui as embarcações muito risco, por não estarem abrigadas mais que dos ventos terrenhos, que são norte, nordeste e noroeste. A alfandega não é toda d'elrei da Persia, por ter dado ametade do seu rendimento ao de Portugal. A causa direi agora.

Perdida a fortaleza de Ormuz e restituido a Goa o grande Ruy. Freire de Andrade, pareceu ao Conde da Vidigueira, que então governava a India, manda-lo ao estreito com um bom numero de fustas a restaurar a reputação portugueza, que estava de todo perdida para com os persas e arabios: fe-lo tão bem Ruy Freire, que como se fosse um raio abrasador, assolou, destruiu e queimou quantas povoações tinham os vassallos do Persa, quer nas ilhas, quer nas terras visinhas ao mar; não perdoando a cousa viva, fossem homens ou mulheres, grandes ou pequenos: as mesmas arvores sentiram seu ferro, as mesmas pedras dos edificios o fogo, em que foram abrasados. A ilha de Ormuz poz em tal aperto, que faltou pouco para se lhe entregar. Tal foi o estrago, que dura-

rá nos persianos até o fim do mundo. Ainda hoje se vê em algumas ilhas daquelle mar ruinas de grandes casarias, que elle derrubou, e cidades inteiras ermas e deshabitadas, por não ter deixado nellas pessoa viva. Fallar a persianos em Ruy Freire, é como fallar aos hollandezes no duque de Alva. Nenhuma nau deixava chegar aos portos do Persa, nem que de seu reino sahissem para fóra; com o que o poz em tanta desesperação que houve de pedir pazes e vir nos seguintes concertos. Que todos os annos pagaria de tributo a elrei de Portugal cinco cavallos e lhe daria ametade da sua alfandega do Congo, com tanto que Ruy Freire se obrigasse a fazer hir as naus a elle. Concedeu-lhe Ruy Freire as pazes naquella parte do estreito, que começa na cabeça da ilha de Queixome e fenece na foz do Eufrates, reservando para sua vingança o mais daquelle mar. Mandou logo feitor para arrecadar ametade dos rendimentos da alfandega do Congo e uma esquadra de fustas pôr-se na garganta do estreito, para que obrigassem as naus da India a que, deixados os portos do Comorão e Ormuz, fossem tomar o do Congo: o qual em breve foi frequentado em grande detrimento do de Comorão, e não menos dos inglezes, que perdiam o premio das ajudas que tinham dado ao Persa contra nós, o qual premio ou paga foi ametade daquella alfandega, que ainda hoje comem.

De mais de feitor tem elrei nosso senhor no Congo um vedor da fazenda e um escrivão da alfandega, portuguezes todos, fóra outros officiaes, como sacador, guardas, avaliadores e outros, ou mouros ou gentios. Assim mesmo sustenta Sua Magestade no Congo um religioso de Santo Agostinho, que é parocho dos christãos todos que alli ha; e tem sua igreja publica, com não pouca gloria de Deus. A casa da nossa feitoria é tão limitada

em comparação das que hollandezes e inglezes tem no Comorão, que vem a ser descredito da nação entre aquelles infieis. Sendo costume terem sempre arvorada a bandeira de Portugal em um mastro alto; no tempo que por alli passei não a vi arvorada: e a rasão que me deram os officiaes da alfandega foi que rôta a que só havia não haveria outra. Destas e outras cousas mais importantes ao serviço de Sua Magestade avisei do Congo ao viso-rei da India: queira Deus que aproveitasse.

Ora chegado eu ao Congo quiz logo consultar a derrota que tomaria para fazer minha viagem, se a da Persia, se a da Arabia. A todos os portuguezes pareceu que fizesse meu caminho pela Persia, por ser mais seguro e ter logo companhia até Lara, onde a achava facilmente para Hispahão, e alli para Tauris, de Tauris para Babilonia ou Arzerom, e desta cidade para a de Smirna no archipelago. Parecia-me a mim bem a segurança, mas descontentava-me o muito vagar com que se faz esta viagem, muito mais sem comparação do que pela Arabia. Fazia-se-me cousa dura caminhar seis e oito mezes, como e quanto quizessem os companheiros das cáfilas; e sobre tudo as tardanças que ás vezes ha em estas partirem das cidades, a difficuldade em as achar sempre, a asperesa das serras da Persia, porque se faz muita parte do caminho; e finalmente eu me resolvi ao mais breve, ainda que fosse o mais arriscado: não assim o meu companheiro francez, o qual me deixou, e se foi para Lara. O outro meu camarada Mamudxá se aprestava neste tempo para voltar á India dar conta de mim e de si ao viso-rei: em seu lugar tomei um moço preto natural de Mascate, que sabia sangrar; e passados seis dias de detença no Congo, quando foi aos quatorze de Março, despedindo-me do P. Fr. Sebastião Agostinho, que me ti-

nha agasalhado com toda a charidade, e do vedor da Fazenda Manoel Mendes Henriques, e mais portuguezes, me embarquei para Baçorá.

CAPITULO XV.

Viagem que fiz por mar do Congo a Baçorá, com os successos della e noticias de toda aquella costa da Persia e de algumas ilhas, que são mais célebres naquelle mar. Poem-se tambem a disputa que tive com um molá persiano.

Antes que descreva minha viagem, será bom dar conta do barco, em que a fiz. E' pois de saber que em todo o Sino persico não navegam os que povoam seus portos e praias mais que em terradas e terranquís, que são uma certa casta de barcos, como muletas, mas mais largas e sem quilha: a prôa tem baixa, e a poppa demasiadamente alta: sobre ella poem uma charola, em que cabe uma cama: o leme se governa por uns cordeis, que lhe vem sahir ao meio da terrada, e todo elle está cuberto de uns busios pequenos, ou por galantaria ou superstição daquella gente; são de um só mastro: a vela latina; esta tiram totalmente da verga todas as vezes que o vento se muda, por não a saberem virar de outro modo; tem remos, com que se navegam em falta de vento; e sempre andam armadas de muitos feixes de lanças: o fogão é um cesto embarrado: os tanques de agua são duas jarretas pequenas, nas quaes levam agua somente para dois dias; estes acabados, de força hãode tomar

terra, e tambem lenha, porque mettem pouca na barca. Em tempo de tormenta ou se recolhem aos portos, ou, se estão engolfados, abatem o mastro e se deixam levar das ondas para onde os botam. Todos os marinheiros são arabios, aos quaes servem estas terradas de pescar aljofar quando é tempo na ilha de Baharem, e no demais de commerciarem de uns portos para os outros dentro do estreito; ainda que algumas terradas maiores passam ao Sinde, que é no rio Indo. Os arabios da Felix armaram por muitas vezes contra nós grande numero destas terradas; mas como não sofrem artilheria facilmente eram desbaratadas. Tambem os persianos pouco depois de nos tomarem Ormuz, querendo ir sobre Mascate, fizeram uma armada de doze fustas das que acharam em Ormuz, e oitenta terranquís; mas encontrando-se no mar com D. Gonçalo da Silveira, que era cabo de oito fustas, foram vencidos e postos em fugida.

Embarquei-me pois em uma destas terradas, encommendado ao necodá pelo seu xeque, um arabio cabeça de cabilda, que vive no Congo; e navegando com vento causim, que é o sul na lingua arabiga, chegámos ao cabo Nabão, que dista do Congo trinta e seis leguas. Nesta paragem padecemos algumas refegas de vento noroeste, a que elles chamam Xamal [este e o causim são os ventos que mais reinam naquelle estreito] o qual nos obrigou a nos irmos amparar com a serra que faz o sobredito cabo. Logo com vento galerno costeada a costa que os persas dizem Dolestão, e deixadas por ré as ilhas Pilot e Caez, que já foi cabeça de reino, e se desfez com a fundação da cidade de Ormuz, como atraz escrevi; fomos navegando por junto da costa que desde Nabão até Reyxet se faz curva á maneira de enseada, e tomámos varías vezes terra nas villas de Bedican, Chilao, e no

cabo de Verdestan e na villa de Reyxet, onde fomos forçados do vento. Dalli engolfámos para Baçorá, que dista cincoenta e oito leguas de Reyxet, por não gastarmos tanto tempo indo correndo a costa. E estando já ao mar pouco mais de quinze leguas daquella villa, avistámos a ilha de Cargue, bem notavel naquelle mar, em que jazem sepultados os principaes capitães de Mafamede, debaixo de sumptuosos tumulos. Por esta rasão é tida em grande veneração dos mouros: e tambem porque, segundo sua tradição, desta ilha mandava seu falso propheta levar o tabaco que cachimbava. Desejei saltar nella para a ver de vagar; mas o necodá não sei que viu no tempo que não quiz deter-se junto da ilha, onde dizem que são certas as tormentas, sem abrigo nenhum para as embarcações, por ser a terra muito baixa. Nem se enganou o necodá; porque apenas desgarrámos de Cargue, sendo já sol posto, quando nos entrou um forte temporal, e com elle evidente risco de naufragarmos; porque os mares alli são grandissimos em rasão de terem pouco fundo: nós estavamos engolfados; buscar terra era mór perigo; lançar fateixa, peior: que como as terradas são baixas e sem coberta, encher-se-hia a nossa logo de agua: tomaram os arabios por remedio abaterem o mastro, e cobrindo a terrada com a vela, a deixaram á discrição das ondas, as quaes a atravessaram logo, e a mim a alma, por ver que distava tão pouco da morte como da agua que nos entrava por todos os bordos. Os arabios pelo contrario se foram lançar a dormir debaixo do toldo, que a vela lhes fez, e uns roncavam, outros ao entrar da onda gritavam: Alá, Alá: Deus, Deus. Estive-me eu encommendando a Deus quasi toda a noite, apparelhando-me o melhor que podia para a morte que tinha por certa; até que de cançado me tomou o somno, e dor-

mindo todos sobre o risco como sobre seguro, amanhecemos em calmaria e com mar bonança. Vasaram os marinheiros a agua da terrada, e com vento que veio pelas des do dia tornámos a refazer as leguas que nos tinham atrazado as ondas, e em quatro dias chegámos a uma ponta da ilha Murzique, que faz duas fozes ao Eufrates, e é chamada por Ptolomeu Teredon, em altura de trinta graus escaços. Desta ilha para o sul fica a ilha Baharem, de que me pareceu fazer particular menção, por ser a mais rica e deliciosa de todas as que ha no estreito.

Terá Baharem de comprimento sete leguas, e em redondo trinta: fica defronte de Catifa, e dista de Ormuz cento e des leguas: a terra firme que lhe corresponde é a Arabia, para aquella parte onde fica Lasah, cidade a mais fertil e mimosa de todo aquelle tracto, chamado Yamen. O sitio desta ilha em si é terra baixa e de grandes palmeiras, terra humida e viçosa: em qualquer parte que cavam acham logo agua, mas salobra; donde se causa ser muito doentia, e principalmente desde setembro até fevereiro: nestes mezes se passa para a Catifa a mais da gente nobre, por não adoecerem. Rende muito esta ilha, assim pela quantidade que recolhe de tamaras diversas nas castas, como porque nella ha todo o genero de frutas de Hespanha, principalmente a hortada, assim como romaãs, pecegos, figos, e toda a sorte de hortaliça. Os moradores são mouros arabios, e a cidade é nobre em edificios de pedra e cal. Ha por toda a ilha tresentas povoações. Desta ilha tomou o appellido a familia dos Baharens neste reino, dado na India a Antonio Correia pelos feitos que fez contra Moerym, rei intruso daquella ilha. O que mais a ennobrece é a pesca dos aljofares e perolas, que se faz em seu mar desde junho até agosto. As perolas desta paragem se avantajam a todas

as de outras partes, assim na fineza como nas aguas, grandeza e proporção. No Congo vi algumas que me pareceram sem comparação melhores que todas as que vi na costa da Pescaria alem do cabo de Comorim. Cada anno se fazem quinhentos mil cruzados nesta pescaria, fóra o grande numero de aljofares e perolas que se esconde e encobre. Tres logares ha celebres por estas pescarias no oriente, como é Aynão na China, Manar junto a Ceylão, e esta ilha de Baharem. A maior de todas é a que se faz em Manar pelos christãos de S. Francisco Xavier, chamados Paravás, que povoam a costa da Pescaria. Ha tambem alguns outros logares no estreito, em que se pescam alguns aljofares no mez de setembro, mas em pouca quantidade. Na nossa ilha de Caranjá no norte se tem achado em mãos de Colles pescadores alguns aljofares, que tiraram do rio entre a ilha e a terra firme, e dizem que não falta quem ás escondidas faça aquella pesca. A qual em Baharem e Manar se faz desta maneira.

Ajuntam-se dois e tres mil barcos na paragem onde tem determinado, e posto o seu arraial junto do mar com os mantimentos necessarios para o tempo que hãode gastar na pescaria, assentam o dia em que lhe hãode dar principio: nelle fazem grandes festas, e com certas cousas, que alguns feiticeiros trazidos para isso lançam ao mar, enfeitiçam os tubarões de maneira que não fazem todo aquelle tempo mal aos mergulhadores. Feita esta primeira diligencia, e achando que o dia é claro, o vento pouco, o mar bonançoso, se repartem os barcos coalhando o mar em que ha aljofares. Cada barco leva duas castas de gente; mergulhadores que vão ao fundo, onde em cordas estão as conchas, a que chamamos madre-perolas, pegadas no chão; e tiradores que servem de alar a cima os mergulhadores quando lhes fazem signal: por-

que é de saber que estes mergulhadores para irem logo ao fundo levam duas pedras grandes amarradas nos pés; e para virem acima quando o folego lhes falta vão presos pela cintura com uma corda, cuja ponta fica nas mãos dos tiradores que estão no barco. Chegado o mergulhador ao fundo arranca as conchas, que vai mettendo em um taleigo; este cheio, ou em falta de folego, faz signal aos de cima com a mesma corda que tem cingida, e os outros, como estão álerta, alam-no logo para o barco: se se descuidam alguma vez, morre o mergulhador sem remedio. Despejado o taleigo, torna a mergulhar, e acabado o dia vão para terra com toda a concharia, e a enterram para que apodreça a ostra que dentro tem; e abrindo ao depois cada qual a sua cova e conchas, tira o que acha nellas, ou sejam aljofares ou perolas. Se bem ha alguns destes tão destros em conhecer que conchas tem perolas, que lá mesmo debaixo da agua abrem com faca aquellas que lhe parece terem-nas, e engolindo-as saem ao depois em terra com ellas furtadas a seus donos, que são os dos barcos, e tambem aos direitos. Sobre a producção das perolas ha uma opinião mui acceita, que eu nunca pude approvar, por mais que a quiz tirar a limpo em um anno que estive na costa da Pescaria; e é que as perolas se geram do orvalho que cae do ceu ante manhaã, o qual recebem as ostras, digamos assim, vindo áquellas horas pôr-se sobre a agua, abertas as bocas. Será verdade; mas eu toda a diligencia fiz por muitas vezes, mettendo-me no mar em que se faz a pescaria ás mesmas horas em que cahia orvalho, e nunca vi tal. E' como a producção do ambar, sobre que havia opiniões tão erradas, como por experiencia se tem achado, attribuindo ás baleas o que se gera no fundo do mar. Mas tornando a pôr-nos na ilha Murzique e foz do Eu-

frates, quero contar uma disputa que tive com um molá persiano meu compassageiro no barco, homem letrado na sua lei, e visto na nossa.

Desejava este muito de tratar comigo materias de religião, não me deixando nunca, nem ainda a horas de comer, antes com murmuração de todos os arabios marinheiros se punha comigo á mesa, comendo o arroz que o meu moço guisava, sem escrupulo de lhe ser prohibido pela sua lei. Admiravam-se os outros vendo fazer aquillo a um homem letrado, e de quando em quando não deixavam de lhe chamar rafasi ou herege. Sabida a causa desta familiaridade, o molá queria por aquella via affeiçoar-me de modo que lhe não negasse eu ao depois o que determinava pedir-me, e era que me fizesse mouro e ficasse com elle em Baçorá, onde era chamado pelo baxá com grandes promessas de acrescentamentos. Esta petição me fez um dia depois de passar comigo o que direi. Perguntou-me se Christo nos evangelhos fallava de seu propheta Mahomed, assim como este fallava de Christo? Respondi-lhe que em muitas partes fallava Christo do seu Mahomed, mas não com a honra que este fallava de Christo no moçafo de sua lei, por não a merecer Mahomed, e Christo merecer muita mais daquella que seu falso propheta lhe dava. E declarando-lhe logo aquellas palavras de Christo por S. Matheus: *Acautelai-vos dos prophetas falsos e embusteiros*, disse ao molá que Christo as dissera por Mahomed. Assombrado ficou o molá com tal exposição, e virando-se para os seus lhes dizia: Vêde a cegueira destes christãos que, tendo nos seus evangelhos testemunhos claros da vinda e santidade de nosso grande propheta, não as querem entender, antes errar, interpretando os evangelhos e palavras do seu Isai [assim chamam a Christo] não como pede a verdade, mas co-

me mais lhes serve para sua perdição. Ao nosso santo Mahomed, bafo de Deus, chamam profeta falso, tendo-lhe o mesmo Isai dado nome de espirito de verdade. Só por esta blasphemia merecia este afogado. E logo tornando a mim muito enfadado me disse: Vós cuidais que eu não tenho lido os vossos evangelhos em arabigo? e que não sei mui bem os logares em que Isai falla nelles de Mahomed? Por João diz no capitulo quatorze, que rogará ao pai, e elle mandará aos homens um espirito consolador que fique com elles para sempre. O pai era Deus, pai de todos: o espirito consolador nosso propheta, o qual Deus mandou ao mundo para o consolar com sua lei das afflicções em que estava, por não poder guardar a lei que Isai lhe tinha dado aspera e dura. Esta era a intelligencia que o molá dava áquellas palavras, que repetia muitas vezes, insultando-me que respondesse: o que eu fiz, provando-lhe que o logar allegado por elle se entendia do Espirito-Sancto, e não de Mahomed. E argumentava-lhe assim: Naquellas palavras que Christo disse a seus discipulos faz-se menção de pai: onde ha pai ha tambem filho: vós dizeis que o pai alli é Deus: logo Deus era pai de Christo: logo Christo é filho de Deus: logo em Deus ha mais de uma pessoa: o que tudo é contra o que Mahomed ensina: e não vos convem a vós dizer que Mahomed disse mentiras, quando com o nosso evangelho procuraes acredita-lo de propheta verdadeiro. E assim melhor vos está ceder da má interpretação, que daes áquellas palavras, do que conceder tantos absurdos em vossa lei e doutrina, como são haver Trindade em Deus, e ser Christo filho de Deus.

Acudiu o molá a este argumento, dizendo que Isai chamava a Deus pai, como nós todos lho podiamos chamar, e não por ser seu verdadeiro e natural filho. Ven-

do que o molá dava esta escapula, passei ao segundo argumento, que totalmente o convenceu: era este. O Espirito consolador que o Pai mandou ficou com os homens eternamente: logo não é aquelle Espirito consolador. Respondeu o molá distinguindo a menor, e concedendo que não ficára Mahomed eternamente com os homens por pessoa, e negando que não ficasse por doutrina. Mas eu o apertei mais, mostrando-lhe que Christo naquelle texto não entendia a ficada por doutrina, senão por pessoa; por quanto por doutrina elle mesmo ficava eternamente com os homens, que guardarão a lei da graça em quanto o mundo fôr mundo. Por pessoa em quanto homem não ficava, porque morria; e só o Espirito-Santo como pessoa toda divina, que não havia de morrer, podia ficar com os homens para sempre. Ainda o molá se não dava por satisfeito, e passando dos argumentos a desejos e profecias, dizia que só a sua lei havia de permanecer no mundo, e que a de Christo não duraria mais que até a vinda do seu Mahomed Mahadim, neto de Ali, o qual converteria o mundo todo á sua seita. Aqui me aproveitei eu da lição que algum tempo tive das prophecias sebastianisticas, e pondo o encuberto já na Syria, já na Palestina, já em Constantinopola, logo na Persia, dava sua lei por acabada. Mas o mal foi que nem elle cria as minhas prophecias de Bandarra, nem eu as suas. E vindo ás boas, por fim de disputas me pedia o molá quizesse ser mouro, que elle me promettia da parte do bachá de Baçorá quanto eu quisesse para viver a la grande toda a minha vida; e que se fosse meu gosto me acompanharia até Babylonia, onde com maior applauso festejaria minha conversão á sua lei, e o premio seria maior. Agradeci-lhe a boa vontade que me mostrava; a qual eu disse lhe fizera se não cresse que havia outra vida em

que se paga o mal que nesta se obra: e que se deixar o certo pelo duvidoso, não era de sabios; deixar uma lei seguramente verdadeira, qual era a que eu professava, pela sua notoriamente falsa, seria de mais de imprudencia, culpa tão enorme, que eu me corria não só de a cometer, mas ainda de a considerar. Ouvindo-me os arabios isto, e vendo que carregava o rosto, se enfadaram com o molá por me tentar, dizendo que não me devia persuadir a ser mouro com promessas, senão convencer-me com as letras: e levantando-se todos marearam as velas para embocarem o Eufrates.

CAPITULO XVI.

Descreve-se Baçorá e seu porto. Onde nasçam e feneçam os dois rios Tigres e Eufrates. Como por elles se levam para Turquia, França e Italia as especiarias da India.

Não fallamos aqui de Baçorá a velha, oito leguas distante da nova e fundada por Atabad filho de Garvã em tempo de Ali; da qual se contam mil patranhas, como haver nella cento e vinte mil esteiros, que se derivavam dos rios Eufrates e Tigres, por virem ambos alli concorrer, e que era maior que o Cairo; porque desta cidade não ha já memoria, nem vestigio algum. Baçorá a nova dista quatorze leguas [e não trinta, como escreve João de Barros] da barra dos rios Eufrates e Tigres, quando ambos juntos se metem no mar Parsio, não ao longo da corrente delles, mas afastada um tiro de espingarda no

fim de um esteiro aberto á mão, que para serviço da mesma cidade se abriu, em que podem entrar navios de remos. Está em altura de 31 graus, e foi fundada haverá duzentos annos; por quem, não pude descubrir. E' populosissima, e passa de cem mil visinhos arabios, turcos, persas, armenios, jacobitas, sábis, indostanes e de toda a nação, que alli concorrem por rasão do commercio com a India. Os edificios são pela maior parte de barro abetumado, e tão tezo que parece tijolo; mas as dos ricos tem alicerces de pedra, que mandam vir da Persia, por no territorio de Baçorá não haver nenhuma. Os paços do baxá são formosissimos, e de pedra todos, com muitas janellas rasgadas a nosso modo. Toda é murada em redondo de altos muros de barro, com suas torres do mesmo. Haverá em Baçorá cincoenta mesquitas: a melhor dellas é a do baxá; depois desta é a segunda na obra a igreja que foi dos padres Agostinhos, quando alli residiam. De madeira ha nella muita falta, e toda lhe vem da India, por tambem a não dar a Arabia, nem o maritimo da Persia, mais que alguma de palmeira, que é estreita e de pouco valor: a da India compram por grande preço, e se vende a covados. Assim mesmo necessita que lhe venha da India o ferro; e por esta rasão usam muito de chaves e fechaduras de pau, que é cousa muito galante. Tem esta cidade muitas ruas cubertas por cima ao modo turquesco, nas quaes estão as tendas dos officiaes e logeas dos mercadores. Na sua praça foi a primeira vez que vi vender gafanhotos, e tambem vi que se levavam ás rebatinhas: cosem-nos em agua e sal, e não lhes botam fóra mais que os pés e as azas: quando navegam levam-nos por mantimento seccos em jarras. Eu os comi, e achei serem muito bons para quem não tem outra cousa, como S. João Baptista não tinha no deserto.

A maior parte das ruas desta cidade são navegaveis por esteiros, que manam do Eufrates, os quaes regam com suas aguas as hortas e jardins, e dão agua para serviço das casas, correndo-lhe pelas portas. As quintas, pomares, e jardins são de muito preço, frescos e aprasiveis, cheios de arvores e boninas, flores e murtas. Não ha em Hespanha fructa, que naquella cidade se não ache em abundancia; e sobre isso muita tamara. As sahidas de Baçorá são, a meu vêr, as mais recreativas do mundo todo: ou sahiais por terra ou pelo rio em barco, ides sempre á sombra de arvores vendo verdes palmares, grandiosos pomares, frescas hortas, graciosas flores, galhardas quintas, precipitadas correntes dos mais affamados rios, remansos serenos de cristalinas aguas pelos esteiros, barcos á vela, e de galhofa; emfim tudo o que no mundo recreia. Se são boas as sahidas, não ganham ás entradas. Findo o estreito ou golfão de Baçorá, se embóca por sua barra, que é a foz do Eufrates, o qual nas primeiras sete leguas faz seu curso por entre paúes alagadiços e salgados: mas logo que se chega á agua doce, não se poem os olhos, de uma e outra banda do rio, mais que em juntos palmares e continuados arvoredos, que tem por divisas muitas casas de campo, e fortes para defensa da entrada, que não ajudam pouco para o agrado da vista. O porto é segurissimo e tão capaz, que por todas as quatorze leguas que vão de Baçorá á barra tem as naus fundo para surgirem: porem a entrada não é facil, sendo sempre necessario trazerem as naus pilotos da ilha de Cargue; e estes mesmos se perdem ás vezes, sem saberem porque rio entram se pelo que chamam de Gabão se pelo de Catifa, ou pelo de Baçorá: e a causa disto é, que no meio da barra ficam duas ilhetas; por entre a de Quedre e a terra de Baçorá corre o rio de Catifa; por entre

a outra ilha e terras da Persia vai o rio do Gabão; e entre uma e outra ilha desemboca o rio Eufrates, a que chamam de Baçorá, no qual só ha fundos para naus. Para melhor o conhecerem tem suas balisas, a que chamam bufras. Alguns pilotos ha tão destros que pelo cheiro da lama sabem em que rio estão.

Cada anno vem áquelle porto quarenta e mais naus da India carregadas de roupas finas, ferro, madeira, pimenta, lacre, ambar, canella, cravo, noz e massa, beijoim e outras drogas; as quaes tem vasão para a Turquia, e desta para Italia e França, pelas naus de estrangeiros, que commerciam em Aleppo, Saida, Tripoli e Smirna. Mas não acodem a Baçorá as mercadorias da da India sómente, senão todas as da Persia, com quem visinha, de Armenia, de Chaldea, de Mesopotamia, da Syria, de Turquia e de toda a Europa, levando-lhas os mercadores destas provincias pelo rio abaixo de Babylonia. A meu vêr, é Baçorá a mais rica escala daquelle mar, por acudir a ella todo o bom de poente e oriente. Vivem nella mercadores tão grossos que se alli forem duzentas naus, a todas darão carga em um mez. Os ganhos comtudo não são tão grandes como em outros portos: essa é a razão porque hollandezes não vem áquelle porto, por dizerem que não ganham cento por cento. As fazendas proprias da terra são muitas caixas de marmellada, muita tamara, e a mór parte do aljofar e butica, que se pesca em Baharem pelos arabios de Catifa e Baçorá.

O clima é entre bom e mau: no verão são os calores excessivos, e nos mezes que se colhe a tamara, que são Novembro e Dezembro, dá uma casta de doença na gente, que leva em poucos dias. Os cursos de sangue nesta terra são todos mortaes, e causados ordinariamen-

te nos estrangeiros da agua do rio, que tem esta proprie-
dade; pelo que é necessario bebe-la com vinho, que
alli fazem de passas de uva e tamara, ainda que lhe
vem muito da Persia, e das terras que ficam pelo rio aci-
ma muito trigo, cevada e legumes, fazendo aquella ci-
dade abundante de mantimentos. Louça e pellames lhe
vem de Babylonia, por commutação da tamara que le-
vam de Baçorá; a qual se concerta de varios modos:
porque alguma colhem em pintando de vermelho, e co-
sendo-a no fogo em grandes caldeirões, a poem depois a
secar ao sol, até que fique dura, e a esta chamam con-
gos, mui saborosos e doces. De outra fazem conservas, me-
tida em vasos cheios de çumo da mesma tamara. De ou-
tra fazem vinho, vinagre, aguardente e mel: e a maior
parte deixam amadurecer, e amassando-a uma com ou-
tra a guardam para sustento ordinario, que o é de toda
a gente arabia. Não deixarei de contar neste lugar o que
ácerca destas palmeiras de tamaras soube nesta cidade,
por occasião de vêr na praça venderem-se as espigas das
mesmas palmeiras em flor, que são a modo de candeas
dos nossos castanheiros. Perguntei de que serviam aquel-
las espigas, e responderam-me, que era a flor das pal-
meiras machas, sem a qual as outras não floreciam, nem
dávam fructo: pelo que era necessario entremetér nas pal-
meiras de fructo alguma daquella flor para carregarem
de tamara. Então me deram a rasão porque havendo na
India tantas palmeiras da mesma casta como as de Ba-
çorá, não davam tamara, e sómente serviam de dar su-
ra para se fazer vinho; e a rasão era que não havia na
India nenhuma palmeira macha, cuja flor fizesse as ou-
tras fecundas.

A fé que em Baçorá se professa é a do maldito Ma-
foma. Os naturaes são viciosissimos, e mui dados ao pec-

cado, por isso fracos e sem valor. Vestem e comem á arabiga: grandes cavalleiros, e para exercicio da cavallaria todos os dias á tarde ha escaramuças publicas em certos rocios, onde todos os nobres e soldados acodem com seus cavallos e uns covados roliços com que se tiram uns aos outros. São amigos dos portuguezes mais que de nenhuma outra nação, e lhes fazem toda a boa passagem na alfandega, quando lá vão com seus navios; parece que em agradecimento das ajudas que antigamente deram a seus reis contra o de Gizaira e turcos. Consentem igreja aos padres carmelitas descalços, os quaes fazem muitos serviços a Deus na reducção de grande numero de hereges e scismaticos de todas as christandades orientaes, que alli vivem, ou vem nos mezes da monção de naus da India. O maior numero de christãos que ha em Baçorá são os de S. João, chamados naquellas partes sabís, os quaes se presam de serem descendentes daquelles que converteu o glorioso S. João Evangelista, que dizem chegou com os raios da sua doutrina a allumiar muitas terras do oriente. O nosso P. João de Lucena é desta mesma opinião, fundado no titulo da primeira canonica, que antigamente era de S. João, aos parthos. Eu porem, com licença de tão grande auctor, sou de parecer que estes christãos sabís se chamam de S. João, não por serem convertidos pelo Evangelista, senão porque em todas suas ceremonias procuram assemelhar-se ao Baptista. Assim como elle baptisava no Jordão, assim elles não baptisam senão no rio: e a forma das palavras que pronunciam é esta: Eu te baptiso assim e da maneira que baptisou a Christo o santo Baptista. Accrescenta-se a isto que não tem missa, nem a ouvem; o que se não achará em christãos nenhuns convertidos pelos apostolos. Ora tem muitas superstições judaicas: o que tudo mostra se-

rem estes christãos daquelles que o Baptista converteu a Christo nas praias do Jordão, e como lhes faltou seu divino mestre tão depressa, e elles se retiraram para as correntes do Eufrates no reino de Bombareca, e Baçorá, foram com o tempo apagando-se nelles as tintas da fé, que o santo precursor lhes prégou. Não comem carne alguma que outrem matasse, não sendo seu sacerdote. Baptisam-se muitas vezes no anno, e não communicam com nenhuns christãos dos orientaes; menos com mouros, aos quaes tem mortal odio, vivendo entre elles. Os casamentos fazem na forma seguinte. Levam noivo e noiva ao rio despidos da cintura para cima, alli lhes ajunta o sacerdote ou ministro daquella ceremonia os pescoços pela parte detraz da cabeça, e dando-lhes umas certas pancadinhas nas cabeças com certo cajadinho e certas palavras, os tira da agua, e manda para casas separadas, onde estão sem cohabitarem por termo de um mez: este acabado, os tornam a levar ao rio, onde os baptisam, e acabam de casar.

Assim em Baçorá, como no reino de Bombareca seu visinho, que hoje é do Persa, haverá trinta mil familias desta gente: a qual no tempo que governava a India o conde de Linhares lhe mandaram seus embaixadores, pedindo licença e navios para se passarem ás terras do estado: a qual licença se lhes mandou, e vieram muitos a Mascate, donde se repartiram por algumas povoações que tinhamos na Felix, e alguns passaram a Ceilão, onde foram muito bons soldados. A vida destes christãos de S. João, naquellas partes, é de todos os officios mecanicos, principalmente de ourives, assim de ouro, como de prata. As mulheres são alvas e de boas feições, sobre tudo muito castas: vestem á persiana e turquesa: trazem por galantaria furado o nariz por entre venta e

venta, e dependurada delle uma grande argola de ouro a uso da terra. E tornando a nosso proposito.

Teve Baçorá por muitos annos reis naturaes, que senhoreavam muita parte da Deserta e algumas terras que ficam entre a Persia e Arabia; mas reinando nella Mahamed Asenán no anno de 1547, foi tomada pelos turcos, depois de a terem sitiada por muitos dias, tanto por mar, como por terra. E por mais que o mesmo rei com ajudas do estado da India e de muitos senhores arabios a quiz tornar a recuperar, não foi possivel. A intenção que teve o turco em conquistar aquella cidade, foi para dalli se fazer senhor, com suas armadas, de todo o estreito; como bem se viu das galés, que logo mandou sobre Catifa, Baharem e Mascate; mas rebatidos seus designios pelos portuguezes, que varias vezes o venceram no mar, não sómente desistiu da empreza, mas ainda perdeu os logares que tinha ganhado no estreito, tornando os arabios a ser senhores de Baçorá e Catifa: se bem de então para cá não ousaram a se intitular reis de Baçorá, mas baxás, com alguma sujeição ao turco por remirem a vexação que o baxá de Babylonia lhes póde fazer, mandando gente contra elles por terra. E posto que o turco cria novos baxás em cada um anno por todo seu imperio; o baxá do de Baçorá anda sempre na successão de uma casa real entre os arabios, e quando morre o pai deixa em seu logar o filho mais velho, o qual para ser baxá não tém necessidade mais que de uma simples confirmação do turco. Sua guarda é de companhias de janiçaros, que o vem servir de Babylonia, por lhes pagar bem. Póde pôr em campo dez mil cavallos, e quarentá mil homens de pé; porque tem debaixo de sua jurisdicção todas aquellas terras que possuiam os reis antigos de Baçorá. No mar tem mui pouco poder; mas póde armar

cêm terradas e tres ou quatro galés, que lhe vi no estaleiro. O rendimento assim das terras como da alfandega chegará a duzentos e cincoenta mil cruzados por anno, ao que se acrescentam os roubos que faz a seus mesmos vassallos em sabendo que tem dinheiro. Tem para si os de Baçorá que o seu bachá tem as chaves do paraiso, e que póde por seu gosto dar a quem quizer dos bens que nelle ha. Nesta boa ou má fé ha alli pessoas que lhe deixam por morte toda sua fazenda, pedindo-lhe que seja servido mandar-lhe dar outra tanta na outra vida, o que elle faz por letra e escriptura publica. E isto baste de Baçorá: digámos de seus rios.

Nasce o rio Eufrates de um lago chamado Chieldor giol, naquella parte da Armenia maior, que dizemos Turcomania: aquelle lago fica no alto do monte Pariades, do qual tem tambem seu nascimento o rio Araxes. Este corre a levante, e entra no mar Caspio: e o Eufrates faz seu curso por um espaço à poente, donde volta a meio-dia, atravessando o nomeado monte Tauro para se ajuntar com o Tigres. Antes de passar aquelle celebre monte se chamava antigamente Pyzirato, e depois de passado Omira, como escreve Plinio. Os assyrios lhe chamaram Armalchar ou Naermalcha, que significa o rio real. O nome hebreu que tem na sagrada Escriptura é Pharath, que quer dizer fortificativo. Josepho lhe chama Phora, e hoje os armenios Frat, e os turcos Murat.

O rio Tigres nasce em uma provincia da Armenia maior, que Ptolomeu chama Gordene, e hoje Gurdi. João de Barros dá a esta provincia nome de Abilbegião. João Ravisio, Solino e Boecio escrevem que seu nascimento é em uma serra da Armenia, chamada Longo fine: mas merecem tão pouco credito nisto como no mais que dizem deste rio, confundindo-o com o Eufrates, e

querendo fazer de ambos um, sómente diverso nos nomes, segundo os que lhes dão as nações por onde passam. O nome antigo do Tigres foi Sollax. Na sua fonte onde corre vagarosamente se chamou Diglito. E quando se apressa, e correm com impeto suas aguas, por rasão delle lhe pozeram os médos nome de Tigres, que entre elles quer dizer sétta; e pela mesma causa e significação têm na sagrada Escriptura o nome de Hidekel, que é syriaco. Diglath lhe chama Josepho: e os nomes modernos são varios, segundo as provincias por que passa; porque lhe chamam Hidecel, Derghele, Sir, e Set. Depois de o Tigres sahir da Media, e de correr algumas leguas de terra deshabitada, se mette no lago Arethusa, não entrando nelle o peixe que traz e cria em si, como nem depois ao sahir do lago leva o peixe delle, por altos segredos da natureza. Saído de Arethusa caminha direito ao meio-dia, e marrando com o monte Tauro em parte que não tem sahida, se esconde por baixo da terra, e depois de fazer seu caminho ás escuras por largo espaço vai outra vez sahir perto de Zoroanda, e a poucas leguas della se torna a esconder debaixo da terra até passar umas serras que se lhe oppõem; vem depois apparecer nos deshabitados campos da Syria e Arabia, ficando-lhe esta á mão esquerda, e a Mesopotamia á direita: chega a Babylonia cercando-a pela parte do poente, e nesta paragem tem duzentos e cincoenta passos de largo. Tres leguas abaixo de Babylonia se lhe ajunta o rio Diala, quasi tão grande como elle, chamado pelos mouros Fizão [e é o que divide a Arabia da Persia, segundo Affonso de Albuquerque nos seus Commentarios: mas ha-se de advertir que isto é só verdade em quanto o Tigres se póde chamar Diala, como se chama em Baçorá Eufrates, por este lhe escurecer o nome depois de lhe tomar as aguas].

Feitos pois estes dous rios Tigres e Diala em um corpo, cercam a ilha Corná, onde ajuntando-se Tigres e Eufrates perdem Diala e Tigres os nomes. Daqui se vai o Eufrates mui pujante de aguas metter no mar parsio por duas bocas, as quaes fazem a ilha Mursique, de que já fallei. E é tão forçosa sua corrente que vinte leguas antes de chegarem as embarcações á sua barra se sente.

Estes famosos rios fazem habitavel alguma parte da Deserta naquella que fica em suas margens. São navegaveis, até Babylonia, de daimecas, barcas grandes, ladas e rasas, que alejam muita fazenda. Para cima se vai á sirga; e a remo e vela para baixo. A terra a que chamam Mesopotamia fica entre elles, e delles tomou o nome, porque Mesopotamia vale tanto como terra entre dois rios. Suas aguas são sempre turvas e barrentas: o peixe mimoso e de bom sabor. O primeiro capitão portuguez, que com mão armada entrou por estes dous rios, foi Belchior de Sousa, em ajuda do rei de Baçorá, contra o de Gizaira, que é uma ilha a que os naturaes chamam Vazet, visinha de Baçorá, e a ultima que estes rios fazem, onde está a fortaleza de Corná, celebre naquellas partes, e forte por arte e natureza. A' borda destes rios por uma e outra parte ha algumas palmeiras de tamara, mas em pouca quantidade: e as terras são muito ferteis de pão e cevada, por serem retalhadas com levadas do Eufrates, que as regam e fertilisam. Nem faltam por ellas castellos e fortalezas, ou de turcos contra arabios, ou de arabios para impedirem a passagem dos turcos pelo rio; ás quaes é força que cheguem todas as embarcações, que por alli navegam, a pagar direitos das fazendas; e, se são christãos, de suas pessoas tambem.

CAPITULO XVII.

Como me resolvi a deixar a viagem costumada de Baçorá pelos rios a Babylonia, e atravessar a Deserta. Difficuldades que em contrario se propunham.

Corriam 29 de março quando desembarquei em Baçorá. Demandei logo o Padre Fr. Braz de Santa Barbara, carmelita descalço, que alli era vigario naquelle tempo, e para quem eu trazia cartas do Congo: o qual, depois de saber que eu era religioso da Companhia [porque o trajo em que me via era de turco] me agasalhou com tanto amor quanto eu sempre lhe deverei. E declarando-me eu com elle sobre minha viagem, me deu noticia de uma daineca [é barca das que disse no capitulo passado que navegam o Eufrates] que partia ao outro dia para Babylonia, em que ia um portuguez de Evora, o qual depois de correr vagamente o sertão da India se embarcava para Babylonia sem outra bolça mais que a da confiança em Deus. Contentissimo fiquei com tal nova, assim por achar companhia de portuguezes, como passagem tão depressa para Babylonia em barca grande, que é mais segura de ladrões por levar mais gente de armas, ainda que fosse mais vagarosa. Fiz logo chamar o dainequeiro, e me concertei com elle sobre os fretes que lhe havia de pagar por mim e pelo moço que trouxe do Congo. Concerto feito e eu embarcado tudo foi um. Posto na daineca vi que nem leme nem carga tinha ainda, e que a partida havia de ser mais tarde do que se imaginava. Tornei-me então á cidade, e desfazendo o concerto cobrei meu dinheiro, que vinha a ser cincoenta abássis, moeda da terra, que na nossa fariam nove mil reis.

Perdida pois esta occasião de daineca, e tambem a esperança de partir tão cedo outra, me resolvi a não ir pelo rio a Babylonia, como se costuma, com muitos vagares e tambem perigos. Offerecia-se occasião de ir por terra sem perigo, se quizesse esperar um mez; porque elle passado havia o bachá de mandar um presente ao grão turco, que constava de um elefante vindo da India, e de cinco cavallos de Lasah, comboiado tudo por duas companhias de cavallos janiçaros, em cuja companhia eu poderia passar sem risco e sem muitos gastos. Porem como assim as esperas como as jornadas haviam de ser com tanto vagar quanto é o que põem os elefantes em se bulir, e eu era impaciente de detença, tambem rejeitei esta occasião, e levado do desejo e importancia do negocio a que vinha a este reino, comecei a informar-me de alguns arabios se poderia passar a Babylonia mettendo-me pela Deserta. Todos me diziam que seria uma empresa temeraria, e da qual nunca poderia sair bem, porque não duvidavam de me succeder a mim o mesmo que a todos aquelles que a intentaram, os quaes foram mortos, ou roubados e mal feridos; e se algum escapou das assaltadas dos alarves, não se livrou da morte que o sol e as necessidades do caminho lhe causaram. Como se víra havia poucos annos no padre Fr. Cypriano, da Ordem de S. Francisco, morto á sede no segundo dia de viagem; e n'outro portuguez que com elle ia, chamado Domingos Fernandes, o qual mandava a este reino com cartas o capitão geral dos galeões, e depois dignissimo governador da India, Luiz de Mendonça Furtado, cujo credito era tão grande naquellas partes que, morrendo o portuguez em Baçorá, para onde voltou, morto o padre seu companheiro, não faltou alli quem lhe encaminhasse suas cartas para este reino [aonde chegaram] sem ou-

tro respeito mais que o de não se perderem as cartas de um capitão que tanta fama tinha adquirido, não só na India, mas no mais retirado porto daquelle estreito, que é o de Baçorá. E tornando ao que dizia.

Punham-me outro sim diante dos olhos os excessivos gastos que de força havia de fazer. Representavam-me a difficuldade que havia em achar um arabio fiel, do qual eu podesse confiar minha vida, tomando-o por piloto da Deserta: a pouca saude que eu então mostrava ter, sendo necessarios para aquelle caminho corpos de ferro; que se acertasse de adoecer no caminho tivesse por certo que com a saude perderia a vida; porque nem acharia quem me curasse, nem povoação onde me recolhesse, salvo alguma cova de leões e tigres, unicas estalagens e phisicos unicos da Deserta. Que havia já annos que não passavam cáfilas de Baçorá para Babylonia por terra, como d'antes costumavam, desenganados os mercadores de que não podiam deixar de encontrar grande poder de alarves que as tomassem e roubassem, como muitas vezes tinham feito e elles experimentado. E que se muitos centos de homens armados e juntos em cáfilas se não atreviam áquella passagem, como a poderia eu fazer só com tres companheiros?

Estes e outros inconvenientes encontravam meus designios: estes eram os perigos a que me havia de offerecer, se quizesse levar adiante meus propositos. Confesso que me vi perplexo e duvidoso no que devia fazer. O desejo era de atravessar a Deserta; as rasões em contrario tinham muita força: em fim eu me deliberava a ir, e logo me tornava a arrepender. Quando nisto chega do Comorão um correio mandado pelos hollandezes com a primeira via das cartas, por que avisavam aos Estados-Unidos da perda de Cochim, succedida em 10 de janei-

ro de 1663. Estas cartas havia de mandar logo o padre carmelita a Alepo por uma posta, não só por lhe virem encommendadas, senão porque tem paga da companhia hollandeza só para este fim de lhe remetter as suas cartas por terra ao seu consul da Syria, o qual as envia por mar a Hollanda. Acrescentaram-se então os motivos que eu tinha para apressar minha viagem, a fim de que tivesse Sua Magestade a nova da perda de Cochim no mesmo tempo que Hollanda de seu ganho, havendo que poderia ser bem necessario este aviso antes de se effeituarem as pazes com Hollanda. Tomada pois esta resolução sem mais detença mandei logo comprar cavallos para mim e para o portuguez de que já fallei, que tomei por meu moço em logar do que trouxera do Congo, e para um lingua que havia de levar. Faltava sómente piloto que me guiasse e fosse homem seguro: deparou-me Deus um velho por nome Agi Deb, o qual se bem repugnou ao principio, por temer os alarves, que dizia o matariam se soubessem que passava gente estrangeira por suas terras sem lha ir entregar; comtudo deixou-se vencer dos rogos do padre carmelita e da boa paga que eu lhe promettia, e ficou comigo de me levar até Babylonia. Não quiz concertar-se até Alepo, por dizer que não presumia de mim que podesse aturar tanto caminho daquelle modo. Assentámos que o dia da partida fosse segunda feira 9 de abril, e cada qual tratou de se fazer prestes. Mas antes que nos ponhamos ao caminho farei um capitulo, no qual descreverei a Arabia Deserta e os costumes de seus habitadores, mais ao certo e largamente do que até agora a descreveu nenhum outro, por falta de noticias intuitivas, que eu tive de quasi toda ella.

CAPITULO XVIII.

Dá-se plenaria noticia da Arabia Deserta, de seus habitadores, trajos e costumes: e do modo com que por ella se caminha.

Arabia deserta é uma das tres em que se divide a Arabia. Os hebreus lhe chamam Chedar. Confina pelo oriente com as montanhas de Babylonia e com parte do mar persico: pelo norte com Mesopotamia junto do rio Eufrates: pelo occidente com Syria e Arabia Petrea: e pelo meio dia com as serranias da Arabia Felix. De comprido terá trezentas leguas. Ha nella grandes solidões, e incultos desertos; supposto que em algumas partes é frequentada de logares e muitos moradores, principalmente junto ao rio Eufrates, e montanhas da Felix: porem a parte que se estende para o meio dia é toda coberta de vastos e [illegible] areaes; não se achando por espaço de trezentas leguas uma só pedra nella, arvore ou erva, caminho, nem carreira: pelo que os que caminham por elles, de força hão de observar o curso do sol e das estrellas, para se não perderem. Se em quanto se caminha por este deserto sobrevem ventos que corram muitos rumos, levantam as areias até ás nuvens, e deixando-as depois cahir como chuva enterram os passageiros; e não lhes comendo os corpos, fazem delles carne momia ou mirrha. Eu vi um homem inteiro, sem lhe faltar parte alguma do corpo, que tinha mirrhado nestas areias. Esta mirrha é provadissima para soldar partes quebradas, bebida em vinho. Agua doce não a ha por aquelle deserto, mais que pouquissimos poços abertos no areal pelos alarves em algum tempo que lhes serviram; e quaes co-

mo tem a agua muito tempo sem lhe bulir, é por isso podre e de mau cheiro: dista sempre um poço do outro dois dias de caminho; e se o piloto não é muito destro, que saiba dar com elles, não ha senão morrer de sede. Passado o inverno ficam alguns lameirões com poças de agua doce por algum tempo; porem como as feras são muitas, gastam-na em breves dias. A incrivel multidão de bichos e feras, que ha na Deserta, se collige de toda ella estar cruzada e retalhada de pégadas suas; porque como de todo aquelle recondito sertão venham beber ao Eufrates, caminhando por isso muitas leguas, quem faz caminho por aquelle sertão e rio, vê todas suas pégadas, e ainda as mesmas feras, leões, tigres, onças, javalís ferissímos, lobos e outras desconhecídas castas de bichos de prea, as quaes se sustentam pela maior parte uns dos outros, e tambem dos gados dos alarves e arabios, que vivem á borda do Eufrates, quer Deus que não sejam carníceiras; que a terem já gostado de carne humana, ninguem lhes pararía. E' bem verdade que, como não se póde saber ao certo se a tem algum comido, é necessario acautelar de todos.

De aves na Deserta ha algumas de tão notavel grandeza, que no corpo excedem ao de um carneiro: são ordinariamente de varias cores, e todas tem os pés de pato, tamanhos, que dizem com o corpo. Ha tambem muitas emas, e abestruzes, patos, e ganços incrivelmente grandes, criados no Eufrates. Estes são o melhor signal de haver perto algum lameiro com agua, quando se vêem. Lá já perto da Syria se acham aguias reaes, falcões, e uma infinidade de certos passaros, a que os turcos chamam cattás, maiores que trocazes: estes por falta de arvores criam no chão, e como são muitos, a cada passo se acham seus ninhos e ovos, que servem de re-

fresco aos que fazem caminho por aquelle deserto. Nem aves, nem feras fogem muito da gente; antes se deixam estar vendo-a, como cousa nova. Já os tigres, chegam-se tanto, que não ha affasta-los, nem com gritos, nem com ameaços de tiro, o qual se lhe não faz; porque se não cáem logo no chão mortos, matarão vinte homens juntos. Deus nos livre de um tigre ferido, que levantando a cauda por bandeira áquadra, vos faz cruelissima guerra. Os leões não são tão afoitos, nem atrevidos.

Tres castas de gente são as que habitam o povoado desta Arabia: turcos e arabios, que vivem em casas de barro ao longo do rio, com alguma politica, e alarves, que tem suas moradas e assentos nos mais escuses logares do deserto, sem povoações fixas, nem outras casas; que umas pobres tendas de campo armadas sobre quatro paus que apenas os defendem dos raios do sol, e da chuva; e ainda estas mudam a cada passo; o que tudo nasce de não quererem que se saiba a sua vivenda, e faltar-lhes muitas vezes a agua nos poços, que abrem para beberem. Os primeiros vivem de suas lavouras e gados; estes segundos de roubos e latrocinios, que fazem nas cáfilas e terras visinhas; não se cansando com mais que com terem bons cavallos e eguas aturadoiras de trabalho, fomes e sedes, nas quaes discorrem por toda a Deserta, Chaldea, Mesopotamia, Syria e mais provincias visinhas, assaltando quanto passa pelas estradas: e quando não acham que furtar aos estranhos, dão nas vivendas uns dos outros, para se não recolherem á casa sem presa, que seria grande afronta para elles. Por esta causa tem tambem guerra entre si muitas vezes.

Quando fallam parece que pelejam, e que a falla lhes sahe do intimo das entranhas. As saudações são com osculo na face, dando as mãos direitas com muitas par-

landas. O seu tirar de chapéu é pôr a mão direita sobre o coração, e dizer: Salamalé con xabalker. Quer dizer: Deus vos salve, e dê saude. O vestido, começando pela cabeça, é um véu de tafetá preto sobre ella, ao modo que no principio de algumas horas e breviarios vi já pintado elrei David. Na cabeça não criam cabello, senão que a rapam cada dia á navalha. Somente da barba não tiram nem cortam um só cabello; os das maçãs do resto arrancam com tenaz, se a tem, e quando não, com a unha. Os olhos trazem sempre cheios de cazol. Por cabaias trazem sobre as carnes umas tunicas largas de mangas compridas, e que lhe cáem tanto abaixo como as dos padres agostinhos. A cintura não apertam, nem homens, nem mulheres. Sobre estas tunicas vestem umas samarras de pelles ao modo dos nossos pastores. Os calções são umas siroilas afunilladas até o calcanhar; pés descalços. Os que não usam de samarras, sobrepoem canbolís, que são como capotes largos sem mangas, tecidos de lã de camellos, cousa boa para despedir a agua. Estes cambolís não hãode ser de outra côr mais que parda, com listras brancas entresachadas: e por esta divisa se distinguem bem os arabios da Deserta dos que o não são; porque os demais costumam trazer cambolís pretos. Nas mãos andam ordinariamente com uns cajadinhos, tanto mais brincados, quanto mais graves são os que os trazem. A côr é a dos ciganos, assim em homens, como mulheres: estas vestem umas tunicas azues com as mangas de mais de cinco palmos de largo, sem alguma se cingir, nem apertar, descalças de pé e perna. Por galantaria trazem os cabellos soltos e espalhados, e na cabeça um véu, como os homens, lançado ao desdem, de côr azul ou negra. As joias que alguma traz, não são ao pescoço, peito, ou nas orelhas, senão dependuradas por

um cordão, que desce da cabeça sobre o peito esquerdo. Estas joias lhe dá o marido quando se recebe.

As armas destes arabios são lanças compridas, e de arremeço, as quaes não largam nunca da mão; nem ha cousa que tanto lhes leve os olhos como uma boa hastea para lança. Tambem usam de arco e frecha, alfanges e maças de ferro, que accommodam debaixo das pernas quando cavalgam. De armas de fogo não tem uso. Os que não andam a cavallo, que são poucos, e vivem juntos dos rios, não tem outras armas mais que paus tostados. São grandes cavalleiros e criam os melhores cavallos do mundo; mas gostam mais de andar em egoas, por não serem sentidos com os rinchos dos cavallos; os seus trazem sempre desferrados, assim porque não tem quem lhos ferre, como porque se não confundam os rastros da sua cavallaria com a dos estranhos, que logo conhecem pelos signaes que deixam no chão as ferraduras. São gente de muito trabalho, enxutos do corpo, grandes caçadores, e de valor, muito temidos de todos os outros arabios, e mais dos turcos, que se não atrevem a passar aquella Deserta senão com grossos combois de cavallaria. As mulheres correm tambem a cavallo como os homens para o que se ensinam de meninas.

No comer tratam estes alarves que haja mais fartura, que regalo, curando mais da quantidade, que da qualidade. Gostam muito de assados, e os seus são debaixo das brasas, como magusto de castanhas; porque fazem fogo até haver brasas, logo põe entre ellas e o chão quente o cabrito ou carneiro, carne de vacca, e o mais que tem com pelle e tudo, e deixando-o estar até se assar, depois lhe esburgam a pelle, e vão comendo a carne. Usam muito da de cavallo, que tem por mui saborosa. Os cosidos são em agua, e sal, que tem da terra.

os fritos em manteiga. O peixe cozem com passas de uvas, e os ovos fregem com leite azedo e manteiga. Neste guisado achei que tinham ás vezes bom gosto. Á mesa é o chão, a louça uma escudella em que todos mettem a mão e sopeteam. Alguns usam de colheres de pau para o leite azedo e coalhado. Se tem agua, lavam as mãos e as alimpam em si; se não a tem, o nojo é pouco. Antes e depois de comer tomam uma cachimbada de tabaco. No convidar para a mesa a outros são tão faceis como em se darem por convidados. Entre elles é signal de agradecimento arrotar na mesa, porque dizem é dar mostras de que estais satisfeito. Nenhum escrupulo fazem de comer com christãos, contra toda a superstição e costume dos mahometanos, turcos e arabios. Nem são tão observantes da sua lei que façam as orações ou namasís que ella manda: são mouros por não deixarem de ter alguma lei.

Na cobiça são singulares: cobiçam quanto veem, e o pedem, ou tomam se podem. Vingativos sobre maneira: se uma cáfila lhe matasse um arabio, não se satisfariam com matar dez e doze homens della. Tanto sentem matarem-lhe um cavallo como se lhe matassem um parente, porque são de grande preço aquelles em que montam. Não os tenho por tão luxuriosos como os outros arabios, e cuido que os mais delles se contentam com uma até duas mulheres. O que faz pasmar é a hospitalidade daquelles barbaros com que recebem e agasalham em suas pobres tendas os peregrinos e passageiros que por algum caso vão a ellas: dão-lhes de comer quanto ha em sua casa, pensam elles mesmos as bestas, sem por nenhuma destas cousas lhe pedirem nem um real; e se quizerdes estar com elles um mez, não vos hão de fazer mau rosto. Ao despedir pedem-vos perdão de não terem feito o que

deviam: mas em vos apartando delles furtam-vos a volta, e vão-vos esperar para vos roubar: podendo-se dizer destes que gostam mais do furtado que do dado; ou que furtam o carneiro e dão os pés por amor de Deus. A palavra que uma vez dão guardam inviolavelmente. Para reconhecerem se a gente que vem ao longe é amiga ou inimiga, adiantam-se dois ou tres delles do demais corpo ou batalhão; e girando com os cavallos a meia redea de uma para outra parte esperam que os outros façam o mesmo: se o não fazem, conhecem que são inimigos, e se põem em ordem de peleja; ou fogem se o poder é desigual. Reina muito a soberba naquella sua miseria. O mais vil destes alarves a cavallo quer que todos se lhe humilhem; entra e sahe por uma cáfila com tanta confiança como se fosse senhor della. Chamam-se senhores da campanha e na verdade o são, sem que o poder do turco, empenhado por vezes em os sujeitar e livrar suas terras de tal praga, conseguisse cousa alguma: nem é possivel, porque se vão contra elles dois mil turcos, elles se ajuntam doze mil: e se o turco manda um exercito, elles vivem no deserto, onde não ha agua para beberem cem homens, quanto mais um exercito. Demais de que nunca os tomam de repente, por terem vigias em todas as cidades, que os avisam de quanto se intenta, entra e sae nellas. Disse-me um turco que não rendia tanto Jerusalem ao grão senhor quanto era o que gastava nos presidios que tinha em fortes contra os arabios por todas as provincias orientaes nos passos mais apertados. Desde Baçorá até a Natolia ou Cilicia, desde Palestina até Armenia não ha caminhar seguro destes ladrões.

Ainda que disse já da bondade de seus cavallos, não disse quanto é necessario para se fazer delles o conceito que merecem. Primeiramente são muito bem feitos, alt

tos e de poucas carnes: as ventas sempre cheias de vento, que continuamente estão assoprando. No correr são gamos, na mansidão uns pombos, no comer parcissimos; porque os costumam de pequenos a comer uma só vez entre dia e noite, e nessa uma pouca de cevada. Bebem cada dois, e mais esperam se não acham agua; tão fortes quanto se póde colligir do meu, o qual era da commarca de Lasah, onde ha os de melhor raça; aturou-me vinte e tres dias de caminho por aquelle deserto, comendo por onças, e bebendo cada dois dias, e marchando dezenove horas entre dia e noite, com mais de seis arrobas em cima de si. Nunca quiz correr que ao primeiro signal se não arremeçasse á carreira: nunca lhe toquei com espora, porque não era necessaria, nem por alli se via; e mais não era dos melhores nas partes. O mesmo é ver um daquelles cavallos correr outros que elle quebrar as soltas por dar carreiras. Costumam-nos a passar os rios a nado com os cavalleiros em cima; e andam já tão destros que passam os alarves rios precipitadissimos sem outras pontes. Outros estão ensinados a brigar com os cavallos dos inimigos; e assim o mesmo é começar-se a peleja que elles fazerem seu dever com patas e dentes. Nunca dormem debaixo de coberta, senão ao sol e chuva, presos por um pé. Ha cavallo naquella Deserta que cheira a agua uma braça debaixo da terra, e cavando com as mãos faz signal ao cavalleiro para que a descubra. Trazem-nos ordinariamente todos vestidos de borel, abrindo-lhes sómente dois ilhós do tamanho dos olhos, e a largura da boca, por rasão das moscas e mosquitos, que são por alli tão crueis que de uma picada tiram sangue como se fosse sangria. Presam-se os senhores turcos de terem destes cavallos dos alarves, e os compram a grande preço. O bachá de Alepo, estando eu naquella cidade,

comprou um por mil patacas e o mandou de presente ao grão visir, que é entre turcos o que em Hespanha condes-duques. Um só mal tem estes cavallos, e é serem desenfreados, o que cuido provêm assim de serem fortes, como de os arabios lhes porem pequenos bocados nos freios.

O governo supremo destes alarves está em uma cabeça, a que podemos chamar rei dos ladrões. De mais desta cabeça, que é sobre todas, tem cada cabilda ou tribu a sua, a que chamam xeque. O rei antigamente teve sua côrte na cidade de Diana, não longe da de Ana, junto ao Eufrates: porem desde os reinados de Aborice e Corali, pelos annos de 1580, em que alternadamente turcos e persas foram senhores de Ana, se retiraram estes reis arabios para o sertão do deserto dois dias de caminho de Ana e duas leguas afastado do Eufrates, onde vivem entre uns medãos de areia: nem já podem tornar a morar em povoado, por quanto no dia de sua coroação juram de viverem sempre no deserto em tendas de campo. O rei que governa ao presente se chama Esamel, o qual terá de idade quarenta annos, rosto comprido e grande, côr baça, olhos pequenos, barba larga e povoada, de condição e catadura terrivel e soberba. Na cabeça traz uma touca cingida, com um rabo de seda que lhe desce pelas costas como trançado, e sobre cada orelha uma ponta da touca. A camisa é de seda branca e fina, com listra da mesma azul e vermelha; e por cinto uma fivela de couro muito larga: alfange e adaga com bainhas de prata muito bem lavrada. Da fivella lhe descem por duas cadêas de ouro os sellos maior e menor em que estão suas armas e nome que imprime, e vem a ser Xech Esamel. Nos pés çapatos laranjados, e por capa um cambolim como os mais, e seu cajadinho nas mãos.

E' poderoso em gente, mas pobre de fazenda, e sem

da a gente nem sempre lhe obedece, salvo se é para cousas de seu proveito; mas póde pôr em campo, se lhe importar, vinte mil cavallos. De renda não tem mais que os quintos dos furtos de seus vassallos, e os direitos que toma ás cáfilas que passam pelo deserto; os quaes direitos não são sabidos, senão a arbitrio do mesmo rei, que pede o que lhe parece, e ás vezes os arrecada duas e tres vezes da mesma cáfila, mandando-lhe sair ao encontro sua gente naquellas paragens em que não ha agua mais que em alguns póços, os quaes elles primeiro occupam, e depois deffendem ás cáfilas até que os mercadores e passageiros desesperados lhes dão quanto querem. Demais destes direitos que a torto e a direito arrecada o rei Esamel das cáfilas que passam, é herdeiro forçado de quantos morrem no deserto, ou seja de morte natural ou violenta; pelo que em alguem morrendo na cáfila logo elle o sabe por suas espias, e manda buscar o fato do defunto, levando ordinariamente com a fazenda dos mortos a dos vivos, achacando-lhes que a roubaram aos mortos. E por esta rasão nenhum mercador das cáfilas quer que o doente lhe morra na sua tenda, porque fica perdido e com obrigação de dar conta da fazenda alheia com risco da propria. Por qualquer successo destes faz logo esperar a cáfila um mez no mesmo logar, tendo-a cercada de cavallaria para que se não mova até elle alcançar o que quer.

De varios modos se caminha pela Deserta: a cavallo, em camellos e em dromedarios. Estes não são outra cousa que uma especie de camellos, e só differem no tamanho do corpo, ligeireza no andar e velocidade no correr. Os dromedarios são mais pequenos de corpo que os camelos, e andam trinta leguas em um dia; os camellos nove até dez não mais; mas ha muito poucos; á mim

me vendiam um por duzentas patacas em Baçorá, e estive para atravessar nelle a Deserta; mas não me atrevi a soffrer a desinquietação de seu andar, que móe todo o corpo. Sobre si leva a agua que hade beber no caminho, e come os espinhos e carrascos que acha: se não os ha, jejua dois e tres dias, sem por isso desfalecer. Servem-se delles os arabios e senhores mouros para avisos. Em camellos caminham os que passam nas cáfilas, accommodados sobre a carga [que levam de ilharga os camellos] em umas como caixas de liteira, em que cabe uma cama ao comprido. Se não fôra o mau andar do camello, não havia melhor modo de caminhar. Os que fazem aquelles caminhos em cavallos é em companhia das cáfilas, ou arriscando-se tanto como eu me arrisquei com alguns companheiros e um piloto do deserto: boas armas de fogo e odres cortidos e seguros para levar a agua debaixo da barriga do cavallo. O roteiro dos caminhos diversos que se podem tomar diremos adiante.

CAPITULO XIX.

Como sahi de Baçorá com tres companheiros. Ajuntam-se-nos mais tres arabios que iam para Simauoa. Conto meu caminho dia por dia.

Comprados os cavallos necessarios para mim, para o portuguez que alli tomei, e para o lingua; que o piloto ou xauter, que val o mesmo na lingua arabiga, tinha uma egoa persiana em que ia; feitos os alforjes de biscouto tão mal cozido que sabia a massa, um pedaço

de queijo e algumas cebollas, que era o que só se podia levar e o que só havia para cinco dias, que não fasiamos conta de chegar a povoação: prestes assim mesmo os chiqueis, que são umas borrachas de agua que pendem do arção da sella, e tomada á garupa cevada para comerem os cavallos outros tantos dias; faltava sómente o xauter Agi Deb, para montarmos a cavallo e nos pormos a caminho. Mas não tardou muito, porque pelas cinco da manhã do dia assignado nove de abril de 1663 entrou pela porta dentro a cavallo com uma lança na mão direita, vestido como pedinte por não arriscar melhores vestidos, e nos mandou sair para fóra. Fui-me então á igreja despedir da Virgem Senhora orago della, e logo do Padre Fr. Braz de Santa Barbara, que me tinha obrigado muito com seus religiosos e honrados termos nos dias que em sua casa me hospedei: acompanhou-me até as portas da cidade que ficam ao poente, e alli nos demos os ultimos abraços. E subindo nos cavallos fomos sahindo pela porta da cidade fóra quatro homens, dois vestidos á turquesca, dois á arabiga, todos bem armados de armas e paciencia para sofrer os rigores do sol e das areas da Deserta, que começa logo fóra das portas que ficam ao poente de Baçorá. Levava o xauter sua lança; o turgiman [que é o lingua em turco e arabigo] levava duas pistolas e uma clavina; o portuguez pistolas e espingardas; eu pistolas e clavina; fóra alfanges que todos levavamos de uma parte da sella debaixo da perna, e da outra banda tambem amarrada uma maça de ferro. Tanto que na cidade se soube que havia aventureiros da Deserta [que até aquelle tempo não se sabia, por evitar avisos aos alarves que lhe mandariam suas vigias] e estes francos [assim chamam aos christãos, e á christandade franquia] e bem armados, saíram atraz de nós tres mô-

bios dos que vivem junto do rio Eufrates nesta Deserta, montados em suas egoas, e chegando a nós disseram que nos haviam de acompanhar até Simauóa, seis jornadas dalli. Cada qual, segundo seu costume, trazia uma lança na mão. Ao principio fiquei receoso da companhia por temer que nos fizessem alguma onde menos o cuidassemos; mas segurando-me o xauter que era gente de paz, e que por se não atreverem a ir sós para a sua terra, nem acharem embarcação para ella, se aproveitavam de nossa companhia, fiquei mais desassombrado, e me offereci para os levar até onde quizessem. Veja-se quão arriscado é este caminho, pois tres arabios naturaes da Deserta se não atrevem a fazê-lo sem mais companhia.

Fomos caminhando todo aquelle dia sem descançar. Era o sol ardentissimo, vento nenhum. O descostume de andar a cavallo e a furia dos mesmos cavallos, que não havia remedio ter mão, causava grandes dores no corpo: e tudo isto não era mais que a primeira mostra da Deserta. Sobre a tarde declinámos para a mão direita, onde ficava o Eufrates e uma povoação perto delle chamada Der. Appareceu esta a uma vista, e os companheiros arabios endireitaram para ella. Seguia-os o meu xauter, e a mim doia-me o cabello, porque me tinha dito em Baçorá que comprasse cevada para cinco dias, que tantos haviamos de pôr até a primeira povoação, e agora via que demandava esta que era de finissimos ladrões, os quaes, se á entrada vos não roubam, á saída vos esperam. Não deixei de communicar este meu receio ao xauter, o qual me desassustou e segurou com dizer que os arabios nossos companheiros tinham naquella povoação conhecidos, e que o governador della o era muito seu; e sobre tudo que elle os havia de acompanhar, por lho pedirem. Estas rasões me não satisfizeram a mim, mas

houve de me conformar com o xauter, e assim me deixei ir entre o medo e a esperança. Entrados na povoação que é de casas de barro, baixas e terreas, habitadas de arabios sujeitos ainda ao bachá de Baçorá, fomos demandar a casa e terreiro do governador, o qual lhe fica diante da porta, fechada com taipas de terra: nelle nos apeámos, e prendendo os cavallos a umas estacas, que para isso estavam fincadas no chão do terreiro, nos fomos sentar á parte sobre nossos alforjes e armas, que era todo o cabedal, e a primeira cousa que nos encommendava o xauter. Saíu logo o governador a nos perguntar quem erámos e para onde iamos. Respondemos que francos da India, que iamos chamados do topegí baxí de Damasco, para servírmos de bombardeiros ao grão senhor. Topegí vale o mesmo que condestavel, e o de Damasco é um christão grego. Satisfeitas suas perguntas, mandou vir leite coalhado e azedo, tamara e bolos, dizendo que seria entretenimento até ser tempo da ceia. E logo chegando-se a mim um cafre de Moçambique arrenegado, que fôra muitos annos captivo de portuguezes em Mascate, me perguntou da parte do governador que gostaria de cear á noite, porque desejava agasalhar-me bem no limite de suas posses: agradeci-lhe o primor e mercê, que me fazia, escusando-me de apontar o comer, com dizer que me sabiam bellissimamente todos os guizados arabigos.

Seriam horas de ave-marias quando entraram no mesmo terreiro dezoito turcos de cavallo, bem armados, com espingardas de murrão na mão direita, alfanges e pistolas na cinta, e massas de ferro á banda na sella, e todos com mecha calada. No meio desta tropa vinha o alferes com uma pequena bandeira larga em uma haste lacreada: a côr da bandeira era verde e vermelha. De uma

banda tinha a lua nova, em cujo concavo se viam bordadas algumas estrellas, e no canto de cima junto da haste uma mão de homem aberta. Da outra banda se via uma espada de guardas em cruz, das quaes sahiam duas folhas com pontas agudas e desviadas uma da outra. Foram recebidos do governador com o mesmo refresco que nós. Seguiu-se a ceia para todos, e constava ella de quatro pratos guizados a seu modo, que a fome fazia parecer melhor que o nosso, e por doce secco uns gafanhotos frescos e fritos em manteiga, cousa muito boa sobre mesa. Acabada ella ordenou o governador a seus servidores que dessem arroz para todos os cavallos, nossos e dos turcos; estes porem não o quizeram acceitar, enfadando-se muito de lhe não darem cevada: nem parou seu enfado em rejeitarem o arroz, senão que brotaram insolentes em muitas injurias contra os servidores do governador, e a elle mesmo affrontaram de palavra como se lhes devesse de juro a boa passagem para elles e a cevada para seus cavallos. Offendido então o governador, que era um arabio velho e venerando pela sua barba larga, appellidou os seus, que com paus tostados acodiram tantos como mosquitos. Vendo os turcos o feito mal parado sellaram á pressa os cavallos, e se aproveitaram de suas unhas fugindo para Bagorá, onde iam servir ao bachá temendo a guerra de Alemanha, para a qual se fazia já gente em Babylonia e Diarbek, que é Mesopotamia.

Nós repousámos um pouco, e em saindo a lua nos puzemos a caminho, mettendo-nos pelo sertão, onde se não viam mais que areas soltas e campinas desertas. Esclarecendo o dia de 10 de abril saiu o sol mais quente do que jámais se viu naquellas areas: começámos logo a sentir a calma e não menos a sêde que nos matava: os chiqueis de agua que levavamos tinham-se esgotado: ne-

nhum da companhia tinha gota; e o peior era que não havia esperanças de se achar mais que bem de noite, e as horas eram de meio dia: mettia eu balas na boca para humedecer a lingua; mas foi de balde o remedio, porquê o mesmo chumbo parece tinha perdido a humidade: foi o meu portuguez para escarrar e botou sangue: tal era sua sede. Aqui foi o arrependimento de ter escolhido tal caminho: aqui o pesar de não ter ido pelo rio, cuja agua se me representava ser a melhor do mundo. Oh que de fontes me vinham ao pensamento! que de tanques e rios á fantasia! Occupavam minha memoria as fontes de Banguni, de Murmugão, e o poço do pilar em Goa: a fonte da agoada em Baçaim, a de Corlem em Salsete, o tanque de Siracer em Tanna, a agua do Mangate em Cochim, a de Manapar na Pescaria, e outras que tinha visto e bebido. Os olhos se adiantavam a ver se davam fé de alguma agua: a cada passo me parecia que via adiante um rio: fósea que faz nos olhos todo este deserto; porque como tudo nelle sejam planicies a perder de vista, discriminadas umas das outras com uns montes de area mudavel representa-se a quem caminha ser alagôa, ou rio que corre, a planicie que vê ao longe: e ainda que eu tinha experiencia de um destes enganos, com tudo não deixava de me enganar com outros, enfadando-me muito de que os companheiros me desenganassem dizendo que não era o rio o que parecia, mas sua apparencia.

Gemendo e dando ais fui caminhando, ou para dizer melhor, deixando-me levar do cavallo, por algumas horas, mais perto da outra vida, que da agua desejada; quando pelas tres horas da tarde démos em uma alagôa junto de uma mesquita: primeiro tiveram os cavallos faro, que nós vista da agua: em lhe cheirando, botam a

correr, sem haver quem lhes tivesse mão; porque a sede fazia tambem nelles seu effeito; e mettendo-se pela agua, se deixou o meu cahir nella; não podendo supportar já sede, moscas e calma, tirei-me de cima do cavallo, e atollando no lodo, sahi para fóra todo molhado; quizemos matar a sede, mas a agua não era doce, senão salgada, e tal, que segundo se conta, bebendo della o P. fr. Cypriano franciscano, arrebentou logo. Alli vimos seus ossos mal enterrados. Algum refrigerio senti dentro de mim com a agua, que pelos poros me entrou no corpo; porem tornando logo a sede a reforçar-se, me vi em ancias de morte. Dos companheiros nenhum fallava palavra, attento cada um a buscar remedio para a sede que padecia. Lançou um arabio a lingua fóra como cão, para lhe refrescar o vento; mas como delle não houvesse bafo, ficou muito mais triste: outro levava muitas vezes o chiquel á bocca, como se bastásse o cheiro da agua para matar a sede: emfim mais mortos que vivos tivemos vista de um pastor arabio, que apascentava cabras naquelle deserto; fomo-nos a elle de carreira persuadidos que ou teria agua comsigo, ou alli perto: achamo-la entre um tabual, mas de tal casta, qual eu nunca vi agua; porque era quente como de caldas, e não matava a sede; comtudo bebemos della, e descançamos um pouco, lavámos o rosto e démos de beber aos cavallos. Ao pôr do sol chegámos a umas tendas de arabios, os quaes nos deram leite fresco e agua fria; com elles quizera eu ficar aquella noite; porem houve de tornar ao caminho, por se temerem meus companheiros daquelles tão caritativos arabios. Pelas nove da noite fomos finalmente ter a Dercirré fortaleza do baxá de Bagerá, defensavel naquellas partes: os muros altos, mas de barro com bom presidio; está posta sobre o Eufrates, naquella paragem em que

elle se enrosca como cobra: não quizemos entrar na fortaleza, assim por não pagar o que é costume, como por ser já de noite; mas ficámos em casa de um lavrador, que nos deu a cear quanto tinha em casa: demais da cea nos mandou estender tapetes para servirem de cama: isto feito avisou-nos que de noite nos vigiassemos dos tigres, que eram tão importunos e carniceiros, que de dentro de casa lhe levavam o gado e bestas: e como nós dormimos fóra de casa, foi necessaria maior cautella, e vigia: amarrámos os cavallos a nossos pés, e a quartos fizemos sentinella toda a noite.

Lá pela madrugada se levantou o lavrador a preparar-nos o almoço, que foi de galinhas, depois de almoçados, tornámos ao caminho, não já pelo sertão, mas por junto do Eufrates; porque achámos era melhor correr risco de sermos roubados que de morrermos á sede e calma. Fomos pois andando á vista da agua, que o dia de antes nos faltára. Assim se trocam as mãos da necessidade para a abundancia. Neste dia pelas dez horas avistámos uma aldea; mas não quiz o xauter que entrassemos nella, por não sermos conhecidos: só elle entrou a comprar uns ovos. Pelas quatro da tarde na passagem de uma levada que sahe do Eufrates, corri um notavel perigo de vida; porque como quizesse ser eu o primeiro que vadeasse a levada, fui arrebatado de sua corrente, e levado mais abaixo donde era o passo: cheguei á banda d'alem sobre o cavallo, que nadava bem; mas querendo sahir para terra, era esta tão alcantilada que não podendo o cavallo fazer presa com os pés, deu nella com os peitos, e rebatido de sua mesma força cahiu para traz, e eu da sella, embaraçando-me o cambolim as pernas para mais ajuda: quiz Deus que o cavallo tomasse logo para uma banda, e encostando-se á terra, o foram encami-

nhando pela redea até onde a terra era baixa: eu cortando como pude a corrente, sahi a nado da outra parte. Nesta occasião se me molharam quantos papeis trazia, excepto as cartas de mais importancia que por virem com encerados ficaram enxutas. A' boca da noite entrámos em um logar chamado Chalouchie, e nos fomos agasalhar no pateo do governador, o qual nos hospedou com aquella liberalidade em que estes arabios excedem a toda outra nação: deu-nos a cear peixe fresco cosido com passas de uvas, e certas hervas que lhe davam gosto, pão, leite azedo e arroz, tamara e queijo: aos cavallos mandou botar cevada, sem me pedir por tudo isto mais que uns tiros de polvora.

Não quero deixar de contar aqui o que nesta mesma terra me aconteceu com uns turcos que nella achei, vindos de Babylonia: estes se vieram a mim tanto que me apeei, e pediram licença para ver as armas de fogo que eu puzera a um canto: deu-me o governador de olho que os não deixasse pegar nellas; porem eu deixei a alguns: não se fartavam de as ver, e de louvar os francos de engenhosos e polidos: o que mais os admirou, foi verem que cada arma das minhas estava carregada com duas e mais balas; porque elles não lançam mais que uma nas suas. Das armas passaram a ver o breviario porque eu me puz a resar: perguntou-me o governador, primeiro que todos, que livro era aquelle: respondi, que o mossafo de Isai. [Mossafo é no arabigo o mesmo que livro sagrado, e Isai que Christo] tomaram-no logo todos, e o beijaram, chegando-o muitas vezes aos olhos, louvando muito a encardenação, e a perfeição de nossas imprensas, de que elles não usam: depois correndo-o todo folha por folha, buscava registos e estampas, e me perguntava os nomes e mysterios de suas figuras: eu lhos ex-

plicava, e melhor na sua lingua um turco dos presentes, que devia ter sido christão: gostavam todos muito de ver o nascimento de Christo, a adoração dos reis, a ascenção e outros mysterios estampados; mas escandalisaram-se de ver um registo da santissima Trindade, e outro da morte e paixão de Christo, porque não creem em Deus trino, nem que Christo morreu, dizendo, que Deus o tirára da mão dos judeus e o levára para o ceu em corpo e alma; enganando os judeus com um corpo fantastico, que lhes deixára em lugar do de Christo: e fundados nestas patranhas me lançavam em rosto estes turcos que os mussulmanos acudiam mais pela honra de Isai que os nazarenos; porque estes afrontavam sua memoria com publicarem que morrera em uma cruz, e aquelles tratavam de seu credito, defendendo que vivo subíra ao ceu. Daqui tomei occasião para lhes mostrar quão mentiroso era o seu mossafo, pois ensinava que Christo não morrera, não havendo gente no mundo, fóra a mussulmana, que cresse tal disparate. Foram elles sentindo-se, e eu por não ter que sentir deixei a pratica e desfiz a conversação, retirando-me para o logar em que havia de passar a noite.

Ao seguinte dia de madrugada sahimos deste logar com dois turcos mais em nossa companhia. Encontramos nesta jornada mais de quarenta turcos a cavallo mui bem armados, e caminhando formados com bandeiras largas: em elles tendo vista de nós, e nós delles, corremos uns para os outros, não carreira direita, mas como quem campea: chegando finalmente perto, nos saudaram com o seu salá malécon, e nós respondemos o costumado, alecon salama: logo perguntaram quem eramos os brancos, e sabido, deram um par de carreiras em signal de cortesia, e se foram: á noite fomos dormir a uma aldea por

nome Elarga. A suas horas veio a ceia, que mandou o governador da terra, e tambem avisar de que na terra havia muitos ladrões: por tanto que vigiassemos o fato e cavallos: e não contente por nos avisar, mandou tres moços seus dormir junto de nossos cavallos. Esta noite não foi necessario que nos revesassemos em quartos; porque todos velámos, sem haver quem dormisse com pulgas uma só hora: tantas eram em casa como na rua, e na rua como em casa.

No quinto dia de caminho pelas oito da manhaã chegámos a uma terra grande e bem povoada, chamada Ennegeb; mas não entrámos dentro, por não perdermos caminho e pagarmos certas patacas que nella pagam os passageiros: á noite fomos ter a uma aldea que tem por nome Simauoa, terra dos tres arabios nossos companheiros. Agasalhou-nos uma arabia viuva conhecida do meu xauter, a qual na hospitalidade venceu a Sareptana: pai e mãi nos não fariam os mimos que ella nos fez dia e meio que em sua casa nos detivemos, assim para descançarmos, como porque o xauter queria trocar a sua egoa, que ia muito cansada, por outra mais folgada e valente: eu mais que todos necessitava de algum dia de descanço; porque uma camada de leicenços, que ao terceiro dia de viagem me nasceram, me atormentavam de maneira que porme a cavallo era por-me no tormento.

Aos quinze de abril, depois de almoçados e providos de mantimentos para nós, e cevada para tres dias que haviamos de gastar na Deserta primeiro que entrassemos em povoação alguma, partimos desta Simauoa, e nos metemos pelo sertão, onde aquelle dia achámos duas eminencias no meio de grandes planicies, e em uma dellas ametade de um grande peixe fresco, o qual devia deixar alli alguma das passarolas que ha neste deserto do tama-

nho de grandes carneiros. Iamos descendo a primeira eminencia, eis que lobrigamos ao longe quatro homens a cavallo, e um a pé: adiantei-me logo a reconhecê-los na forma que já disse que costumam os arabios; porem elles não fizeram signal de amigos, senão que se vinham chegando a toda a pressa, sem alterarem o passo; o que visto, voltei a meus companheiros, e encrusando os cavallos, escorvámos, e levantámos os cães ás pistolas e clavinas: foram os cavalleiros, que eram arabios bem armados a seu modo, perpassando sem tirarem os olhos de nós; logo parando com as eguas em que iam, chamaram ao xauter: não quiz eu que fosse só; mas virando todos nos puzemos á falla com os arabios: perguntaram primeiro quem eramos: isto sabido, perguntaram mais como nos atreviamos a fazer aquelle caminho, sendo tão poucos e estrangeiros? Mandei-lhes responder que, como não levavamos fazendas, não temiamos ladrões, como nem tambem que nos matassem; porque levavamos muitas e boas armas defensivas e offensivas; e que não havería gente tão barbara que por nos tirar a vida quizesse perder a sua. Ouvida esta resposta, pediram tabaco e se foram.

Pouco teriamos andado depois de nos apartarmos dos arabios, quando cáe de repente como morta a egua do xauter: acudiu este logo a lhe cortar as ventas, e tirar dos lagrimaes dos olhos umas como landoas, botando-lhe nos olhos e ventas sal moido; com o que se achou bem, e pôde continuar o caminho. Neste dia vi levantar o vento as areias, que pareciam fumo de fornos, e apressando os cavallos evitámos o perigo: lá pelas cinco da tarde démos com uma alagôa doce, viveiro de muitas passarolas; quiz fazer nellas um tiro; mas por não sermos sentidos dos arabios, que frequentam estes loga-

ros, em que ha agua, deixei de lhes tirar. Desta alagôa fomos dormir a uma serreta escalvada, se é que dormimos, e não velámos toda a noite, vigiando os cavallos dos tigres, que em magótes passavam por junto de nós a beber na alagôa.

No dia seguinte achámos agua em varias covas; e sendo já pelas dez horas avistámos uma alta torre posta sobre certa eminencia, para farol de quem caminha por esta Deserta: vê-se de muitas leguas enganando notavelmente a vista de quem ao longe a descobre; porque lhe parece á primeira vista que está muito perto, logo se persuade que lhe vai fugindo: vencida sua distancia avistamos Ba Ali: é formosa cidade cercada de altos muros terreos, posta naquelle deserto em uma dilatada campina, suas muitas torres e levantadas pyramides, sobrelevando a altura dos muros, dão muito que vêr aos passageiros. E' esta cidade provida de mantimentos, fructas e mimos em grande abundancia, não porque de si os tenha que os não dá a terra; mas porque de todas as outras se vem vender nella: de agua tivera falta, se o dinheiro e a industria lha não trouxera do Eufrates por canos subterraneos, que tomam tres leguas de distancia. E' frequentada de toda a sorte de mahometanos, por causa do corpo de Ali, genro de Mahamed, que nella está sepultado, e não na de Mexeta, como escrevem Tenreiro, e frei Gaspar de São Bernardino; os quaes dizendo que Mexeta é na Mesopotamia, não sei como não advertiram que Ali foi sepultado em uma cidade de Arabia, onde o mataram por mandado de Mauhia. João de Barros escreve melhor, dizendo que a cidade em que foi enterrado Ali se chamava de primeiro Cuffa, e que os mouros lhe mudaram o nome em Maxad Ali que quer dizer, casa de Ali. Os arabios lhe chamam Ba Ali, que faz o mesmo sentido.

Este Ali foi o segundo califa por nomeação de Mafoma; mas, como já disse, não lhe deram posse. Este é um dos quatro interpretes do alcorão, que foram Abubequer, Omar, Otomão e Ali. Na interpretação de Abubequer se funda a seita chamada melquia, e esta guardam os mouros: na de Omar a chamada hanesia, esta observam os turcos: a de Otomão chamada buanesia seguem os arabios: a de Ali se chama imimemia, e é a que differe mais das outras, e que abraçaram os persas. Com Ali estão enterrados na principal mesquita desta cidade alguns de seus netos, filhos de Hocem: e na praça publica se vê a toda a hora um cavallo sellado e enfreado, o qual dizem os persas que está assim esperando por Mahomed Mahadim, neto de Ali, aquelle que, segundo sua opinião, não é ainda morto, e hade vir em cima de um cavallo compôr todas as duvidas que ha ácerca de sua lei entre arabios, persas e turcos, e a converter o mundo todo á sua seita. Quando na mesquita maior querem accender as candêas, é trazido a ella o cavallo, que offerecem a Ali, pedindo-lhe que acabe de mandar seu neto. Os persianos não tem menor veneração a esta cidade que á de Medina, onde jaz o corpo de seu falso propheta. Continuamente estão a vir da Persia em romaria a este seu santo sepulchro. No tempo que o persa era senhor de Babylonia tambem o era de Ba Ali; mas agora é do turco, que alli tem presidio e ministros deputados para arrecadarem umas tantas patâcas de cada pessoa que fôr áquella romaria, os quaes não deixam entrar ninguem na cidade, segundo me disia o xauter.

Por esta rasão, e tambem porque me pareceu sensaboria dar patacas a turcos por ver o sepulchro de Ali, segui o conselho do xauter, que era de parecer dormissemos a uma vista da cidade: toda aquella noite vimos lu-

minarias nas torres de suas mesquitas, por ser tempo do remedão, que é a quaresma dos mouros, no qual tempo jejuam todo o dia, gastando a maior parte delle em casa; e tanto que saem as estrellas começam a comer até amanhecer, passando as noites em banquetes, comedias e galhofas, levantada a prohibição capital entre turcos de andar de noite pelas ruas; e por isso se não fecham neste tempo as portas dellas. O mais deste seu remedão ou quaresma direi quando chegar a Alepo, onde me achei no dia de sua paschoa, a que chamam bayrão. Neste logar advirto que desta cidade se póde ir á de Anna sem passar a Babylonia, com o que se encurtará muito o caminho; porem tem este inconveniente que se hade passar de força pelos logares mais perigosos de ladrões, e juntamente ha muito grande falta de agua em quanto se não chega ao Eufrates. Eu quiz fazer este caminho; porem o xauter não se atreveu, dando por rasão que em dromedarios ou camellos sómente se podia fazer, pór sofrerem mais a sede que os cavallos, e que era certo o encontro de arabios.

Resolutos pois em chegarmos a Babylonia e passarmos da banda d'alem o Eufrates, antes de amanhecer nos pozemos a cavallo e mettemos na estrada que de Ba Ali vai para Belhilihe: encontrámos muita gente que vinha visitar aquella sua cidade santa, e a duas leguas della vimos uma sumptuosa mesquita, com altas e soberbas torres lavradas ás mil maravilhas, mas em logar ermo e despovoado: tinha muitas portas e grandes cercas; por dentro escura e com muitas repartições de casas. Nesta mesquita estava Ali orando quando o mataram, segundo escreve João de Barros. Um pouco ávante desta mesquita nos sairam ao caminho dois arabios, que em suas disparatadas perguntas mostraram logo que eram espias

de outros que estavam de emboscada; mas reconhecendo as armas se não atreveram comnosco. Sobre tarde chegámos a Belhillhe, cidade grande e populosa, posta d'aquem e d'alem do Eufrates, que a corta pelo meio e rega seus estendidos farregiaes. Tem esta cidade uma aprasivel entrada desta banda da Arabia, aformoseada com pyramides e altas torres. Não lhe vi pomares, mas frescas hortas e algumas palmeiras de tamara. Fomos dormir da outra banda do rio, que passamos por uma ponte de dainecas, em um formoso caravançará.

Aos dezoito dias de abril caminhámos pela estrada commum de Belhillhe para Babylonia, e á noite fizemos alto em um caravançará [é como claustro grande de um convento, com muitas cellas por cima para se agasalharem os passageiros, e por baixo múitas estrebarias para camellos e cavallos]: está este junto de um logarejo de pobre gente: a obra é magnifica e de muito custo; póde alojar dois mil cavallos; e porque neste logar não ha agua, tem o caravançará uma casa della com doze bicas de latão grossas, as quaes se abrem e fecham a modo de esguichos de lavatorio, e dando a homens, gados e bestas, toda quanta agua hão mister. O nome do caravançará é Birnous: ha nelle muitos servidores para os passageiros. Achei alli muitos romeiros ou faquires da India, Turquia e Persia, que iam a Babylonia visitar os sepulchros dos seus santos.

Eram dezenove de abril, horas de meio dia, quando avistámos aquella celebre cidade, que de Babylonia tem só o nome, ainda que tambem este perdeu com sua grandeza, chamando-lhe os turcos, persas e arabios, Bagdad por Babylonia. Pelas duas horas da tarde entrámos em Rachiche, logar posto nas margens do Tigres, fronteiro a Babylonia, da maneira que fica Cacilhas a Lisboa,

ainda que não tão afastado, porque o rio Tigres não vai alli tão largo como aqui o Tejo. Haverá nelle seiscentos visinhos. O bachá Azen Vazir o ennobreceu com uma ampla hospedaria, praça e mesquita de finissimos marmores, alli trazidos de Mosul, que foi a antiga Ninive. Não fizemos detença neste logar, mas passámos logo da outra banda por uma ponte de trinta e sete dainecas, presa por ambas as partes com grossas cadeas de ferro em pedestaes de pedra, fortes e seguros. Ao passar da ponte nos saíram ao encontro os janiçaros que arrecadam os direitos da passagem, e perguntaram que gente eramos. Respondeu o xauter que eramos francos, chamados pelo topegí baxí de Damasco para servirmos de condestaveis ao grão senhor: creram elles isto, e nos deixaram entrar sem pagar nada. Fui ser hospede do reverendo padre Fr. João Baptista, capucho barbado de França, o qual assiste alli por superior de alguns seus religiosos, fazendo muitos serviços a Deus, se não em converter turcos, em conservar na fé romana a alguns christãos orientaes, reduzindo a outros scismaticos.

CAPITULO XX.

Que cidade fosse Babylonia antigamente, e que cidade seja agora.

Havendo de descrever Babylonia é necessario presuppôr primeiro que Babylonia é a que descrevo. De duas fazem os auctores menção: uma dellas, diz Herodoto e João Brotero, que foi no Egypto, onde agora é o grão Cairo, e desta não trato aqui. A outra Babylonia é si-

tuada na Mesopotamia, assim pelo sagrado texto como por todos os auctores antigos, edificada por Nembrod no anno 131 depois do diluvio. Beroso e Paulo Jovio affirmam que Semiramis, mãi de Nino, a fez tal em riquezas, victorias, triumphos e senhorios, que com muita mais rasão se lhe póde attribuir a honra de a edificar que a gloria de a ennobrecer. Diodoro Siculo escreve que tinham os muros desta cidade em circuito trezentos e sessenta estadios. Herodoto, Ammiano Marcellino, Plinio, Josepho, Santo Agostinho, Strabo, Solino e Xenofonte quasi todos differem pouco na conta; e vem a dizer que cada quadra tinha cento e vinte estadios, e em roda quatrocentos e oitenta, que são dez leguas pouco mais ou menos. S Jeronymo e Nicolau de Lyra, sobre o terceiro de Jonas, dão a estes muros trinta e duas leguas em circuito. Concorda com elles Aristoteles, dizendo que, sendo entrada a cidade de inimigos por uma parte, o vieram a saber os moradores da outra d'alli a tres dias. E em outro logar chama a Babylonia provincia cercada com muros. Referem mais os auctores acima ditos que esta cidade occupava oito leguas que ha do Eufrates até o Tigres na paragem onde a situaram; e que os muros eram altos duzentos pés, e largos cincoenta, nos quaes havia duzentas e cincoenta torres, e cada uma tinha sessenta covados de altura, com cem portas grandissimas de bronze. Cercava toda esta machina e grandeza uma cava de duzentos pés em largo, tão cheia de agua que parecia um grande rio. Havia no mais estreito do Eufrates uma ponte que a rainha Semiramis mandou faser, a qual tinha em comprimento seiscentos passos sobre grandissimas columnas, cujas pedras se ligavam com umas barras de ferro estranhas, com seus botareus e talhamares. Esta pedraria da ponte mandou vir a rainha Semi-

ramis em barcos de longes terras pelo rio Eufrates. Sobre estes arcos e muros dizem Quinto Curcio e Strabo que havia uns jardins e hortas tão reaes e deliciosas que foram julgadas pela primeira e mais celebre maravilha do mundo.

Tres leguas do rio Eufrates e quasi no meio da cidade edificaram a torre, que pelo successo se chamou Babel: e diz Philo que os homens que nella trabalhavam passavam de trezentos mil: a qual não era outra cousa mais que um monte de terra macisso, vestido com uma parede de tijolos cozidos ao fogo, amassados com um betume que nasce naquellas partes, melhor e mais forte para este ministerio do que a cal que os pedreiros cá usam. Tinha uma como escada lançada em caracol ao modo de ladeira, tão espaçosa e larga que seis carros juntos se não podiam encontrar. Sendo pois a gente tanta, e estando a torre na cidade, á qual era cousa facil acodirem todos, escreve Santo Isidoro que a pozeram em altura de cinco mil e cento e setenta e quatro passos, que pelo menos devia ser uma legua e meia, e ainda agora os fundamentos que dizem ser desta torre mostram bem que teve em circuito mais de uma grande legua. E parecendo-lhes aos edificadores que pelo calor que davam á obra chegariam mui cedo alem das nuvens, e romperiam os ceus; ufanos com esta vangloria conceberam em seu coração uns pensamentos tão soberbos que bastaram para moverem a Deus a castiga-los com a confusão das linguas que experimentaram; porque quando uns pediam terra lhes traziam os outros betume, e quando estes pediam betume lhes traziam aquelles terra; confusão que os fez parar com a obra: e daqui veio chamar-se aquella cidade Babylonia, que é o mesmo que confusão. Não era a torre de pedra, porque nem na Arabia Deserta nem na Mesopotamia se acha.

Contar os successos desta cidade, assim no prospero como no adverso, as profecias e visões que nella aconteceram, seria encher grandes livros, e quasi trasladar a biblia em portuguez. Aqui, como diz Daniel, foi aonde os tres moços Sidrach, Misach e Abdenago foram mettidos na fornalha por mandado de Nabuchodonosor; e querem os armenios que ainda hoje haja vestigios daquella fornalha, e verdadeiramente se vê ainda a ruina de certo edificio que se afigura ter sido fornalha; como tambem outras ruinas em um çapal cuberto de silvado, e frequentado de muitos leões que dizem ser do lago delles, em que foi mettido o propheta Daniel. Nesta cidade se levantou o testemunho a Santa Susana. A ella trouxe o anjo de Jerusalem ao propheta Habacuc pelos cabellos. Nella estiveram captivos setenta annos os filhos de Israel. Daqui foram os dois Tobias: daqui foi Abrahão, Labão, Lia e Rachel. Aqui foi a côrte de Nabuchodonosor, dos dois Balthasares, de Cyro e de Dario. Aqui emfim morreu Alexandre Magno; que só cidade tão ampla podia ser capaz sepultura de tão grande monarcha. Acabo com dizer que dois mil annos foi esta Babylonia senhora do mundo, e que agora apenas se veem ruinas por que possamos dizer: aqui foi Troia: cumprindo-se á risca o que della tinha vaticinado o propheta Isaias, quando por boca de Deus a ameaçava com perda de seu nome e de todas suas reliquias: *Et perdam Babylonis nomen et reliquias.*

A cidade a que hoje chamâmos os europeus Babylonia, e toda a mais gente Bagdad, está posta em trinta e cinco graus de altura á borda do rio Tigres; e se havemos de dar credito a João de Leão e Fr. João de Pineda, foi edificada das ruinas da antiga, por mandado de Mahamed califa, filho de Harão Raxid, 24.º no ca-

lifado, pelos annos 809 de nossa Redempção. João de Barros dá-lhe outro fundador chamado Bujafar, irmão e successor do califa Safa; e citando o tarigh dos arabios escreve que esta cidade Bagdad foi fundada por conselho de um astrologo gentio chamado Nobach; que tem por ascendente o signo sagittario; que se acabou em quatro annos, e custou dezoito contos de ouro. Fr. Manuel dos Anjos, tirando-o de varios auctores, diz que foi edificada por Almansór califa no anno de 762, e que o nome de Bagdad se lhe deu pelo sitio em que primeiro estava a cabana de um ermitão assim nomeado. Como quer que seja a cidade hoje é do tamanho de Santarem com a Ribeira. Os edificios são pela maior parte de ladrilho, outros de barro, e muito poucos de pedra, trazida de fóra; mas altos e sumptuosos, principalmente os que caem sobre o Tigres. Afêa porem muito as casas dos turcos o não terem janellas rasgadas, e das outras ainda poucas para a rua, o que provêm de serem summamente ciosos e desconfiados. Os alcorões nesta cidade são tantos, a bem de fallar, como as casas; porque cada bachá quer deixar sua memoria em um alcorão e mesquita. Os principaes são quinze, de obra curiosissima e soberba. Junto á mesquita maior mora o summo califa, que corresponde a um nosso patriarcha, e não ao papa, como escreve certo auctor, porque este é entre turcos o seu mufti. A parte mais povoada da cidade são oito ruas que ficam para a banda do rio, habitadas de mercadores e officiaes de toda sorte, arruados segundo seus officios, todos juntos, as quaes ruas se rematam com uns postigos, que se fecham de noite, e são cobertas por cima de abobada. De praças tem duas muito formosas, uma fica diante do serrálho, que é o paço do bachá, e lhe serve de terreiro: outra é aonde se faz a feira de cavallos, que será do tama-

nho do nosso rocio. Para banhos ha muitas casas grandes e capazes, em que se lavam homens e mulheres. Bem no meio da cidade, em o alto de uma parede fechada como oratorio, vi pintado um homem á portugueza, e da outra parte um anjo com um copo de vinho na mão, e junto delle um leão que cercavam duas cobras, e mais acima em um concavo como nicho estava affigurada uma mão. A declaração deste enigma é, que dizem os turcos que naquelle logar deu Ali uma palmada, e deixou a mão debuxada ao natural. Por rasão desta patranha que elles tem por milagre, ardem alli todas as noites quarenta velas de cebo; e o posto se chama Pany Aly: quer dizer cinco dedos de Ali. Perto d'aqui mora o polugo do bachá, que é um juiz que põe preço ao que se compra e vende, como se dissessemos almotacé: e tem demais disto a seu cargo que não sejam offendidos os tratantes, decidindo as duvidas e dissensões que ha entre elles.

Os moradores serão dezeseis mil turcos, arabios, curdos e persas; além de trezentas familias de judeus, das quaes, segundo elles contam, quinze ficaram alli do captiveiro de Babylonia. De christãos ha em Bagdad muchissimos jacobitas, nestorianos e armenios. A côr dos moradores é branca, e elles bem assombrados e cortezes; mas de pouco valor, e o turco faz delles mui pouca confiança, não os occupando jámais em officios nem postos de consideração, quer na paz quer na guerra. As mulheres são assim mesmo de boas feições como os homens. Vestem uns e outros rica e custosamente. Gosa a cidade de puros e salutiferos ares, supposto que no verão são aqui muito grandes os calores; mas o inverno é mais temperado. Ha incrivel abundancia de mantimentos, e todos mui baratos. De frutas é provida de fóra e de hortaliça, vindo-lhe uma e outra cousa da Armenia em bar-

cos pelo rio, e da Persia a fruta por terra; porque no territorio de Bagdad se não dão hortas nem pomares: só vi algumas palmeiras fóra da cidade. O campo produz grande copia de algodão e seda, e passam de quatro mil officiaes os que a lavram e tecem. Tem grande commercio com todo o oriente e poente: e para que acudam alli os mercadores de todas as partes, não passam os direitos da alfandega de cinco por cento. O barro de que se faz a louça é todo branco: e os pucaros e gorgoletas, a que na India chamam de Baçorá, não são senão de Bagdad, levadas áquelle porto em barcos pelo rio. Os cavallos são mais para passear que para o trabalho, muito bem feitos e tirados, mas molles e pouco corredores. Os jumentos são a maior cousa que vi em minha vida: não ha cá mula tão grande que se lhes iguale; pretos e mui fortes: assim umas como outras bestas muito baratas. Desta cidade para a de Alepo vão cada anno duas caravanas ou cáfilas, uma a que chamam grande, que parte em março, e vai pelo deserto, outra pequena, que parte no fim de abril e vai por Ninive ou Mosul. A agua que alli se bebe é do Tigres, muito mais clara e limpa que a do Eufrates, e que cría saborosissimo peixe.

E' toda murada em redondo de muros, que teem nove palmos de grossura, e de altura cincoenta, mas todos de ladrilho: nelles ha nove baluartes, cincoenta torres, e um castello em que o bachá tem o seu serralho ou palacio; não contando outro mais forte, que está da outra parte do Tigres bem defronte da cidade, no qual haverá bem cento e vinte peças de artilheria, entre grandes e pequenas, todas de bronze, e quinze mil e quinhentos janiçaros dos escolhidos. A fortaleza é quadrada, mais capaz que segura e forte, com um fosso que tem oito covados de alto, e doze de largo. Ao longo dos mu-

ros vai tambem correndo uma cava larga cincoenta palmos, e fundo braça e meia, cheia sempre de agua. O condestavel mór, e como provedor ou visitador da fortaleza, é um christão grego casado, e morador em Damasco, por nome Topegí Baxí; o qual é obrigado a vir estar em Bagdad alguns mezes do anno. Fóra da cidade para a parte do meio-dia, distancia de tres leguas está um arco a modo de capella mór, porque não passa o vão delle a outra banda, chamado pelos turcos Selmon Pac: tem de largo cento e um pés, e de altura tresentos palmos. Dizem que Fatima filha de Mafoma e mulher de Ali o mandou fazer, para que Deus lhe desse filhos; mas a verdade Deus a sabe, e eu refiro só o que me disseram.

CAPITULO XXI.

A que monarcha seja sujeita Babylonia. E por esta occasião, das regiões e provincias que o turco possue na Asia.

Desde que houve guerras e contendas, que as houve grandes e porfiadas, entre as duas casas Ottomana e Sophiniana, sempre esta cidade de Bagdad ou nova Babylonia foi praça de armas, ora de turcos, ora de persas, conquistando-a alternadamente uns e outros. Dizia aquelle famoso rei da Persia Xá Abas que nas suas duas cidades de Bagdad e Candahar tinha duas pedras, que lançava aos maiores dois cães do mundo quando lhe faziam guerra, e o perseguiam: e os cães eram o grão turco, que

logo arremettia a Bagdad, e o grão mogol, que sitiava Candahar. Mas o certo é que o cão do turco lhe engoliu aquella pedra, e com ella muitas provincias na Asia, que pertenciam á Coroa da Persia. Mas porque li muitos auctores, que dão ao turco na Asia mais regiões do que na verdade tem, por falta de conhecimento das terras; e outros, que lhe sujeitam mais provincias com suas pennas do que elle subjugou com suas armas: pareceu-me dar neste logar uma breve noticia dos senhorios que possue na Asia, assim Maior, como Menor. E primeiramente, as demarcações das terras do turco em Asia são desta maneira. Pela parte do oriente tem o mar persico, o rio Tigres e a costa do mar Caspio, que agora se chama de Baccu. Pelo occidente o mar arabigo, por outro nome estreito de Meca ou mar Vermelho; o Egeu ou archipelago: o Propontide, que é o golfo de Constantinopla, e o ponto Euxino, que agora se intitula mar-maior. Pelo septentrião tem a alagôa Meotis, que por outro nome se chama o mar de las Zabachas, e a Sarmacia asiatica ou Tartaria. Pelo meio dia o occeano austral, ou indico, e o mediterraneo.

Nesta demarcação se comprehendem os reinos e provincias, que antigamente mais floreceram em letras e armas, como são o Ponto e Bithynia, que propriamente agora se chama Turquia. Alem disto a Asia menor, a que elles chamam Natolia, debaixo da qual se encerram Phrygia [que agora é chamada Paria] Bebricia, Licia, Galacia, Paphlagonia, Pamphilia, Cappadocia [que agora se diz Amasia] Armenia menor e Cilicia, por outro nome Caramania. O circuito desta peninsula, que teve o nome de Asia menor, e agora tem o de Natolia, era de duas mil e quatrocentas milhas, desde Alexandria até Trapisonda. Possue de mais disto grande parte das regiões

que se incluem na Armenia maior; e a ilha e reino de Chypre, Syria, Palestina ou Judea, Arabia Petrea e Deserta: na Felix o bachádo de Catifa. As provincias de Mesopotamia, Babylonia e Assyria. Ha nestas provincias e regiões de Asia postos pelo turco trinta e um bellebergos ou baxás: o de Natolia, que reside na cidade de Catayo da Phrygia maior, o de Caramania, que assiste em Caisaria de Cilicia, o de Sivás em Sebaste, o de Paphlagonia em Amasia, o de Dulgadir, o de Alepo, o de Scham em Damasco, o de Tarapolos em Tripoli de Syria, o de Maras em Marassum de Mesopotamia, o de Diarbek em Amida, o de Bagdad em Babylonia, o de Baçorá, o de Datifa, o de Laxa em Caramania, o de Yemen na Arabia Felix, o de Chebets no Abexim, o de Meissour no Cairo, o de Chypre em Nicosia ou Famagusta, o de Schehrezul em Assyria, de Uvan em Media e Armenia maior, o de Arzerom nos georgianos, o de Tiphlis e Media, o de Sirvan nesta provincia, o de Temircapi no mar Caspio, naquella paragem que se chama Porta ferrea, o de Carse em Parsemenia provincia da Armenia maior, o de Schildir nos confins dos georgianos, o de Fassa em Mingrelia, o de Socho, o de Barin, o de Revan e o de Samachia. Cada qual destes governa latissimas provincias.

Grande parte destas terras tem o turco dado como em soldo aos seus spainos timariotas, que são por todo seu imperio cento e quarenta e cinco mil soldados de cavallo, e que não recebem paga em dinheiro, mas herdades e campos, de que vivem, os quaes lhes dão com obrigação de tantos cavallos, segundo o que podem render. Porque como os turcos, em se fazendo senhores de um reino, esbulham a toda a nobreza de suas fazendas, repartem-nas pelos seus soldados em logar de soldo e esti-

pendio. Donde se colligem os grandes interesses que daqui recebe o imperador, tendo tanta copia de cavallos, sem despezas nem diminuição de seu thesouro: o que tambem redunda em utilidade grande da republica e dos mesmos soldados, que sendo por esta forma melhor pagos, defendem com maior valor as terras em que vão a perder seu sustento. Quando ha guerra, manda o grão visir de Constantinopla avisar os bachás, por todo o imperio, que dentro em tantos dias façam partir os spainos, e elles obedecem á risca sobpena da vida. Alguns encontrei de caminho para a Alemanha, que davam ao diabo os auctores da guerra. Da sua gente asiatica faz o turco pouca conta para a guerra; mas leva-os para os pôr na vanguarda por entulho ou barreira em que os nossos exercitos quebrem os primeiros brios. Estes spainos não tem tanto poder naquelle imperio como os janiçaros; assim por serem inferiores no numero, como porque estão muito repartidos por Europa e Asia: e os janiçaros quasi todos assistem na côrte, ou perto della, excepto os que estão guarnecendo as praças. O mais que se podia dizer do imperio e poder do turco deixo, por ser cousa sabida, e tanto mais, quanto mais se nos chega.

CAPITULO XXII.

Detença que fiz em Babylonia: e saindo della, continúo meu caminho ate Ana com grandes perigos.

Dia e meio tão sómente descancei em Babylonia, se é que descancei, e não lidei com muitas cousas que me eram necessarias para o caminho, que havia de ser muito mais trabalhoso do que até alli fôra, assim por havermos de experimentar maior falta de agua, como porque era certo o encontro dos alarves. De Baçorá até Babylonia, como ninguem faz o caminho por terra, não se cançam aquelles piratas tanto em vigiar aquelle deserto; mas de Babylonia para Alepo ha cáfilas e passagens de turcos, que elles esperam, e ás vezes até o dinheiro que vai para Constantinopla tomam, por mais que léve comboy. A primeira cousa em que entendi, foi em arrecadar dusentas patacas, que trazia por letra de Baçorá para certo baneane que trata em Babylonia, sendo correspondente dos da India, chamado Mangí. Fui-lhas eu pedir, e elle, por estarem alli turcos e arabios, disse que m'as não podia dar; mas logo m'as trouxe a casa, dizendo, que m'as não dera na sua, porque se soubessem aquelles arabios que eu trazia dinheiro, ou avisariam os ladrões, ou elles se fariam. Com ellas comprei um cavallo para o meu lingua, que chegára com o seu cançado: tres odres para levarmos agua, dependurados debaixo das barrigas dos cavallos: trinta braças de cordel para a tirar de poços profundissimos: alguns arrates de caoe, que é a semente torrada e moida, que em agua quente bebem os mahometanos; e algum tabaco de

folha, e outras cousas deste lote para dar aos alarves, se acaso viessem em algum concerto comigo. Negociadas estas cousas concertei-me de novo com o xauter para me guiar a Alépo, e elle, como já tinha experiencia de minhas forças, que podiam com o trabalho, veio nisso: se bem me aconselhava que fosse em uma caravana que estava para partir dalli a dois dias para Alepo, e fazia suas jornadas por Ninive, Nisibi, Cochassar e Orfa, que é caminho mais seguro que o de Ana, ainda que rodea muito. Não lhe tomei eu o conselho; e pagando-lhe o que lhe devia, por me ter guiado até Babylonia, e deixando em poder do baneane Mangi trinta patacas em que de novo me concertára com elle até Alepo; despedido dos padres capuchinhos, me puz a cavallo, e mandei montar os companheiros já ditos: a saber, o xauter, o lingua e o portuguez.

Aos vinte e um de abril sahimos de Babylonia pela mesma ponte de dainecas, que já disse quando escrevi minha entrada nella, dizendo a todos, que iamos a Damasco em busca do topegí. Já deixavamos nas costas Rachiche, quando vem correndo a nós um janiçaro, trazendo na mão um covado roliço e bradando que parassemos. Não lhe queria eu obedecer, temendo que por despedidas quizesse patacas, porém o xauter, que fazia conta de passar por alli outras vezes, temendo de aggravar o janiçaro, esperou-o, e nós com elle. Chegou, e pediu duas patacas por cada cabeça, sem outro direito mais que o do seu covado: regateámos quanto pudémos no preço de nossas mesmas cabeças, e por fim de contas e porfias veiu a acceitar quinze xaés, moeda da terra, que fazem cinco patacas, e se foi. São taes estas terras dos turcos, que não ha para quem appellar de uma sem-rasão destas, sem risco de perder o proprio e as custas: se bem eu cui-

do que as nossas são nisto como as suas. Tinhamos caminhado duas leguas, quando vimos estar um vulto de homem sobre um outeiro pouco desviado no caminho: fomos chegando, e reconhecemos que era arabio; o qual em advertindo que podia ser conhecido se abaixou, e coseu com a terra. Como emparelhámos com o outeiro, vimos que nas suas fraldas da outra banda estava alguma gente deitada, cuja era aquella atalaía, que vigiava se sahia a caravana ou alguma gente de Babylonia, que pudessem assaltar. Disparámos então duas clavinas, para que elles soubessem que as tinhamos, e fomos caminhando todos juntos. Alli perto démos com um ribeiro de agua, em que beberam os cavallos, enchemos os chiqueis e odres, e sem mais tardança, por ser o logar perigoso, nos tornámos a pôr a cavallo e ao caminho. Dormimos aquella noite no meio de uma campina, com grande medo de leões e tigres, que por alli são carniceiros. Os cavallos dormiram como sempre, junto a nós, presos a nossos pés. Lá pelas onze da noite nos espertou o lingua, que vigiava aquelle primeiro quarto, dizendo, tigre, tigre: e já neste tempo os cavallos todos unidos com as ancas jogavam de sua artilheria contra o tigre, que se preparava para o salto. Pegámos nos alfanges, e o xauter na sua lança: nas armas de fogo não, porque temiamos tanto ser sentidos dos alarves, se fizessemos tiro com ellas, e elles acaso estivessem por alli perto, como temiamos ser accommettidos dos tigres. Fomo-nos áquelle, que só viamos, e pondo-nos entre elle e os cavallos, tratámos mais de nos defender que de offender. Quiz Deus que nos tivesse respeito e se fosse, deixando-nos em receios de voltar acompanhado; mas ou não achou companhia, ou deu com melhor presa.

No segundo dia do viagem, 28 de abril, achámos

agua em um lameirão pequeno, viveiro de passaros de estranha grandeza, feitio de patos, mas côr amarella tostada nas costas, peito encarnado, azas pretas, pescoço branco, bico côr de aço. Um destes passarões apanhámos á mão, por se não poder ter nas pernas para voar. A' borda do lameirão jaziam muitos cadaveres destes patalhões, alguns mortos de pouco tempo, outros já antigos: quiz por minha curiosidade medir o espinhaço de um, e contei nove palmos de comprimento. Estes passaros matam os tigres, e os teem alli como em viveiro para as necessidades occorrentes. Mettemo-nos pelo lodo para tomarmos alguma agua; porque o lameirão ia-se seccando e deixando nas suas bordas atoleiros de lodo. Estava o xauter enchendo um odre, não sei se de agua se de lodo, eis que vemos vir de carreira um façanhoso tigre endireitando para elle: acodimos depressa aos cavallos, e o xauter á sua lança. O tigre vinha sequioso, não fez caso do nosso alvoroço, chegou a beber, e depois de matar a sede deixou-se estar quedo na agua, com os olhos em nós. Pedimos-lhe a vozes que se afastasse, mas não dava por isso. Fizemos-lhe montaria com as clavinas, mas nada montava; até que se enfadou de nos vêr e fazer raivas, e dando-nos ás costas se foi pôr um tiro de espingarda distante. Não faltou quem lhe quizesse fazer um tiro; porem como não tinhamos segurança de elle haver de morrer logo, e sabermos que cruel é um tigre ferido, deixámos de faze-lo. Afastado o tigre fizemos aguada, e deixando o invio daquelle deserto, arribámos sobre uma estrada que vai para Ana, e dando com ella já de noite passámos o que restava della no reconcavo de um outeiro, onde fizemos fogo, ferido nos fechos de uma pistola, para assar uma lebre que o xauter acordára com a ponta da lança, estando dormindo junto de um arbus-

to, podendo-se com verdade dizer desta lebre o que do seu Oronte cantou Virgilio, que tomára a morte de um somno.

Ao amanhecer de 28 de abril achámos naquella estrada rasto fresco de caravana ou cáfila: fomo-lo seguindo até darmos com ella, que constava de camellos e poucas outras bestas de carga: esta era toda de cevada que de Babylonia levavam para Ana, por alli a não haver. Acompanhavam-na poucos homens, assim por ser pequena, como por ser perto a jornada e irem a todo o risco. Tanto que estes tiveram vista de nós deram-se por perdidos, cuidando que eramos ladrões alarves: deitaram as cargas no chão, e fazendo dellas parapeitos nos esperavam a pé quedo, com arcos e flechas nas mãos. Como lhe conhecemos o medo, começámos a escaramuçar, do que entenderam sermos de paz; e deixando o maioral a sua recova ou cáfila, se veio a nós em um jumento, que se tirava tão bem como se fosse cavallo. Saúdou-nos e offereceu-nos cevada para os cavallos, pedindo que o acompanhassemos até Ana, onde nos pagaria esta mercê que de nós esperava. A resposta que lhe mandei dar foi de cego, que veriamos. Neste e no dia de antes encontrámos no deserto com umas cintas de marmore branco e fino, as quaes se estendem por muitas leguas; porem não são fundas, senão nascidas á flôr da terra, da largura de um tijolo.

Pouco havia que caminhavamos em companhia, quando lobrigamos para a parte esquerda um arabio a cavallo, que vinha tangendo dois bois diante de si. Fomos a elle de carreira, e perguntámos-lhe por novas daquella Deserta. Respondeu que havia tempos que cento e cincoenta alarves de cavallo corriam aquella estrada todos os dias; porem que então não sabia onde estariam; que el-

le se recolhia para a sua cabana com aquella presa, a qual lhe tinha rendido uma pilhagem que com outros fizera. Viu-se-lhe o alforje, e trazia nelle quatro bolos de soborralho, que naquelle deserto foram um grande regalo. Sem elles se foi o arabio, dizendo mal de sua vida, porque tinha a cabana ainda muito longe, jornada de dez leguas; mas como ia mais leve, chegaria mais depressa. Pouco ávante deste encontro vimos muito rasto de cavallaria por toda a estrada, que por não ter signaes de ferraduras, mostrava bem ser de gente inimiga. Deliberámos logo no que convinha fazer para evitar o encontro. Requeria eu ao xauter que, deixando a caravana, marchassemos a toda a pressa, saindo-nos da estrada, onde o perigo era maior. Tinha este meu requerimento por si rasões muito forçosas. A primeira era que os ladrões nesta Deserta não seguem ordinariamente o rasto de cavallos, por se persuadirem que os não poderão já alcançar: de caravanas sim, que sabem bem que caminham devagar. A segunda era que aquelles alarves ladrões infestavam a estrada, e ou mais tarde ou mais cedo dariam comnosco; o que não succederia se, mettendo-nos pela Deserta, fossemos varar a Ana. Não deixava de o entender assim o xauter; porem levado de peitas e conveniencias respondia que não convinha a seu credito deixar a caravana naquelle perigo, e faltar ao que lhe pedia o seu maioral, com quem tinha amizade; que nós com ella iamos mais seguros: como se a caravana fosse das grandes de Babylonia. Mas para que se vejam os meios tão avessos que Deus muitas vezes toma para sair com seus fins, e que a rasão humana se deve deixar governar da providencia divina, contarei o que neste e segundo dia succedeu.

Desgostado eu com o xauter, por me não ter feito

a vontade em deixar a estráda e caravana, fomos todos juntos caminhando vagarosamente por uma ladeira abaixo, que ia fenecer no rio Eufrates. Não a tinhamos ainda bem descido, quando divisámos ao longe no meio de uma espaçosa campina muita poeira levantada por um troço de cavallaria, que não sabiamos se ia ou vinha para nós, por estar muito longe da vista. Apeámo-nos a toda a pressa, e os da caravana descarregaram com a mesma seus camellos e jumentos, e subindo-nos a um cerro, fizemos barreira de bestas e costaes, esperando o inimigo, o qual de força havia de passar por um passo estreito entre um monte e o rio, o qual se me afigura todas as vezes que, passando de Santarem para a Golegaã, chego ás Barrocas da Rainha. O inimigo ia-se já recolhendo para os seus escondrijos que alli perto tinha, e não deu fé de nós. Desassustados então deste perigo [no qual infallivelmente caíamos, se o xauter levado de minhas rasões deixasse a cáfila, e caminhasse com mais pressa, por aquelles ladrões se terem levado havia muito pouco do mesmo ponto em que nós os esperavamos agora] sentámo-nos ao longo do rio Eufrates á sombra de alguns salgueiros que alli tinha, em quanto o maioral da caravana assava nas brasas um bolo que com suas toscas mãos fizera de farinha.

Não nos tinhamos logrado uma hora da sombra, eis que gritam os camelleiros: Arabi dus, Arabi dus. Quer diser: arabios ladrões, arabios ladrões. Peguei eu e mais os outros das armas, e levantando os cães ás pistolas, e clavinas, fomos tomar aquelle passo estreito de que já fallei, que ficava entre um monte e o rio. Nesta occasião fraqueou o portuguez tanto que se foi esconder por entre os salgueiros mais espessos, dando tudo por perdido, e só teve acoordo de levar comsigo o seu cavallo, co-

mo que a sua vida não estivesse mais nas armas e no valor do que na fugida. Os arabios que vinham eram só quatro, e um delles o xeque ou cabeça das tropas que tinhamos visto ao longe. Requeria-lhes o meu lingua que se tivessem; mas elles fazendo pouco caso do requerimento, se vinham chegando, até que duas ballas, que lhe foram zunindo pelas orelhas, lhes tiveram mão nas redeas e metteram medo. Gritaram que eram amigos, e fizeram signal de paz, girando com os cavallos. Recebemo-los então com agrado, offerecendo-lhes do bolo que tinhamos para jantar, tamaras e cebollas do nosso alforje. Comeram de tudo com boa vontade, e com a mesma acceitaram um pouco de tabaco que eu lhes dei. Sobre mesa lhes perguntei donde vinham? Responderam que dos campos de Hella, cidade antiga, e hoje meia arruinada, e que traziam uma boa presa que tomaram a um turco muito rico, que ia para Babylonia a servir o officio de Cadí, e levava seis camellos carregados de roupas da India, muito anfião, lacar e cobre: o que tudo lhe tomaram, e elle ficava morto com mais dois escravos seus, por se pôrem em defensa, e lhe matarem primeiro um seu arabio. Dadas estas contas levantaram-se e foram dar uma vista aos costaes da nossa caravaninha, e tomaram quanto lhes contentou, sem o dono della fallar palavra. Tambem me viram as armas de fogo, que eu lhes mostrei na minha mão; e desejaram o meu odre da agua, porque a fazia boa; mas respondi-lhe que por isso mesmo o queria. Admiravam-se muito de eu metter em uma só clavina muitos pelouros, e perguntavam para que eram tantos? E ouvindo dizer que para matar de um tiro dez arabios, viravam o rosto e diziam: Alá Stafarlá: Deus nos livre. Feita vistoria do que havia na caravana, quizeram os arabios ir-se para as suas ladroeiras,

que lhes ficavam já perto detraz de um outeiro; mas eu os não deixei ir sem que primeiro nos dessem algum seguro de que a sua gente nos não sairia ao encontro até a cidade de Ana. Pediram pelo seguro vinte patacas, e dando-se-lhes quinze, parte dellas falsas e parte verdadeiras, com mais algumas cousas, me entregou o xeque o seu cajadinho, dizendo: Podeis caminhar seguro: e se alguma cavallaria de outro xeque vos sair, dizei-lhe o que passastes comigo, e mostrai-lhe este meu cajadinho, que elles lhe terão respeito: o meu nome é Xech Burixa. Dito isto, em um nada desappareceram, deixada a estrada, e mettendo-se por um areal em que não havia caminho nem carreira. Nós caminhámos a toda a pressa o restante do dia, mais temerosos de elles nos virem no alcance, em caindo no engano das patacas, do que confiados no seu cajadinho: porem como elles meneam pouco dinheiro, tambem o conhecem pouco. Chegada a noite, retirámo-nos do caminho, e carregando sobre a mão direita, nos fomos esconder ou descançar entre dous montes.

Pela meia noite saiu a lua, e nós com ella do dito escondrijo, apressando quanto era possivel os camellos, por temermos os negros arabios. Ao amanhecer achámos entre nós um companheiro de mais, o qual era arabio, cara de má casta, roto e despido. Pareceu-me espia, e a todos que seria bem trata-lo assim; mas o maioral, que por seus peccados sabia já quão vingativos eram os arabios, acudiu por aquelle, e o livrou de uma boa. Perguntado por quem era, respondia que mercador, vindo de Babylonia, e roubado o dia de antes com outros muitos de sua companhia, os quaes ainda ficavam presos nas tendas dos ladrões, e que elle escapára aquella noite, por o não ter o seu patrão segurado bem. O certo é que el-

le na noite seguinte fugiu de nós tambem. Neste dia comemos regaladamente; porque se caçou uma gazela, e repartiu comnosco um tigre de um javalí que matou á nossa vista, não sem lhe custar sangue; porque a briga foi renhida, e o javali sabia-se muito bem deffender. Passou a cousa desta maneira. Chegando nós pelas onze horas da manhaã ao Eufrates, que se tinha afastado da estrada o dia de antes com uma volta que fazia, démos com os olhos em um grande tigre, que levantada a cauda em alto, boca aberta, e todo um fogo, saltava de quando em quando sobre um pouco de lodo [tal nos paceu á primeira vista o javalí que com elle brigava], por estar muito bem armado de camas de lodo uma sobre outra. Pararam os camellos, adiantámo-nos os de cavallo, e mais de perto nos pozemos a ver a batalha. Tinha o porco as costas em um salgueiro, e os dentes bem afiados, e altura de tres dedos de lodo secco pelo corpo. O tigre raivoso trabalhava pelo tirar do posto; mas vendo que não aproveitavam suas diligencias, saltou-lhe de um pulo nas costas, empregou as unhas, e cuidando que se retirava levando couro e cabello, achou que só lodo e cabello lhe tinha tirado. Segundou uma e outra vez o pulo, até que totalmente lhe tirou das costas aquella saia de malha enlodada, mas com pouco damno do mais. Tanto que o javalí se viu desarmado, correu ao rio para se encher outra vez de lodo; mas dando-lhe nas costas o tigre, o abriu pelo meio com as garras: depois de o matar deitou-se ao pé delle, lambendo uma ferída, que só recebêra naquella batalha, e como lhe pareceu tempo comeu o que pôde, deixando-nos alguma parte, que bastou para os que só podiamos comer daquella carne, prohibida na lei de Mafoma; ainda que o xauter não se pôde ter.

Lá pelas quatro da tarde chegámos a um posto, onde achámos signaes frescos de haverem alli estado pouco de antes alojados muitos cavallos, os quaes nós contavamos pelas estacas a que estiveram presos, e ficaram fincadas no chão. Louvei então a Deus, por me ter livrado de tão evidentes perigos com a detença que fizemos em companhia da cáfila. O mais do dia e parte da noite caminhámos á borda do rio, que por alli é largo e profundo. Não se póde crer a multidão de javalís que vimos aquelle dia, e a multidão de burros bravos que vinham beber ao Eufrates: perto delle dormimos aquella parte da noite que não andámos, e em esclarecendo o dia de 25 de abril continuámos com o caminho, o qual nos levou direitos a Ana pelas oito do dia.

CAPITULO XXIII.

Descreve-se a famosa cidade de Ana, e se faz outro diario de meu caminho até chegar a Alepo.

A cidade de Ana, côrte e cabeça em outro tempo de toda a Deserta, agora mais deserta que povoada, está posta d'aquem e d'alem do rio Eufrates, que lhe passa pelo meio ao pé de dois rochedos, que de uma e outra parte lhe guardam as costas, não a deixando alargar. Esta é a rasão porque aquella cidade tem muito poucas ruas, mas essas tão compridas que se põe uma hora em andar uma rua a cavallo. Não é murada, nem o póde ser, por entestarem suas ruas com a rocha por uma banda, e estarem as casas abarbadas com o rio pela outra.

Os edificios são todos do feitio de castellos altos, com suas ameas á roda dos terrados; mas de barro os mais delles, com haver alli pedreiras. Por armas tem sobre os portaes um prato, ou seja da China ou da Persia, embutido na parede. A melhor cousa que tem Ana são os seus pomares e jardins, regados com a agua do Eufrates, e abundantes de frutas e flores de Europa. Nesta cidade vi alguns olivaes tão formosos como os nossos, e usa-se de seu azeite nas candeas. Tem poucas terras de lavoura, e só trigo tem bastante: a cevada para os cavallos lhe vem de Babylonia. No meio do rio entre uma e outra parte da cidade está uma ilha do tamanho do castello de Lisboa, murada toda em roda de muros de barro ou adobes cozidos, ametade já arruinados, e tambem os edificios que tinha por dentro dos muros. Esta cidade primeiro foi dos arabios: depois a tomaram os turcos: razão por que seus moradores são notavelmente perseguidos dos arabios, como usurpadores do que já foi seu. O rio não se passa alli por ponte de pedra ou de daineças, como em Babylonia, senão por barca lastrada e grande, capaz de quinze camellos carregados. Como não ha mais que uma barca de passagem, detem-se nesta a caravana de Babylonia, quando por alli passa, oito e mais dias. Os naturaes, quando passam de uma á outra banda, nem sempre é na barca, senão em uns odres cheios de vento, sobre que vem remando com as mãos; se bem a corrente os faz descair muito. Tem aqui o Eufrates trezentos e vinte passos de largo. Os habitadores são pela maior parte arabios, como digamos mansos, turcos e judeus, que dizem ter alli ficado da transmigração de Babylonia. Uns e outros vivem de tecer pannos de laã de camellos. Houve já nesta cidade mercadores mui ricos; mas todos se passaram a Damasco e Alepo, por causa das guerras pas-

sadas entre turcos e persas. Vi aqui tarambolas movidas pela corrente do rio, que lançavam a agua sessenta palmos em alto.

Ora chegados nós á primeira rua de Ana da banda d'alem, nos sairam ao encontro muitas mulheres e meninos a perguntar por novas dos que vinham na caravana, porque lhas tinham dado o dia deantes muito más: e dizendo-lhe nós que ahi vinham já a salvamento, foi notavel o alvoroço com que correram para a estrada em busca dos seus. Passámos logo o rio, e fomos agasalharnos a casa de um tecelão amigo do xauter, que o foi honradamente comnosco, aquelle só dia de 25 de abril que nos detivemos em Ana, no qual démos um pouco de verde aos cavallos; e mandámos fazer biscouto para os alforjes amassado com manteiga, para ser mais brando. Este biscouto me custou tão caro que me deu um grande desgosto, e me fez dar ao xauter duas moedas de ouro; e a cousa foi assim, que disse eu a todos meus tres companheiros que mettesse cada qual nos seus alforjes o biscouto que podessem levar: nenhum delles queria carregar o seu cavallo, e menos que todos o xauter a sua egoa, deixando-me a mim a carga do que elles haviam de comer: enfadei-me eu então, e comigo o xauter sem nenhuma rasão, nem o pude aquietar sem primeiro lhe metter na mão duas moedas de ouro, como se o tivesse injuriado. Mas eu bem via que com ellas não comprava sua graça, senão minha vida, que de sua fidelidade dependia. Assim faz quem quer ter bom successo nestes caminhos: os que são miseraveis, ou chegam cá roubados ou ficam lá mortos.

Outros maiores desgostos me deram nesta terra com as noticias de muitos roubos e hostilidades que cada dia faziam os arabios, não lhes escapando ninguem, quer

por terra quer pelo rio, que não roubassem e matassem. Fallei alli com um turco, que descia de Pir pelo rio em um barco carregado de fazenda, o qual lhe tomaram, e a elle tiveram preso até se resgatar por duas mil patacas, e havia dois dias que se tinha libertado de seu poder. Este e os mais da terra affirmavam por cousa certa e sabida que a caravana grande de Babylonia, que della tinha partido havia já tres mezes, estava ainda reteuda e cercada por elles, não obstante terem-lhe já dado dezeseis mil patacas, porque pediam outras. Fóra das portas da cidade já ninguem saía, atemorisados todos de inimigos tão importunos. Estas novas me cortavam o coração, mas nem por isso deixava de o mostrar aos que mas davam, dizendo-lhes que não temia os arabios, e que se algum delles quizesse passar comigo o seguraria com minha vida. E por evitar avisos das espias que nesta cidade, como nas mais, tem os ladrões, publicava que não havia de partir daquella terra senão depois de haver dado uma semana de verde aos cavallos.

Sabido o que passava no deserto, fizemos nosso conselho os quatro: nelle houve pareceres que ou tornassemos para Babylonia, ou nos deixassemos ficar em Ana, porque o al era arriscar evidentemente a vida. Tinha este parecer contra si que a volta para Babylonia era tambem arriscada: a detença em Ana seria de um anno, até vir outra caravana grande de Babylonia. O que tudo considerado se resolveu que o caminho se continuasse logo pela manhaã do seguinte dia, por não dar tempo a poderem ter os arabios aviso de nossa ida: e que se podessemos nos metteriamos na caravana reteuda, que distava dia e meio de caminho. Tomada esta resolução, virando-se para mim o meu xauter, disse: Agora vereis quão sciente eu sou destes desertos: eu vos heide levar

por onde nem os alarves nos vejam a nós, nem nós os vejamos a elles: comtudo preparai bem as armas, porque póde bem ser que as hajamos mister.

Na madrugada do dia seguinte, 25 de abril, levando providos alforjes e odres, e as armas á fiveleta, fomos caminhando pela grande rua de Ana. Saíu-nos um turco ao encontro pedindo duas patacas por cada um; dei-as por ser costume, depois de me chorar de pobre; porque nestas terras assim como os passageiros hãode saber gastar, assim tambem é necessario que encubram suas posses, não dando nunca a entender que tem dinheiro, nem que o largam da mão facilmente. Eu sempre trazia dinheiro repartido pelos companheiros, e quando havia de pagar algum, a todos pedia emprestado. Ido o turco, veio correndo atraz de nós um moço ou guarda do governador, que chamava o xauter. Foi este, e nós ficámos esperando. Sabida a cousa, era para lhe perguntar se eramos nós homens que tivessemos que estafar. Respondeu-lhe o xauter que eramos uns pobres francos, que pedindo esmola vieramos ter a Babylonia, onde com esmolas de alguns christãos compráramos os cavallos em que vinhamos, e que elle nos guiava por amor de Deus. Foi Deus servido que o governador cresse ao xauter e nos deixasse partir. Os visinhos da rua por que passavamos, assim homens como mulheres, chegando ás portas e janellas de suas casas, diziam para nós: Onde ides, homens? Quereis ser roubados ou mortos dos ladrões? Não sabeis o que passa? Ahi estão fóra da porta da cidade. Bom caminho levaes, depois no-lo direis. Temerarios homens são estes francos! Postos nós fóra da cidade subimos ao monte que lhe fica nas costas, donde se descobre uma latissima campina a perder de vista, e como não a tivemos de alarves, ficámos contentes; mas para mór se-

gurança, deixando o caminho em direitura á mão direita, carregámos sobre a esquerda, e fazendo nossa jornada por areaes soltos e tristes, fomos finalmente dormir em uma cova ou furna, que parecia ter sido leoneira: ferimos fogo, e assámos grande quantidade de ovos de grandulins ou cattás, e tubaras, que naquelle dia achámos pelo deserto. De noite nos visitaram sete tigres juntos em quadrilha, e a não serem sentidos dos cavallos de mui longe, nos succederia alguma desgraça. Acharam-nos prevenidos e á porta da furna, recolhidos os cavallos, o que os fez desistir de sua má intenção.

No dia seguinte ao romper da alva, tendo já caminhado algumas leguas, démos com uma pequena poça de agua entre umas ribanceiras, que alli tinha ficado do inverno: beberam os cavallos, e nós enchemos os odres. Feita esta aguada nos disse o xauter que na jornada daquelle dia tinhamos de passar pelos logares mais arriscados da Deserta, porque nosso caminho seria por entre a vivenda do principe dos arabios, e posto em que a caravana estava represada: que convinha largar as redeas aos cavallos, e correr todo o dia; que era necessario para livrar de perigo tão manifesto, o qual incorreriamos por um de dois modos, ou tendo vista de nós os batedores da cavallaria que rodeava a caravana, ou encontrando quaesquer arabios, que passassem da caravana para sua vivenda. Encommendou-nos mais que caminhassemos sempre em parelhas de dois e dois, ao modo arabigo, e não uns detras dos outros, para que se nos vissem ao longe cuidassem que eramos gente sua. Assim o fizemos, provando bem os cavallos nesta occasião que eram arabios, porque com virem esbofados de tão largo caminho, mortos de sedes e fomes, carregados com cevada, alforjes, armas, odres de agua, e nossas pessoas, não para-

ram na carreira desde pela manhaã até as duas horas do dia, espaço de tempo em que andámos oito leguas mais perigosas. E' bem verdade que o cavallo do portuguez, por ter idade e comer pouco, ficou desta caminhada tão esfalfado, que o houvemos de largar dalli a dois dias.

Lá sobre a tarde chegámos a um cabeço, donde se deixava vêr uma dilatada planicie, na qual dizia o xauter que achára já dois poços mui altos, passando por alli; mas que era posto certo dos alarves, que vinham a elles dar de beber a seus cavallos. Repartimo-nos então a descobrir o campo desmontados, por não sermos vistos, e dando fé de sete cavallos no mesmo logar em que o xauter affirmava estarem os poços, fizemos nosso conselho sobre o que fariamos neste passo, se fugir antes que viessem a nós, ou i-los buscar a elles. A nenhum pareceu segura a fugida; porque como havia de ser para traz, onde o perigo tinha sido tanto, seria fugir de um perigo para outro maior. O demandar os sete não se fazia difficultoso; mas acobardavam-nos os receios de que os sete, vistos ao longe, fossem ao perto vinte. Prevaleceu em fim o voto do valor necessitado, e escorvando as armas de fogo, pistolas na cinta com os cães levantados, fomos para elles. Tanto que nos viram ir de rota batida em sua direitura, montaram nove homens que eram a cavallo, e vieram a nós como raios, sem elles nem nós fazermos signaes de paz com os cavallos. Como chegámos á falla perguntámos quem eram, e que se tivessem lá. Não responderam; e perpassando por nós um pouco desviados reconheceram as armas, e logo pararam. Nós caminhámos para os poços, que achámos seccos e entupidos: pelo que sem mais demora continuámos nosso caminho. Pouco tinhamos ainda vencido, quando os alarves, feito seu conselho, largam de carreira para nós feitas as

lanças. Formámo-nos os quatro em forma de cruz, com as ancas dos cavallos umas para as outras, para nos defendermos por todas as quatro partes: e antes que nos chegassem a bote de lança, lançámos entre elles sete balas de uma espingarda e de duas clavinas, nas quaes Deus poz tal virtude que os fez parar de repente; e logo dando as costas se foram, não já nove, mas sete, deixando em nós grandes receios de que fossem em busca de outros. Este receio fez com que á tarde corressemos outro tanto como pela manhaã, até darmos em um medão de arêa, que no alto servíra já de curral ao gado dos alarves, e como ficára estercado do gado, achámos nelle muita erva fresca; o que foi milagre naquelle deserto. Era o logar bellissimo para dar uma ameijoada aos cavallos, que já não tinham cevada; mas o medo de nos alcançarem aquelles inimigos montava mais para comnosco que o commodo que offerecia o posto. Segámos alguma erva com facas; e pondo cada um seu feixe na garupa, marchámos até certo abrigo, em que fizemos alto pelas nove da noite, sem naquelle dia descançar-mos hora nem ponto.

Neste mesmo dia de vinte e sete de abril, pelas quatro horas da tarde, vimos o sol ficar de repente tão branco como neve, sem raios, e sem scintillar nem offender de modo algum os olhos que nelle se punham; como se aquelle brilhante planeta sentisse algum desmaio. Por muito espaço não tirei os olhos delle indo caminhando, sem mos offender sua claridade. Não se deixa ver tão bem a lua, como o sol então se via. De sorte que se o sol tivera a minima mancha, se lhe enxergaria então: nem estava tão elevado da terra como nos outros dias ás mesmas horas. Depois de meia hora que assim esteve, uma

densa nuvem, como tomando-o nos braços, no-lo tirou dos olhos, deixando-nos admirados tal novidade.

Passada a noite toda em vigia, e rompendo a alva de vinte e oito de abril, tornámos á derrota, e passámos á vista de Rahab antes de ser dia. Rahab é uma cidade e fortaleza sita em um logar eminente no meio de estendidos campos, distante duas leguas do Eufrates: o qual de primeiro lhe passava por junto dos muros, enriquecendo-a com suas aguas e commercio, que havia pelo rio. Mas depois tomando outro caminho affastou-se a distancia que já disse. E' ao presente cidade pobre e povoada de arabios sujeitos ao turco, que vivem de seus gados e poucas lavouras. Desta cidade faz menção David no psalmo oitenta e seis, quando diz, que Babylonia e Rahab conheciam a Deus: *Memor ero Rahab, et Babylonis scientium me.* Hum tiro de bombarda desta Rahab está uma alagôa de agua pouco boa, e é a de que bebe a cidade. Contam della os arabios e turcos, que se communica por baixo da terra com o poço que se chama Zamzão, que em Méca veneram dentro de um grandissimo templo; levantando-lhe que é a fonte que sahiu debaixo dos pés de Ismael, quando estava perecendo de sede no deserto. Deste poço estão continuamente tirando agua muitos devotos, e dando-a aos peregrinos para lavarem o corpo com ella, havendo que esta agua lava e alimpa uma alma de todo o peccado. A confirmação que trazem aquelles barbaros para crermos esta communicação da sua alagôa, é fundada em certa historia de um agí ou romeiro de Meca, ao qual como cahisse no poço de Zamzão uma escudela, dahi a muitos tempos veio a dar com ella na alagôa de Rahab, cuja agua não tomámos, porque temiamos ser vistos da cidade, e obrigados a pagar

muitas patacas, segundo o costume, quando passam estrangeiros nas caravanas: e mortos á sede de dois dias, dormimos a noite no campo.

Em vinte e nove de abril nos choveu por muitas horas; e o vento foi tão rijo que, como se fossemos pequenos barcos á vela com tormenta, nos botava á banda. Nem foi possivel caminharmos muita parte do dia, que passámos em um descampado sobre os cavallos, até passar a tormenta. Pelas nove da noite chegámos a um poço fundo, d'onde tirámos agua com toda a pressa, por acharmos ao redor delle signaes de haver alli estado gente: e passando avante, obra de tres leguas, nos fomos apear entre dois outeiros; não digo dormir, porque a terra vertia agua da chuva que disse, e os nossos fatos eram fontes de que corria. Este descommodo, sobre medo, nos serviu de cea e de somno. Taes noite dê Deus aos inimigos da sua fé. Seriam horas de meia noite, quando sentimos fallar arabigo a certos vultos que iam passando. A noite era escura e medonha, nós desmontados, os cavallos feitos em pedaços, as armas de fogo com as escorvas humidas, a polvora quasi toda molhada; que tudo junto nos moveu a só procurarmos de não ser sentidos: e foi Deus servido que os vultos não dessem por nós e passassem ávante. Em Thaibe soubemos, no dia seguinte, que eram sessenta alarves em trinta dromedarios, os quaes tinham destruido aquella terra e a de Rahab com os roubos que tinham feito nos gados e na gente que passava de uma para outra cidade. Reconhecemos então a mercê que Deus nos tinha feito com a chuva do dia de antes; a qual, se bem foi de molestia, nos foi tambem de toda a segurança contra aquelles ladrões, que por se recolherem della, deixaram o poço e estrada. E' bem verdade que, se a chuva não fôra, partido tinhamos com

elles; porque a vantagem das armas prevaleceria contra a ligeireza dos seus dromedarios.

Ao outro dia trinta de abril, nove horas da manhaã, avistámos um magnificentissimo edificio em quadro, por muitas partes arruinado, todo de marmores finissimos, columnas, canos de agua, castellos e officinas dos mesmos. Os portaes eram de obra corinthia, e emfim machina que parecia o templo de Salomão. Dizem os naturaes que os francezes quando passáram á conquista da terra santa, destruiram aquellas terras de modo que nem memorias deixaram nellas do que foram. Na mais alta torre deste edificio vi muitas aguias e outras aves de notavel grandeza. Daqui meia legua fica a villa de Thaibe em um teso, cercada de muros de taipas, e sobre a porta principal um camelete de bronze, sem mais outra bombarda em toda a fortificação da villa, que só dos alarves se teme. Os moradores são arabios, até o governador, e vivem de suas grangearías, e de criações de camelos. Não ha alli hortas, quintas e pomares, nem ainda arvores: sendo que a fonte que corre junto dos muros, podia dar agua para se regarem; mas a terra é mui pouco criadora. Nella nasceu o propheta Elias, como escreve santo Epiphanio, fundado no dito de Jesus, referido no quarto livro dos reis capitulo nono: *Sermo Domini est, quem loquutus est per servum suum Heliam Thesbiten.* E' bem verdade, que assim a escriptura sagrada, como santo Epiphanio, lhe chama Thesbis, e não Thaibe; porem esta variedade de nome será corrupção das linguas, e não diversidade de terras: porque se Elias, como escreve santo Epiphanio, nasceu em terra de arabios, não ha por toda a Arabia terra mais semelhante a Thesbis no nome que esta a que chamam Thaibe.

Maravilharam-se muito seus moradores de nós lhes

dizer-mos que não brigaramos com os alarves dos dromedarios, contra os quaes tinham mandado pedir cavallaria ao bachá de Alepo. E viviam estes Thesbitinos tão atemorisados delle, que nem os camellos deitavam fora a pastar havia já muitos dias. Agasalhamos-nos em casa de um conhecido do xauter; e mal tinhamos descavalgado, quando entra pela porta o governador da terra, homem grosso de corpo, barba larga, peitos á mostra tamanhos como de mulher, descalço de pé e perna, e bem conhecido de alguns europeus que por alli tem passado, não por suas virtudes, senão pelo mais cruel ladrão que ha em toda a Arabia. Conhecia-o eu tambem por fama; e assim, o mesmo foi dizerem-me quem era que fazer-me eu sem dinheiro, mas com muita pancada. Recebi-o com tanta cortesia e benevolencia, como se a amisade entre nós fosse muita: offereci-lhe caoe, tabaco, e um lenço lavrado. Bebeu da caoe, cachimbou um pouco, sem fallar palavra: e ao tempo que se queria ir para casa, chamou o xauter á parte, e lhe perguntou que gente eramos, para onde iamos, donde vinhamos, e que cabedal teriamos? Disse-lhe o xauter em tudo a verdade; e elle se foi cear, dando palavra de tornar, sendo que lha não pediamos, nem queriamos. Voltou dalli a pouco com muitos dos seus, que acudiam a caoe, como cousa que poucas vezes tinham. Tirei então do alforje toda a que ainda havia, e a reparti com elles, desculpando a pouquidade da offerta com minha pobreza: e neste passo se sorriu o governador, e disse para mim: bem sabemos que sois rico; que se o não foreis, mal poderieis fazer este caminho de tantos gastos. Os pobres, e os que não tem muito de seu, vem nas caravanas pedindo esmolas, ou gastando só com suas pessoas: vós trazeis esses companheiros á vossa custa de Baçorá, e quereis metter-nos na

cabeça que sois pobre? Ora vejamos a vossa bolça. E disendo isto, mandou aos seus trazer os alforjes, que eram todas as nossas canastras e malas. Fiz eu que se me não dava disso, e ordenei ao lingua que lhe mostrasse tudo quanto nos alforjes levavamos: e virando-me para o governador, lhe corri as mãos pelas barbas [signal entre elles de benevolencia e testemunho da humildade de quem pede] e roguei que não usasse tão mal com quem fiado em sua nobreza e fidalguia se viera metter em sua terra, podendo ficar fóra: que os costumados direitos eu os pagaria; e demais disso podia esperar de mim á torna viagem de Alepo um grande reconhecimento. Levou-se o negro governador desta esperança, por mais que elle attribuia sua mudança a meu bom modo; e mandou aos seus que parassem com a vistoria dos meus alforjes. Contentei-o por então com dez patacas, e uma silha do meu cavallo, que elle cobiçou por curiosa no lavor, e fiquei desimpedido para ao outro dia seguinte continuar meu caminho.

Partimos de Thaibe ao primeiro de maio, tres de cavallo, e o portuguez em um jumento, por lhe ter cançado o seu cavallo. Entrámos naquella jornada por terras da Syria, e por isso achámos agua em varias partes. A noite passámos no campo. No segundo dia de caminho vimos immensidade de cegonhas e de gazelas: estas cobriam a terra, aquellas o ceu: á caça das gazelas andavam treze turcos a cavallo, cada um com seu falcão, o qual despedido da mão do caçador se vai pôr na cabeça da gazela, e avoaçando com as azas, e picando-lhe nos olhos, de tal sorte a atordoa que a pobresinha, mais cuidadosa do bico, que a molesta, do que dà lança que ameaça a sua vida, se deita, dando logar e tempo ao caçador para chegar a ella e a matar. A noite deste dia

dormimos em Miloua, villa habitada de turcos, e poucos arabios. Com estes ficámos, e elles nos hospedaram com mais caridade que segurança; porque toda a noite vigiámos os cavallos dos turcos, que naquella terra roubam os passageiros, como se fossem arabios bravos. Na manhaã de tres de maio fomos costeando uma grandissima alagôa de agua doce, da qual se faz sal, com notavel admiração do mundo todo. Mas não é menos para admirar que o orvalho do ceu, cahindo nas folhas de certas arvores, que alguma vez se acham perto do Eufrates, se torna sal tão picante como o de Setubal ou Alcacer. Pelas tres da tarde entrámos nas quintas de Alepo, logo na cidade: havendo vinte e cinco dias que partiramos de Baçorá, dos quaes descançámos um em Simauoa, dia e meio em Babylonia, perto de um dia em Thaibe, e outro em Ana. Mas antes que nos recolhamos a Alepo, farei um capitulo ou roteiro de quantos caminhos se podem fazer por terra da India a Europa, com todas as advertencias e cautelas necessarias.

CAPITULO XXIV.

Roteiro de diversos caminhos, que se podem tomar da India a Europa, e desta á India por terra. Inculca-se um novo e breve caminho.

Varios são os caminhos que se podem fazer da India a Europa por terra: uns mais faceis que outros: uns mais seguros, outros mais arriscados: uns mais breves, e mais compridos outros. Diremos de todos: a eleição será de

quem os fizer. O primeiro e mais breve é pelo estreito de Meca ou mar rôxo. Deve embarcar-se o passageiro para Meca em qualquer nau das muitas que cada anno vem da India áquelle, e costumam partir no mez de abril e maio. De Meca embarcar outra vez para Suez ou para o Toro, situados no ultimo seio deste mar, o qual se navega em barcos pequenos, chamados gelvas. Dalli em tres dias se vai ao Cairo em cáfilas: do Cairo pelo rio Nilo abaixo a Alexandria. Neste porto sempre ha naus francezas, hollandezas e inglezas, em que se passa a Europa. Pelo dito se vê quão breve caminho é este, pois de terra só tres dias tem. E' porem arriscadissimo, por rasão de serem os turcos muito ciosos da sua casa de Medina, onde jaz o seu Mafoma, e não quererem que os christãos cheguem a ella. Com tudo houve já alguns que passaram á Europa por aquella via. Se alguem tiver um mouro de tanta confiança que se segure de o não entregar, póde passar por seu captivo, ainda que o conheçam por christão.

O segundo caminho é o da Persia: este se faz de dois modos; porque primeiramente se devem embarcar os passageiros para a Persia em qualquer porto da India, ou na monção do cedo ou do tarde: a do cedo é nos mezes de janeiro e fevereiro; a do tarde nos de abril e maio. Chegados ao Comorão ou ao Congo, que são os dois portos da Persia, em qualquer delles se acham sempre cáfilas para a cidade de Lara, que dista nove dias de caminho; de Lara se vai á cidade de Xirás em quinze: de Xirás ou a Hispahão, côrte do persiano, ou a Romus: de Romus, tres leguas de caminho se vai ao rio Gopal, que por alli divide a Persia da Arabia: daqui a outro rio chamado Charom são cinco dias de caminho: deste rio ao de Carca é um dia de jornada. Passa-

do este rio fica da outra parte a cidade de Cuthu, fundada por Xech Umbareca, rei de Lasa ou Aveza. Duas leguas e meia de Cuthu se dá no rio Côcam: Dahi a meia legua fica a cidade de Lasa, que já foi côrte. De Lasa se vai em dezoito dias a Babylonia: de Babylonia a Alepo, ou Damasco, como logo direi.

Os que de Xirás passam a Hispahão se ajuntam aqui com as cáfilas que partem para a Tauris na Armenia maior: de Tauris assim mesmo em cáfilas a Arzerum: de Arzerum em direitura a Smirna no Archipelago, ou de Tauris a Diarbeker, e daqui para Babylonia ou para Ninive: daqui para Alepo. Ambas estas viagens são compridas, mas seguras; porque na Persia não ha os ladrões da Arabia; e para que os não haja é costume daquelle reino haver em toda a cidade, villa e aldêa delle um alcaide, homem abonado, e dos mais ricos da terra, o qual não tem outro estipendio ou comedía [excepto sua fazenda] que o ordenado d'elrei, sem levar ao povo pena alguma, nem custas, por mais diligencias que faça. Este tem por obrigação prender todo o ladrão que houver na cidade ou logar em que serve o dito officio; e não o podendo haver está obrigado a pagar o furto, qualquer que seja, constando que se fez por pouco cuidado ou vigilancia do alcaide. E se o furto foi nas estradas ou caminhos, os quatro alcaides mais chegados ao logar do furto são obrigados a entregar os salteadores; e não os achando dentro de certo tempo pagam todos quatro a valia do furto feito em seu districto; para o que estão todos os caminhos demarcados, só a fim de nenhum delles allegar ignorancia. Por esta rasão ha muitas vigias, que avisam da gente que passou, em que tempo, trajes, e de que nação. Esta tão louvavel diligencia faz com que estejam os caminhos e estradas tão seguras que póde qualquer pessoa

caminhar por ellas com dinheiro na mão, e sem risco. A esta diligencia acrescentam outra de maior segurança, e é esta: que em se repartindo os mercadores das cáfilas pelos caravançarás ou estalagens communs, vem logo a justiça pesar toda a fazenda, a qual recolhem em seus armazens, e ao outro dia da partida a tornam a entregar por peso, sem levarem por isso direitos alguns. Fazem isto a fim de que os mercadores não furtem uns aos outros de noite as fazendas, nem possam levantar que alguem na terra lhás furtou.

O terceiro e mais seguido caminho é embarcar para Baçorá, ou da India em direitura, ou do Comorão e Congo da Persia, como eu fiz. De Baçorá pelo rio Eufrates acima em dainecas se vai á sirga em dois mezes, e ás vezes em cincoenta dias, a uma terra chamada Hait: desta por terra em cavallos se vai a Babylonia, que dista de Hait tres jornadas. Os que fazem esta viagem teem nella muitos enfados, assim pelos vagares com que se navega contra a corrente, como pelos mosquitos que não deixam repousar de dia nem de noite os passageiros. O perigo é só dos arabios da Deserta, os quaes onde o rio é estreito se chegam á borda delle a flechar os que passam; e vigiam a paragem em que surgem de noite para os assaltarem, o que succede cada hora. Para evitar estes perigos convêm que os passageiros levem bons bacamartes e espingardas compridas que varejem ao longe, e que nunca durmam em terra; assim mais que saibam ou levem comsigo quem entenda e falle o arabio, porque do contrario se teem visto grandes desgraças, entregando os companheiros da daineca aos ladrões os estrangeiros que comsigo levavam.

Quem se atrever a passar de Baçorá por terra a Babylonia, tenha estas cautellas. Primeiramente não pu-

blique em Baçorá que faz o tal caminho, para que o não vão esperar fóra os que o souberem: os cavallos necessarios mande-os comprar pelo arabio que tomar por piloto: este seja fiel e já experimentado. Não lhe servirá pouco alcançar do bachá, com qualquer presente, cartas de recommendação para os xeques e principe dos arabios. Tambem lhe póde pedir que o assegure do piloto ou xauter seu vassallo. Os companheiros que levar, se forem mouros, convêm-lhe que não sejam muito amigos, e por isso os escolha de varias castas; porque se se dão muito uns com os outros, corre perigo de o matarem no caminho para o roubarem: o melhor meio para se não unirem uns com os outros é dar ora a um ora a outro o dinheiro para os gastos; porque como todos são cobiçosos, por cada qual correr com os gastos accusa de infieis os outros, e não os póde vêr com invejas. A nenhum delles descubra nunca o seu cabedal; e quando ao entrar de algumas cidades lhe disserem que lhes dê o que leva de preço para que lho não tomem na alfandega, diga que não leva cousa nenhuma mais que o precisamente necessario para o caminho. Ao piloto não pague de antemão, se não deixe-lhe a paga em Baçorá em poder de alguma pessoa, a qual lha dará á volta, trazendo carta sua: porque lhe serve de freio em suas demasias esta esperança da paga. Não sáia de Baçorá sem boas armas de fogo e odres de agua, porque á falta delles me vi no segundo dia de caminho morto de sede. Leve algumas cousas das que estimam os arabios nos alforjes, para que em encontrando-os tenha com que os convidar: e não seja arremeçado em ferir e matar, porque são os arabios da Deserta muito vingativos, e quando cuidais que o haveis com um, debaixo das arêas se levantam cento. De noite faça que se vigie a quartos pelos companheiros, e não dis-

simule que se falte nesta materia. Não leve mala, nem coúsa que pareça cobrir fazenda. As demais cautellas póde tirar do meu diario.

Ora, de Baçorá a Babylonia por terra não é necessario ir por onde eu fûi; porque póde o passageiro tomar outras terras, e levar a derrota que direi. Vá de Baçorâ a Salussie, que dista quatro jornadas boas de Baçorá. De Salussie um dia de caminho fica Argé junto ao Eufrates. Daqui passe a Negeb: de Negeb a Semeuada. Aqui nesta terra se passa o Eufrates, não em barco, mas em um cesto que puxa um homem que vai nadando diante, e outro o sustenta como póde, nadando tambem detraz: o cesto é breado para não fazer agua, e é só capaz de gente e fato; os cavallos passam a nado. Posto da banda d'alem do Eufrates vá a uma cidade chamada Imamale: desta cidade, se quizer ir a Babylonia, passe a Hella: de Hella a Birnoùs, meia legua de Babylonia. E se quizer endireitar logo caminho de Alepo, faça estas jornadas: de Imamale em dois dias a Imácen: de Imácen em um dia a Fellugia: de Fellugia em dois dias a Hit: daqui a Juba em um dia: de Juba a Adice em outro: de Adice em outro a Ana: de Ana tres jornadas fica Mexad: daqui a Thaibe outras tres: de Thaibe a Alepo duas e meia até tres.

De Babylonia se vai ou a Damasco ou à Alepo. Para Damasco não ha caravanas ou cáfilas; passa-se porem com segurança em companhia do topegí ou condestavel de Babylonia e Damasco, que é um christão grego, o qual vem uma vez no anno visitar os armazens de Babylonia, e se costuma recolher para Damasco meada a quaresma, com muita gente de sua guarda. De Damasco se vai em quatro dias aos portos de Saida e Barut, nos quaes ha naus de francezes, inglezes e hollandezes,

que contractam em levante. De Babylonia para Alepo ha duas caravanas no anno, uma a que chamam grande, e outra mais pequena. A grande consta de muitos mil camellos, cavallos e mulas; e faz seu caminho direito por Ana e Thaibe, como eu fiz. A pequena faz as seguintes jornadas. De Babylonia vai em quinze dias caminhando por junto do Eufrates a Mosul, que é a antiga Ninive; e neste caminho se passa pelas seguintes povoações: Ticrit e Azelcão. De Ninive á cidade de Diarbeker são doze dias de caminho; porem não é necessario chegar a ella, senão a Dizibin, que dista só nove jornadas de Ninive: de Nizibin em nove dias a Orfa ou Edessa de Suria: de Orfa a Biri tres dias: de Biri a Alepo quatro dias: de Alepo a Alexandreta, porto de mar, tres dias, ou a Tripoli da Syria, tambem porto celebre, em sete jornadas. Quem fôr nestas cáfilas observe estas cousas. A primeira que nunça caminhe senão no meio da cáfila, sem se adiantar, nem deixar ficar atraz: e de noite o seu quartel seja sempre entre todos, porque os arabios de noite e de dia vigiam as caravanas, e em podendo fazer presa não lhe perdoam. Alguns se costumam adiantar aos mais, para tomar melhor logar nos caravançarás ou estalagens; e destes tem sido mortos muitos pelos arabios. Se houver quem lhe alugue cavallo, não o compre, por forrar trabalho de lhe levar de comer e de o pensar. Levam por um cavallo de Babylonia a Alepo vinte e vinte e cinco patacas. Em camello não faça caminho, porque moe o corpo. Se fôr homem que traga grande cabedal, compre em Babylonia alguns fardos de seda da Persia, e diga que é todo o seu emprego quando chegar a Alepo, para que não suspeitem os hebreus que é mercador de diamantes e perolas. Se trouxer estas, misture-as com arroz quando chegar perto de Alepo, para que

lhas não achem, e o arroz deixe-o ir com as cousas de comer, sem mostrar que tem os olhos nelle. Os diamantes em lingoiças, de que tem asco, assim turcos como hebreus, que alli dão notaveis buscas, até mandarem disparar as armas. Não diga que vem da India, senão da Persia, porque cuidarão que vem carregado de diamantes e perolas.

Afóra estas viagens se podem ainda fazer duas: uma por Moscovia, outra por via de Angola. Para se fazer a de Moscovia convêm primeiro que tudo haver cartas de recommendação d'elrei de Inglaterra, por quem o moscovita faz tanto que, sendo prohibido pelas leis de seu reino que não entrem por elle estrangeiros, se algum vai recommendado pelo inglez, não só lhe franquêa seu reino, senão que lhe dá todo o necessario. Havida pois esta carta de recommendação do dito rei, convêm embarcar para Hamburgo, que dista de Lisboa tresentas leguas. De Hamburgo a Lubeck por terra é caminho de um dia: de Lubeck pelo mar baltico ou oriental ao porto de Riga na Livonia, que é viagem de dois dias: de Riga por terra á cidade de Moscovia, que deu nome a toda a provincia, são cento e vinte leguas: daqui pelo rio Moscua abaixo se navega até a cidade de Colummão, distante quatorze leguas da côrte. Aqui se mette o rio Moscua no rio Occa, e por este se navega com a corrente a Kevislar, que fica dezoito leguas. Desta cidade indo sempre pelo rio se vai a Tevicsovia, trinta leguas de viagem. A dez leguas della fica Cassim Magorodio; doze leguas adiante Moro: de Moro a Missinovogrodio fazem trinta e duas leguas: nesta cidade entra o Occa no celebre Volga: pelo Volga abaixo se navegam cento e cinco leguas até Cazán: e daqui assim mesmo pelo rio cento e dez leguas se vai a Astracan, que fica na foz do

rio Volga, e é já porto de Moscovia no mar Caspio. De Astracan se navega por este mar a Raxt, porto da provincia de Gueylan, pertencente á Persia; e é viagem de quatro dias. De Raxt a Tauris são dez jornadas. De Tauris á côrte de Hispahão vinte. De Hispahão ao Congo ou Comorão, portos da Persia no seu estreito, trinta dias de caminho. Destes portos a Surrate, Baçaim ou Damão um mez de viagem quando muito. Para desandar este caminho e vir da Persia a Europa por Moscovia sem impedimento, se deve tomar por companheiro um ou dois frades de S. Basilio, gregos, em cuja companhia passará livremente por toda a Moscovia; e a rasão desta liberdade que naquelle reino tem estes frades é porque os moscovitas seguem os ritos gregos, e aquella ordem de religiosos é entre elles summamente estimada por unica. Os frades virão, se nisso acharem conveniencia. De Moscovia se póde ainda fazer outro caminho para a India por via da China, e este de dois modos: ou passando por terra do reino de Astracan ao de Ablay seu visinho e amigo: de Ablay a Pekim côrte da China são tres mezes de caminho: estes fez no anno de 1656 um embaixador do moscovita com toda a segurança. Ou embarcar em alguma nau do porto de Astracan, e navegar pelo Freto Aniano sempre ao leste até chegar a um rio caudaloso e navegavel, que corre das terras dos reinos de Corea e Leamtúm, pertencentes á China, e se mette naquelle Freto Aniano. Esta viagem fizeram no anno de 1649 duas naus moscovitas, e nellas 500 soldados da mesma nação, os quaes entrando pelo rio acima dito, fizeram uma fortaleza de madeira em terra, e della sujeitaram tres reinos de tartaros, vassallos do imperador da China, a saber: Ula, Varka, Solom.

O caminho de Angola por terra á India não é ain-

da descoberto; mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado, porque de Angola á lagoa Zachaf [que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo quinze leguas, sem atégora se lhe saber o comprimento] são menos de duzentas e cincoenta leguas. Esta lagôa põem os cosmographos em quinze graus e cincoenta minutos; e segundo um mappa que vi, feito por um portuguez que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua, e outros daquella cafraria, fica esta lagôa não muito longe do Zimbavé, quer dizer côrte, de Mesura ou Marabia. Sáe della o rio Aruvi, que por cima do nosso forte de Tete se mette no rio Zambeze. E tambem o rio Chire que, cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do Rondò, se vai ajuntar com o rio de Cuama, para baixo de Sena. Isto supposto, digo agora: quem pretender fazer este caminho de Angola a Moçambique e daqui á India, atravessando o sertão da cafraria, deve demandar a sobredita lagôa Zachaf, e em a achando descer pelos rios aos nossos fortes de Tete e Senna: destes á barra de Quilimane: de Quilimane se vai por terra e por mar a Moçambique: de Moçambique em um mez a Goa. Que haja a tal lagôa dizem-no não só os cafres, senão portuguezes que já lá chegaram, navegando pelos rios acima, e por falta de premio se não tem descoberto atégora este caminho. As condições que devem concorrer em seu descobridor, o poder que hade levar, o modo com que se deve haver pelas terras por que passar, disse já em outro papel que se me pediu para bem do descobrimento.

CAPITULO XXV.

Descreve-se a famosa cidade de Alepo.

Alepo, a quem os seus moradores sempre chamaram Haleb, e Belonio Hierapolis, cabeça de Camogena na Syria, nobilissimo emporio e escala de todo o oriente, está situada em trinta e sete graus e vinte minutos, sobre um teso eminente a largas e estendidas campinas. Foi fundada, como escreve Diogo do Couto, pelo patriarcha Abrahão que nella reinou. E' cidade mais comprida que larga: tem dois arrabaldes grandes; um se chama Pancussa, habitado de mouros, turcos e arabios; outro por nome Judaida, todo de christãos gregos, maronitas, armenios, jacobitas e nestorianos; os quaes todos tem nelle suas igrejas, em que fazem e assistem aos officios divinos; mas só os maronitas são catholicos romanos. Estes dois arrabaldes são de outra tanta grandeza como Alepo, e comprehendendo cidade e arrabaldes por junto será uma legua de circuito. E' murada á roda de altos muros, com muitas torres entresachadas; mas a obra é antiga. Nestes muros ha nove portas abertas, e muita superstição em algumas, porque o bachá quando vem de novo não hade entrar senão pela porta chamada de Pancussa, que fica para o oriente: o grão turco pela de Damasco: os presentes que vem ao bachá pela de Antiochia, chamada pelos naturaes Bab antach: pela de Bab ferage os Cadís, que são suas justiças, e os consules francezes e inglezes.

No meio da cidade fica a fortaleza sobre um grande torrão de terra, que assim se deve chamar a eminencia sobre que está posta; a qual é redonda por todas as partes, e se vai apanhando quanto mais vai subindo. Com-

paro eu esta eminencia e fortaleza a uma porcelana emborcada com o fundo para cima no meio de uma bacia, á qual corresponde a altissima e larga cava que a cerca em roda. A porcelana é a eminencia de terra, toda lageada por cima: no fundo desta porcelana fica a fortaleza: o circulo sobre que assenta são os muros da fortaleza, que tem quatro palmos de largura, e cinco braças de altura, com seus andaimes e parapeitos: o circuito della por dentro é de dois mil passos. Vê-se de duas leguas; tão alta fica. De artilheria terá cincoenta peças entre grandes e pequenas. Passa-se a cava por uma ponte de pedra que acaba em um forte: deste por estradas encubertas se vai pela eminencia acima dar na fortaleza. Da outra parte da eminencia correspondente á da ponte se vê outro forte para defensa da cava, e tambem da agua que por alli lhe entra na fortaleza. Sultão Selim a tomou no anno de 1515, e achou nella innumeraveis riquezas. Escreve Seiarfedino que só de ouro e prata lavrada havia um milhão e cento e cincoenta mil escudos. O presidio consta de quinhentos janiçares e trezentos surpagís, que são como soldados reformados. O capitão ou agá da fortaleza não póde por nenhum caso sáir della.

A cidade na grandeza é a terceira de todo o imperio ottomano, cedendo nella ao Cairo e Constantinopola: mas nos edificios é a primeira, porque são todos de cantaria muito bem lavrada, altos e magestosos: só lhes faltam as janellas para a rua, o que muito os afêa. Mas sobre tudo os caravançarás de Alepo são tão formosos como os melhores conventos deste reino, do mesmo feitio, com as mesmas repartições, e todos em quadro, com suas fontes no meio. Estes se alugam a mercadores e estrangeiros, vivendo logo em um duzentos homens, para os quaes ha casas e cozinhas particulares no mesmo nume-

ro. Não são menos magestosas as mesquitas, que passam de cem. A principal se chamou igreja de S. João Chrysostomo, por o santo ter pregado muitas vezes nella: e ainda hoje se vê nella embutido na parede parte do pulpito em que prégava. Fóra das portas da cidade ficam dois conventos de religiosos mahometanos: dos quaes ha quatro ordens: uns se chamam dervisios, outros calendéres, outros hugiemales, outros torlaces. Os superiores de todos se chamam dadás: vestem variamente. Os dervisios não criam cabello na cabeça, mas sempre andam rapados á navalha. No rosto trazem uns cauterios feitos de proposito: furam as orelhas, e dellas dependuram uns aneis ou circulos de jaspe: vestem pelles de ovelha: a sua habitação é nos arrabaldes das cidades: não comem senão ervas amargosas nos logares publicos, onde possam ser vistos do povo. Tem estes na Natolia um prior geral da sua ordem, a que chamam azem babá, que quer dizer, padre supremo, ou protopapa, á imitação dos gregos.

Os calendores vestem tunicas apertadas e curtas, sem mangas, umas de laã, outras de sedas de cavallo: na cabeça tambem tapada, usam de uns barretes do feitio de pão de assucar, brancos, e as pontas guarnecidas de cabellos de animaes: nas orelhas, pescoço e braços tem uns aneis ou argolas de ferro mui grandes, como insignias de seu instituto: habitam em umas como ermidas pequenas e estreitas. Os hugiemales são ordinariamente mancebos robustos e ricos, os quaes com titulo de religião andam continuamente discorrendo por Africa, Egypto, Arabia, Persia e por toda a Turquia. Observam muito os sitios a distancia das regiões e cidades, com todas as cousas que lhe succedem nos caminhos. Cingem correas largas, guarnecidas nas pontas com ouro e seda, e del-

las trazem penduradas umas campainhas, e tambem das fraldas da tunica, que lhe não passa dos joelhos. Criam o cabello até lhes dar pelos hombros. Nunca tiram um livro da mão; e cantam versos amorosos, com que os turcos, arabes e persas grandemente se recream. Os torlaces, como os dervisios, andam vestidos de pelles de ovelha, sobre as quaes lançam outras de ursos com o pelo virado para dentro, em que se envolvem a modo de capa. Trazem na cabeça um barrete alto de pano branco, com muitas dobras e pontas: em tudo o mais andam despidos. Nas fontes da cabéça se cauterisam: e não tem noticia alguma de letras. Fingem porem que são grandes chiromanticos: e assim uns como os outros são viciosos, ladrões, adulteros e fingidos; mas tão venerados e respeitados dos turcos que aos seus superiores quando passam pela rua sáe toda a pessoa de casa a beijar-lhe a mão. Vivem em recolhimentos, como conventos, e não tem rendas nenhumas. Todas as segundas e quintas feiras de cada semana pelo meio dia se ajuntam estas communidades na mesquita de suas casas, onde não entra mulher; e depois de meia hora de lição pelo seu mossafo da lei, se levantam todos, excepto o dadá, e a som de atabales e frautas começam a andar á roda dadas as mãos uns aos outros; e gastando uma hora nesta dança, admirava-me eu como se lhes não virava a cabeça; mas como se costumam de pequenos, estão já feitos áquillo, que faria mal a qualquer homem desacostumado.

Não tem Alepo praças, que a afformoseem: duas somente vi nella, a maior fica defronte do serralho ou paço do bachá edificio sumptuoso e nobre: nesta praça se justiçam os culpados. Logo avante desta fica outra, em que todas as segundas feiras se faz feira de cavallos, mulas e outras bestas de carga. As ruas são lageadas, co-

mo no nosso Porto, de uma e outra parte da parede, e pelo meio fica um como cano para correr a agua, e passarem as bestas, sem salpicarem os que passam pelas ruas; são quasi todas estreitas mas direitas e fechadas com portas, que se não abrem senão depois das cinco da manhaã e se fecham ás mesmas horas da tarde. Aquellas em que ha tendas de mercadores e officiaes são por cima cubertas de abobeda, com suas trapeiras no alto para entrar a luz. Em todas ha variedade de fontes de pedra mui bem lavrada, levantadas do chão tres e quatro palmos, e em cada fonte uma taça de latão presa com cadeas de ferro para beberem os passageiros: serão as fontes dusentas por todas. Demais destas fontes publicas, toda a casa nobre tem a sua, e a fóra tudo isto, ha muitos e grandiosos chafarizes. Toda esta agua vem a Alepo de Aylan, villa distante uma legua, por um cano, que terá de altura uma lança, de largo seis palmos. Ao entrar deste cano na cidade está uma formosa casa de agua, em que assiste por officio um turco, a que dão nome de matarchi bachí: este reparte a agua por todas as fontes publicas e particulares. Não se achará cidade no mundo, a cujos moradores não seja necessario ter em casa jarras ou talhas de agua, só os de Alepo gosam desta felicidade: porque ou tem a agua em casa, ou á porta. E com a terem tanto á mão, para que os officiaes não sáiam das tendas a busca-la, andam continuamente pelas rūas muitos homens com odres della ás costas offerecendo-a em taças de latão curiosamente lavradas, sem estipendio, nem outro interesse mais que o da sua devoção. Estes nos mezes de calma banham as ruas duas vezes no dia. Outros ha que da mesma sorte andam vendendo agua de alcaçuz, que os turcos muito estimam.

Tem esta cidade cem banhos muito grandiosos: as

mulheres tem dia determinado para irem a elles: e quando entram deixam á porta um pano branco, o qual visto pelos homens serve de espantalho. E se houvesse um homem tão atrevido que não desse por elle, inda que fosse o mesmo bachá, lhe tirariam a vida. Ha tambem hospitaes, em que se dá tres dias de comer a todo o homem ainda que seja christão. No que toca ao vestir e comer dos turcos como é cousa sabida não me cançarei conta-la. Somente direi o que singularmente vi nestas turcas da Syria, e foi que na cabeça traziam uma como diadema ou salva de prata, e então a toalha sobre ella. No mais vestem como os homens. Passa por esta cidade um riacho por nome Singa, do qual se tiram levadas para regar as hortas e jardins. Seus campos são mui ferteis de tigro, azeite e muito mais de amoreiras, em que se cria infinidade de bichos de seda. Ao redor de toda a cidade se não vêem mais que sepulturas de turcos com suas campas e letreiros: a ellas vão as mulheres nas quintas feiras de cada semana rezar e offerecer incenso pelas almas de seus defuntos.

Os moradores de Alepo são de todas as nações, que naquella cidade assistem por rasão de seu grande commercio. Turcos, arabes, persas, tartaros, berberiscos, christãos orientaes e occidentaes, hebreus e outras mil castas: o numero de seus visinhos hade chegar a cem mil: cada nação veste a seu modo. Os christãos podem-se trajer como turcos, comtanto que a touca que cingem á roda do barrete carmesi não seja destas duas cores, branca e verde totalmente; basta porem que sendo branca ou verde, tenha quaesquer listras de outra côr. Os judeus vestem umas sotanas compridas azues, e na cabeça uns barretes afunilados sem nenhumas abas, da mesma côr. Estes judeus são alli muito avexados, e os peões ini-

migos que tem os passageiros christãos; porque os malsinam com os turcos, e lhe dão todos os alvitres em seu damno. Os christãos são pela maior parte officiaes. Os europeus, como francezes, inglezes e hollandezes, são mercadores, e tem seus consules. Quatro ordens de religiosos nossos ha em Alepo: de São Francisco, cujo superior é juntamente capellão da capella, concedida só ao consul francez, e estes franciscanos são da provincia de Jerusalem: capuchos barbados de França: carmelitas descalços; e padres da Companhia francezes. Occupamse uns e outros na reducção de mil familias de christãos scismaticos, que alli ha, os quaes tem em Alepo seus bispos e patriarchas. O de Antiochia mudou agora para esta cidade sua cadeira. Tambem ha dous mosteiros de freiras gregas.

Resta dizer do clima e abundancia desta cidade. Os ares são admiraveis: não ha alli nunca doença contagiosa, salvo se lhe vem de fóra, nem febre aguda. Nos mezes de verão é demasiadamente quente: no inverno ha pouco frio. De toda a sorte de mantimentos é abundantissima: de frutas regaladissima: de carnes providissima: de peixe somente sente alguma falta, porque o seu rio Singa dá sómente umas enguias boas, e certa casta de peixe. a que chamam capute. Mas em logar de peixe tem as suas amoreiras grande quantidade de caranguejos, que nascem e se criam em cima dellas, sem nunca descerem ao chão, e são saborosissimos. Tambem pelo campo ha kagados, que não sabem que cousa é agua, e são muito bom manjar: as rolas são tantas, que ha dia em que vendem seiscentas, todas vivas: a hortaliça é a mais preciosa que vi; e sobre tudo as alfaces: o vinho é o primeiro, com não haver quem o saiba bem fazer: frutas do tarde, pistacas e outros pomos e frutas secas são im-

mensas: mas as uvas passadas lhe vem de Damasco, tamanhas como as ameixas, e sem bagulho; da mesma maneira que as passas queixomís, e romaãs da Persia. As fazendas que se trazem de Alepo são as seguintes: muita galha: muita seda da terra e da Persia: muito algodão: muita cinza para sabão: roupas da India: courama: especiaria: o que tudo concorre a Alepo em varias caravanas de muitas partes, que cada dia estão a entrar. E se não foram as vexações e roubos dos bachás, que tem feito divertir muita parte do commercio da Persia para Smirna, seria o trato muito maior, e a escala mais frequentada e rica.

CAPITULO XXVI.

Prendem-me os turcos em Alepo a titulo de espia e de ter furtado os direitos da aduana: resolvem de me remetter a Constantinopola: e de como me livrei. Dá-se conta da quaresma e paschoa mahometana e da caravana, que de Alepo vai todos os annos a Meca.

Imaginava eu, que com chegar a Alepo me livrava de trabalhos, temores e soçobros; mas a experiencia me mostrou que o povoado dos turcos era mais para receear que o deserto dos arabios. Fora-me eu apear no caravançará, onde moram o consul francez e os padres da Companhia, e quando esperava que elles me viessem buscar, me vi rodeado de hebreus, sem haver christão que ousasse chegar a mim, e menos recolher-me em casa, por lhe não levantarem que me escondêra os diamantes e perolas, das quaes cuidam que vem forrados os vindos da India. Requereram-me os judeus, que fosse para a

aduana, antes de entrar em qualquer parte. Assim o fiz, e como não tivesse ainda vindo a ella o agá ou juiz, esperei algum tempo, que tiveram os hebreus para se concertarem comigo em quatro moedas de ouro, promettendo de fazerem com que eu não fosse buscado, nem apalpado pelos officiaes turcos da aduana. Eu que nenhuma outra cousa mais desejava, e não sabia ainda o mal que me fazia em lhes dar cousa alguma, tirei as moedas de um cinto em que as trazia, e dei-lhas. Cumpriram os hebreus a sua palavra, e eu com uma pataca mais, que dei a um criado do agá, me recolhi para casa dos padres alli perto. A ella me foram logo demandar outros hebreus pedindo outro tanto, quanto eu já tinha dado aos primeiros. Allegavam por si que eram tambem dos da aduana, e que por tardarem em me demandar não deviam perder o que seus companheiros ganharam pela boa passagem, que me faziam: que se os não igualasse aos mais na peita tivesse por certo uma desgraça. Vontade tive de os contentar, mas todos me diziam que se lhe queria dar as moedas por medo, que soubesse de certo, que com o dinheiro lhe não havia de tirar as manhas: e que maior mal me fariam se lho dava, do que se chorando pobreza lhes não desse cousa alguma: porque eram estes hebreus da condição do fogo, que nunca achavam que bastava: se lhe enchiam as mãos uma vez, queriam que lhas enchessem a toda a hora; que se no fim lhe havia de negar o que me pedissem, e quebrar com elles, melhor era negar-lhe logo o que pediam ficando com as moedas. Jámais, diziam houve passageiro liberal para com elles, que se não viesse a arrepender de sua liberalidade: porque se lhe dais, pouco que seja, vão malsinar-vos aos turcos de que tendes muito, pois dais, inda que seja pouco; e se lhe não dais nada, imaginam que é por pobre-

sa, e deixam-vos. Não me pareceu mal este conselho tanto mais acertado, quanto mais fundado em experiencias, e desenganei aos hebreus, que não tinham que esperar nada de mim, por ser um religioso pobre, e que apenas trouxera dinheiro para o caminho. Foram-se elles jurando-me pela pelle.

Passados tres dias de minha chegada, eis que me manda o agá chamar. Fui logo á aduana, onde elle estava levando comigo o turgiman [quer dizer interprete do consul francez] achei o agá recostado sobre um coxim em cima de uma alcatifa, e muitos hebreus á roda. Destes o mais velho, que era o seu rabino, me perguntou, se era eu portuguez velho ou novo? Respondi, que era tão velho portuguez, como elle judeu velho. Passou a diante, e disse-me que o agá estava informado por cartas que eu era um mercador muito rico, e que havia estado oito annos na India, e della trazido grande quantidade de diamantes, os quaes escondêra á entrada da cidade, por furtar os direitos. Respondi-lhe que era falso tudo quanto dizia, nem eu fora nunca mercador que tratasse e menos trouxesse diamantes; o que era facil de crer de um homem que se expozera a todo o risco pela Deserta, contra todo o costume dos mercadores, os quaes por segurarem suas fazendas, vem sempre nas maiores caravanas. Que eu era e fôra na India religioso da Companhia, e como tal me recolhera em sua casa. Replicava o hebreu, dizendo, que nenhum religioso fazia um caminho de tanto custo como eu fizera; de que bem se via ser eu pessoa de muita conta e cabedal. Quanto a dizer, que se eu trouxera diamantes, não me arriscaria pelo deserto sem caravana, era cousa certa que eu tinha vindo com a de Babylonia, e que nella deixava duzentos mil crusados empregados; que me adiantára, por el-

la estar represada dos arabios. Que me aconselhava como amigo que désse uma grossa peita ao agá, para que não fosse a demanda por diante. O mesmo que em lingua italiana me dizia o hebreu dizia o agá ao turgiman na turquesca. Mas como eu me fechasse á banda, segurando-os de que não devia nem havia de dar cousa alguma, me mandou o agá levar preso á cadêa. Acudiu então o consul francez a ficar por fiador meu. Acceitou o agá a fiança, e me deu a cidade por prisão.

Eram já vinte e tantos de maio, e eu não estava livre, perdendo cada dia occasiões de partir para França e Italia nas naus que saíam de Scandaróna ou Alexandreta. O peior era que se queria tratar de meu livramento diziam-me os amigos que, se os turcos me vissem vontade de partir, conjecturariam que me levava negocio grande, e pediriam disparates pela licença que eu delles pretendia. Se quizesse por outra parte remir minha vexação com dinheiro, não me bastariam duas mil patacas, porque apenas tivesse dado umas já me pediriam outras. Que o que me convinha era lançar o coração á larga, e fazer de conta que tivera uma doença no caminho: nem mostrasse aos turcos que me pesava de estar em Alepo, para que assim desesperados de me tirarem dinheiro me deixassem ir cedo. Assim o fiz algum tempo, até que estando já para fazer viagem a ultima nau das que partiram do porto de Alexandreta, em quanto eu me detive em Alepo, mandei dizer ao agá que lhe fazia a saber como no porto de Alexandreta estava uma só nau, a qual se ia dentro de uma semana; que se eu não me partia nella, estivesse certo que ou tornaria atraz, ou faria conta de viver naquella cidade com os mais padres meus irmãos na Ordem. Que era cousa de riso querer elle que eu lhe désse o que não tinha. Que ou me deixasse em-

barcar, ou ir, sobre fiança de voltar, a Jerusalem ver os santos logares. Tomou fogo o agá com este meu recado; e levantando-me que era espia disfarçada mandou que logo me levassem á prisão, e della ao grão visir de Constantinopola. Como o jogo ia já grosso, foi necessario acudir com remedio. Buscaram-se todos os meios para abrandar o agá; mas elle tudo era chamar-me espia e digno de uma forca. Pôde emfim o dinheiro o que não podêram algumas valias que se lhe metteram. Deu-lhe o consul Mr. Baron cem patacas, como de si; e com isso eu fiquei livre e fiel.

No tempo que me detive em Alepo caíu a paschoa e quaresma dos turcos, a que elles chamam remedão; e quadra-lhe mui bem o nome, porque assim a sua paschoa como a quaresma que lhe precede arremeda á nossa; que o diabo presa-se de ser bugio da igreja em toda a parte. Esta sua quaresma ou remedão consta de trinta dias, porque começando em uma lua acaba em outra. Dão principio a ella com um tiro de canhão, que serve de aviso a todos. O jejum é desde que o sol nasce até que se põe, sem neste espaço de tempo comerem nem beberem cousa alguma, ainda que morram de fome e sede, quer caminhem quer não, em tanto que nem o cuspo podem levar para baixo. Mas tanto que o sol se esconde, até pela manhaã tem licença para comerem carne ou peixe até mais não quererem. Donde vem que em quanto lhe dura o remedão andam tristes e mofinos de dia, e alegres e contentes de noite. E só neste tempo se lhes não fecham as ruas, nem é crime andar de noite por ellas, porque no mais tempo do anno uma só pessoa não sáe de noite fóra de casa. Nestas noites fazem grandes festas e bailes, e as torres das mesquitas se cobrem de luminarias para darem luz ás ruas. Póde-se di-

zer que de noite é paschoa e de dia quaresma. Os mais observantes não comem logo que se põe o sol, senão depois que apparece alguma estrella. Não assim os arabios da Deserta, que eu via comer a toda a hora nesta sua quaresma. Passados os trinta dias, e vista a lua nova, dispara o castello outra peça, e no mesmo ponto levanta o povo todo a voz, e diz: Ambterlá: louvado seja Deus. Este dia é o da sua paschoa, a que chamam bayrão, e nelle vai o bachá á mesquita principal acompanhado de toda a nobreza: em entrando nella dispara o castello toda sua artilheria em signal de festa; e dalli se vão a casa uns dos outros dar as boas festas com osculos nas faces. Esta paschoa tem duas oitavas em que se dão a jogos e passatempos. Setenta dias depois desta paschoa celebram outra, a que chamam cuchi-bayrão.

Na segunda oitava saíu pelas ruas uma procissão ao modo daquellas que na India se chamam famas, as quaes servem de publicar pelas ruas o principio das novenas: assim esta de que fallo era avisar a todos que dahi a oito dias partia a caravana para Meca. As figuras desta procissão eram as seguintes: precediam primeiramente quinhentos homens a cavallo, todos ricamente vestidos e em duas fileiras: seguiam-se a estes trezentos janiçaros em boa ordem com as suas mitras de bispos na cabeça, e seus bordões na mão a seu uso. Apoz estes cem turcos de madura idade andando mui gravemente com os olhos postos no chão: então um arabio, com um abanador na mão direita, o qual tinha no meio não sei que espelho, por signal de ser xarife parente de Mafamede: logo muitos camellos galhardamente ajaezados, com pannos de ouro e sedas que lhes serviam de gualdrapas, e sobre os lombos muitas bandeirinhas de seda. Entre todos se via um muito grande, o qual nos galhardetes vencia aos

mais: este levava sobre si uma como amostra ou arremedo do sepulchro de seu falso propheta, guarnecida de ricas joias. No couce da procissão iam muitos ternos de charamellas, pifaros e atabales, e infinita multidão de gente que acompanhava a procissão. O camello que disse levava o modelo do sepulchro de Mafoma fica depois vaca forra, sem ninguem se poder servir delle, nem vende-lo para outros usos. Perguntei porque naquella procissão levavam camellos, havendo tanta copia de cavallos. Responderam que em memoria de Mafoma ter sido camelleiro. Esta caravana de Alepo, depois de se ajuntar em Damasco com a de Diarbek, caminham ambas em um corpo, e chegam em sessenta dias a Meca: tanto que se prefazem estes sessenta dias, por toda a Turquia se festejam tres dias pela chegada da sua caravana. E' incrivel a riqueza que leva, e os milhares de almas que vão nella, assim de romeiros como de mercadores. A riqueza se póde conjecturar de que na India quando os portuguezes tomam uma nau de Meca é avaliada em muitos milhões; e saindo de Meca todos os annos muitas naus, toda a carga lhes vai nestas caravanas, que vão carregadas de pataças de Hespanha, moedas de ouro de Veneza, Ungria, Alemanha e Turquia, as quaes tem todas o mesmo peso, e são chamadas na India venezianos.

CAPITULO XXVII.

Das missões que a Companhia tem na Turquia: e por esta occasião das que tem ao presente em toda a Asia.

Aggravo faria á minha Religião se, tendo dito que em Alepo achára religiosos seus, passára em silencio as muitas missões que tem na Turquia, Persia e Asia toda. Nem para aqui as escrever me faltam maiores motivos, os quaes me obrigaram em Alepo a saír com um manifesto em latim de todas as missões que na India havia, assim da Companhia como das mais Religiões, as quaes todas trabalham na vinha do Senhor com muita gloria sua, por mais que alguns viandantes por terra queiram escurecer-lha, publicando em toda a parte que os religiosos portuguezes da India, degenerados de seu primeiro zelo, tratam mais de viver nas cidades doque passar ás missões. Muito podéra eu dizer das gloriosas missões das tres religiosas e esclarecidas ordens de S. Agostinho, de S. Domingos, e de S. Francisco; mas por temer que seja diminuto em seus merecidos louvores tratarei só das que a Companhia ao presente sustenta: não fallando nas que por justos juizos de Deus se perderam em Japão, em Maluco, em Ceylão, em Manar, no Malavar, na ilha de S. Lourenço, no Canará, em Tibet e outras partes. E começando pela Turquia.

Ha nella sete residencias ou missões da Companhia, a saber: uma em Constantinopola; outra na ilha de Scio; outra em Smirna; outra em Belgrado; outra em cinco igrejas; outra em Alepo; outra no monte Libano. Passando á Persia, na sua côrte de Hispahão tem a Companhia uma residencia. E assim na Persia como na Tur-

quia se occupam os missionarios em conservar na fé os christãos que professam a romana, administrando-lhes os santos Sacramentos, consolando-os nas vexações que padecem dos turcos, assistindo-lhes na saude e na doença, como amorosos pais, com as esmolas e com as practicas espirituaes. Aos hereges e scismaticos procuram reduzir de seus erros, prégando-lhes com a palavra e exemplo: e é Deus servido que não trabalhem debalde, correspondendo copioso fructo a seu desvelo. Não sómente trazem á obediencia da igreja romana suas desgarradas ovelhas, senão tambem aquelles que se tem por pastores, quaes são os bispos e patriarchas scismaticos, com grande gloria de Deus.

Passado o Indo, tem a Companhia na côrte do mogor, chamada Agra, um collegio e igreja publica, em que assistem alguns religiosos para cultivarem um grande numero de christãos europeus e orientaes, que moram ou acodem áquella côrte, chamados do interesse e pagas grandes que o rei faz a quem o serve, ou lançados naquellas partes por crimes que em outras tem commettido. Faz-se aqui tambem muito fructo nos hereges e scismaticos de toda a nação que por alli passam. Na cidade do Dely, segunda cidade daquelle imperio, temos uma residencia em que o exercicio dos padres é o mesmo. Mais para o norte fica a nossa missão de Sirinagar, em que ha grandes esperanças de vir a ser muita a conversão dos naturaes gentios. Por ora está ainda esta missão em seus principios, que lhe deu bons o padre Estanislau Malpica, provincial que foi da nossa provincia de Goa.

A missão de Maduré é uma das gloriosas que hoje tem a Companhia: occupam-se nella oito obreiros religiosos de virtude e letras, vestidos de jogues e pandarás,

que são entre aquelles gentios homens desprezadores do mundo, penitentes, e mestres da lei. Mudam alli os padres de vestido por não serem conhecidos por portuguezes, que são tidos e havidos naquellas terras por casta baixa, e indignos de se tratar com elles, em rasão de comerem vaca. Não deixam porem de saber os madurenses que professam e ensinam os padres a mesma lei que teem os portuguezes. Fazem os christãos já convertidos numero de 32:000, e vai aquella christandade cada dia em maior augmento, por Deus a conservar em boa paz, favorecendo os nayques de Maduré aos padres, e não perseguindo os christãos. As residencias dos missionarios são sete. A residencia de Trigerapalý, que tem mais tres igrejas annexas. A residencia de Tanjáor, com cinco igrejas annexas. A residencia de Candalúr, com tres igrejas annexas. A residencia de Cangupaty, com cinco igrejas annexas. A residencia de Satiamangalão, com quinze igrejas annexas. Mais duas residencias na mesma côrte de Maduré, com quatro igrejas annexas. Em uma destas residencias vive um padre em habito da Companhia, o qual converte sómente aos gentios e sacramenta aos já christãos que de fóra do reino vem áquella côrte.

Nova missão no tempo, mas crescida no fructo, emprehendeu a provincia de Goa de poucos annos a esta parte no reino de Mainssur, cem leguas distante de Goa para o sul, e tres dias de caminho afastado do mar: trabalham nesta vinha do Senhor quatro religiosos, poucos para tão grande messe. O numero dos christãos passa já de quatro mil, e as igrejas ou residencias que tem em varias provincias sujeitas ao mesmo rei são as que direi: uma na côrte de Xiriranga-pattanão; outra em Ramapura: outra em Navalpatti: outra em Sambáli: outra

em Chollapandi: outra em Maratalli: outra em Cudulupaleya: outra em Arrubale: outra em Basuvápura.

No Malavar tinhamos a missão de Calecut em que havia dois padres: a missão do Canará em que trabalhavam outros dois: a missão da Serra, que occupava a muitos; mas por causa do Sivapa-nayque do Canará tomar aos portuguezes as fortalezas que em seu reino tinham, e os hollandezes as cidades de Cananor, Cranganor, Cochim e Coulão: ficou a Companhia com estas sós missões no Malavar: a de Tanor que é antiga e fructuosa: assistem nella dois padres que ao presente fazem grandes serviços a Deus, não só na conversão dos gentios e conservação dos christãos naturaes, como d'antes, senão em administrarem os sacramentos, e aggregarem áquelle porto todos os christãos malavares, que por rasão das perdas de Cochim e Coulão, ficaram derramados por todos aquelles reinos. A de Ambalacata no reino do Caimal da Curuguéira. A de Santo André, que tem annexas quatro igrejas, e fica em um reino junto ao de Cochim, na praia. No de Travancor persevera a christandade, como no tempo que os portuguezes eram senhores de Coulão. Desta fortaleza até o cabo de Comorim são tudo praias daquelle reino, sujeito a um rei gentio, e povoadas de certa casta de gente chamada mácuá, toda ella christaã, convertida pelos missionarios da Companhia desde o tempo do nosso santo Xavier; aos quaes tem os reis gentios dado todo o poder sobre seus christãos, de sorte que elles sentenceam suas demandas, e julgam suas causas, sem o rei se intrometter nem no crime nem no civel. Por todas aquellas praias se veem igrejas do verdadeiro Deus: as principaes são estas: a igreja de Coulão de cima, a de Paimel, a de Mampolim, a de Putan-

topo, a de Agenga, a de Reytora, a de Bringão, a de Puduturrey, a de Coleche, a de Cariapatão, a de Santa Luzia, a do Topo, a de Raquiamangalão, a de Covalão, e a ultima fica sobre o focinho que o cabo de Comorim lança ao mar. Pela terra dentro ficam muitas outras, que fôra perluxidade contar; só direi de duas. A de Canharacota e a de Cotáte, onde S. Francisco Xavier é tão venerado dos gentios como póde ser em qualquer terra de christãos, pelos milagres que continuamente obra naquella sua igreja. Os padres que trabalham nesta sua missão são treze.

A esta missão e costa se segue immediatamente a da costa da Pescaria, na qual ha as seguintes parochias: A de Perúmanel, a de Vari, a de Talla, a de Manapar, a de Alendalé, a de Virandepatanão, a de Punicale; a de Cailevelho, a de S. Pedro de Tutucory, a de Vaipar, a de Bembar, e a do Maravá. Fóra estas ha por toda aquella costa muitas outras igrejas, como são: a de Pangelim, a de Iringigarei, a de Tutancory, a de Atur, e a de Mecur. Os christãos se chamam paravás, convertidos pelo apostolo do oriente, do qual elles muito se presam. Na fé estão tão arreigados como se foram hespanhoes ou italianos. Tem os hollandezes tomado todos os meios para os perverter, mas sempre debalde. Aquelles que, em tempo que a sua igreja gozava de paz, não viviam tão ajustados, agora que padecem perseguições de hereges são uns apostolos, que animam os outros a antes morrerem que deixarem a fé romana. Os missionarios desta costa são agora quinze, dos quaes poucos tem quietação em suas igrejas, obrigando-os os hollandezes a andarem sempre fugindo delles.

No reino de Sião tem a Companhia missão em que trabalham cinco padres, quatro na côrte e um em Te-

naçerim. E como neste reino é grande a frequencia de estrangeiros, japões, cochinchinas, malayos, portuguezes e hollandezes, assim em cultivar a uns como em converter a outros tem os missionarios bem em que se occupar. Dos naturaes, com serem gentios, não ha muitas conversões. O mesmo exercicio tem os padres da missão do Macassá, em que residem tres da Companhia junto á côrte do sumbanco ou imperador. Na missão da ilha de Sumba trabalha um missionario. Na de Camboja, que é gloriosissima, tres missionarios. Na missão de Cantão outro padre. Na de Haynão, que vai em grande crescimento depois que o tartaro tomou aquella ilha segunda vez, trabalham quatro padres: dois assistem em Kienfú, dois em Tingão.

Mas cheguemos já áquellas missões em que Deus parece empenhou seu braço para que se abraçasse sua fé, e os prégadores evangelicos vissém o mais copioso fructo de seus trabalhos. A missão do reino de Tunkin, vasto e dilatado, regada com o sangue do santo menino André, conta hoje trezentos e sessenta mil christãos, os quaes, sem temor de perseguições que tem havido, perseveram constantes, pios e devotos na santa lei que uma vez receberam. Nem tardará muito que todo aquelle reino se sujeite a Christo: o que bem se póde esperar pelo que escreve o padre provincial de Macau, que desde julho de 1659 até junho de 1660 se baptizaram sete mil e duzentas almas. As igrejas por todo o reino passam de duzentas e cincoenta. Casas em que vivem catequistas, como em fórma de religiosos, são cinco. As residencias principaes dos missionarios são estas. Na côrte, na provincia de Kévó, na de Tinhoa, na do leste, na do sul, na do norte, na de Gnean. Os padres que agora lá assistem trabalhando incansavelmente naquella igreja são

sete sómente, por o rei a perseguir estes annos, mandando saír de seu reino os missionarios.

A missão de Cochinchina, antiga e boa seara, corresponde tambem com o fructo, que passam as conversões annuaes de tres mil. Os obreiros são quatro, as residencias duas, e quatro igrejas, e mais seriam se o rei o consentisse. De novo se tem intentado com varios successos as missões seguintes. A da ilha do Sabo pequeno em que já esteve um nosso missionario; a do reino de Luca, para a qual iam dois padres que morreram no caminho de peçonha, que lhes deu o rei de Ade. A dos Láos, e outras.

Corôa estas missões da Asia a tão sabida como gloriosa da China, a qual só por si, quando a Companhia não tivera tantas outras, bastára para a acreditar no mundo todo. Entraram os missionarios da Companhia na China, e com elles a fé, no reinado de Vãolic, avô do rei Jumlic [que hoje dizem estar na provincia de Coanci esperando occasião para restaurar seu reino] com tão bons principios que, antes da vinda dos tartaros áquelle reino, já por todo elle havia muita christandade e igrejas publicas, abraçando a fé de Christo não só gente plebea, mas os mandarins mais auctorisados, os quécúm, que são os condes, os heú e pé, que correspondem aos nossos titulares: a mesma casa real estava já mais christaã que gentia, pelos baptismos da avó, mãi e mulher do rei Jumlic, e do principe herdeiro do reino, chamado no baptismo Constantino, ou Tatim na lingua sinica. Fizeram-se depois os tartaros senhores da China, morto o rei Cumchim, mas nem por isso Christo perdeu nella o seu reino, antes [como de lá escreve um antigo missionario] nunca a christandade esteve mais florente nem mais favorecida. Pareceu-me pôr aqui suas proprias palavras,

que são as seguintes: Quanto ao da christandade, graças á divina Magestade, está a lei de Deus tão conhecida em toda a China, que não ha provincia, nem cidade, que della não tenha noticia, e a conheça por verdadeira. Nunca no reinado passado chegou ao estado em que a vemos. Tem a lei santa, nesta corte de Pekim, duas igrejas publicas: uma dada de novo pelo rei tartaro [cujo portal, feito ao modo de Europa, está entre a rua e o primeiro pateo da igreja:] tem este titulo em lingua sinica e letras de ouro. Kincû: quer dizer: dom do imperador: e no remate do portal se levanta uma cruz grande de pedra, a primeira que se arvorou em logar publico neste imperio. A outra igreja é á antiga, visitada muitas vezes do mesmo rei, e ennobrecida com seus titulos e letreiros, eternisados em marmores e padrões mui levantados. Nas mais provincias se prega nossa santa fé com toda a publicidade, sem haver quem se atreva a encontra-la, ou fallar mal della. Trinta e um missionarios se occupam naquella missão divididos por varias residencias, como a de Pekim: a de Nankim: Singafu: Kiancheu: Hoaigan: Xamhai: Cinanfu: e outras muitas.

Estas são as missões que a Companhia tem ao presente na Turquia e Asia, não fallando da christandade que tem a seu cargo na peninsula de Salsete de Goa: na qual residem vinte e cinco padres em outras tantas igrejas, servindo de vigarios e curas áquelles christãos canarís: os quaes em seu modo de viver dão claros testemunhos do trabalhoso cuidado que os padres tem de os doutrinar. Nas terras do norte assim mesmo tem a Companhia a seu cargo algumas outras igrejas de christãos, como agora: a igreja de Parella na ilha de Bombaim: duas na povoação de Bandorá: e as de Ponser: a de

Dongry: a de Condouti: a da Trindade: a de Vanganacer: a de N. Senhora da Graça de Baçaim: a de S. Thomé, e a de Pory. E se estas igrejas se não devem chamar missões por falta de conversões de gentios, ao menos os officios de pais de christãos, que tem a Companhia em Goa, em Taná, em Baçaim e Damão, são a meu ver missões com toda a propriedade; porque não ha religioso, que com o tal officio deixe de converter e baptisar cada anno tresentas e quatrocentas almas, assim de mouros, como de gentios: o que podem bem testemunhar todos quantos se tem achado em Goa no dia da conversão de S. Paulo, em que se solemnisa o baptismo geral: e tambem aquelles que nas terras do norte viram semelhantes baptismos dia de S. Xavier: dos quaes é um o viso-rei Antonio de Mello de Castro, que èm Taná assistiu ao baptismo solemne de muitos cathecúmenos, que eu alli fiz como pai de christãos que era daquella fortaleza.

Bem sei que no titulo deste capitulo não prometti de escrever das missões, que tem a Companhia em Africa: porem como alguma parte della desde o cabo de Boa Esperança até o estreito de Meca pertence ao estado da India, podem tambem entrar neste lugar por da Asia. A primeira que se offerece, é a de Ethiopia, não de todo desamparada pela Companhia: porque de mais das muitas diligencias que tem feito e faz todos os annos por lhe mandar missionarios, sem successo, por causa dos turcos, que lhes tomam os passos; tem ao presente nella um padre chamado Christovam Storet, o qual assiste na côrte disfarçado, em grande proveito daquella afflicta igreja. E esperamos em Deus que por morte do impio Faciladás se abram as portas daquella missão, para entrarem nella muitos dos que a desejam.

Nos rios de Cuama em terras da cafraria é a segunda missão, que a Companhia tem na Africa ou Ethiopia; as residencias são oito: Tete, Sena, Mosimba de Caya, Chemba, duas em Luabo, Quilimane, Morango: outra tem na terra firme fronteira a Moçambique, chamada Cabáceira. Merecem muito para com Deus os padres que nellas vivem, convertendo e doutrinando os cafres barbaros, não só pelo trabalho que tomam em meter na cabeça de gente tão rude e çafara a doutrina christaã, senão porque padecem continuos achaques e graves doenças, causadas do pessimo clima e nocivos ares daquellas terras.

De qualquer das sobreditas missões pudéramos fazer grandes livros, se houvessemos de contar seus principios e progressos, a piedade dos christãos, o zelo dos prégadores evangelicos, os milagres que Deus obra para credito da sua santa fé, os castigos que dá a quem a persegue: porem eu como não pretendi mais que dar neste capitulo uma pequena luz com que se visse o zelo da salvação das almas que a Companhia tem em toda a parte, deixo a materia para maior obra. Convidando daqui aos varões doutos, e zelosos do credito de suas sagradas religiões, que tomem a penna na mão, e escrevam e imprimam, não em um só, mas muitos idiomas, o muito que seus irmãos da India obram na conversão das almas convencendo com seus escriptos a alguns auctores estrangeiros, que tem sahido com livros nestes tempos cheios de mil patranhas, e descreditos das religiões portuguezas indiaticas, querendo fazer crer ao mundo, que nellas já não ha zelo por se passar para elles; e que não ha missão na India que não seja sua.

CAPITULO XXVIII.

Parto de Alepo para Alexandreta. Que porto seja este: e o que vi neste caminho por terras da Syria.

Havida licença e passaporte do agá, tratei logo de me ir embarcar ao porto de Alexandreta, chamada pelos turcos Scandaróna, derivando este nome de Scander, que na sua lingua quer dizer Alexandre. Donde vem chamarem a Alexandria de Egypto, Scandarina. Uma só duvida me embaraçava, movida pelos experimentados naquellas partes, e era esta: se me estava melhor ir embarcar-me a Tripoli ou a Alexandreta. Assentavam todos que em Alexandreta corria risco de me levar o vice-bachá outras tantas patacas, como eu dera ao agá de Alepo: o que faziam crer varios exemplos, que se tinham visto em semelhantes casos, de passageiros, que escapando a poder de dinheiro do Scylla de Alepo hiam dar no Charibdys de Alexandreta, onde o vice-bachá tinha logo aviso de quanto passara em Alepo, e sabendo que lá se tinha dado dinheiro não os deixava cá embarcar sem lhe darem outro tanto. De temer era tal experiencia, mas nada menos qualquer demora que fizesse mais em Alepo: e para Tripoli não se offerecia occasião de cáfila tão cedo. Se quizesse ir escoteiro tornava a dar indicios aos turcos de que tinha muito dinheiro e negocio de grande consideração, que me obrigava a tantos gastos e riscos. E que mais quereria o agá para me tornar a correr a folha ou a bolsa? Finalmente me resolvi em passar a Alexandreta. Pelo que despedido de todos os religiosos, consul francez e inglez, assim mais de alguns mercado-

res amigos, sahi da cidade no primeiro de junho de 1663 acompanhado do portuguez, que trouxe de Baçorá, de M. Pandolpho Higen alemão, que passava a França, e de mais dous turcos; fóra trinta mercadores estrangeiros, que se vieram despedir do seú camarada uma legua da cidade, montados todos em formosos cavallos com boas armas. Chegados ao termo destas despedidas, celebrou-as Mr. Pandolpho com mais brindes que lagrimas, sobre um grandioso almoçó, que tinha trazido em uma mula. E dados os ultimos abraços, se tornaram os mercadores para a cidade, e nós marchamos avante.

Muita lastima tive nesta primeira jornada de vêr muitos e famosos mosteiros antigos de todo arruinados: de uma e outra parte da estrada se não via outra cousa. Quiz eu chegar perto de um para ter que contar: mas que havia de vêr? Umas maravilhosas igrejas de pedra lavrada com tal miudeza como se fosse cera, chorando sua solidão e fortuna. Não havia em suas paredes pedra alguma que não passasse de dois covados de comprido engatadas umas nas outras com laminas de ferro e cobre; e de largura outra tanta, quanta tinha a parede. O em que mais se esmerava aquella arte antiga era nas capellas móres e nos portaes das igrejas: aquellas eram muito baixas e pequenas, e de abobeda, em que o lavor dava mate á pintura: estes de obra mosaica e corinthia, com grandes florões de pedra á roda. Em algumas igrejas vi columnas de estranha grandeza e grossura, mas quasi todas cahidas e quebradas. Em logar de capellas colateraes tinham no cruzeiro dois como nichos de abobada. Junto destas igrejas ficavam os conventos, do mesmo feitio que os nossos, porem muito mais alterosos. Alguns delles tinham dentro agua nativa, outros cisternas abertas em vivas rochas. De uns e outros edificios estão em

pé só as paredes e as capellinhas mores; porque como eram de pedras tão grandes, não houve braço, nem tempo que as derrubasse. Tambem vimos neste dia um castello desmantelado, que dizem foi obra de Godofredo de Bulhões; e uma ossada de cidade tão erma como Troia. A noite fomos passar a Halaca, logarejo de poucos visinhos, antigamente villa grande, segundo de suas ruinas se collige.

Meio dia de caminho desta Halaca está a igreja de S. Simão Stellita, sobre o cume do monte chamado Mandra, dez leguas e meia de Antiochia. O monte tem de costa arriba dois mil e quinhentos passos. O templo do santo foi edificado em forma de cruz. O cruzeiro ficava descoberto sem tecto nem abobeda, e nelle a columna de quarenta covados em alto sobre que o santo fez penitencia. No mesmo logar se vê ainda hoje o pedestal da columna, e esta deve estar entre as demais que alli se vêem quebradas, as quaes sustentavam as abobedas com que a igreja era coberta. Junto a este templo esteve um imperial convento; de que se não vêem outras grandezas, mais que a do espaço que occupava. No mais alto do monte perseverava ainda uma grande cisterna cavada na rocha, á qual se desce por deseseis degraus. Descobre-se tambem dalli um estendido valle, e nelle as reliquias de uma cidade, da qual se vinha por uma só rua á igreja do santo Stellita. Na fralda do Mandra se vêem os vestigios e ruinas de trinta e tantos conventos e templos edificados á honra do santo. Assim mesmo uma fonte de agua muito pura, a qual dizem fez nascer o mesmo santo em tempo que os lavradores necessitavam muito della.

Disse missa nesta igreja fazendo altar do pedestal da columna com grande consolação minha, e dos dois companheiros christãos. E tornando dalli a nosso caminho ar-

ribando sobre a mão esquerda, vadeámos a ribeira Efrim, e entrámos nos estendidos e ferteis campos de Antiochia, os quaes tem de comprimento quatorze leguas, e são cortados de muitas e doces ribeiras. Uma passámos pela ponte de Murat bachá, que tem tres quartos de legua de comprimento e está posta sobre a ribeira que disse, e muitas alagôas, que se continuam depois della. A Antiochia se deixava vêr de longe assentada na lomba de uma serra eminente e sobranceira a um lago que parece mar; o qual se communicou já com elle abrindo uma barra capaz de galés; porem hoje não se communica, e é só navegado de pequenos barcos. Foi Antiochia fundada por Seleuco Nicanor, e seu nome primeiro foi Beblata: depois a tomou, e lho mudou Antiocho em Antiochia. Nella nasceram S. Luccas e S. João Chrysostomo. Nella foi sete annos bispo o apostolo S. Pedro, e prégou o apostolo S. Paulo. Ella foi a primeira cidade, que no mundo se assignou com nome de christãa. Agora já não é nada do que foi, e está quasi erma: tanto, que até o patriarcha de Antiochia mudou della sua cadeira para Damasco, e daqui para Alepo.

Nesta segunda jornada atravessámos uma corda de serras altissimas, que tendo seu principio na Armenia maior vem a fenecer perto de Alexandreta: chama-lhe Ptolomeu montes Amaús. Se ha no mundo serras dignas de serem sabidas e celebradas, estas o são: na altura vencem as nuvens, que se lhe baqueam e cobrem seus cumes superiores: na frescura excedem quantos valles ha; não fallando em ribeiras, que voluntariamente se vem despenhando do mais alto daquellas serras: não ha penedo em todas ellas, que não seja berço de uma fonte cristalina. Por sóvaros, carvalhos e outras arvores rusticas das nossas serras, dão aquellas outras arvores de gostosas

fructas. O mato vem a ser de vides bravas, murtas cheirosas, alecrins e giesteiras mansas. Quando por alli passei era tempo de giestas, e como eram muitas, amarelejavam as serras deitando de si tal fragrancia, que convidavam a ficar nellas. São emfim serras, que merecem o nome de ramalhete. Tanto que as passámos démos em um logar de christãos gregos, no qual ficámos aquella noite.

Ao outro dia pela manhaã chegámos a Alexandreta ou Scandarona, como já disse. Ptolomeu lhe chama Alexandria do Isso. Está posta em uma praia, que ultimamente termina o Mediterraneo, povoada de poucos christãos gregos, que vivem de lavoura e pescaria. Ha nella pessimos ares assim por rasão dos paúes, que tem á roda, como das serras, que lhe tomam a viração. Já aconteceu irem algumas naus a seu porto, e esperarem nelle até de França ou Italia lhe mandarem boa marinhagem, por ser morta toda a que levaram naquella terra. O porto vem a ser uma resaca, que alli faz o Mediterraneo, larga e profunda, amparada por parte de terra com os montes, e do mar com a ilha de Chypre. Não ha nelle, nem vem a elle, naus turquescas, com temor dos maltezes, que de continuo andam naquella costa; e como Alexandreta não tem defensa nenhuma, de dentro do porto lhe levam as naus. Na mesma praia de Alexandreta para o poente se vê ainda uma torre edificada por Godofredo de Bulhões. Para a banda do norte legua e meia distante fica Payaz villa rica, e de muita seda. Entre esta villa, e a de Alexandreta junto da praia se levanta uma columna muito antiga, no mesmo logar em que por tradição immemoriavel se crê que a balea vomitou ao propheta Jonas. Com esta terra ser a garganta de todo o imperio turco e a porta da Syria, não a tem o grão-tur-

co fortificada: sendo facil a qualquer nação que lhe for tomar aquelle passo [que não tem tresentos pés de largo entre as serras e o mar] impedir-lhe a communicação da Asia menor com a maior, ou ao menos obriga-lo a buscar novos e mais compridos caminhos.

CAPITULO XXIX.

Viagem que fiz por mar de Alexandreta a Marselha de França.

O mesmo foi chegar eu a Alexandreta que embarcar-me em uma nau franceza para Marselha, porque temia o que depois succedeu, segundo de lá escreveram, que os turcos de Alepo mandassem em minha busca, ou o vice-bachá de Alexandreta me fizesse alguma avanía; quer dizer em lingua turca, vexação e tirannia. Contavam-se quatro de junho de 1663 quando levámos ancora, e démos á vela com menos favoravel vento do que era necessario para sahir daquelle porto: porem ás voltas vencemos o cabo chamado de Porco, que é uma ponta de terra de semelhante feitio, que lança a terra de Syria contra a ilha de Chypre: e navegando pelo mar da Syria, á vista do monte Libano, fomos avistar o cabo de S. André na ilha de Chypre, passámos entre ella e terra firme de Cilicia, contra toda a boa pilotagem, por ser o mar naquella passagem estreitissimo e sujeito a calmarias. Mais acertado é navegar pelo mar Syriaco até chegar ao mar grande de Egypto, deixando Chypre á mão direita. Mostrou a experiencia que erráramos, achando os ven-

tos sempre ponteiros, sem termos logar para bordejar a proposito. Mais de oito dias gastámos em costear Chypre e Cilicia, fazendo-nos ora na volta desta terra, ora daquella ilha, até que deixando por poppa o cabo Cromio, agora chamado Cornachiti, entrámos com bom vento no mar de Pamphylia. Logo sobrevieram uns poentes, que nos obrigaram a ir correndo para o mar Lybico, e avistar por muitos dias a costa de Africa com grande pena nossa, por nos ficar muito perto Tripoli, a maior ladroeira de Berberia. Forcejando contra o vento tornámos para o mar, e dando-nos Deus quatro ou cinco dias bom tempo, passámos sem vêr Candia: e tivemos vista do monte Gibello de Sicilia. Quiz o piloto encurtar o caminho, e passar pelo estreito Mamertino ou Faro de Messina; porem o vento não deu logar a isso. Pelo que puzemos a prôa em Malta, assim para tomarmos refresco, como falla dos corsarios, que havia no mar.

Em oito de julho aportámos a Malta, onde estivemos tres dias sobre anchora, sem nos ser licito sair em terra, por virmos de levante, com trazermos patentes de saude, porque sempre se presume que ha lá peste. Vieram fallar comigo a bordo dois cavalleiros portuguezes, Gabriel de Castilho e Manuel Correa, e eu lhes dei novas da India em retorno das que me deram deste reino. Muito teria que contar de Malta se saisse em terra; mas como estive sempre na nau vi só as fortificações que se descobrem do porto, as quaes são pasmosas, nem acho outras com que as possa comparar. Ora, de Malta viemos costeando Sicilia, e vendo as ilhas de Gozo, Lampedusa, Pentelaria, e outras daquelle mar; e navegando pelo Thyrreno demandámos o cabo Corso na ilha de Corsega; porem vento contrario nos fez descair sobre Sardenha, e perto della ficámos em calmaria dois dias in-

teiros: apoz ella entrou um levante fraco que nos levou ao mar Ligustico, e acalmando tambem este em altura de Genova, sobreveio outro de pouca dura com que fomos a Niza: daqui em um dia a Marselha de França, porto da Provença; nelle demos fundo em 22 de julho de 1663.

CAPITULO XXX.

Encontro em Marselha D. Francisco Manuel; e passando á Rochella por terra, dalli venho por mar a Cascaes, e dou fim a minha relação.

Marselha é cidade antiquissima, cercada por tres partes do mar gallico, e pela quarta inexpugnavel, por rasão de uma alta eminencia sobre que está fundada. O porto é capacissimo, e tão seguro depois de passada a a cadeia para dentro, que não tem as naus necessidade de anchoras. Neste porto não é o lazareto, ou quarentena tão rigorosa como em Leorne e Veneza: em sete dias me deram por absolto delle os senhores intendentes da saude. Fui-me ao collegio que alli tem a Companhia vestido ainda de turco, como chegára áquella terra. Fui logo visitado do Sr. D. Francisco Manuel, o qual, com nome supposto de Mr. Chevalier de S. Clement, passava a Roma recommendado a todos os principes e republicas amigas, por cartas patentes dos senhores reis de Inglaterra e França. Não é crivel o gosto que me causou a visita deste fidalgo: só o póde considerar quem souber estimar suas inestimaveis prendas, quem tiver goza-

do de sua admiravel conversação; quem fôr lido em seus engenhosos livros, quem de seu singular juizo formar aquelle conceito que delle tem feito o mundo todo, quem de seu primor estiver obrigado como eu o estou; porque todas estas cousas juntas foram os motivos de meu gosto naquella visita. Delle soube a nova da famosa victoria do Canal, a qual em França foi festejada com iguaes demonstrações de alegria ás que houve nella pela tomada de Montalvan e Rochella, e dalli a encaminhei por terra para a India, onde chegou por esta via primeiro que por outra.

Passado o dia de Santo Ignacio, logo ao outro me puz a caminho para Bordéus, onde me seguravam que acharia nau para Portugal. Atravessei pois a França de levante a poente, passando por estas cidades principaes: Aix, Arles, Mompilher, Beziers, Carcassona, Tolosa, Higen, Bordéus. De Tolosa pelo rio Garumna passei a Higen, e daqui na barca da passagem a Bordéus. Nesta cidade achei muitos portuguezes, gente de nação, alguns dos quaes vivem muito christãmente: outros dão mostras do que sempre foram. Esta é a rasão por que não vivem tão conformes uns com os outros, dividindo a religião os animos que em outras partes une o sangue. *Quæ enim participatio justitiæ cum iniquitate? Quæ autem conventio Christi ad Belial? aut quæ pars fidelis cum infideli?* Dois dias tão sómente me detive em Bordéus, e achando que não havia alli embarcação para este reino, passei a Rochella, onde me diziam que se acharia. Agasalhou-me o padre reitor do collegio da Companhia, que ha naquella cidade, com tanto amor que por agradecimento lhe porei aqui o nome: Pedro Lavandier se chamava. Poucos dias depois de minha chegada á Rochella me embarquei para este reino na nau Mazarini, capitão

Mr. de Almarac, o qual com mais duas fragatas vinha comboiando quatorze navios mercantis carregados de trigo e cevada. Foi a viagem trabalhosissima; mas a grandeza com que me tratou aquelle fidalgo, e o chegar a esta côrte a salvamento, me faz esquecer de tudo o que foi trabalho. Desembarquei em Cascaes em 25 de Outubro de 1663, havendo-me embarcado na Rochella a 10 de Setembro do mesmo anno.

Deus, que por tantas e tão barbaras terras, por caminhos tão extraordinarios, por perigos tão evidentes, assim de mar como de terra, assim de homens como de feras, me trouxe a salvamento a este reino, seja servido de nos levar a todos ao seu.

LAUS DEO,

Virgini Sanctissimæ, et Sancto meo Xaverio.

INDICE.